



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: CONTATO, VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA**

ANA PAULA CÂMARA

**ATLAS SEMÂNTICO - LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL – SANTA
CATARINA**

Volume I

Florianópolis

2023



ANA PAULA CÂMARA

**ATLAS SEMÂNTICO -LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL – SANTA
CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa Catarina
Mestranda: Ana Paula Câmara
Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling
Margotti
Coorientador: Prof. Dr. Valter Pereira
Romano

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Câmara, Ana Paula

Atlas Semântico Lexical de Balneário Barra do Sul, Santa Catarina / Ana Paula Câmara ; orientador, Felício Wessling Margotti, coorientador, Valter Pereira Romano, 2023.

299 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Variação lexical. 3. Geolinguística. 4. Atlas. I. Margotti, Felício Wessling. II. Romano, Valter Pereira. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

ANA PAULA CÂMARA

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL – SANTA CATARINA

O presente trabalho em nível de mestrado, foi avaliado e aprovado, em 27 de abril de 2023, pelos membros:

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti - Orientador

Prof. Dr. Valter Pereira Romano - Coorientador

Profa. Dra. Edair Maria Görski - Membro Titular (UFSC)

Profa. Dra. Hélen Cristina da Silva - Membro Titular (UNIPAMPA)

Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer - Membro Suplente (UEL)

Certificamos que esta é a versão original e final deste trabalho

Coordenação do Programa de Pós – Graduação

Orientador: Professor Dr. Felício Wessling Margotti

Florianópolis

2023

Aos que sempre estiveram ao meu lado, contribuindo para a
finalização deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus, pela oportunidade da vida.

Agradeço aos meus pais, seu Paulo Câmara e dona Valma Câmara, *In Memoriam*, pela educação que me deram, a qual me conduziu a ser uma pessoa leal, honesta, educada e verdadeira. E por terem sido essenciais em todos os momentos que precisei. Amo-te, pai, amo-te, mãe! Essa conquista é por vocês!

Aos meus filhos, Gabriel e Mariana, e à minha neta, Maitê, pois eles sempre estão do meu lado, incentivando-me e apoiando-me, principalmente nos momentos em que precisei dedicar-me somente aos estudos.

A todos os meus mestres, que tiveram paciência e dedicação para comigo e, sobretudo, por terem partilhado tantas experiências e sabedoria, em especial ao professor Felício Margotti, meu orientador e ao professor Valter Romano, meu coorientador. Sem eles eu não teria conseguido.

Aos amigos que a vida acadêmica me trouxe de presente: Daniel Abud Marques, Greicy Coelho e Eduarda Lucena.

À equipe do Programa de Pós-Graduação em Linguística, coordenação, secretários e aos alunos responsáveis pelas demandas do corpo discente, os RDs.

Agradeço imensamente aos informantes, pois sem eles não teríamos os resultados desta pesquisa, e às pessoas que intermediaram o contato com eles, e por fim, ao Balneário Barra do Sul, cidade do encanto e rica culturalmente.

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem (Guimarães Rosa)

CÂMARA, Ana Paula. **Atlas Léxico- Semântico de Balneário Barra do Sul – Santa Catarina**. 2022. Dissertação (Mestrado em Geolinguística e Dialectologia) Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – 2022.

RESUMO

O *Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul – Santa Catarina*, doravante ASL-BBS traz os resultados da pesquisa feita *in loco* com os moradores nativos de Balneário Barra do Sul - SC, no que diz respeito a variantes lexicais, obtém como objetivo geral, *apresentar e descrever as características semântico-lexicais Balneário Barra do Sul*, e compara o resultado de algumas cartas linguísticas com dados existentes nas pesquisas feitas no ALERS, entre os quais a de número 037, “bolinha de gude”. Na presente pesquisa, a variante que obteve mais produtividade na região foi “peca”, ratificando o que o ALERS já havia apontado nas regiões norte do estado, Joinville e Blumenau, regiões próximas à área dialetal estudada. Além do objetivo geral, para se chegar aos resultados, a investigação percorreu alguns caminhos por meio dos objetivos específicos, os quais serviram para nortear os trabalhos: (i) *identificar possíveis diferenças nas variáveis faixa etária e sexo*; (ii) *comparar os dados com os resultados de outras pesquisas dialetais já realizadas no litoral catarinense, e por fim, (iii) contribuir para a descrição e caracterização das pesquisas geolinguísticas desenvolvidas em Santa Catarina*. Para isso, foram escolhidas 36 perguntas comuns ao ALiB e ALERS, 17 específicas do ALiB, 2 específicas do ALERS e 17 questões formuladas pela autora, perfazendo um total de 72. Estas últimas versam sobre o regionalismo do Balneário, especialmente existentes na rica cultura pesqueira. O referencial teórico do trabalho está amparado na Dialectologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1998) e em estudos já realizados na área, tais como: Ferreira e Cardoso (1994); Koch (2000); Altenhofen (2002; 2005); Margotti & Vieira (2006); Cardoso (2007; 2010); Romano (2013; 2015; 2020). Com o aporte teórico e metodológico utilizados nesta pesquisa, possibilita-se trazer resultados, assim como alguns dados que apontam para um regionalismo próprio, especialmente na fala dos nativos que nunca se deslocaram do município, como demonstram as cartas com os dados obtidos por meio da pergunta QSL 061 (lausento), e da QSL 071 (tá de bola). Entretanto, os moradores que possuem atividades laborativas fora do Balneário apresentam inovações na fala, como se demonstra neste trabalho. Desse modo, acredita-se, que, os resultados contribuirão significativamente para abrir novos caminhos para a pesquisa Geolinguística na Região Sul do Brasil.

Palavras- chave: Variação lexical – Geolinguística – Atlas

CÂMARA, Ana Paula. **Atlas Léxico-Semântico de Balneário Barra do Sul – Santa Catarina**. 2022. Dissertação (Mestrado em Geolinguística e Dialectologia) Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – 2022.

ABSTRACT

The Semantic-Lexical Atlas of Balneário Barra do Sul – Santa Catarina, henceforth *ASL-BBS* brings the results of the research carried out in loco with the native residents of Balneário Barra do Sul - SC, with regard to lexical variants, and as a general objective, it was thought to present and to describe the semantic-lexical characteristics of Balneário Barra do Sul, and to compare the results of some letters with existing data in research carried out in ALERS, one of which is letter number 037, “little marble”. The variant that obtained the most productivity in the region was “peca”, as well as in the northern regions of the state, Joinville and Blumenau, regions close to the dialectal area studied, and this confirms the ALERS results. In addition to the general objective, to arrive at the results, the investigation followed some paths through the specific objectives, which served to guide the work: (i) identify possible differences in the variables age group and gender; (ii) compare the data with the results of other dialectal research already carried out on the coast of Santa Catarina, and finally, (iii) contribute to the description and characterization of geolinguistic research carried out in Santa Catarina. For this, 72 questions were used in total, 17 specific to the Lexical Semantic Questionnaire (QSL) of the Linguistic Atlas of Brazil Project - – hereinafter AliB – 2 specific to the QSL of the Linguistic-Ethnographic Atlas of the Southern Region of Brazil – hereinafter ALERS, 36 questions common in both questionnaires. The others, making a total of 16 questions, were prepared by the researcher, including questions about the regionalism of the Balneário, especially existing in the rich fishing culture. The theoretical framework of the work is supported by the multidimensional dialectology of Thun (1998) and in studies already carried out in the area that contribute a lot to dialectological research: Ferreira and Cardoso (1994); Koch (2000); Altenhofen 2002; 2005); Margotti & Vieira (2006); Cardoso (2007; 2010); Roman (2013; 2015; 2020). With the theoretical and methodological support used in this research, it was possible to bring satisfactory results, as well as some data that point to a regionalism of its own, especially in the speech of natives who never moved from the municipality, as shown by the letters to QSL 061, “lausento” and number 071, “you’re on the ball”. However, residents who have work activities outside the Balneary have innovations in speech, as we demonstrate in this work. Thus, it is believed that the results will contribute significantly to open new paths for Geolinguistics research in the Southern of Region of Brazil.

Key words: Lexical variation – Geolinguistics - Atlas

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição geral das variantes lexicais de CÓRREGO.....62

Tabela 2: Distribuição geral das variantes lexicais de MUSSE73

Tabela 3: Distribuição geral das variantes lexicais de BOLINHA DE GUDE85

Tabela 4: Distribuição geral das variantes lexicais de LAUSENTO.....95

Tabela 5: Distribuição geral das variantes lexicais de BOBIÇA107

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1- Carta L06 – Distribuição diatópica monodimensional de CÓRREGO	64
Figura 2- Carta L06a- Distribuição diatópica bidimensional de CÓRREGO	65
Figura 3- Carta L06b- Distribuição diatópica bidimensional para CÓRREGO.....	66
Figura 4- Carta L06c- Distribuição diatópica bidimensional para CÓRREGO	68
Figura 6- Resultados para a variante córrego no ALIB.....	70
Figura 7- Carta L43 – Distribuição diatópica monodimensional de MUSSE	74
Figura 8- Carta L43a - Distribuição diatópica bidimensional de MUSSE	76
Figura 9- Carta L43b - Distribuição diatópica bidimensional de MUSSE	77
Figura 10- Carta L43c - Distribuição diatópica bidimensional de MUSSE	80
Figura 11- Carta L43d – Distribuição diatópica das variantes de MUSSE.....	82
Figura 12- Resultados para a variantes musse no ALIB	82
Figura 13- Resultados para a variante musse no ALERS.....	84
Figura 14- Carta L37 – Distribuição diatópica monodimensional de BOLINHA DE GUDE	8
Figura 15- Carta L37a – Distribuição diatópica bidimensional de BOLINHA DE GUDE	8
Figura 16- Carta L37b – Distribuição diatópica bidimensional de BOLINHA DE GUDE	88
Figura 17- L37c – Distribuição diatópica bidimensional de BOLINHA DE GUDE.....	
Figura 18- Carta L37d – Distribuição diatópica das variantes de BOLINHA DE GUDE	90
Figura 19- Resultados para a variantes bolinha de gude no ALERS	91
Figura 20- Resultados para a variantes bolinha de gude no ALiB	93
Figura 21- Carta L61 – Distribuição diatópica monodimensional de LAUSENTO	97
Figura 22- Carta L61a – Distribuição diatópica bidimensional de LAUSENTO	99
Figura 23- Carta L61b - Distribuição diatópica bidimensional de LAUSENTO	101
Figura 24- Carta L061c – Distribuição diatópica bidimensional de LAUSENTO	102
Figura 25- Carta L61d – Distribuição diatópica das variantes de LAUSENTO.....	103
Figura 26- Carta L61e – Distribuição diatópica pluridimensional de LAUSENTO....	105
Figura 27- Carta L64 - Distribuição diatópica monodimensional de BOBIÇA	108
Figura 28- Carta L64a – Distribuição diatópica bidimensional de BOBIÇA	109

Figura 29- Carta L64b - Distribuição diatópica bidimensional de BOBIÇA.....	110
Figura 30- Carta L64c – Distribuição diatópica bidimensional de BOBIÇA	112
Figura 31- Carta L64d – Distribuição diatópica das variantes de BOBIÇA	113

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição diatópica das variantes lexicais de MUSSE79

Gráfico 2: Distribuição diatópica das variantes lexicais de LAUSENTO.....100

SUMÁRIO - VOLUME 1

1.INTRODUÇÃO.....	22
1.1 Perguntas de pesquisa e hipóteses.....	24
1.2 A escolha do tema.....	27
1.3 A estrutura do trabalho.....	28
2. BREVE HISTÓRICO DA ÁREA DIALETAL ESTUDADA: BALNEÁRIO BARRA DO SUL, ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS	29
2.1 Os primeiros moradores.....	31
2.1.1 Desenvolvimento do município ao longo dos anos.....	31
2.1.2 Atividades desenvolvidas no Balneário	32
2.1.3 Os festejos e as tradições de Barra do Sul	32
3. ESTUDOS DE VARIAÇÃO SOBRE O PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL .	36
3.1 A importância da Geolinguística para as pesquisas dialetais	37
3.1.1 A Dialectologia Pluridimensional de Thun.....	39
3.1.2 O surgimento do Projeto ALIB.....	41
3.1.3 Os Atlas Linguísticos da Região Sul do Brasil	42
4. METODOLOGIA	50
4.1 O instrumento de coleta de dados	50
4.2 O local da pesquisa	50
4.2.1 Ponto 1 – Bairro Conquista	51
4.2.2 Ponto 2 – Localidades de Tetequera e Perequê	50
4.2.3 Ponto 3 – Localidade de Pinheiros	51
4.2.4 Ponto 4 – Localidade de Costeira	51
4.2.5 Ponto 5 – Bairro Centro	52

4.2.6 Ponto 6 – Boca da Barra	52
4.2.7 Ponto 7 – Salinas.....	53
4.3 O perfil dos informantes.....	53
4.4 Questionário linguístico	53
4.5 Coleta de dados	56
4.6 Cartografia.....	57
Capítulo 5 – O TRATAMENTOS DOS DADOS	60
6. DESCRIÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS	62
6.1 Campo semântico ACIDENTES GEOGRÁFICOS.....	63
6.1.1 Análise das variantes lexicais CÓRREGO	64
6.1.2 Comparação com outras pesquisas	72
6.2 Campo semântico ALIMENTAÇÃO E COZINHA	74
6.2.1 Análise das variantes lexicais MUSSE....	75
6.2.2 Comparação com outras pesquisas.....	84
6.3 Campo semântico JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS.....	87
6.3.1 Análise das variantes lexicais BOLINHA DE GUDE.....	87
6.3.2 Comparação com outras pesquisas.....	88
6.4 Questões REGIONAIS.....	96
6.4.1 Análise das variantes lexicais LAUMENTO/LAUMENTA	96
6.5 Análise das variantes lexicais BOBIÇA	108
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117

REFERÊNCIAS	120
APÊNDICES	122
Apêndice A Rede de pontos	123
Apêndice B Perfil dos informantes	124
ANEXOS	130
Anexo A Localização geográfica de Balneário Barra dos Sul	131
Anexo B Municípios limítrofes	132
Anexo C Questionário	133

SUMÁRIO – VOLUME 2

1- APRESENTAÇÃO.....	148
2- CARTAS INTRODUTÓRIAS	149
3- CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS	150
2.1 - Frente.....	151
2.2 - Verso	152
4- REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA	153
5- MAPA 1 – Localização geográfica de Barra do Sul	154
6- MAPA 2 – Divisão político-administrativa de Barra do Sul	155
7- MAPA 3 – Rede de pontos linguísticos	156
CARTAS LINGUÍSTICAS.....	157

Nº da carta	Título	Natureza da carta
1	Amanhecer	lexical
2	Anoitecer	lexical
3	Ponte/pinguela	lexical
4	Redemoinho de rio	lexical
5	Onda do mar	lexical
6	Córrego/riacho	lexical
7	Redemoinho de vento	lexical
8	Relâmpago	lexical

9	Raio	lexical
10	Trovoada/temporal	lexical
11	Tromba d'água	lexical
12	Arco-íris	lexical
13	Urubu	lexical
14	Beija-flor	lexical
15	João de barro	lexical
16	Galinha d'angola	lexical
17	Gambá	lexical
18	Crina/rabo de cavalo	lexical
19	Mosca varejeira	lexical
20	Pernilongo	lexical
21	Cadela/bucica	lexical
22	Vesgo/vesga	lexical
23	Viúvo/terçol	lexical
24	Dente siso	lexical
25	Soluço/jojoca	lexical
26	Perneta	lexical
27	Seios/mama	lexical
28	Cócegas/curica	lexical
29	Menstruação	lexical
30	Menino/guri	lexical
31	Tagarela	lexical
32	Velhaco	lexical
33	Xará	lexical
34	Marido traído	lexical
35	Cigarro de palha	lexical
36	Cambalhota	lexical
37	Bolinha de gude	lexical
38	Estilingue	lexical
39	Amarelinha	lexical
40	Tramela	lexical
41	Bacio/ vaso	lexical
42	Empanturrado	lexical

43	Musse/geleia	lexical
44	Pão doce/chineque	lexical
45	Cuca	lexical
46	Blush/rouge	lexical
47	Arco/diadema	lexical
48	Anágua/nagua	lexical
49	Inimigo de Deus	lexical
50	Amuleto	lexical
51	Benedeira	lexical
52	Obreiro	lexical
53	Tangerina	lexical
54	Camomila	lexical
55	Penca de banana	lexical
56	Picada/atalho	lexical
57	Carrinho de mão	lexical
58	Carroça	lexical
59	Terreno/lote	lexical
60	Bar/bodega	lexical
61	Lausento/lausenta	lexical
62	Grande/grandessíssimo	lexical
63	Pega deste	lexical
64	Bobica	lexical
65	Tanso/tansa	lexical
66	Leme	lexical
67	Manta	lexical
68	Reversa	lexical
69	Rebojo	lexical
70	Tá de bola	lexical
71	Só do beta	lexical
72	Salva-vidas	lexical

Capítulo 1 - INTRODUÇÃO

Conforme Tarallo (2007, p. 19), a língua é “um veículo linguístico de comunicação, usado em situações naturais de interação social.” Em tais circunstâncias, toda língua natural passa por diversas mudanças, evidenciando, portanto, uma dinâmica que demonstra quão múltipla e heterogênea ela é. E toda esse processo advém de diversos fatores, sejam eles sócio-histórico, etário, de gênero, de nível de escolaridade ou regionais. Documentar, descrever e analisar a variação e a mudança linguística é tarefa da Dialetoлогия e da Sociolinguística, disciplinas que têm fundamentos teórico-metodológicos próprios para cumprir as finalidades a que se destinam.

A Geolinguística, cuja tarefa tem sua origem em fins do século XIX, quando tratava exclusivamente da descrição da variação linguística no espaço geográfico, evoluiu e aperfeiçoou-se e, nos tempos atuais, incorporou outras dimensões, tais como a idade dos falantes, o sexo, a escolaridade, entre outros fatores sociais, e distintos estilos de fala, desde o mais formal, como a leitura de textos, até os mais informais como o relato.

Essa evolução chega ao Brasil em boa medida sob a influência dos pesquisadores envolvidos com a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Fazendo uso dos princípios teórico-metodológicos da denominada Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (THUN, 1996), esses estudiosos vão, aos poucos, descrevendo e mapeando os diferentes falares do português no Brasil.

Assim sendo, o papel dos dialetólogos e sociolinguistas na obtenção de dados é imprescindível para a documentação da variação e mudança linguísticas. Nessa tarefa, os atlas linguísticos são importantes ferramentas para a pesquisa, pois trazem informações relevantes, não só no campo linguístico, mas também nas interações socioculturais. Por meio deles, é possível fazer estudos sincrônicos, comparando as diferenças ocorridas em diversas regiões, nas dimensões diatópica, diagenérica, diageracional, diafásica, entre outras dimensões.

No Sul do Brasil, alguns estudos têm demonstrado o quão a região é heterogênea no que diz respeito aos diferentes falares.

Sobre tais pesquisas, podemos destacar a obra *Influência Açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina* (FURLAN, 1989), o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1990), *Difusão Sócio geográfica do Português em Contato com o Italiano*

no Sul do Brasil (Margotti, 2004), o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*; cartas semânticas lexicais (Altenhofen; Klassmann *et al.*, 2011), *Para um Atlas Linguístico de São Francisco do Sul* (Guimarães, 2008) e *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil* (Romano, 2015), com base em dados do AliB e do ALERS, entre outras pesquisas.

Relativamente às pesquisas sobre o português falado em Santa Catarina, Margotti & Vieira (2006), com base em dados do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (2011), publicaram um artigo intitulado *Características de uma área lexical heterogênea na Região Sul do Brasil*.

Nesse estudo, os autores apresentam os aspectos lexicais que caracterizam Santa Catarina como uma área de transição entre duas grandes áreas lexicais, a do Paraná e a do Rio Grande do Sul, assim definida por Koch (2000).

Os pesquisadores reforçam a tese de Koch (2000) ao analisarem as cartas linguísticas do ALERS (2011), considerando a arealização de variantes lexicais no Estado de Santa Catarina. Os dados indicam a existência de uma variedade do português falado na costa leste do território catarinense, de base açoriana, que é distinta da variedade falada nas regiões do planalto e do oeste do estado, essas últimas associadas à rota dos tropeiros, no Planalto, e aos deslocamentos de sul - rio-grandenses no médio e extremo oeste.

Também foi identificada no nordeste de Santa Catarina uma variedade linguística que não se caracteriza por influências rio-grandenses ou paranaenses, onde foi documentada a palavra “peca” para bolinha de gude, variante lexical que não é falada em outras regiões. Conforme Margotti e Vieira (2006, p.258), trata-se “de uma área que se sobrepõe ao falar açoriano-catarinense e às variedades do português de contato com as línguas de imigrantes europeus”.

Diante disso, e considerando que o município de Barra do Sul fica nessa região nordeste de Santa Catarina, delineou-se, como objetivo geral, *apresentar e descrever variantes léxicos- semânticas de Balneário Barra do Sul por meio de cartas linguísticas*; e como objetivos específicos para se chegar aos resultados, tem-se respectivamente: *analisar possíveis influências das variáveis faixa etária e sexo na fala dos habitantes do Balneário*; *comparar os dados com os dados de outras pesquisas dialetais já realizadas no litoral catarinense, incluindo o ALERS, contribuir para a descrição e caracterização*

das pesquisas geolinguísticas desenvolvidas em Santa Catarina, e por fim, elaborar um atlas semântico lexical.

1.1 Perguntas de pesquisa e hipóteses

Para que os objetivos possam ser alcançados, foram consideradas algumas hipóteses norteadoras da pesquisa, para assim poder comparar o português falado em Balneário Barra do Sul com os resultados de outras pesquisas dialetológicas na Região Sul do Brasil.

A primeira hipótese diz respeito aos falares sulistas e às áreas linguísticas elencadas por Altenhofen (2002, p.133) evidenciadas pelas fotografias linguísticas do ALERS, que somam oito áreas linguísticas principais na configuração diatópica do português falado na Região Sul do Brasil. No referido texto, o autor distingue áreas bilíngues, e de transição, três corredores de projeção de traços e três zonas laterais.

- 1 – Área de transição (Leque Catarinense, postulado por Koch, 2000);
- 2 – Corredor central de projeção paranaense;
- 3 – Corredor oeste de projeção rio-grandense;
- 4 – Corredor leste de projeção rio-grandense (Feixe rio-grandense, na interpretação de Koch, 2000);
- 5 – Zona lateral açoriano-catarinense;
- 6 – Zona lateral do Paraná do norte (Feixe paranaense na interpretação de Koch, 2000);
- 7 – Zona lateral da fronteira sul-rio-grandense;
- 8 – Áreas bilíngues de português de contato.

Para Margotti e Vieira (2006, p. 258), a zona lateral açoriano-catarinense, identificada por Koch, é uma área que se sobrepõe ao falar açoriano-catarinense e às variedades do português de contato com as línguas de imigrantes europeus”.

Deste modo, com base nesses aspectos, algumas perguntas de pesquisa foram elaboradas no intuito de demonstrar ou mesmo confirmar tais pressupostos no que dizem

respeito ao léxico. Em síntese, pretendeu-se identificar no português falado em Balneário Barra do Sul fenômenos próprios relacionados ao uso da língua portuguesa.

- Há influências de imigrantes europeus no falar dos moradores de Balneário Barra do Sul?

Os dados do ALERS (2011) e os estudos realizados por Furlan (1989), entre outros, revelam que o português do litoral catarinense, no espaço que se estende de Laguna a São Francisco do Sul, tem elevada influência açoriana, cuja imigração ocorreu no século XVII. Posteriormente, já na segunda metade do século XIX, ocorreu grande imigração de outros povos europeus para Santa Catarina e outras regiões do Brasil, principalmente de italianos, alemães e eslavos. Em áreas próximas ao Balneário Barra do Sul, a exemplo de Joinville, predominou o assentamento de imigrantes alemães, e isso pode representar algum nível de influência na fala da região.

- Há diferenças lexicais entre as áreas urbana, rurbana e rural do Balneário?

Exemplo dessa possibilidade é relatado por Margotti (2002), com base na questão 513 do QSL do ALERS, que trata das variantes lexicais de “bolinha de gude”, a qual revelou a existência de uma variante típica dessa região no norte do estado de Santa Catarina, que é “peca”.

De acordo com princípios da dialetologia tradicional, populações mais isoladas tendem a ser mais conservadoras no uso das variedades linguísticas, isto é, tendem a preservar formas mais antigas do falar local, tendo em vista que esses habitantes se deslocam menos e têm menos contatos com pessoas de outras áreas geográficas. Dito de outra forma, tais pessoas têm relações sociais mais restritas, o que resulta em menor influência de variantes linguísticas vindas de outros lugares. Espera-se, pois, que os resultados comprovem.

- Os falantes mais jovens são mais inovadores do que os mais velhos?

As pesquisas sociolinguísticas demonstram que as pessoas mais jovens costumam ser mais suscetíveis às inovações linguísticas, o que também é esperado no falar local de Balneário Barra do Sul.

- Há diferenças na fala de homens e mulheres?

Com relação à fala de homens e mulheres, muitos estudos revelam que as mulheres tendem a usar, preferencialmente, formas linguísticas que têm prestígio social. Ao contrário, os homens, que em geral têm maior mobilidade, tem baixa restrição em usar formas estigmatizadas ou formas novas com menor prestígio. Todavia, questões de identidade e de prestígio encoberto podem interferir nas escolhas linguísticas feitas pelos homens.

1.2 A escolha do tema

Apesar de não ter tido iniciação científica na graduação, o que poderia motivar a escolha do tema, o estudo da variação linguística sempre foi um assunto que trouxe interesse, especialmente sobre léxico.

Além disso, sempre procuramos trabalhar o tema em sala de aula, pois percebemos a necessidade de cada vez mais demonstrarmos a heterogeneidade da língua e quão viva ela é.

No de 2013, por consequência de uma mudança para a cidade de Balneário Barra do Sul, surgiu, então, a motivação para desenvolver uma pesquisa que pudesse mapear e registrar as variantes linguísticas do local, e isso partiu especialmente de uma palavra, *laúsa*, utilizada com frequência na cidade.

O que é *laúsa*? De todas as pesquisas feitas, nunca encontramos um significado para a palavra, até que começamos a perguntar para os moradores: o que é uma *laúsa*? Ou o que é um *lausento*? Palavra que muitos falam na região. As respostas variavam. Entre os mais antigos, o *lausento*, ou a *lausenta*, até então, era uma pessoa exibida, mas para os mais novos, ser *lausento* ou *lausenta* é ser falante demais, aquela pessoa que não poupa detalhes na história. Ou mesmo exibida, “*se achão*”, como muitos falam, mas não em um sentido pejorativo, segundo os moradores.

Desse modo, a partir do léxico mencionado, começamos a fazer leituras e pesquisas em materiais para embasar a ideia de se iniciar um trabalho de pesquisa, e foi então que ocorreu o primeiro contato com as áreas de estudo. Primeiro com a

Sociolinguística, e, posteriormente, com a Geolinguística, disciplinas até então novas para a pesquisadora.

E após alguns estudos e orientações dos professores da área dialetológica, os quais tiveram muita paciência e empenho, iniciamos, então, a pesquisa de cunho dialetológico, pois a ideia era de investigar outros fenômenos dialetais nos bairros do município, para que o trabalho pudesse efetivamente contribuir com pesquisas já existentes no campo da Dialetologia e da Geolinguística no Brasil.

1.3 Estrutura do Trabalho

Esta é uma pesquisa de natureza dialetológica com moradores nativos do Balneário Barra do Sul, e trata da variação no âmbito lexical da região estudada. Os moradores são pertencentes às áreas, rural, urbana e rurubana (os que moram em áreas rurais, mas interagem em regiões mais centralizadas, do Balneário).

Além deste capítulo, esta dissertação traz os demais, a saber: o Capítulo 2, que trata da área dialetal estudada, ou seja, apresenta aspectos da história de Balneário Barra do Sul, sua colonização, a cultura local e os tradicionais festejos.

O Capítulo 3 traz o referencial teórico: Estudos de variação sobre o português no Sul do Brasil; 3.1 - A importância da Geolinguística para as pesquisas dialetais; 3.1.1 – A Dialetologia Pluridimensional de Thun; 3.1.3 - O surgimento do Projeto ALIB, e por fim, no subitem 3.1.4, Os Atlas Linguísticos da Região Sul do Brasil.

O Capítulo 4 apresenta as informações metodológicas, a saber: o local da pesquisa; o perfil dos informantes; o questionário linguístico; a coleta de dados; e a Cartografia em 4.5.

Já o Capítulo 5, trata do levantamento e da descrição de alguns fenômenos linguísticos que evidenciam a fala própria da área investigada, e o Capítulo 6 contempla a análise dos fenômenos lexicais encontrados nesta pesquisa, por meio das tabelas, gráficos e cartas linguísticas.

Por fim, o Capítulo 7, apresenta as considerações finais, as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

No Volume 2, apresentamos as cartas introdutórias que representam a localização geográfica do local de pesquisa; e os municípios limítrofes, a que seguem as cartas linguísticas e a apresentação do Atlas Semântico-Lexical do município de Balneário Barra do Sul – Santa Catarina.

Capítulo 2 - BREVE HISTÓRICO DA ÁREA DIALETAL ESTUDADA: BALNEÁRIO BARRA DO SUL, ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

Hino de Balneário Barra do Sul, escrito no ano de 1993, pelo morador Edinelson Sousa.

*Dentre muitas no sul da minha Pátria
Tua infância não faz destronar
As belezas de terra tão casta
Um presente que Deus quis nos dar
Em teus ares se ouvem os sussurros
Da esperança que veio reinar
Esperança não existem muros
Que te impeça de aqui habitar*

*Barra do Sul, Barra do Sul,
Balneário de lindo esplendor
Barra do Sul, Barra do Sul,
Terra vela onde expande-se o amor
Barra do Sul, Barra do Sul,
Teus encantos fulguram sem fim
Me alegre ó terra singela
Que escolheste esse filho pra ti*

*Tuas praias, o mar verdejante
E a lagoa que contorna a ti
Belas ilhas e o sol radiante
São heranças de quem mora aqui
Em teu seio heróis sempre temos
Pescadores que lutam no mar
Bravos, nobres ó reconhecemos
És raiz desse sublime lar*

Barra do Sul, Barra do Sul,

*Balneário de lindo esplendor
Barra do Sul, Barra do Sul,
Terra vela onde expande-se o amor
Barra do Sul, Barra do Sul,
Teus encantos fulguram sem fim
Me alegre ó terra singela
Que escolheste esse filho pra ti*

*És feliz ó Nação brasileira
Pois existe em ti um lugar
Terra boa, fiel e ordeira
Faz de tudo pra te agradar
Com esforço um espaço buscamos
Dentre muitas nesse meu Brasil
Com certeza vitória alcançamos
Somos povo forte e varonil*

*Barra do Sul, Barra do Sul,
Balneário de lindo esplendor
Barra do Sul, Barra do Sul,
Terra vela onde expande-se o amor
Barra do Sul, Barra do Sul,
Teus encantos fulguram sem fim
Me alegre ó terra singela
Que escolheste esse filho pra ti.*

Hino de Balneário Barra do Sul
Escrito por Edinelson Sousa

Imagem 1 – Localização do município



Fonte da imagem: <https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/tag/balneario-barra-do-sul/>

Imagem 2



Fonte da imagem: <https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/tag/balneario-barra-do-sul/>

Na imagem 1, demonstramos a localização do município, e na imagem 2, temos uma visão de um dos pontos importantes da cultura local, a Praça dos Pescadores, situada no centro da cidade e o local que chegam os barcos, recheados de peixes e de histórias. Assim é Balneário Barra do Sul.

Pesquisadores como Furlan (1989), Koch (2000), Altenhofen (2005) e Margotti e Vieira (2006) afirmam que Santa Catarina é uma área de transição entre a variedade sul-rio-grandense e a variedade paulista-paranaense. Na zona leste desse estado predominam

o subfalar açoriano-catarinense e as variedades do português de contato com as línguas de imigrantes europeus.

Dessa forma, a cidade de Balneário Barra do Sul, localizada na mesorregião norte catarinense, (conforme anexo 1) faz parte da área demarcada pelos pesquisadores como sendo parte do território de língua portuguesa de base açoriana. Todavia, tendo em vista o contato com línguas de imigrantes europeus, principalmente de origem germânica, e baixa influência das variedades sul-rio-grandense e paulista-paranaense, essa mesorregião apresenta especificidades linguísticas.

2.1 Os primeiros moradores

Segundo Sousa, (2002, p.17), foi em 1820 que chegaram os primeiros desbravadores do município. Foram 196 famílias, advindas do município de São Francisco do Sul, para fixar moradia no Balneário Barra do Sul. Na ocasião, o “Sr. João Pereira Santana, um ex-escravocrata, e sua família chegaram no batel no primeiro aflúente da margem esquerda do Rio Perequê, aportando na marginal da atual Rua Ademar dos Santos, local que há anos fora chamado de “Porto do Santana”.

Ademais, a região já era habitada pelos índios carijós, que permaneceram aqui até o século XIX. A descoberta de alguns sambaquis comprovou a existência dos índios e muitos fósseis humanos e utensílios foram encontrados e doados ao Museu do Sambaqui em Joinville, cidade vizinha de Barra do Sul.

Outros habitantes do Balneário Barra do Sul são lusos-açorianos, turcos, italianos e alemães, que inclusive fundaram a comunidade denominada “Vila alemã”, no século XIX, hoje o conhecido bairro Salinas.

2.1.1 Desenvolvimento do município ao longo dos anos

Barra do Araquari foi a primeira designação atribuída ao Balneário Barra do Sul. Isso ocorreu por conta da proximidade com o Rio Araquari. Logo após a sua fundação, o

município foi incorporado à jurisdição de São Francisco, e somente no século XX, tornou-se município de Araquari até o ano de sua emancipação, 1992.

No ano de 1943, através do decreto Lei Estadual nº 941, a localidade passa a ter um novo nome, passando a chamar-se Barra do Sul, por estar localizada às margens da barra do sul da Ilha de São Francisco.

O Balneário possui extensão territorial de 111,273 km²¹ e é conhecido pelos aspectos preservados, ainda nativos – mata Atlântica, restingas, dunas, lagoa e as ilhas: a dos Remédios (maior delas); a ilha Feia; a Araras; Instriptinga e Islobo. O turismo de Barra do Sul é motivado por praias limpas e pela lagoa, a parte sul do Canal do Linguado. Local bastante convidativo a pescarias, esportes aquáticos e navegações para pequenas embarcações.

Em seus 12 Km de orla marítima, estão as famosas areias medicinais monazíticas, especialmente na praia de Salinas que, segundo estudos da UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, são benéficas à saúde da população. Essas areias são essenciais no tratamento de várias doenças, além da prevenção do câncer de mama.

2.1.2 Atividades desenvolvidas no Balneário

Barra do Sul traz hoje uma rica cultura e fortes traços dos primeiros colonizadores. Porém, foi somente a partir do século XX, quando se tornou independente, da cidade de Araquari, que a cidade começou a crescer efetivamente, tendo como uma de suas principais fontes de renda a pesca e a construção naval artesanal (a cidade é a capital catarinense da construção naval artesanal). Outra atividade significativa no balneário é a extração de magnésio, trabalho feito pela empresa Buschle & Lepper, instalada na cidade desde a década de 1970.

¹ As informações obtidas nesta seção foram por meio da pesquisa ao site: <https://www.sc.gov.br/conhecasc/municipios-de-sc/balneario-barra-do-sul>. Acesso em 15/06/2022.

Foi assim que os moradores de Barra do Sul cresceram, em meio a essa cultura e a uma linguagem muito própria advinda de histórias contadas por pescadores e descascadoras de camarão.

2.1.3 Os festejos e as tradições de Barra do Sul

O mais tradicional evento de Balneário Barra do Sul é a Festa da Tainha, que teve início logo após a emancipação do município, em 1993, e desde então nos meses de julho acontece a festa com escolha da rainha, pratos típicos, feiras de arte e artesanato, entre outros entretenimentos que ocorrem durante os cinco dias do evento.

Outra tradição local é o resgate do tradicionalismo gaúcho que teve seu início em maio de 1990, com a fundação de um “Piquete”. Isso ocorreu após anos consecutivos de participações em rodeios pelo Sul do Brasil, sempre com destaque, o que motivou o grupo de tropeiros a transformar o Piquete em C.T.G, no ano de 1996, o intitulado “Tropeiros da Amizade”, situado na localidade de Pinheiros, e que ainda mantém viva a tradição.

Com início na década de 1990, o evento carnavalesco conhecido como o “Carna Surf” foi criado e até hoje mantém-se vivo. A tradição conta com a participação dos surfistas locais que surfam fantasiados, e ao final há premiação para a fantasia mais ousada.

Entre outros eventos e tradições, o Balneário ainda conta com o Projeto Verão, a comemoração do Dia de Reis, no dia 06 de janeiro, Festa do Camarão, em maio, Festa do Pescador no mês de junho, com comemorações sobre a tradicional pesca da tainha, e a Construção Naval Artesanal.

E hoje, com cerca de 11.271 mil habitantes, muitas das histórias mantêm-se vivas na memória e na vida das pessoas, muito observadas nas rodas de conversa nas bancas de peixe ou nas praças da cidade.

Deste modo, acredita-se que fazer uma pesquisa de campo, reconstruindo a história e a língua, muito enraizada no Balneário, contribuiu para o resgate da identidade da cidade, já que não há nenhum registro nos arquivos do município que trate especificamente dessa construção ao longo do tempo.

Capítulo 3 – ESTUDOS DE VARIAÇÃO SOBRE O PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL

As pesquisas feitas no campo da variação linguística no Sul do Brasil, até a década de 1970 limitavam-se a sucintos trabalhos na área dialetológica e em publicações, cunhadas mais especificamente em apresentações de monografias, na obtenção de títulos acadêmicos nas áreas de Letras e Linguística. Contudo, sempre trouxeram consideráveis resultados nos diversos níveis ou variedades faladas na região. Porém, foi a partir da década de 1990 que se intensificaram as pesquisas sobre variação e mudança linguística na Região Sul do Brasil.

Em 1982, sob a coordenação da professora Margot Levi Mattoso, buscou-se fomentar recursos para os cursos de Pós-Graduação com o intuito de aumentar a pesquisa, no que resultaria na produção de materiais descritivos das variedades na Região Sul. E foi assim que nasceram três projetos regionais: (i) Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS, com foco na língua portuguesa falada no meio rural; (ii) Bilinguismo, com foco nas línguas de imigração e em contatos linguísticos; (iii) Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – VARSUL, com foco na variação urbana da língua portuguesa.

O grupo de VARSUL, com participação de pesquisadores da UFSC, UFPR, UFRGS e PUC-RS, entre os quais Leda Bisol, Paulino Vandresen, Odete Menon, passou a organizar um banco de dados linguísticos de fala urbana na Região Sul, com abrangência nos três Estados (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina), com o intuito de desenvolver pesquisas na linha do que se fazia no Projeto Censo de Variação Linguística; do Estado do Rio de Janeiro, o PEUL ².

Partindo-se da ideia, em 1983, o grupo reuniu-se em Florianópolis, e, em 1984 a professora Leda Bisol, em Porto Alegre, com uma equipe de professores: Carlos Alberto Faraco (UFPR), Solange Lira (UFSC) e Gisele Machine de Oliveira e Silva, (UFRJ) membros da equipe do Projeto de Variação Linguística. Da reunião, surge, então, o

² O grupo PEUL iniciou suas atividades no final da década de 70, mais precisamente no ano de 1979, com um projeto intitulado *Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro*, coordenado pelo prof. Anthony Naro. Esse projeto, de caráter interinstitucional, reuniu seus orientandos e ex-orientandos em torno de um ideal comum: o de descrever a sistematicidade da variação observada no português brasileiro, deprender mudanças em tempo aparente e identificar os correlatos estruturais, sociais e funcionais desses processos.

Projeto VARSUL, Variação Linguística do Sul do Brasil, o qual ficou instalado em quatro sedes: UFRGS, UFSC, UFPR e na PUCRS.

A elaboração final do Projeto ocorreu no ano de 1988, e foi nesse ano que a primeira coleta de dados ocorreu, no Rio Grande do Sul, e, em 1990, nos demais Estados. No Rio Grande do Sul, as cidades que participaram da coleta de dados foram: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Em Santa Catarina, as pesquisas cobriram Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages, e no Paraná, Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco.

Seguindo a metodologia de Labov, considerando as características sociais: sexo, escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade) e idade (de 25 até 50 anos e acima de 50), que combinados resultam em 12 células sociais (dois informantes por células) o banco de dados do Projeto Varsul conta, hoje, com 288 entrevistas, distribuídas igualmente nos três estados, somando-se um total de 24 entrevistados por município³.

Como vemos nessa breve apresentação, os estudos na área da Variação Linguística no Sul do Brasil, e, sobretudo, o Projeto Varsul, abriram as portas para as pesquisas na área, no sentido de contribuir para outros projetos que surgiram, assim como os das áreas de Geografia Linguística, Bilinguismo, destaque para o ALERS, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, sob a coordenação dos professores Cléo Vilson Altenhofen e Mário Silfredo Klassmann, cuja relevância oportunizou espaço para diversas pesquisas, dentre elas citamos o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), 1990, Aguilera, a tese de Mercer (1992), *Áreas Fonéticas do Paraná*, com base em dados do ALERS, que teve como objetivo a coleta de dados sobre a língua portuguesa falada em 21 cidades ao longo da fronteira com o Uruguai e a Argentina; o projeto *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* (ALMA), desenvolvido em conjunto pela Christian-Albrecht-Universität de Kiel (CAU), na Alemanha, e pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a coordenação dos professores Harald Thun e Cléo V. Altenhofen; *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense*, coordenado por Marcelo Jacó Krug, da Universidade

³ Os níveis de escolaridade foram identificados no Varsul, à época da realização das entrevistas, como primário, secundário e colegial. As 288 entrevistas constituem o banco básico. Posteriormente, outras amostras foram incorporadas ao Varsul, incluindo a faixa etária jovem, o nível de escolaridade superior, além de informantes de outras localidades. Para mais informações: www.varsul.org.br.

Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó; o projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, coordenado por Aparecida Feola Sella, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e o projeto *Descrição e análise geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná*, coordenado por Sanimar Busse, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Além desses trabalhos há também os atlas de pequeno domínio e as demais pesquisas que serão demonstradas no decorrer deste texto.

3.1 A importância da Geolinguística para as pesquisas dialetais

A Geografia Linguística, mais apropriadamente Geolinguística, é uma importante conquista da ciência da linguagem atualmente, e designa um método dialetológico e comparativo que chegou a ter extraordinário desenvolvimento em nosso século, sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais).

Nessa perspectiva, surge na França, com Jules Gilliéron (1845-1926) o *Atlas Linguistique de La France*, realizado entre 1897 e 1901, com a ajuda do *Ministère de l'instruction publique* e publicado em Paris, de 1902 a 1910, o qual teve grande repercussão. Tal empreitada teve a influência de Gaston Paris e foi executada com o intuito de descrever a realidade dialetal da França. Porém, não se fez o controle das faixas etárias e nem o registro das variáveis sociais nas cartas que constituíam o Atlas Linguístico da França, (cf. CHAMBERS; TRUDGILL, 1994; FARACO, 2006; CARDOSO, 2010).

No Brasil, a primeira manifestação que se pode mencionar, numa visão ampla, de natureza dialetal acerca do português do Brasil, atribui-se a Domingos Borges de Barros, visconde de Pedra Branca, no ano de 1826, e escrita a pedido do geógrafo Vêneto Adrian Balbi, Cardoso (2010, p. 131).

Deste período em diante, considera-se iniciada a história dos estudos dialetais no Brasil, para a qual Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-62) atribuem três etapas distintas, reformulando, desse modo, a periodização, sugerida por Nascentes, estabelecendo apenas duas fases: a primeira iniciada em 1826, por Barros, até 1920, com a publicação do livro “O dialeto caipira” de Amadeu Amaral, e a segunda, de 1922 aos nossos dias, conforme Cardoso (2010, p. 132).

Até a realização dos estudos de Amaral que culminaram com a publicação da obra *O Dialeto Caipira* (1920), menciona-se que foram produzidos diversos outros estudos sobre o português do Brasil, especialmente sobre o léxico. Dicionários, vocabulários e léxicos regionais, dentre os quais, podemos citar o Glossário de vocábulos brasileiros, publicado por visconde de Beaurepaire-Rohan, na Gazeta Literária, durante os anos 1883 a 1884, e posteriormente foi transformado em Dicionário de vocábulos brasileiros, em 1889.

Em 1901, surge “O tupi na geografia nacional”, de Theodoro Sampaio, trabalho que trouxe grandes contribuições das línguas tupi para o português brasileiro. O “Glossário paraense”, 1905, com o subtítulo “Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó”, obra de Vicente Chermont de Miranda. “A criação de gado Marajó; Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros”; 1912, de P. Carlos Teschauer e o Dicionário de brasileirismos, criado em 1912, por Rodolfo Garcia. (CARDOSO 2010, p. 132).

Ainda compondo o *rol* de obras de caráter lexicográficas, podemos citar um trabalho mais amplo e de cunho gramatical, chamado de “O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil”, escrito pelo brasileiro José Jorge Paranhos da Silva, em 1879. O trabalho trata dos diferentes aspectos da variação do português do Brasil *versus* o português de Portugal.

Destaca-se que o período de 1920 a 1952 foi aquele em que se iniciam os primeiros movimentos para o sistemático desenvolvimento da dialetologia em território brasileiro. Tal período é marcado pela produção de trabalhos monográficos, especialmente voltados para observações em áreas determinadas, visando fazer descrição de fenômenos não somente no campo semântico-lexical, mas também morfossintático e fonético-fonológico. Nesse contexto, têm-se as obras de Amaral, Nascentes e Marroquim, que trouxeram um novo olhar para a realidade linguística brasileira, contribuindo, portanto, para uma nova metodologia de trabalho que fornece dados nas diferentes perspectivas da língua para futuras pesquisas.

Dois anos após a publicação de *O dialeto caipira*, Antenor Nascentes publica a primeira edição da obra *O linguajar carioca*, que terá uma segunda edição em 1953.

No entanto, é a partir de 1960 que os estudos geolinguísticos começaram a ganhar ênfase, de acordo com Romano (2013, p. 205), e foi com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), que Nelson Rossi dá início à pesquisa geolinguística, sendo, portanto, o pioneiro na área no Brasil.

A partir desse período, diversos trabalhos passaram a ser desenvolvidos no Brasil, considerando as diversidades, horizontal ou diatópica ⁴, sendo uma área reconhecida e vasta na atualidade.

Consoante Romano (2013, p. 205) trabalhos como os de Brandão (1991), Aguilera (1998), Isquerdo (2008); Cardoso (2010), entre tantos outros estudos na área, merecem destaque por trazerem novos conhecimentos acerca das ricas variedades do português brasileiro.

Para tais inovações, menciona-se, que os estudos geolinguísticos passaram a incluir alguns pressupostos metodológicos da Sociolinguística, sobretudo, da Variacionista de Labov, agregando as dimensões diatópica e social; fazendo-se necessário, conforme Brandão (1991 p. 26):

[...] incluir, entre outros critérios na escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal. [...]

À vista disso, podemos observar que a Geolinguística no Brasil segue consideráveis rumos a partir do primeiro momento, início da década de 1960 até os anos de 1996, quando teve início o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB, incutindo uma “mentalidade dialetológica”, como cita Romano (2013), demonstrando a necessidade de se trazer trabalhos empíricos para aprimorar os estudos no campo das variações no Brasil.

3.1.1 A Dialetologia Pluridimensional de Thun

⁴ Diatópica: Que se distribui ou se diferencia de forma geográfica (ex.: *variação diatópica*). "diatópica", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/diat%C3%B3pica> [consultado em 20-12-2022].

De acordo Razki & Sanches (2015, p.71), um dos grandes desafios para as pesquisas geolinguísticas hoje é descrever o léxico em aspectos geossociais, que contemplem uma realidade em movimento e, especialmente no Brasil, onde há uma diversidade cultural e linguística muito vasta.

Neste contexto, a Dialetoologia Pluridimensional de Thun nasce para contribuir com tais pesquisas. Unindo a dialetologia tradicional com a Sociolinguística de Labov, em 1996 surge a Dialetoologia Pluridimensional de Thun, trazendo mudanças para os estudos da variação linguística, pois ela analisa as variedades linguísticas, os dialetos e as variedades de contato, partindo de diferentes parâmetros e dimensões. Ademais, contribuem para resultados que vêm sendo conferidos com os trabalhos de pesquisadores brasileiros da área da diversidade e variação linguística, principalmente ao tratar das variedades em contato, campo pouco explorado dentro dos estudos linguísticos.

Segundo Thun (1998), Dialetoologia Pluridimensional é uma subdisciplina da ciência geral da variação linguística que inclui o máximo de variáveis extralinguísticas e no máximo de variedades linguísticas.

A Geolinguística Pluridimensional é um modelo teórico-metodológico para realizar pesquisas dialetológicas com o propósito de catalogar e mapear variantes linguísticas no espaço geográfico (dimensão diatópica), em uso por distintos grupos sociais (dimensão diastrática, que se desborra quanto à idade em dimensão diageracional; quanto ao sexo, em dimensão diassexual ou diagenérica; ou em outros fatores de ordem social, como o nível de escolaridade, a profissão, o grupo étnico etc.) e em diferentes estilos de fala (dimensão diafásica), podendo incluir ainda outras dimensões, tais como o contato entre línguas (dimensão dialingual), falantes topoestáticos e falantes topodinâmicos (dimensão cinética), observações e comentários sobre a língua (dimensão diarreferencial), entre outras, indo muito além da simples arealização linguística, permitindo a sobreposição de mapas e a análise em várias dimensões. Tal modelo teórico-metodológico também é denominado de geossociolinguística. (MARGOTTI; AZEVEDO, 2022, p. 5. Inédito).

Acredita-se que na teoria de Thun o princípio é separar em diversos meios a informação coletada, a fim de se elaborar diferentes mapas, revelando os fenômenos em suas particularidades, até se chegar a uma síntese, o que contribui para a comprovação de determinadas manifestações no campo linguístico, como em algumas pesquisas já existentes.

Desse modo, Thun explica que esse princípio de pluridimensionalidade, fundamenta-se no modelo que engloba um conjunto de dimensões e parâmetros, conforme descrito, a saber:

- (i) Diatópica, referente à variação geográfica;
- (ii) Diastrática, referente à variação por classe social;
- (iii) Diageracional, referente à variação por faixa etária;
- (iv) Dialingual, referente à variação relacionada a contato linguístico;
- (v) Diafásica, referente à variação estilística, com fala informal e formal;
- (vi) Diarreferencial, referente a questões metalinguísticas;
- (vii) Diarreliigiosa, referente à variação influenciada pela religião;
- (viii) Diamésica, referente à variação do texto oral para o escrito.

Como se pode observar, a Dialectologia Pluridimensional de Thun, diferentemente do modelo monodimensional, traz uma perspectiva mais ampla no que diz respeito à coleta de dados, isto é, com informantes estratificados em diferentes perfis, que incluem sexo, idade, escolaridade, classe social, monolíngues e bilíngues etc. Isso implica em ampliar o número de variáveis controladas, pois ao entrevistarmos quatro informantes por região, por exemplo, contemplando as faixas etárias 1 e 2, um homem e uma mulher de 18 a 30 anos, e um homem e uma mulher de 50 a 65, temos ao final oito respostas por ponto pesquisado, permitindo-nos um banco de dados com mais informações.

3.1.2 O surgimento do Projeto ALiB

Em 1996, sob a coordenação geral da Universidade Federal da Bahia (UFBA) o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB surge abrindo caminho para diversos outros atlas de abrangência estadual e de pequenos domínios, recobrando diferentes realidades e contribuindo para a geolinguística brasileira.

No Paraná, o ALiB é coordenado por Vanderci de Andrade Aguilera, e no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, o professor Walter Koch, coordenou inicialmente, depois o professor Cléo Altenhofen, e, atualmente, os professores Felício W. Margotti e Valter P. Romano são os coordenadores do Projeto.

Como banco de dados, O ALiB compõe, na Região Sul, um número de 188 entrevistas de fala urbana, adquiridas em 44 localidades, e a publicação dos dois primeiros volumes (2014a e 2014b) abarca dados fonéticos, morfossintáticos e lexicais das capitais dos estados. Diversos trabalhos já foram publicados com dados das localidades pesquisadas na Região Sul, o que contribui sobremaneira para outras pesquisas na área, pois refletem a pluralidade cultural, social e geofísica, investigando áreas linguísticas diversificadas, como o contato com línguas indígenas, de imigrantes europeus, asiáticos e o espanhol de três países vizinhos.

Recentemente, surge uma terceira proposta de periodização dos estudos dialetológicos no Brasil, reformulando a proposta por Cardoso (1999, p. 41) e em (2006, p.26), Cardoso e Mota incluem um quarto momento da Dialectologia o qual retoma o projeto de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Romano (2013) divide a história da Geolinguística no Brasil em dois grandes momentos. O primeiro centra-se na produção de atlas linguísticos estaduais, e o segundo momento inicia-se em 1996 com as pesquisas do ALiB e com a elaboração de atlas de pequeno domínio e pela adoção da pluridimensionalidade da variação linguística.

Assim sendo, foi a partir do ALiB que as pesquisas geolinguísticas tiveram novos rumos, conforme Romano (2013), abrindo caminhos para que novas pesquisas surgissem no âmbito da dialetologia e na elaboração de atlas, conforme Aguilera (2007, p.286) menciona:

[...] a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil, pontilham novos atlas ou projetos deles no cenário das pesquisas sobre a distribuição espacial, ou diatópica. Cito, a título de exemplo, o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS - em fase de conclusão, e os projetos dos atlas do Maranhão – ALIMA-, do Rio Grande do Norte – ALiRN-, do Mato Grosso - ALiMAT-, do Espírito Santo – ALES, dois projetos para o Rio de Janeiro e a mais recente boa nova, o projeto do Atlas Linguístico de Rondônia, o ALiRO, de Teles (2006).

Dentre os trabalhos apresentados por Aguilera (2007) há os que recobrem um estado ou região, e os Atlas de pequeno domínio, que muito contribuem para as pesquisas dialetais brasileiras, pois demonstram a multiplicidade de falares que o Brasil tem, e, sobretudo, a cultura linguística das regiões.

3.1.3 Os Atlas Linguísticos da Região Sul do Brasil

Após cerca de 40 anos dos encontros que marcaram o início das pesquisas na área da variação linguística e o bilinguismo no Sul do Brasil, tem-se, hoje, alguns resultados demonstrados nos diversos trabalhos efetivados nas três regiões, o que possibilita-nos conhecer a realidade linguística de cada uma delas e suas particularidades.

Inicialmente, rebuscamos o ALERS, *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*, que, segundo Romano (2013), apesar de ter sido publicado nos anos 2002 e 2011, surgiu na década de 1980 e foi desenvolvido por diversos pesquisadores sob a coordenação de Walter Koch com a colaboração Mário Klassmann, Cléo Vilson Altenhofen, José Luiz da Veiga Mercer, Basílio Agostini, Oswaldo Furlan, Hilda Gomes Vieira e Felício Wessling Margotti.

Com um acervo de 700 questões e cerca de 1000 itens, divididos nos campos fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, o ALERS recobre os três estados do extremo sul do Brasil, com uma rede composta de 275 localidades para a área rural - 100 pontos no Paraná, 95 no Rio Grande do Sul e 80 em Santa Catarina -, e, para a rede urbana, mais 19 pontos – 6 do Paraná, 6 de Santa Catarina e 7 do Rio Grande do Sul. Os dados coletados para o ALERS são de 01 informante rural por ponto de pesquisa, predominantemente masculino.

Em 2002, os primeiros volumes foram publicados trazendo as informações sobre a pesquisa e o levantamento dos dados que muito contribuem para as pesquisas no campo da geolinguística hoje.

No volume 1, encontram-se a introdução, as informações metodológicas do trabalho, assim como a rede de pontos, perfil dos informantes, a leitura das cartas. Já, o volume 2 apresenta os primeiros resultados fonéticos e morfossintáticos, dispostos através de 174 cartas linguísticas, das quais 104 são morfossintáticas e 70 são de natureza fonética.

Em 2011, as editoras da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul publicaram os volumes 1⁵ e 2, sendo que o volume 1 reúne

⁵ Os dois volumes do ALERS publicados em 2002 compõem o volume 1 do ALERS publicado em 2011.

os volumes 1 e 2 que já haviam sido publicados em 2002, e o volume 2 contém, especificamente, a descrição do português rural falado pela classe menos escolarizada, no sul do Brasil.

Apesar de o ALERS não trazer em seu escopo informações diassexuais, privilegiando, portanto, somente a diatopia, ele contribuiu significativamente para os estudos geolinguísticos, trazendo inovação quanto ao método cartográfico totalmente informatizado, e abrindo caminho para novas pesquisas.

Em 1990, surge o ALPR, o *Atlas linguístico do Paraná – ALPR AGUILERA*, o qual foi apresentado, inicialmente, como tese de doutorado e está dividido em dois volumes. O primeiro volume do ALPR traz a metodologia seguida da descrição das localidades, a característica dos informantes, a apresentação das cartas e um glossário que explica as formas cartografadas e registradas em notas às cartas. Já no segundo volume, encontra-se o conjunto de cartas linguísticas, que somam um total de 191 cartas, sendo 92 lexicais, 70 fonéticas e 29 oferecem traçados de isoglossas, indicando as áreas em que se concentram determinados traços linguísticos.

Para chegar aos resultados da pesquisa, Aguilera investigou 65 localidades distribuídas por todo o Estado do Paraná, ouvindo dois informantes em cada ponto da rede, com idade que variavam entre 30 e 60 anos.

Com isso, foi possível coletar dados que puderam contribuir para uma análise comparativa dos dados do ALPR com outras pesquisas já efetuadas e publicadas. Além disso, se utilizou de questões comuns a outros atlas, o que permitiu demonstrar um considerável número de cartas semelhantes às demais.

Dentre outras pesquisas feitas no Paraná, podemos mencionar os atlas linguísticos de pequeno domínio e estudos de cunho geolinguístico que não se caracterizam como atlas, contudo trazem um conjunto de mapas que apresentam aspectos da fala na Região Sul do Brasil, a saber: *Aspectos Linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina* (AGUILERA, 1987); *Esboço de um atlas linguístico de Tamara/PR* (FABRIS, 1997); *Esboço de um Atlas Linguístico de Centenário do Sul* (PIZOLATO, 1997); *Aspectos Linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico* (LINO, 2000); *Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis* (ALTINO, 2001); *Um estudo*

Geossociolinguística do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010) e o *Atlas Geossociolinguístico de Londrina* (ROMANO, 2012); *O Português de Cá e de Lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai* (CARLOS, 2015); a dissertação *Atlas Linguístico de Curiúva – PR: aspectos lexicais* (SIQUEIRA, 2015), e *A variação Lexical na Rota do Café: estudos geossociolinguísticos no Norte do Paraná* (RIBEIRO, 2017).

Atualmente, no estado do Paraná, tem-se duas pesquisas sendo desenvolvidas como tese de doutorado, na Universidade Estadual de Londrina, e ambas têm como objetivo a elaboração de atlas de pequeno domínio. A de Thiago Leonardo Ribeiro (2017), denominada, *Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná*, sob a orientação de Vanderci de Andrade Aguilera, e a de Michele Gali, *Atlas linguístico de Foz do Iguaçu-PR*, orientada por Fabiane Cristina Altino.

No Rio Grande do Sul, temos pesquisas sobre as línguas de contato, dentre elas podemos citar: *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen* (ALTENHOFEN, 1995); *Os bilingues Teuto-brasileiros frente à Metafonia do Português* (KRUG, 2009); *Quando o Heinrich Casa com Iracema, a Urmutter Vira Bisa? – A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do Sul do Brasil* (HORST, 2009), sob orientação de Harald Thun; a dissertação *Identidade e Comportamento Linguístico na Percepção da Comunidade Plurilíngue Alemão Italiano-português de Imigrante – RS* (KRUG, 2004); *Variação e Contatos Linguísticos do Vestfaliano Rio-grandense Falado no Vale do Taquari* (HORST, 2014) que descreve os processos envolvidos na variação e constituição da língua brasileira de imigração alemã vestfaliano.

Orientados por Cléo Altenhofen destacam-se os trabalhos: *Difusão Sócio-geográfica do Português de Contato com o Italiano no Sul do Brasil* MARGOTTI, 2004); *Manutenção e Substituição Linguística em Áreas Bilingues Vêneto-Português do Alto Uruguai Gaúcho* (PERTILE, 2009); *Processos de Territorialização de Variedades Dialectais do Italiano como Línguas de Imigração no Nordeste do Rio Grande Sul* (PINHEIRO, 2014); *Africanidade e Contemporaneidade do Português Falado em Comunidades Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul* (SOUZA, 2015); *Topodinâmica do Alemão Falado em Comunidades de Imigração Boêmia no Rio Grande do Sul* (PREDIGER, 2015) e *As Fronteiras Internas do Português del Norte del Uruguai: entre a percepção dos falantes e as políticas linguísticas* (SOUZA, 2016); *BDS-Pampa - RS,*

elaborado por pesquisadores da Universidade Católica de Pelotas UCPeL e UFPeL, Universidade Federal de Pelotas, e teve como objetivo a coleta de dados sobre a língua portuguesa falada em 21 cidades ao longo da fronteira com o Uruguai e a Argentina. O projeto *ALMA, Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemães na Bacia do Prata*, desenvolvido pela Christian-Albrecht-Universität de Kiel (CAU), Alemanha, e pelo Instituto de Letras da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a coordenação dos professores Harald Thun e Cléo V. Altenhofen.

Já em Santa Catarina, mencionamos a pesquisa *Estudo com vistas sobre a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: Abordagem de aspectos semânticos-lexicais*, (IMAGUIRE, 1999), que traz um estudo realizado em 35 pontos linguísticos da Ilha de Santa Catarina, com um questionário constituído de 315 perguntas, distribuídas em duas áreas semânticas: a terra e o homem. Em São Francisco do Sul, temos o *Atlas Linguístico de São Francisco do Sul* (GUIMARÃES, 2008).

Na Universidade de Santa Catarina, em trabalhos de cunho dialetológico e geolinguístico e sob a orientação do professor Felício Wessling Margotti, temos o estudo de (ROCHA, 2008) *O português de Contato com o Espanhol no Sul do Brasil: empréstimos lexicais*; (PINHO, 2012) *Aspectos da História da Língua: um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos*; (BASSI, 2016) *A Realização da Fricativa Alveolar em Coda Silábica no Português Brasileiro e no Português Europeu: abordagem geolinguística*; (CHOFARD, 2019): *Aspectos Lexicais do Português do Brasil: um recorte de variantes documentadas pelo Atlas Linguístico do Brasil e Variantes léxico-semânticas de patas dianteiras, crina do pescoço, crina da cauda, lombo e garupa nos dados do ALiB: revelações geossociolinguísticas* (ESPÍNDOLA, 2021).

Ainda sob a orientação de Felício W. Margotti e de Valter P. Romano tem-se em andamento, a tese de Chofard, o *Microatlas Linguístico das Rotas dos Tropeiros do Sul*, recobrando algumas cidades gaúchas, catarinenses, paranaenses e paulistas, a tese de doutorado de Karoline Espíndola, que trata de dez itens lexicais do ALiB -Projeto Atlas Linguístico do Brasil e a elaboração do Atlas Semântico Lexical de Balneário Barra do Sul, Santa Catarina, (ASLEBS), para a obtenção do título de mestrado.

Na UFSC, sob orientação de Valter Romano, consta também a dissertação de Robin (2022), intitulada *Entre sepulturas e jazigos de visagens que bateram as botas: descrição geolinguística e semântico-lexical de cartas do ALERS*, a qual trouxe uma

proposta de recartografiação dos dados de quatro cartas linguísticas originais do *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul*, oferecendo novas perspectivas de análise para identificar normas e subnormas lexicais do falar sulista. E na Região do Vale do Itajaí, o projeto de mestrado, em andamento, de Greise Schmitz de Bitencourt, sob o título: *Atlas Semântico-Lexical da Mesorregião do Vale do Itajaí – SC*, que tem como objetivo descrever aspectos semânticos-lexicais da região do Vale de Itajaí, e utiliza como base os dados registrados em cartas linguísticas no ALERS e no Projeto AliB.

Capítulo 4 – METODOLOGIA

Este capítulo traz a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, tais como, o instrumento de coleta de dados, o local da pesquisa, mencionando um pouco da história de cada ponto de inquérito, o perfil dos informantes, o questionário linguístico, o trabalho de campo, a cartografia e o tratamento dos dados.

4.1 O instrumento de coleta de dados

Para a elaboração desta dissertação, optou-se pela pesquisa de campo, pois ela tem como finalidade a observação de fatos linguísticos e a maneira como os fenômenos ocorrem na realidade. Nessa perspectiva, os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais, adotando-se estratégias para que as informações sejam autênticas. Como aponta Labov (2000), a gravação de dados de fala individual é a melhor forma de coletar bons dados (que reflitam de forma fidedigna e em boa qualidade sonora o vernáculo), embora a adoção de entrevistas por meio da técnica de pluralidade simultânea ou sucessiva também seja recomendada para estudos dialetológicos.

Vale ressaltar, que esta pesquisa tem como fundamento os pressupostos teórico-metodológicos a Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998) no que diz respeito ao perfil dos informantes, considerando as dimensões diatópica (localidade), diageracional (idade) e diagenérica (homens e mulheres).

Levando isso em consideração, este texto estrutura-se de acordo com as seguintes etapas: o estabelecimento da rede de pontos, o perfil dos informantes, seguindo o modelo ALIB, faixa etária I, um homem e uma mulher de 18 a 30 anos e faixa etária 2, um homem e uma mulher de 50 a 65 anos. Na sequência, tem-se o questionário, a coleta de dados, a cartografia, a sistematização, apresentação e análise dos dados por meio de cartas lexicais.

4.2 Local da pesquisa

A escolha da rede de pontos em pesquisas feitas para a elaboração de um atlas é de grande importância, pois viabiliza dimensionar a variação no espaço geográfico. Para fazer um atlas linguístico, Cardoso (2010, p. 89) elenca, como tripé básico, a rede de pontos, os informantes e os questionários.

Para isso, conhecer o local da pesquisa, considerando aspectos históricos da localidade faz-se necessário, conforme afirmam Ferreira e Cardoso (1994, p. 24):

o grau de antiguidade das localidades a serem investigadas, a natureza do seu povoamento, os processos de mudança pelos quais passou e vem passando, o maior ou menor grau de isolamento que as caracteriza e as interferências que sobre a área incidem.

Desse modo, como critérios de escolha das localidades, resolvemos considerar as áreas mais antigas e as áreas mais recentes, levando-se em conta, também, o perfil étnico e as atividades econômicas dos informantes.

Portanto, a pesquisa nas redes de pontos ficou delimitada entre as duas regiões do município de Balneário de Barra do Sul, a urbana e a rural, com 4 bairros ou localidades cada uma, totalizando 8 pontos de inquérito a saber:

Quadro – 1 – Pontos de inquérito

Ponto	Área
Ponto 1: Conquista	rural
Ponto 2: Tetequera	rural
Ponto 3: Comunidade Pinheiros	rural
Ponto 4: Perequê	rural
Ponto 5: Costeira	urbana
Ponto 6: Centro	urbana
Ponto 7: Boca da Barra	urbana
Ponto 8: Salinas	urbana

Fonte: autora do projeto.

Posteriormente, tem-se a descrição de cada bairro, no que diz respeito à fundação, número de habitantes, aproximado, e atividades próprias concernentes às localidades.

4.2.1 Bairro Conquista

De acordo com Sousa (2002, p. 27) no ano de 1897, os lavradores Amaro Silva, Henrique Flor e seus familiares, mudam-se do município de Parati, hoje Araquari, com a intenção de fixarem morada em Barra do Sul. No total eram 12 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Durante o percurso da viagem, desembarcaram próximo ao Rio Areias e ali resolveram fixar moradia, denominando, inicialmente, o local de “Areias” e mais tarde, já por volta de 1950, o local passou a se chamar “Conquista”. O nome se deu pelo fato de os viajantes terem conquistado um lugar para ficar.

Como atividades, o bairro é bem diversificado, alguns moradores sobrevivem do plantio de aipim, batata doce, hortaliças e da criação de galinhas, porcos e gados; o que contribui para a venda de ovos, leite e derivados. Alguns, especialmente os mais jovens, trabalham em comércio, prefeitura, escola. A pesca nessa região não é uma prática muito comum, mas há pessoas que pescam e vendem também, peixes de água salgada e doce, criação de tilápia.

Para atender os moradores, a localidade possui três comércios, duas vendinhas, como chamam, e um bar, uma escola municipal e na comunidade indígena, próxima ao local, tem a Escola Jataity e mais uma casa de oração. Os indígenas fazem artesanato e vendem na área urbana do município.

Há quatro igrejas no local, três evangélicas, e uma católica. O posto de saúde mais próximo fica na área urbana, bairro Costeira, a aproximadamente 8 km.

Na sequência, tem-se uma fotografia tirada, pela pesquisadora, durante a pesquisa, e nela pode-se observar um dos locais visitados, o bairro Conquista.



Descrição da imagem: foto retirada pela pesquisadora durante a pesquisa feita. Celeiro pertencente à família Dias.

4.2.2 – Comunidades de Tetequera e Perequê

As comunidades de Tetequera e Perequê são comunidades distantes uma da outra, mas surgiram no mesmo ano, em 1929, e possuem características semelhantes. Alguns moradores, especialmente os mais velhos, possuem ainda atividades voltadas à criação de gados, galinhas, porcos e a plantios também. Já os mais jovens, deslocam-se até o centro ou para as cidades próximas, Araquari, São Francisco e Joinville, para trabalhar.

Na comunidade de Tetequera, que possui aproximadamente 300 habitantes, há uma Igreja e três comércios e na comunidade de Perequê, há uma igreja e dois pequenos comércios. São locais relativamente pequenos, com pouca movimentação e com a natureza preservada, a comunidade de Tetequera conta com um número aproximado de 220 habitantes.

O famoso Rio Perequê, local aonde chegaram os primeiros imigrantes do Balneário, perpassa as duas localidades, e o acesso aos bairros dá-se por meio da Rodovia 415, a que liga o Balneário às cidades vizinhas, é o acesso principal para se chegar no município.

4.2.3 Comunidade de Pinheiros

Em 1860, surgem as primeiras localidades em Balneário Barra Sul. O lavrador José Francisco e família se instalam às margens do Rio Pinheiros, o conhecido Rio Vermelho, próximo da atual igreja católica da localidade, e logo perceberam que o local oferecia condições de moradia.

A primeira construção do local foi um engenho para a fabricação de farinha e açúcar, alimentos indispensáveis no dia a dia dos moradores. A cana de açúcar e o aipim eram cultivados no tabuleiro grande, local de terra fértil. Outro meio de sobrevivência da família e dos outros moradores que aos poucos foram aparecendo era a pesca, e mais tarde surgem as lavouras e a criação de gado bovino.

Com aproximadamente 400 habitantes fixos, a comunidade conta com um posto de gasolina, uma igreja, uma panificadora, um mercado, uma lanchonete, e dois bares. O cemitério do Balneário fica nesta localidade.

Por ser mais próxima da área urbana, a maioria dos moradores trabalham nos comércios, prefeitura e alguns se deslocam para as cidades vizinhas.

4.2.4 Bairro Costeira

Em 1876, ano em que as primeiras vilas locais se desvencilharam da jurisdição de São Francisco do Sul, chega ao local a família do Sr. Miguel Lopes e sua esposa, Bárbara Jesus da Conceição. A região, localizada ao norte do Rio Perequê, era muito propícia à pesca, e com isso a família resolveu fixar morada no local, denominando-o de “Costeira”.

E hoje, com um considerável número de habitantes, 3 mil, aproximadamente, o bairro Costeira traz um quantitativo significativo de estabelecimentos comércios, mercados, farmácias, lojas de móveis, panificadoras, materiais de construção, marina, peixarias, restaurantes, bares, entre outros, os quais movimentam a economia do Balneário e do bairro.

No local também há um posto de saúde que atende as comunidades rurais e do bairro, uma escola municipal, igrejas e uma aldeia indígena, e uma pequena escola para atender essas comunidades.

4.2.5 Centro

Em 1910, a vila central transforma-se em centro e hoje é o local mais populoso do Balneário. Composto por aproximadamente 5 mil, dos 11 mil habitantes, o centro é o local de maior concentração de comércio e onde se tem as atividades mais variadas, entretanto, a pesca e a construção naval artesanal; são as atividades mais tradicionais do local, pois preservam a cultura do Balneário.

No centro estão concentradas as famosas bancas de peixe, à margem do Rio Perequê, e há uma praça, tradicionalmente conhecida como a Praça dos Pescadores, onde eles se reúnem para jogar e conversar.

O local traz uma nostalgia para os que passam e observam toda a dinâmica do local, misturada às muitas vozes que ecoam “olha o peixe”.

4.2.6 Boca da Barra

Antiga comunidade de Brasília, como era chamado, o bairro Boca da Barra é um dos locais mais antigos da região urbana, e hoje conta cerca de 1,5 mil habitantes. E apesar da praça central trazer a cultura das bancas de peixe, Boca da Barra hoje, é o local onde se concentram as mais tradicionais vilas de pescadores.

Localizado próximo à lagoa e praia do Picama, o bairro Boca da Barra é o local que cedia os famosos festejos do Balneário, e onde estão localizadas algumas secretarias, como a de Educação e a Casa da Cultura.

O comércio do local é basicamente formado por bares, petisqueiras e lanchonetes e o único hotel da cidade encontra-se no bairro. Há ainda uma escola municipal e o ginásio de esportes.

4.2.7 Salinas

Em 1967, a Indústria Klabin de Papel e Celulose, com sede na cidade Monte Alegre, Paraná, instala em Barra do Sul um projeto piloto para extração de sal, sob a responsabilidade do engenheiro Dr. Reinaldo Spizner, diretor da empresa Buschle & Lepper S.A Divisão de Magnésio.

Após três anos de pesquisa constatou-se a inviabilidade de criação de uma salina no local, devido a umidade. Porém, o engenheiro descobriu ao invés de sal, uma oportunidade de se produzir, utilizando a água do mar, todos os derivados do magnésio, o Óxido de Magnésio, Hidróxido de Magnésio e Carbonato de Magnésio. Partindo dessa pesquisa, surge então, através da instalação da empresa no local, em 1970⁶, o nome “Salinas”, denominando o bairro anteriormente conhecido como “Vila Alemã”.

4.3 O perfil dos informantes

No que diz respeito ao perfil dos informantes, com base nos pressupostos da Dialetologia Pluridimensional, buscou-se trazer a participação de homens e mulheres de duas faixas etárias: faixa I, composta por um homem e uma mulher de 18 a 30 anos, e faixa II, composta por um homem e uma mulher de 50 a 65 anos. Considerou-se ainda as dimensões *diassexual* (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), e *diatrática*, área rural e urbana.

Para tanto, os níveis de escolaridade foram estratificados entre os informantes, das áreas rurais e urbanas, considerando o ensino médio incompleto ou completo.

⁶ Para mais informações acesse o site <https://www.buschle.com.br/empresa/historia-da-empresa>

Ademais, outros aspectos foram considerados para a escolha, a fim de delimitar os critérios para a seleção dos participantes da pesquisa, a saber:

- Ter nascido na localidade e, se possível, ter pais também nascidos na cidade;
- Possuir perfil topostático, admitindo a condição de ter vivido em outro lugar por, no máximo, cinco anos;
- Possuir alguma atividade no local, como a pesca, área de comércio, na construção naval etc.;
- Possuir boa dicção e ser uma pessoa comunicativa e integrada à comunidade.

Para identificarmos os informantes utilizamos o método ALiB, ou seja, atribuímos os números 1, 2, 3 e 4, os ímpares representam os homens; os pares, as mulheres. Os números 1 e 2 pertencem à faixa 1 (18 a 30 anos), e os números 3 e 4, à faixa 2 (50 a 65 anos). Dos 32 informantes, no quesito escolaridade, temos na área rural seis homens com o ensino médio completo e dois incompleto, e entre as mulheres, temos três com o ensino médio incompleto e cinco completo.

Já na área urbana, temos: dois homens com o ensino médio incompleto e os demais com o ensino médio completo. As mulheres da área urbana, somam-se quatro mulheres com o ensino médio incompleto e quatro completo.

Todos os informantes que não possuem o ensino médio completo pertencem à segunda faixa etária, de 50 a 65 anos.

Para a coleta das informações pessoais dos informantes, utilizamos o modelo de ficha do projeto AliB.

Após o preenchimento das fichas, elaboramos um quadro com algumas informações, as quais consideramos mais relevantes para a pesquisa. Os resultados podem ser observados no apêndice B desta dissertação.

Na sequência, apresenta-se o quadro dos informantes, estratificados de acordo com o sexo, a idade, a localidade de residência e nível de escolaridade:

Quadro 2 – perfil dos informantes

Nº	SEXO	FAIXA ETÁRIA	ÁREA HABITACIONAL	ESCOLARIDADE
1	Homem	Faixa I (18 a 30 anos)	Rural	Ensino médio incompleto ou completo
2	Mulher	Faixa I (18 a 30 anos)	Rural	Ensino médio incompleto ou completo
3	Homem	Faixa II (50 a 65 anos)	Rural	Ensino médio incompleto ou completo
4	Mulher	Faixa II (50 a 65 anos)	Rural	Ensino médio incompleto ou completo
1	Homem	Faixa I (18 a 30 anos)	Urbano	Ensino médio incompleto ou completo
2	Mulher	Faixa I (18 a 30 anos)	Urbano	Ensino médio incompleto ou completo
3	Homem	Faixa II (50 a 65 anos)	Urbano	Ensino médio incompleto ou completo
4	Mulher	Faixa II (50 a 65 anos)	Urbano	Ensino médio incompleto ou completo

Fonte: autora do projeto

4.4 Questionário linguístico

Para a elaboração deste atlas foram aplicadas 72 questões no total, conforme o Anexo D, desta dissertação, sendo 16 específicas do Questionário Semântico Lexical (QSL) do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*; 2 específicas do QSL do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*; e 36 questões comum aos dois questionários. As demais, perfazendo um total de 17 questões, foram elaboradas pela

pesquisadora, incluindo perguntas sobre o regionalismo do Balneário, especialmente existentes na cultura pesqueira. A escolha das questões se deu por campo semântico e pensamos em inserir às que já saíram em outras pesquisas no sul do Estado, com o intuito de fazermos um estudo comparativo, o que diz respeito ao segundo objetivo deste trabalho.

O questionário, portanto, compõe-se dos seguintes campos semânticos: astros e tempo, acidentes geográficos, fenômenos da natureza, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessório, religiões e crenças, atividades agropastoris e vida urbana.

Com o objetivo de se obter resultados mais satisfatórios na pesquisa, além de abordar os informantes com discursos semidirigidos, utilizou-se também de *realia*, (do latim medieval, as "[coisas] reais") a exemplo de objetos, conceitos e fenômenos exclusivos de uma determinada cultura. E a técnica de entrevista em três tempos, conforme segue:

1º) pergunta-se (ex: Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?) e se aguarda a resposta espontânea do informante, em seguida 2º) insiste-se, perguntando se não conhece outra forma para nomear o mesmo referente; 3º) sugere-se uma outra possibilidade de nomeação que não tenha sido mencionada até então (ex: Já ouviu corvo para isso?) (FIGUEIREDO, 2014, p. 52).

Desse modo, acredita-se que os resultados possam apresentar um teor mais fidedigno, e, conseqüentemente, contribuam para comprovar o que se espera de acordo com as hipóteses descritas na introdução desse texto.

4.5 Coleta de dados, o trabalho de campo

Realizada *in loco* pela pesquisadora, a pesquisa baseou-se na observação direta, e para a realização dos inquéritos foram utilizados um gravador do notebook da marca Positivo Intel core i5, e um *Smartphone* da marca Samsung 6, com o programa *Anchor*, para garantir que os inquéritos fossem gravados sem danos às gravações.

A primeira comunidade a ser entrevistada foi a do bairro Conquista, localizada na área rural do Balneário, em que tivemos o apoio de uma moradora, a senhora Valéria, que nos levou até os demais informantes. Ela os reunia em sua casa, e ao final de cada inquérito, servia-nos um delicioso café, com cuca de farofa.

A priori, as fichas dos informantes foram preenchidas manualmente, antes das entrevistas, com o intuito de melhor conhecer suas preferências, religião, entre outras informações que foram úteis no momento da descrição e análise das variantes.

Porém, apesar de todo o cuidado com a escolha dos informantes dentro dos critérios estipulados, tivemos alguns entraves que dificultaram a realização da pesquisa. Dentre eles, podemos citar: a idade de alguns informantes que não se encaixava dentro dos critérios, a questão da escolaridade, especialmente entre os pescadores, pois a maioria era analfabeto, e isto dificultou bastante na hora da escolha. Apesar de eles se encaixarem em todos os critérios, isso não acontecia quanto ao nível de escolaridade, visto que eram famílias que moravam na Ilha dos Remédios, e muitas vezes não tinham como chegar até a Vila para trazer os filhos para a única escola do município na época. Outro percalço foi a dificuldade de dicção de um informante, e, por fim, três informantes que ficaram morando em outra cidade por mais de 10 anos o que nos levou a descartá-los.

Ressaltamos que todas as informações sobre a pesquisa e o perfil dos inquéritos foram passadas antes aos informantes, mas acreditamos que talvez eles não tenham prestado a atenção quanto aos requisitos; e somente depois de entrevistá-los para preencher a ficha é que íamos saber que alguns informantes não se encaixavam na pesquisa. E trouxe problemas, pois era difícil olhar para o informante e dizer: “o senhor/a senhora não se encaixa nos critérios”.

Portanto, tivemos que entrevistar alguns informantes com idade próxima à estipulada na pesquisa, e para isso escolhemos ser possível participantes cinco anos mais novo e até três anos mais velho. Somente assim conseguimos concluir as entrevistas de acordo com o número de informantes inicialmente previsto.

4.6 Cartografiação

Obtidos os dados da pesquisa, e com o auxílio da matriz de transcrição ALiB e de uma planilha de dados do Excel, passou-se ao levantamento de dados das gravações dos inquéritos das 72 questões para posterior Cartografiação.

Inicialmente, contratamos um geógrafo com base em georreferenciamento para a elaboração da carta base, onde se encontram os pontos de inquérito, conforme APÊNDICE A deste texto.

Na sequência, para se obter o máximo de precisão nos dados, o método utilizado para a geração das cartas linguísticas foi o software SGVCLIN, um Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas, desenvolvido por (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014).

Os dados em cartas linguísticas e gráficos possibilitam uma visão pormenorizada dos resultados, e a economia de tempo que se gasta com a criação de um banco de dados informatizado é compensadora, possibilitando a elaboração de cartas e a publicação de Atlas Linguísticos num tempo muito menor, contribuindo para o acesso do banco de dados para outros pesquisadores aperfeiçoarem suas pesquisas, conforme (VIEIRA, 1998, apud ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2014, p.125).

Capítulo 5 – O TRATAMENTOS DOS DADOS

Após as entrevistas, os dados coletados foram submetidos à transcrição grafemática⁷, conforme o modelo do AliB, e, posteriormente, as respostas foram lançadas em uma planilha do Excel, contendo: o número do ponto, idade e cinco campos para as respostas (resposta 1, resposta 2, resposta 3, respostas 4 e resposta 5) considerando, portanto, a possibilidade de anotar até cinco variantes.

Em meados do mês de novembro de 2022, já contávamos com todo o banco de dados pronto e revisado. Ressalta-se que todas as etapas deste trabalho foram feitas pela pesquisadora, e, sempre que necessário, procurou-se acrescentar comentários nas respostas, desde que esses pudessem contribuir para o levantamento e análise do *corpus*.

Na sequência, seguem dois modelos da planilha de Excel preenchidas com os dados já coletados, para o para o QSL 37: Como se chama o brinquedo em que se usam “coisinhas redondas de vidro”? E para o QSL 43: Como se chama o doce de frutas para passar no pão?

Imagem 3:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	nº do pon	localidade	nº inform.	Idade	Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5
2	1	Conquista	1	31	peca				
3	1	Conquista	2	26	peca				
4	1	Conquista	3	48	peca				
5	1	Conquista	4	50	peca	bola de gude	bolota	bolinha de vidro	
6	2	Tetequera	1	26	peca				
7	2	Tetequera	2	27	peca				
8	2	Tetequera	3	63	peca	bolinha de gude			
9	2	Tetequera	4	59	peca	bolinha de gude			
10	3	Pinheiros	1	30	bolinha de gude	peca			
11	3	Pinheiros	2	18	peca	bolinha de gude			
12	3	Pinheiros	3	50	peca				
13	3	Pinheiros	4	50	peca	gude			
14	4	Costeira	1	24	peca	bola de gude			
15	4	Costeira	2	31	peca	bola de gude			
16	4	Costeira	3	48	peca	bolinha de gude			
17	4	Costeira	4	49	peca				
18	5	Perequê	1	30	peca				
19	5	Perequê	2	18	peca				
20	5	Perequê	3	52	peca	bola de gude	bulica		

Fonte: autora do projeto

⁷ Trata-se de estudos que unem as metodologias da Geolinguística e da Sociolinguística, dando conta da diversidade linguística de diferentes áreas geográficas e estratos socioeconômicos e culturais de uma comunidade de fala.

<https://repositorio.ul.pt/> acesso em 15 de março, às 19h.

Imagem 4:

A	B	C	D	E	F	G	H	I
nº do pon	localidade	nº inform	Idade	Resposta	Resposta	Resposta	Resposta	Resposta 5
1	Conquista	1	31	doce	mistura			
1	Conquista	2	26	musse				
1	Conquista	3	48	melado				
1	Conquista	4	50	musse				
2	Tetequera	1	26	chimia				
2	Tetequera	2	27	musse				
2	Tetequera	3	63	melado	goiabada			
2	Tetequera	4	59	chimia	musse			
3	Pinheiros	1	30	musse				
3	Pinheiros	2	18	musse	chimia	geleia		
3	Pinheiros	3	50	musse				
3	Pinheiros	4	50	musse	geleia			
4	Costeira	1	24	geleia	musse			
4	Costeira	2	31	goiabada	chimia			
4	Costeira	3	48	geleia				
4	Costeira	4	49	musse				
5	Perequê	1	30	geleia	chimia			
5	Perequê	2	18	musse				
5	Perequê	3	52	musse				

... QSL 34 | QSL 35 | QSL 36 | QSL 37 | QSL 38 | QSL 39 | QSL 40 | QSL 41 | QSL 42

Fila F15 com observação de Ana Paula Câmara

Ana Paula Câmara:
 INF. - lembrei da chimia,
 mas era feita de ovo,
 gemada batida frita.

Fonte: autora do projeto

Capítulo 6 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são abordadas a descrição e a análise dos fenômenos lexicais encontrados na pesquisa, registrados em tabelas e cartas linguísticas. Para isso, foram selecionadas para a análise deste Volume I, três questões que evidenciaram diversidades de formas lexicais e mais duas questões regionais, que também apresentaram variação.

Ressalta-se, ainda, que alguns dados aqui arrolados foram comparados aos dados existentes nas pesquisas do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* e ao *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, quando possível, conforme os objetivos específicos desta pesquisa.

As cartas foram elaboradas por um geógrafo com base em georreferenciamento, e, posteriormente geradas por campo semântico; a primeira deste volume, diz respeito a ACIDENTES GEOGRÁFICOS, com a carta que traz as denominações para *córrego* (QSL 06); a segunda pertence ao campo semântico ALIMENTAÇÃO E COZINHA e traz as denominações para *musse*, (QSL43). Relativamente a JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS, demonstramos os resultados obtidos por meio da pergunta (QSL 037), que se refere a *bolinha de gude*. E por fim, as questões regionais: *lausento/lausenta* (QSL 61) e *bobiça* (QSL 64) do questionário ASLEBS. Cada uma delas foi devidamente etiquetada com a letra L (léxico) e o número da questão, conforme explicação: L06 para o (QSL 06), *córrego*. As demais cartas se encontram no Volume II desta dissertação, a partir da página 143.

As primeiras cartas, as diatópicas monodimensionais possuem a descrição: L (número da carta) denominações para o referente. Já as cartas bidimensionais, receberam as marcações de acordo com a dimensão a ser analisada, a saber: La para a dimensão diassexual; Lb para a dimensão diageracional; Lc para a dimensão diastrática; e, por fim, Ld para as cartas de arealidade, conforme será demonstrado na sequência.

6.1 Campo semântico ACIDENTES GEOGRÁFICOS

Para a análise do *corpus*, obtivemos as respostas dos 32 informantes escolhidos para a pesquisa, distribuídos nas áreas rurais e urbanas do Balneário, considerando a estratificação equitativa por faixa etária I e II, seguindo o modelo ALIB, sexo e escolaridade, ensino médio (completo ou incompleto).

Como o objetivo geral desta dissertação é *apresentar e descrever variantes semântico-lexicais de Balneário Barra do Sul por meio de cartas linguísticas*, apresentamos e analisamos os resultados de cinco variáveis lexicais.

Além de tentar comprovar a existência de variantes próprias da região, o intuito da pesquisa também é comparar com (i) outros estudos feitos na região Sul do Brasil; (ii) comprovar as hipóteses elencadas neste trabalho e por fim, (iii) atingir os objetivos específicos. Com base nesses dados, fizemos o confronto com as cartas linguísticas do ALERS e do ALiB, quando possível, e avaliados se esses dados validam o não as hipóteses da nossa pesquisa.

Na sequência, apresentaremos a carta 06, que trata das denominações para *córrego*.

Para referido lema, obtivemos 62 respostas dos 32 informantes entrevistados.

6.1.1 Análise das variantes lexicais de CÓRREGO

A questão de número 06 do QSL do *Atlas Semântico - Lexical de Balneário Barra do Sul*, (ASLEBS), refere-se ao lema *córrego* (Como se chama o rio pequeno, de uns dois metros de largura?) Para a geração das tabelas e cartas linguísticas, foram considerados alguns critérios, a fim de organizar os resultados, e, para isso, criamos rótulos, a saber:

- (i) As formas *hápx legomena* (apenas uma resposta) foram agrupadas no rótulo Outras, que corresponde a “outras respostas”;

- (ii) As variantes lexicais que contêm a mesma raiz, incluindo formas derivadas e formas compostas e reduzidas, foram agrupadas no mesmo rótulo;
- (iii) Também criamos um rótulo para variantes que foram consideradas inadequadas para a pergunta, visto que não se referem ao que foi perguntado.

Para a pergunta “Como se chama o rio pequeno, de uns dois metros de largura?”, obtivemos 57 respostas, conforme Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição geral das variantes lexicais para córrego (QSL 06).

Variantes	Número de ocorrências	%
Vala/ valagão/ valeta/ valetão/valo/valozinho	24	42,11
Córrego/ córreo	11	19,30
Rio pequeno/ riozinho	6	10,53
Riacho	5	8,77
Ribeirão	4	7,02
Lagoa	3	5,26
Veio de rio	1	1,75
Poço	1	1,75
Balagão	1	1,75
Brejo	1	1,75

Elaborada pela autora

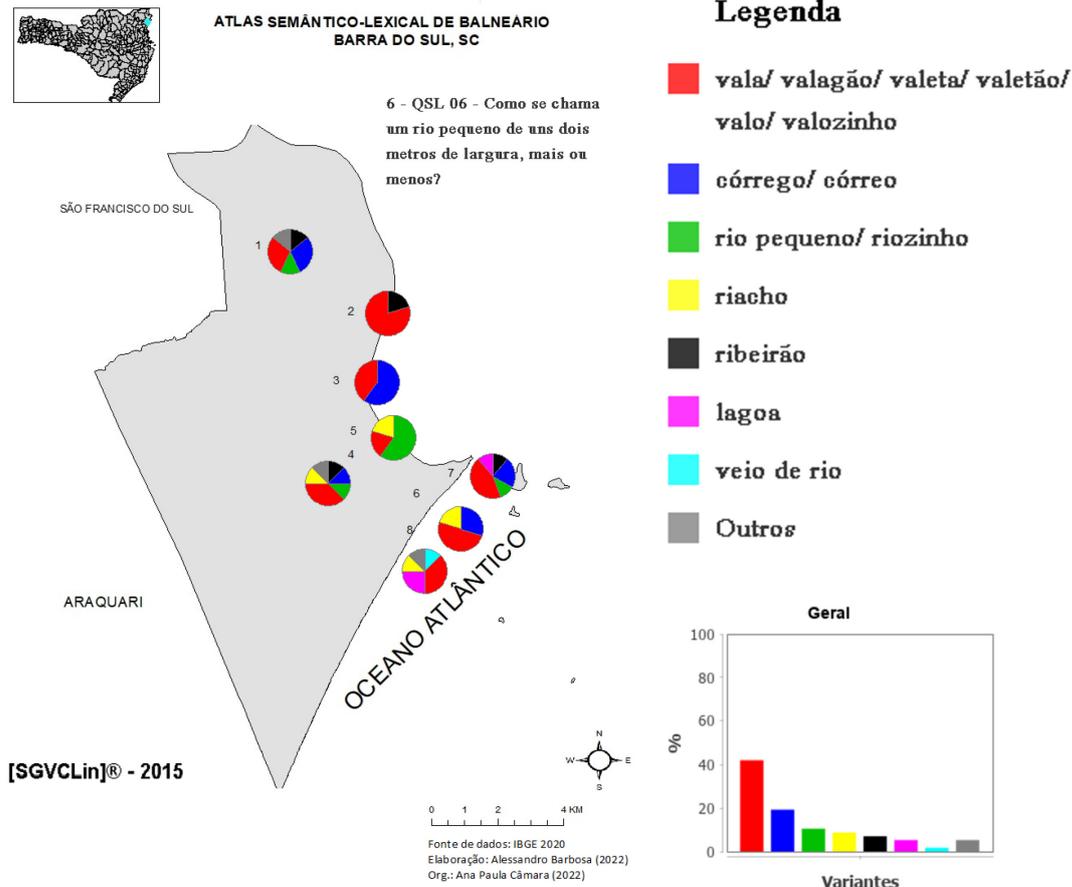
Com 42,11% de produtividade, destacam-se as 24 variantes produzidas cuja raiz (semantema) é [val-], incluindo as formas flexionadas ou derivadas (vala, valo, valozinho, valeta e valetão). Na sequência, temos 11 realizações de *córrego* e *córreo* (em que ocorre a redução da proparoxítone), 6 para *riozinho/rio pequeno*, 5 para *riacho*, 4 respostas para *ribeirão* e 3 para a variante *lagoa*. As demais variantes: *veio de rio*, *poço*, *balagão* e *brejo*, aparecem com 1,75% cada uma, as chamadas *hápax legomena*, citadas uma só vez na pesquisa. Por isso, para a geração das cartas linguísticas, optamos por agrupá-las em *outros*, conforme descrito no início dessa seção, sobre os rótulos.

Para as variantes *lagoa*, *poço* e *brejo*, atribuímos o rótulo “respostas inadequadas” pois, não designam especificamente o item buscado. Apesar de usarmos níveis diferentes de abordagem, como a utilização dos *realia*, alguns informantes apresentaram dificuldade de encontrar a resposta.

Na Figura 1, apresentamos a primeira carta diatópica monodimensional com as variantes para *córrego* representadas em forma de gráficos em pizzas.

Figura 01 – Distribuição diatópica monodimensional das variantes de CÓRREGO em Balneário Barra do Sul

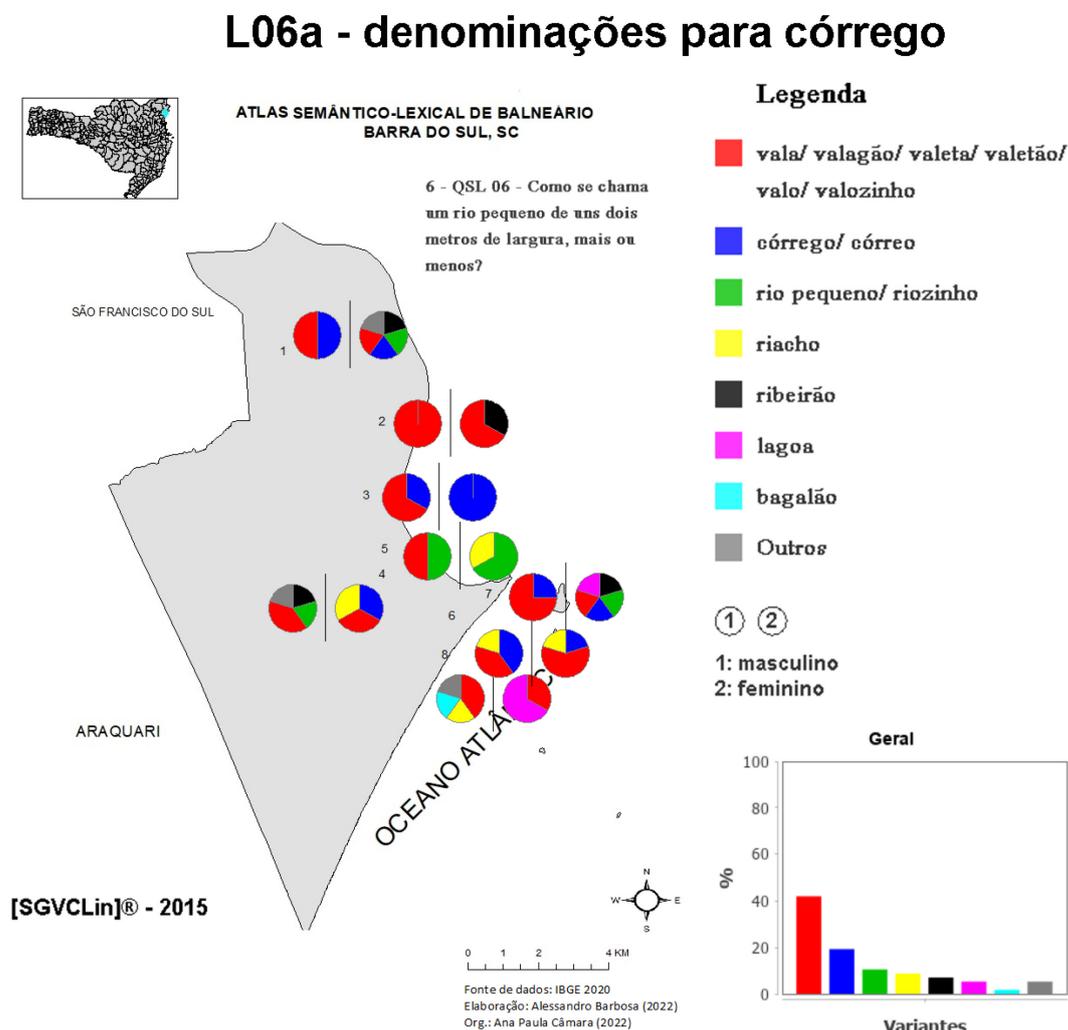
L06 - denominações para córrego



Como podemos observar na carta, em todos os pontos de inquérito, tanto os rurais, localizados ao norte e a oeste (Conquista, ponto 1; Tetequera, ponto 2; Pinheiros, ponto 3; e Perequê, ponto 4), quanto nos urbanos, a leste (Costeira, ponto 5; Centro, ponto 6; Boca da Barra, ponto 7; e Salinas, o ponto 8), houve a ocorrência da variante mais produtiva e suas designações. Entretanto, em alguns pontos há um poliformismo linguístico, pois as respostas são heterogêneas. Nos pontos rurais 1 e 4 e nos urbanos 7 e 8, foram documentadas diversas variantes para córrego. Diferentemente, nos pontos rurais 2 e 3, os informantes optaram por apenas duas respostas, e nos pontos urbanos 5 e 6 foram registradas três respostas. Em Tetequera, ponto 3, 80% das respostas foram para *vala* e suas flexões.

A próxima carta, é do tipo a bidimensional (Figura 02), e nela se considera a dimensão diasssexual dos informantes, a fim de demonstrar se houve diferença de respostas entre homens e mulheres.

Figura 02 – Distribuição diatópica e diasssexual das variantes de CÓRREGO em Balneário Barra do Sul



A variante com maior produtividade nesta pesquisa (*vala* e formas agrupadas) ocorreu na fala de praticamente todos os informantes, como ilustrado na carta da Figura 02, com exceção na fala das mulheres dos pontos 3 (Pinheiros) e 5 (Costeira). As informantes do ponto 5 optaram pelas variantes *rio pequeno*, *riozinho* e *riacho* e as informantes do ponto 3 responderam *córrego/córreo*. A preferência pela variante mais produtiva ocorre, principalmente, no ponto 2 com 100%, e 3, área rural, com mais produtividade nos informantes do sexo masculino. No ponto 7, área urbana, *vala* também ocorre mais recorrente nas respostas dos homens. Ao todo foram 15 homens que optaram pela variante *vala* e formas agrupadas, contra 9 ocorrências entre as mulheres. Com exceção dos pontos 4, área rural, 6 e 8, área urbana, as variantes escolhidas pelos

informantes do sexo masculino, foram: *vala* e suas designações, *córrego/córreo* e as variantes *rio pequeno* e *riozinho*.

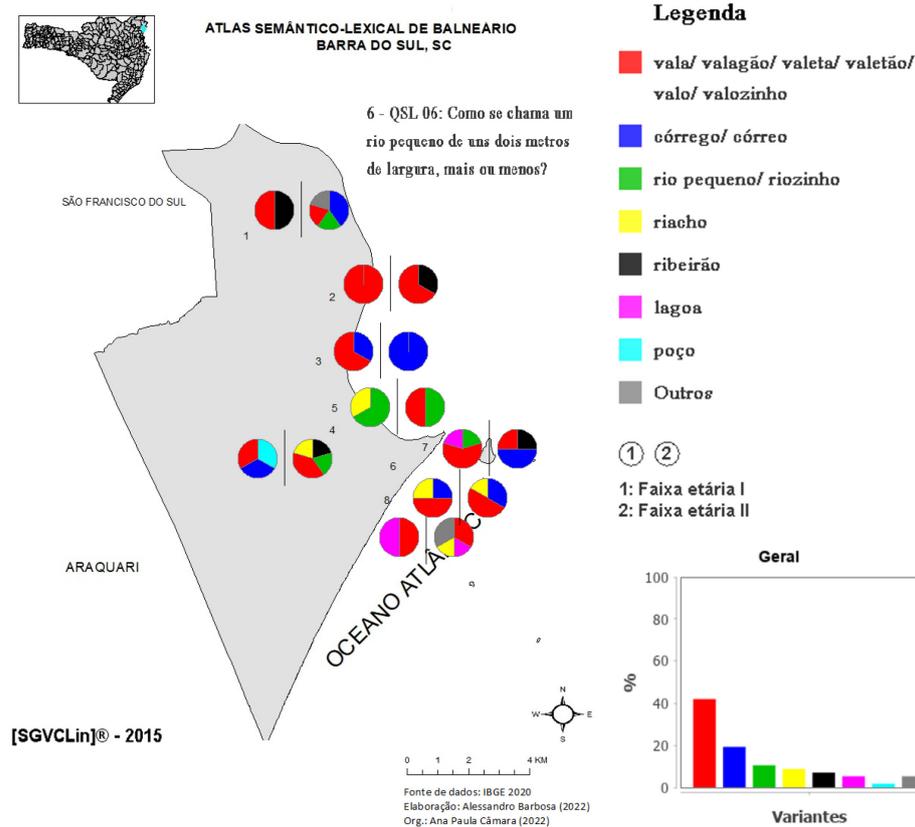
Todavia, as mulheres, em apenas dois pontos, o 2 e o 3, ambos pertencentes à área rural, mantiveram as duas variantes mais mencionadas. Já no ponto 5, bairro Costeira, houve incidência apenas das variantes *riozinho* e *riacho*.

Ao comparar as respostas dadas pelos homens e pelas mulheres, constata-se que a maioria das mulheres utilizou um repertório mais amplo, como observamos nos pontos: 1, 4, 6 e 7, enquanto os homens em 3 pontos: 4, 6 e 8. Entretanto, no ponto 6, Centro, o número de respostas entre homens e mulheres foi a mesma, *vala* e suas designações, *córrego* e *riacho*.

Na sequência, apresentamos a análise das variantes de *córrego* associadas à dimensão diageracional, comparando as repostas dos informantes mais jovens com as respostas dos mais velhos.

Figura 03 – Distribuição diatópica e diageracional das variantes de CÓRREGO em Balneário Barra do Sul

L06b - denominações para córrego

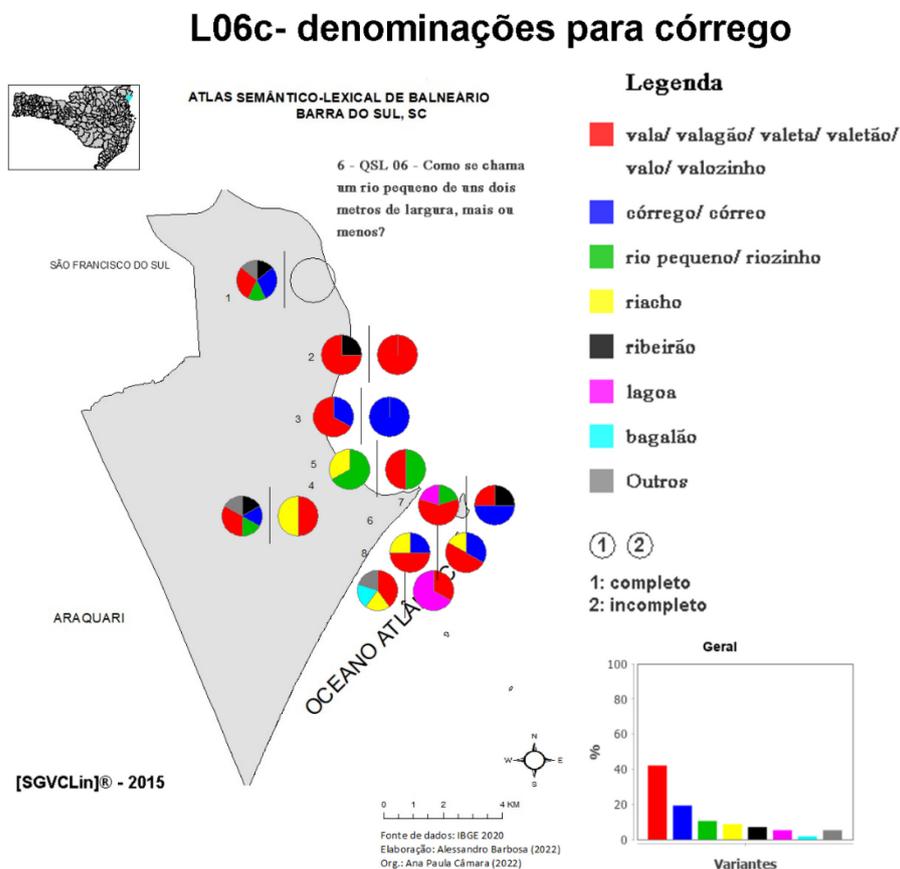


Na carta, observamos que a variante mais produtiva *vala* e designações associadas a esse rótulo ocorrem nas duas faixas etárias, entretando com mais evidência na faixa I, 18 a 30 anos, com exceção apenas do ponto 5 (Costeira), área urbana, cujos lemas escolhidos foram *rio pequeno*, *riozinho* e *riacho*, e no ponto 3 (Pinheiros), área rural, em que a escolha principal foi para *córrego*, principalmente entre os informantes da faixa II, de 50 a 65 anos. Já as variantes agrupadas em outros, ocorreram exclusivamente nas respostas dos informantes da faixa II.

Memorando, portanto, a hipótese 3, desta dissertação, que diz respeito aos informantes mais jovens serem mais inovadores do que os mais velhos, pode-se dizer que em Balneário Barra do Sul houve essa inovação por parte dos mais jovens, já que a maioria dos informantes optou pelas variantes mais produtivas, considerando o que se esperava nas respostas era a produtividade das variantes *rio pequeno*, *córrego* e *riacho*.

A próxima carta, bidimensional, trata da dimensão diastrática. O intuito é verificar se há diferença na fala dos que mais escolarizados em comparação com os menos escolarizados.

Figura 04 – Distribuição diatópica e diastrática das variantes de CÓRREGO em Balneário Barra do Sul



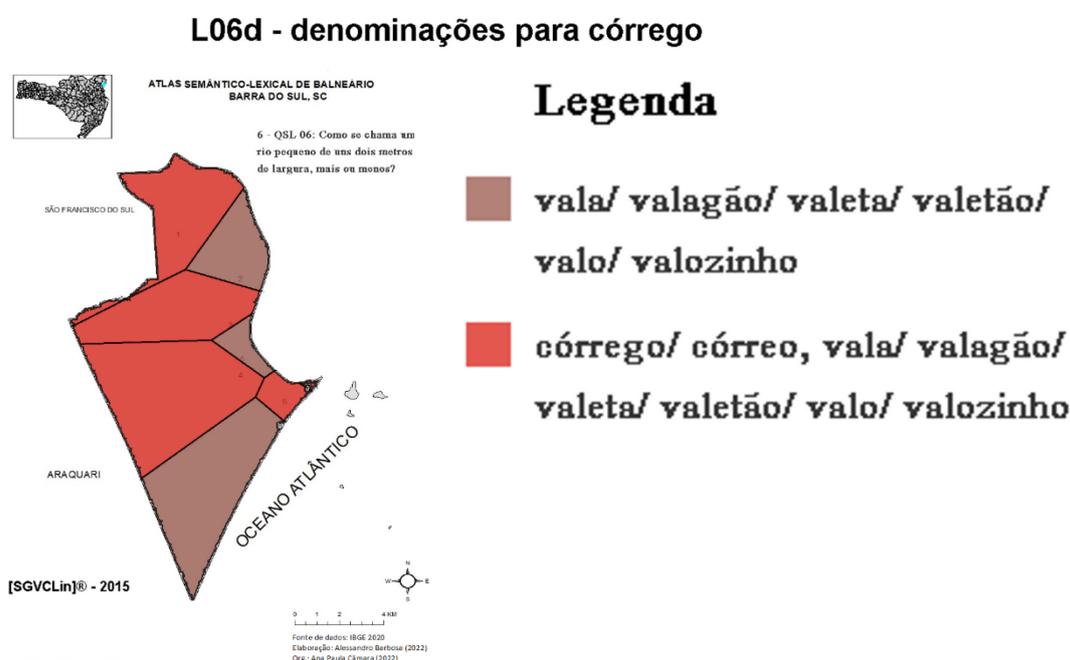
Em relação à carta L06c, observa-se entre os informantes que possuem o ensino médio completo a utilização de um repertório lexical mais amplo para a questão, especialmente nos pontos 1, 4 e (área rural) e 8 (área urbana). No ponto 5, Costeira, nos dois níveis de escolaridade, houve somente a resposta com três variantes: *rio pequeno/riozinho*, *riacho* e *vala* e suas designações. Nos pontos 6, Centro e 7, Boca da Barra, as respostas foram semelhantes, apenas a variante *lagoa* aparece para os informantes do nível médio incompleto.

Mas de um modo geral, as respostas são semelhantes nos pontos, independente de nível escolar. Conclui-se, portanto, pelos resultados expressos na carta, que no município

de Barra do Sul dimensão diatópica, ou seja, o local de residência, é mais relevante do que os níveis de escolaridade.

A seguir, apresentaremos a carta L06d, com a arealidade de *vala* e respectivas variantes e arealidade de *córrego* e respectivas variantes.

Figura 05 – Carta de arealidade de VALA e de CÓRREGO em Balneário Barra do Sul



Na figura 05, observa-se a distribuição areal das variantes mais produtivas no município Balneário Barra do Sul. Como se observa, a raiz [val-] e respectivas formas mórnicas aparecem com exclusividade nas regiões demarcadas pela cor marrom, e vão desde a área rural até o perímetro urbano do Balneário, ou seja, recobrimo praticamente todo o município. Na parte demarcada em ocre, temos a coocorrência das duas variantes mais produtivas, o que também demonstra uma cobertura em boa parte do Balneário.

Remontando a hipótese 2 desta pesquisa, no que diz respeito às diferenças lexicais entre área rural e urbana, podemos afirmar que Balneário Barra do Sul mantém traços

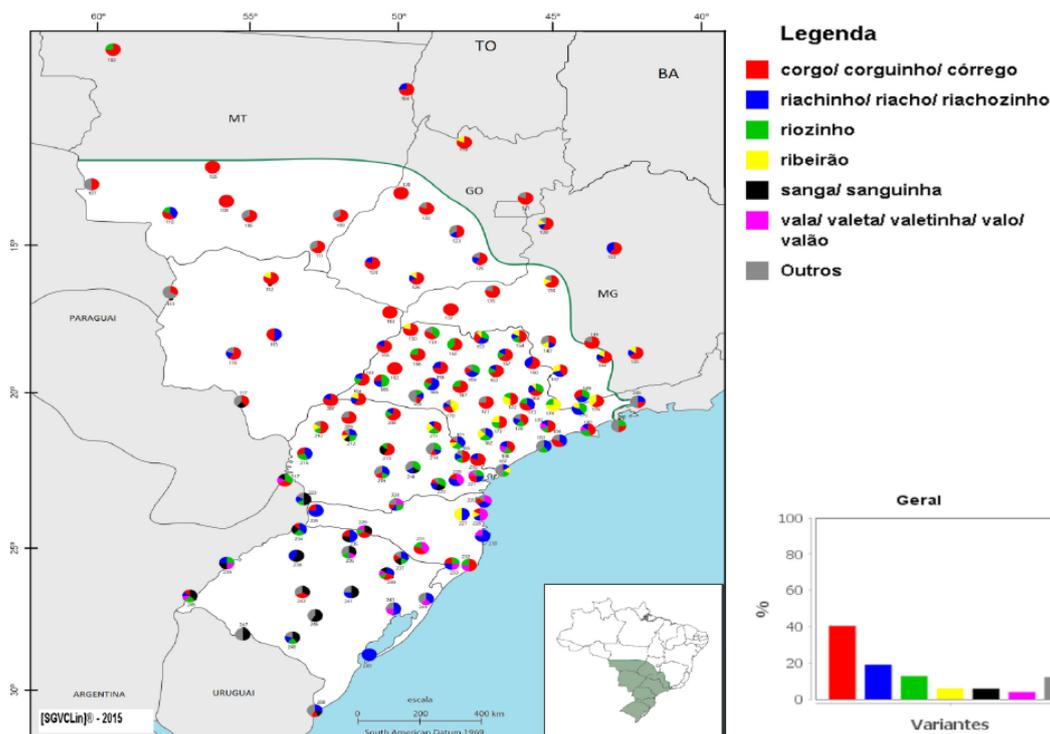
típicos do falar local, nas duas áreas, não havendo, portanto, diferença para esses itens. *Vala* e suas designações aparecem com exclusividade em todos os pontos da área urbana (pontos 5, Costeira; 6, Centro; 7, Boca da Barra e 8 alinas), e na área rural em dois pontos (ponto 2, Tetequera; e 3, Pinheiros). Já nos outros dois pontos da área rural aparecem as duas variantes: *vala* e suas designações e *córrego/córreo*.

A próxima carta, bidimensional, trata da dimensão diastrática. Com o intuito de precisar se há diferença na fala dos que mais escolarizados em detrimento dos menos escolarizados.

6.1.2 Comparação com outras pesquisas para CÓRREGO

Quanto às variantes para designar *córrego*, ROMANO (2015, p.113) traz os dados do Projeto ALIB, no Centro Sul do país, demonstrando que, em praticamente todos os municípios de Santa Catarina, as variantes *vala* e *valeta* aparecem, como se verifica na carta da Figura 06.

Figura 06: Variantes lexicais para “córrego” no Centro Sul do Brasil de acordo com o ALiB



Fonte Romano (2015, p. 113)

Como notamos, na carta elaborada por Romano (2015), com base em dados do ALIB, em Santa Catarina, nos pontos: São Francisco do Sul (ponto 225), cidade próxima a Balneário Barra do Sul, Itajaí (ponto 228), Florianópolis (ponto 231), Tubarão (ponto 232) Concórdia (ponto 229) e Criciúma (ponto 233), a variante *valeta* e suas flexões foram registradas. Isso comprova que no estado de Santa Catarina a variante é produtiva, assim como também é em outras regiões dos estados vizinhos, Paraná e Rio Grande do Sul, inclusive em áreas fronteiriças: São Miguel do Iguaçu-PR (ponto 217), que faz fronteira com o Paraguai; São Borja (ponto 239) e Uruguaiana (ponto 245), ambos no Rio Grande do Sul, que fazem fronteira com a Argentina.

No ALERS, a questão para *córrego* não aparece especificamente com essa denominação, porém temos duas cartas que trazem as variantes *vala* e *valeta* em Santa Catarina. Temos o QSL 12, *riacho*⁸, e o QSL 13, *arroyo*⁹. A carta de número 007 para o QSL riacho, localizada nas páginas 84 e 85 do volume II do ALERS, revela a variante *vala* em municípios dos três estados do Sul: Santa Catarina, nas cidades de Barra Velha, ponto 497 na rede de pontos ALERS, e Vale do Itajaí, ponto 496. No Paraná aparece em

⁸ De acordo com o dicionário <https://www.aulete.com.br>, riacho significa: (ri.a.cho) sm.1. Rio pequeno; REGATO; RIBEIRO.

⁹ Arroyo: (ar.roi.o) Pequeno curso de água; REGATO; RIACHO.

Francisco Beltrão, ponto 284, e na capital, Curitiba, ponto 247. Em Rio Grande do Sul, no ponto 791, Cachoeira do Sul.

Já a variante *arroio*, carta de número 008, páginas 86 e 87, tem a ocorrência de *vala* e *valeta* em municípios semelhantes ou próximos, nos três estados. Em Santa Catarina, ocorrem em Barra Velha (ponto 497), Luiz Alves (ponto 485) e Itapiranga (ponto 426), localizada no extremo-oeste do estado. *Vala* e *valeta* também foram registradas em Curitiba-PR (ponto 247) E em Santa Cruz do Sul-RS (ponto 754).

Com esses resultados, podemos afirmar que em Santa Catarina, especialmente em Barra do Sul, há preferências pelas variantes *vala*, *valetas* e demais formas com a mesma raiz, configurando uma área que se define com o aparecimento de referentes não conhecidos ou pouco frequentes em outras regiões do sul do Brasil, como mencionam Margotti e Vieira (2006 p.258): “a ocorrência das variantes e a identificação das isoléxicas são associadas aos processos de ocupação e povoamento de cada uma das áreas e à topografia do estado”. Refere-se a área que se sobrepõe ao falar açoriano-catarinense e às variedades do português de contato com as línguas de imigrantes europeus, principalmente dos alemães. Entre os anos de 1448 e 1754¹⁰ mais de 400 imigrantes açorianos chegaram em Santa Catarina, especialmente no litoral sul e em São Francisco do Sul, cidade próxima ao Balneário Barra do Sul, isto comprova as influências açorianas.

6.2 Campo semântico ALIMENTAÇÃO E COZINHA

Para este campo semântico analisamos os resultados da questão do QSL 43, *musse*, referente à pergunta: como se chama o doce de fruta para passar no pão? E, posteriormente, comparamos os resultados com outras pesquisas já feitas no Sul do país, conforme descrito nos objetivos deste trabalho.

¹⁰ Mais informações no site: <https://www.ides-sc.org.br/post/presencaacoriana>

6.2.1 Análise das variantes lexicais MUSSE

Seguindo o mesmo modelo da análise anterior, seguem os resultados para a variáveis musse e suas designações.

Tabela 2: Distribuição geral das variantes lexicais para musse (QSL 43).

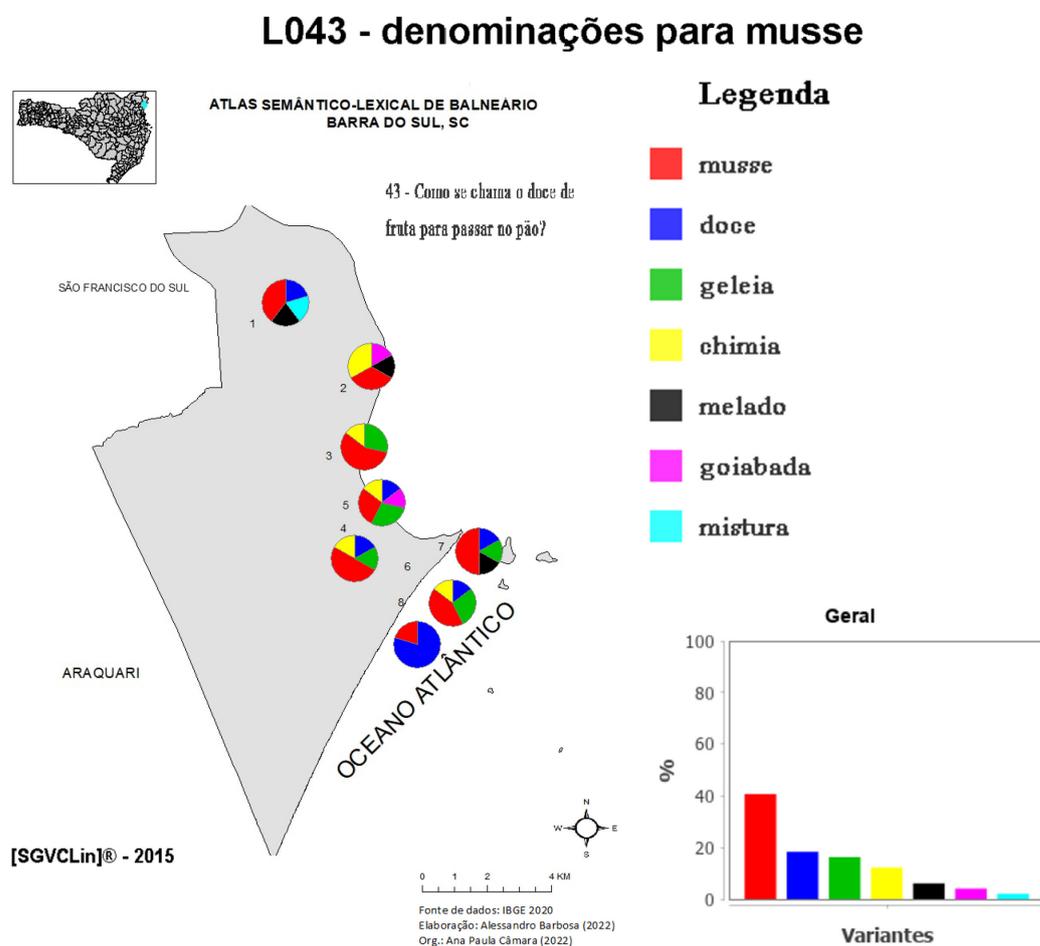
Variantes	Número de ocorrências	%
Musse	20	40,82
Doce	9	18,37
Geleia	8	16,33
Chimia	6	12,24
Melado	3	6,12
Goiabada	2	4,08
Mistura	1	2,04

Elaborada pela autora

Para a questão de número 43, como se chama o doce de fruta para passar no pão? obtivemos, ao todo, 49 respostas, sendo *musse* a variante mais produtiva, com 20 respostas (40,82%). Na sequência temos a forma genérica *doce* (18,37%), com nove respostas; *geleia* (16,33%), oito respostas; *chimia* (12,24%), seis respostas; *melado* (6,12%), três respostas; e *goiabada* (4,08%), duas respostas; *mistura* (2,04%), uma resposta. A variante *goiabada* designa um doce específico de uma fruta e a variante *hapáx legomena mistura* designa qualquer iguaria para passar no pão.

Na sequência, apresentamos a carta diatópica com os resultados expressos por pizzas, conforme Figura 7.

Figura 07 – Distribuição diatópica monodimensional das variantes de MUSSE em Balneário Barra do Sul (QSL 43)



Obtendo uma visão por rede de pontos, vê-se que a variante *musse* é *mais produtiva* e ocorre em todos os bairros, especialmente nos pontos 1, 3, e 4, áreas rurais, e nos pontos 6 e 7, área urbana. Já a variante *doce* aparece com preferência no ponto 8 (Salinas). *Geleia* aparece nos pontos 3, 4, 5, 6 e 7. E *chimia*, com mais ênfase nas áreas rurais, como observamos nos pontos 2 (Perequê), 3 (Pinheiros), 4 (Tetequera); e nos pontos urbanos 5 (Costeira) e 6 Centro e 7, Boca da Barra, área urbana. Já a variante *doce*, aparece com preferência no ponto 8, Salinas. *Geleia* aparece nos pontos, 3, 4, 5, 6 e 7. Dois rurais e três urbanos. E *chimia*, com mais ênfase nas áreas rurais, como observamos nos pontos 2, Perequê, 3, Pinheiros, 4, Tetequera; e nos pontos urbanos, 5 Costeira e 6, Centro. O bairro Costeira fica próximo à área rural, e entre a comunidade Perequê e o

Centro, com isso, pode-se, hipoteticamente, atribuir uma influência nas respostas, pela proximidade dos locais. Sobre o léxico *chimia*¹¹, *shmier*, o étimo vem do alemão cuja escrita é *shmier* e provém do verbo *schmieren*, *chimi*ar, como alguns dizem. Contudo, para algumas pessoas a *chimia* não é feita de fruta, mas sim de ovo. Gemada batida com açúcar e frita. Conforme explicam alguns informantes:

(043)

Geleia/ musse/chimia: doce de fruta para passar no pão

INQ. – *O doce pode ser industrializado ou caseiro, como chama?*

INF. – *É, como se fala... uns dizem chimia, mas pra mim é... eles falavam, ah vou fazê uma chimia, mas a chimia que eu sabia era ovo, ovo batido com açúcar e frito na frigideira, hoje dizem doce mesmo, né, musse.*

(043)

Geleia/ musse/chimia: doce de fruta para passar no pão

INQ. -

INF. – *goiabada, chimia de ovo (risos), doce, se for de fruta fala o tipo que é.*

INQ. – *chimia de ovo?*

INF. – *É, a minha mãe faz com ovo batido, aí frita e passa no pão de casa (risos)*

Tradicionalmente, na Região Norte do Estado, nas mesas das famílias de origem alemã, a *chimia* é feita com ovo, porém, nos mercados é comum encontrar *chimia* feita de fruta, semelhante a uma geleia, e a iguaria, feita de frutas, é uma tradição muito antiga, pois aproveitam-se as frutas muito maduras, para fazer o doce e, assim, evitar de jogá-las fora. E Em Balneário Barra do Sul, assim como em Joinville e São Francisco é muito comum o doce de fruta (*musse*) ser feito em casa.

¹¹ Etimologicamente, a palavra *chimia* vem do verbo alemão *schmieren*, que significa passar algo, *chimi*ar, *passar algo no pão*. Neste sentido, qualquer doce caseiro é chamado de *chimia*, por isso é comum, nas mesas de origem alemã, encontrar a *chimia* amarela, feita de ovo.

<https://www.portaldorrancho.com.br/portal/identidade/schmier-de-ovo-sabores-da-colonia>

A segunda variante mais produtiva é *doce*, que aparece nas respostas de nove informantes, distribuídos nos pontos 1 e 4, área rural e em todos os pontos da área urbana, como mostra na carta.

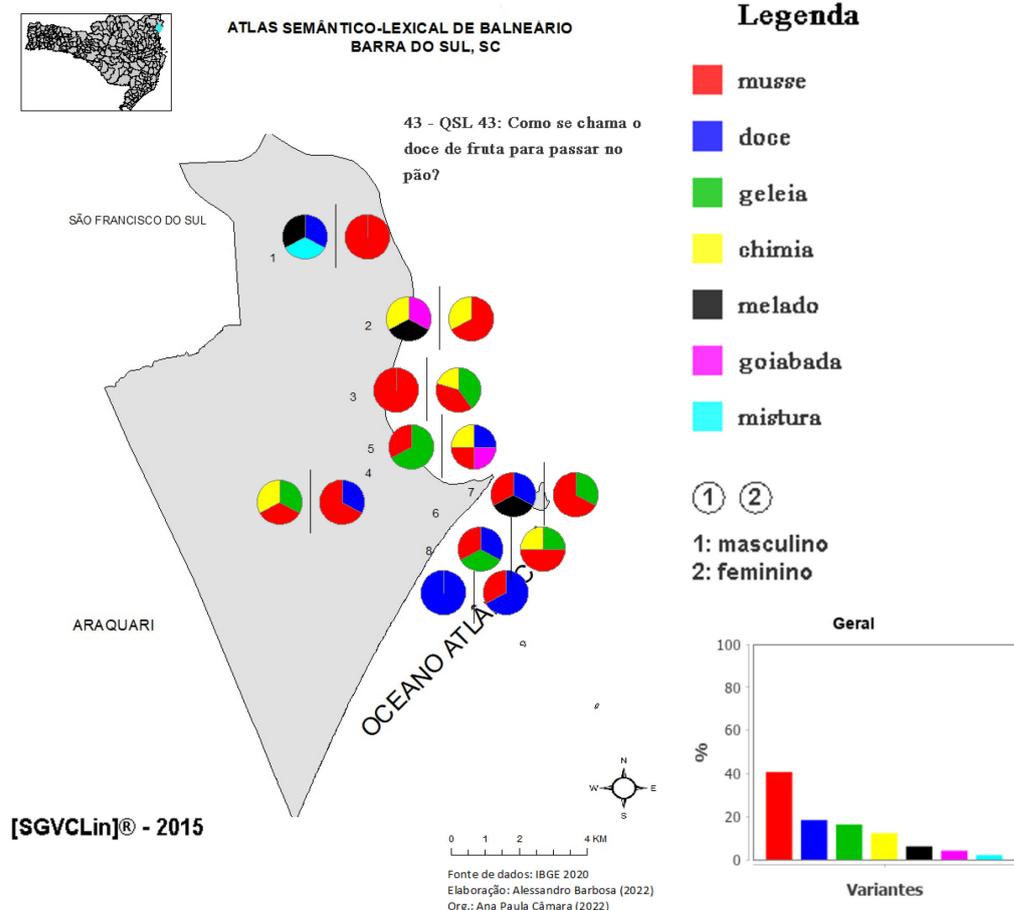
Quanto à variante *geleia*, cuja evidência foi de 8 respostas, o lema aparece na área rural, pontos 3 e 4, e na área urbana nos pontos 5, 6 e 7, em quase todos os pontos.

Para a variante *melado*, a escolha da variante foi exclusivamente dos homens, 3 respostas, pontos 1 e 2, área rural e ponto 7, área urbana, como observamos na próxima carta, a diassexual.

Na próxima carta, a diassexual, podemos observar as respostas para doce feito de fruta na fala de homens e mulheres em cada um dos pontos pesquisados

Figura 08 – Distribuição diatópica e diassexual das variantes de MUSSE em Balneário Barra do Sul (QSL 43)

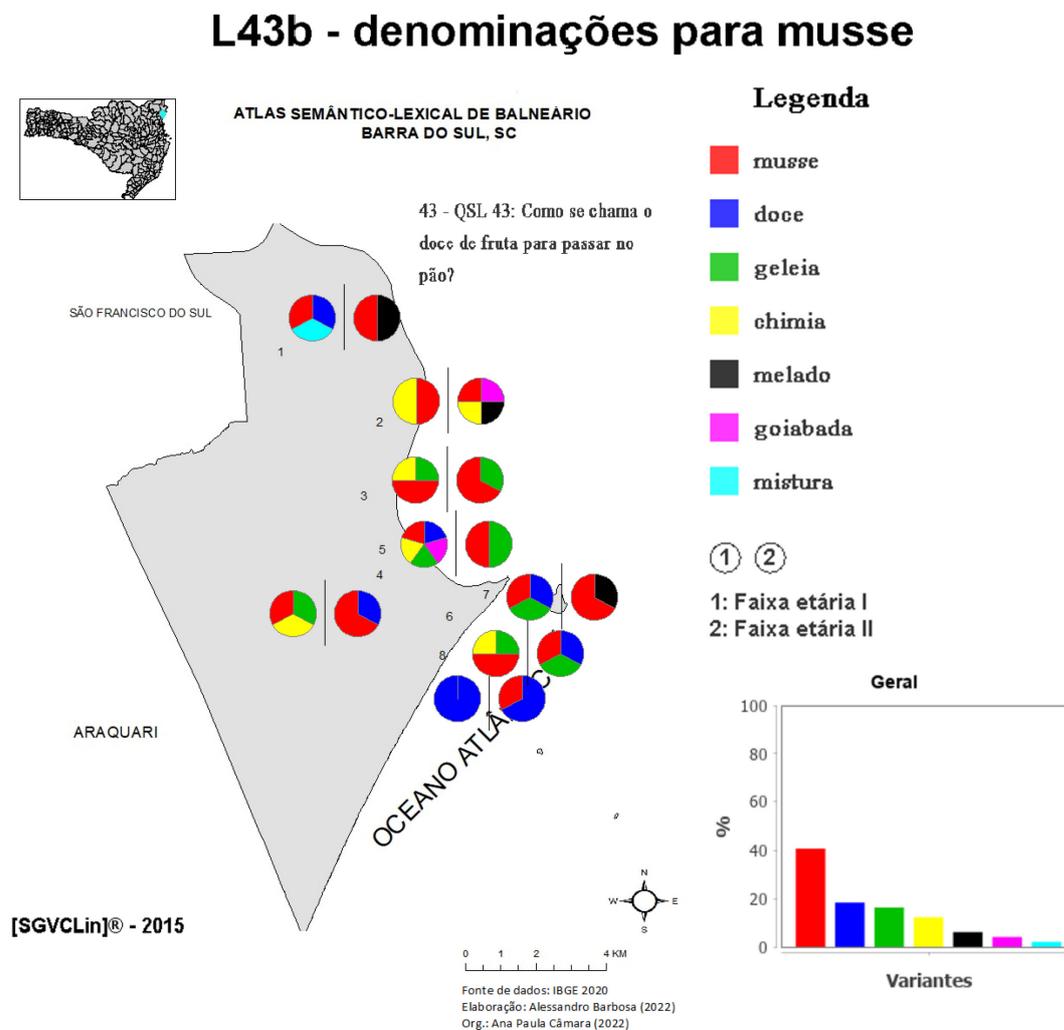
L43a - denominações para musse



Na carta, percebemos algumas diferenças nas respostas dos informantes do sexo masculino e do sexo feminino. As variantes menos produtivas *melado* e *mistura* foram respondidas por homens. A variante mais produtiva, *musse*, tem a preferência das mulheres, como observamos nos pontos: 3, 4, 5, 6 e 7. A variante *doce* foi escolhida por quatro homens, nos pontos 1, 6, 7 e no ponto 8 com exclusividade, e por três informantes do sexo feminino, nos pontos 4, 5 e 8. A variante *geleia* aparece nos pontos 4, 5 e 6, na resposta dos homens, e nos pontos 3, 6 e 7, na preferência das mulheres. Já a variante *chimia*, aparece nos inquéritos 2 e 4, na resposta dos homens, e nos inquéritos 2, 3, 5 e 6, nas respostas das mulheres. A variante *goiabada* aparece na resposta de uma mulher, ponto 5 e de um homem, ponto 2.

Na próxima carta, temos a demonstração dos resultados para a dimensão diageracional, o que permitirá visualizar e comparar as respostas e falantes mais jovens (18 a 30 anos) com as respostas de falantes mais velhos (acima de 50 anos).

Figura 09 – Distribuição diatópica e diageracional das variantes de MUSSE em Balneário Barra do Sul (QSL 43)



Na carta L43b, diatópica e diageracional, observa-se que a variante *melado* aparece exclusivamente na resposta de informantes homens da faixa etária II.

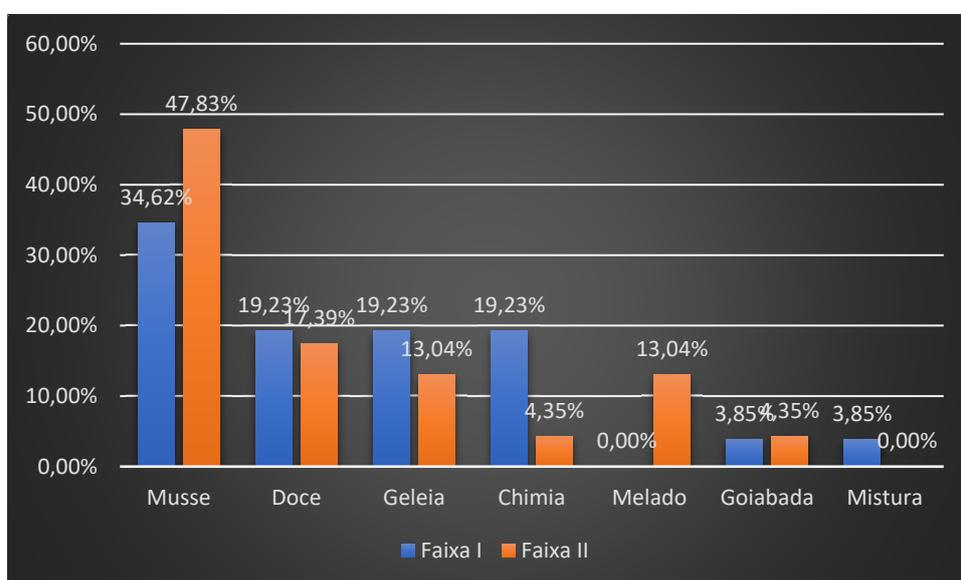
Já a variante mais produtiva, *musse*, aparece em quase todas as respostas, com ressalva apenas no ponto 8, Salinas, onde não ocorreu essa resposta.

A segunda variante mais produtiva, *doce*, aparece com mais frequência nas respostas dos informantes da faixa I, 18 a 30, com 100% das ocorrências no ponto 8,

Salinas. Isto ocorre devido a mudanças de hábitos dos informantes mais jovens que normalmente utilizam produtos industrializados, assim como acontece com as variantes *mistura* e *geleia* que apareceram em respostas dos informantes da mesma faixa.

Apresentamos na sequência, um gráfico que ilustra as respostas dos informantes das duas faixas etárias.

Gráfico 1: Distribuição diageracional das variantes lexicais de musse, conforme levantamento de dados para a questão 43.



Elaborado pela autora

Outra importante observação nos levantamentos dos dados para o QSL em questão é a preferência pelo léxico *chimia* por parte dos informantes mais jovens. Como observamos nos resultados, foram cinco respostas *chimia* entre os mais jovens e apenas uma para os informantes da faixa II. E, quanto a isto, observamos que os mais jovens que responderam *chimia*, trazem fortes influências familiares, como demonstramos nos depoimentos.

(043)

Geleia/ musse/chimia: doce de fruta para passar no pão

INQ. -

INF.- *musse, chimia, geleia*

INQ. – *chimia? Você costuma falar chimia?*

INF. – *Não, a mãe fala, vamo chimiar o pão pra comê, assim, eu falo mais musse mesmo.*

Esta fala é de uma informante da faixa etária I, no ponto 2, Pinheiros, área rural. No próximo inquérito, destacamos a fala de um informante masculino, 30 anos, ponto 5, Costeira, e o último inquérito é de uma jovem de 30 anos, ponto 5, Perequê.

(043)

Geleia/ musse/chimia: doce de fruta para passar no pão

INQ. -

INF.- *chimia (risos) minha mãe faz, mas é de ovo batido com açúcar*

(043)

Geleia/ musse/chimia: doce de fruta para passar no pão

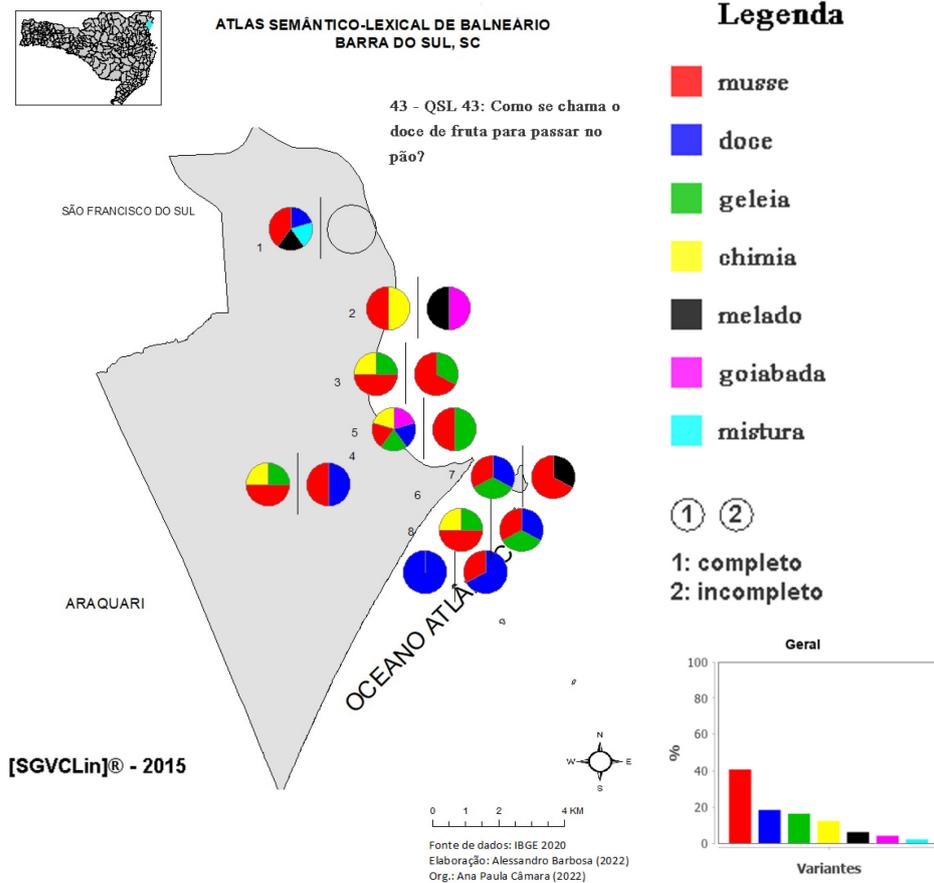
INQ. -

INF.- *geleia, chimia. Eu conhecia dois tipo de chimia, a de ovo e a de fruta, quando era criança minha vó fazia de ovo.*

Na sequência, temos os resultados por nível de escolaridade. A próxima carta, a L43c, traz a descrição dos resultados

Figura 10 – Distribuição diatópica e diastrática das variantes de MUSSE em Balneário Barra do Sul (QSL 43)

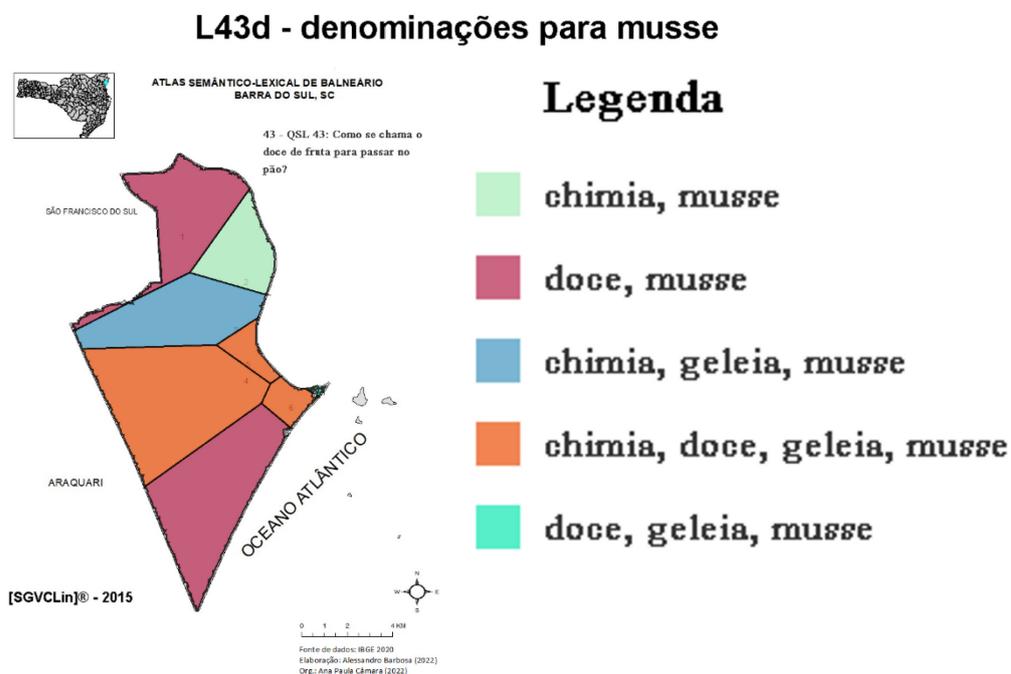
L43c - denominações para musse



A carta L043c demonstra que as variantes são usadas indistintamente por falantes mais e menos escolarizados, com exceção do ponto 8, Salinas, onde ocorreu a variante *doce* foi a única resposta. Todos os demais pontos possuem respostas variadas para informantes que foram estratificados no nível de escolaridade 1, ensino médio completo. No ponto 1, Conquista, e no ponto 5, Costeira, há um poliformismo de respostas. Isto revela que os informantes com mais escolaridade possuem um repertório mais amplo. Contudo, na maioria dos pontos, o léxico *musse* aparece, com exceção dos informantes menos escolarizados dos pontos 2, área rural, e o ponto 8, área urbana.

Na próxima carta, temos o resultado por área das variantes mais produtivas.

Figura 11 – Carta de arealidade das variantes para MUSSE em Balneário Barra do Sul (QSL 43)

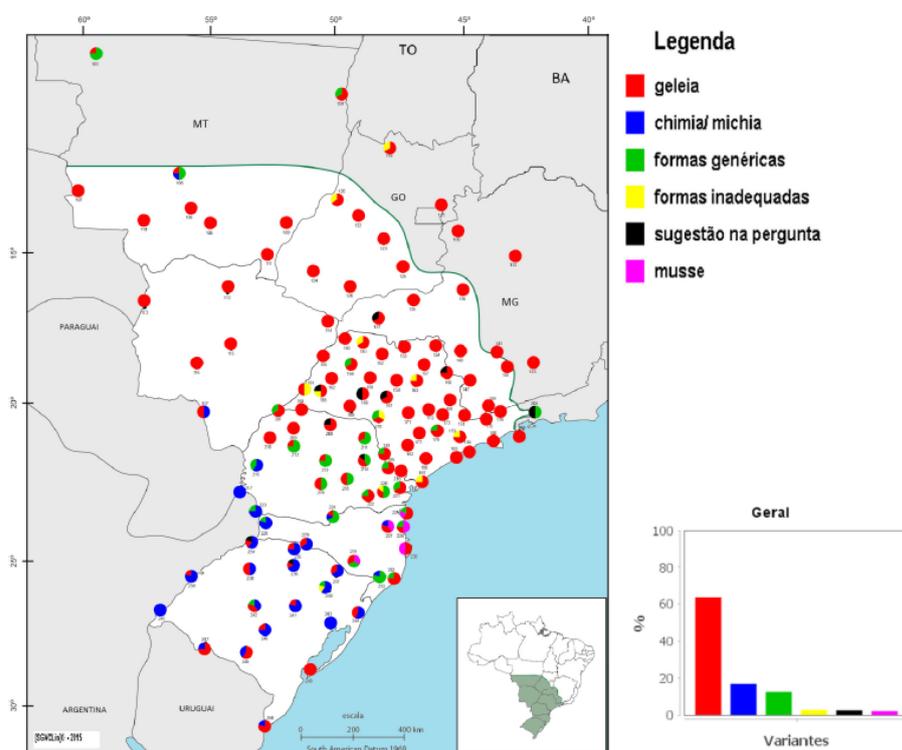


As variantes *musse* e *chimia*, aparecem com exclusividade no ponto 2, Tetequera, como observamos na carta de arealidade. No ponto 3, Pinheiros, temos a preferência para *chimia, geleia e musse*. Já nos dois extremos, ponto 1, Conquista, e ponto 8, Salinas, temos as respostas *musse e doce*. E nos pontos 4, Pereque, área rural, pontos 5, Costeira, 6, Centro, e 7, identificado pela cor verde claro, no canto direito do mapa, Boca da Barra, ambos na área urbana, as variantes, *musse, chimia e doce* aparecem. Como observamos, em todo o Balneário a variante *musse* aparece, demonstrando a preferência dos informantes.

6.2.2 Comparação com outras pesquisas para MUSSE

ROMANO (2015, p. 123) traz a descrição diatópica das variantes para o QSL 177, ALIB, *geleia*, com os seguintes resultados nas regiões Centro e Sul do Brasil.

Figura 12: Resultados para a variante “musse”, no ALiB



Fonte: Banco de dados do ALiB (2015)

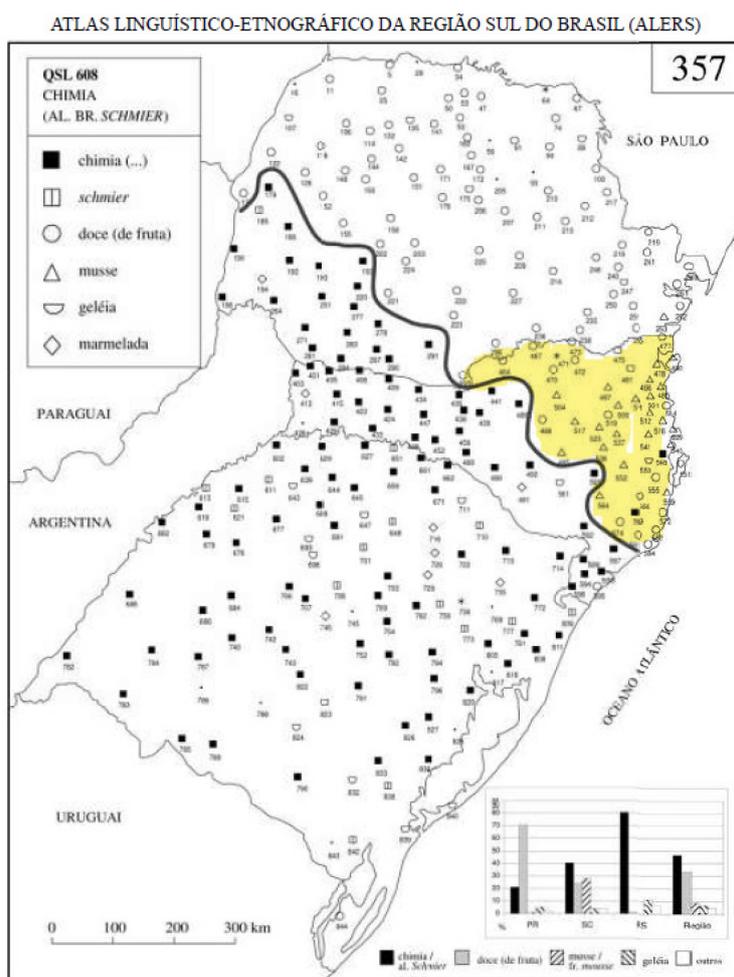
Fonte: Romano (2015, p. 123).

Na figura 12, aparecem os resultados do Projeto AliB, 2015, para a variante *musse* e suas designações. Na ilustração, percebe-se que a variante *musse* aparece exclusivamente em Santa Catarina, nos seguintes pontos de pesquisa: 225 (São Francisco do Sul); 227 (Blumenau); 228 (Itajaí); 230 (Florianópolis), todos no litoral norte; e, 231 (Lages). na região Serrana. E a variante *chimia* aparece em Blumenau (ponto 228), Criciúma (ponto 233); São Miguel do Oeste (ponto 226), em Santa Catarina, mas também em diversas outras áreas dos estados vizinhos, principalmente no Rio Grande do Sul e sudoeste do Paraná.

Já no ALERS, resultados apresentados na carta de número 357, página 811, para o QSL de número 608, cujo item é *chimia*, a variante *musse* aparece em diversos pontos de inquérito em Santa Catarina, a saber: ponto 485, Luiz Alves; 496, Otacílio Costa; 501, Vale do Itajaí; 504, Rio do Campo; ponto 516, Camboriú; 517, Rio do Sul; ponto 529, Porto Belo; 559, Paulo Lopes e o ponto 564, na região de Urubici. A maioria dessas

regiões são litorâneas. *Chimia*, aparece no ponto 548, município de Antônio Carlos e no ponto 569, Braço do Norte. Semelhantemente, ao Projeto ALIB, na carta do ALERS, a variante *chimia*, aparece em boa parte dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Figura 13: Resultados para a variante “musse”, no ALERS



Fonte: ALERS, 2011, v. 2, p. 811.

Comparando os dados das três pesquisas, pode-se comprovar que Santa Catarina possui traços demarcadores de bilinguismo e empréstimo de línguas de colonização, como é o caso do léxico *chimia*, *shimier*, pois apareceu em cinco, dos oito pontos de inquérito pesquisados neste estudo. Nas demais pesquisas, o item cobre praticamente toda a região do Paraná e em Rio Grande do Sul, como vemos nas figuras (11 e 12).

Quanto à variante *musse*, exclusivamente em uma área específica de Santa Catarina, em municípios de influência das línguas de colonização europeia, entre os quais se incluem o de Balneário Barra do Sul. Isso responde, portanto, a primeira hipótese desta pesquisa, confirmando-se a existência de influências de línguas de imigrantes europeus nos falares de Balneário Barra do Sul.

6.3 Campo semântico JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

6.3.1 Análise das variantes lexicais para “BOLINHA DE GUDE” (QSL 37)

A terceira questão a ser avaliada é a de número 37 do questionário, “como se chama o brinquedo em que se usam “coisinhas redondas de vidro”, que teve um total de 52 respostas, quais optou-se por agrupá-las nos casos em que o étimo é o mesmo. Na tabela de número 4, podem-se observar as variantes mais produtivas para a QSL 37.

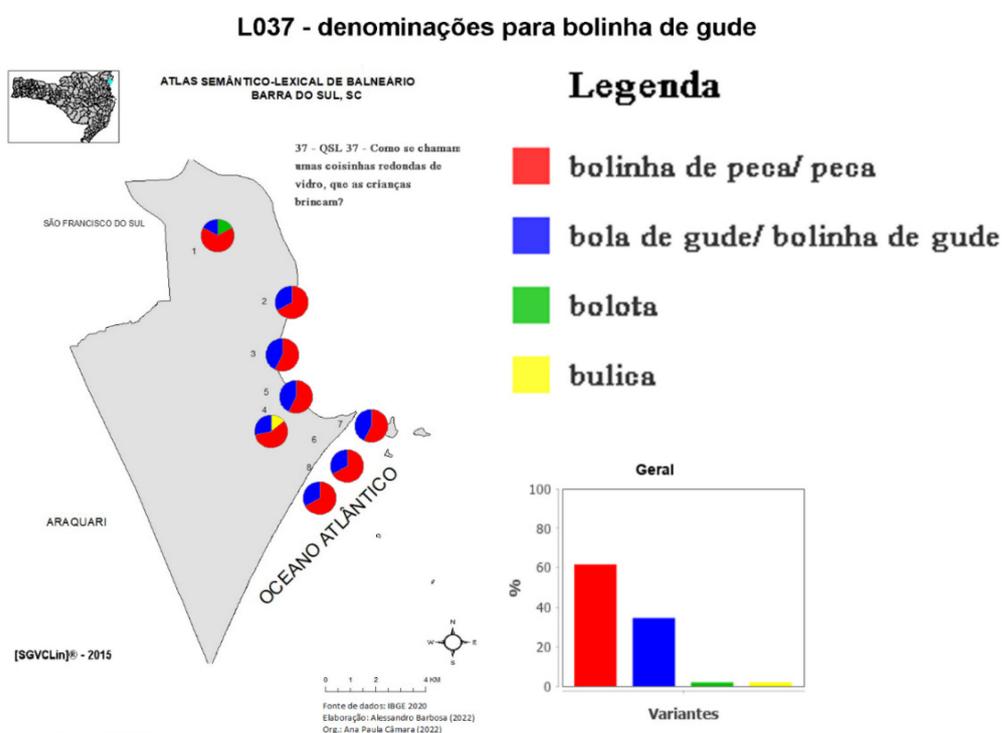
Tabela 3: Distribuição geral das variantes lexicais para bolinha de gude (QSL 37).

Variantes	Número de ocorrências	%
Peca/bolinha de peca	32	61,54
Bola de gude/ bolinha de gude	18	34,62
Bolota	1	1,92
Bulica	1	1,92

Elaborado pela autora

Com 61,54% de produtividade, a variante *peca* aparece nas respostas de todos os informantes. Os resultados demonstram que essa variante é recorrente em Balneário Barra do Sul. Trata-se de item lexical de uso exclusivo na região do litoral norte de Santa Catarina, conforme dados obtidos pelos pesquisadores do Atlas Linguístico – Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMAN (Org.), 2011) na carta de número 302, que será demonstrada nesta análise, identificada pela Figura de número 19.

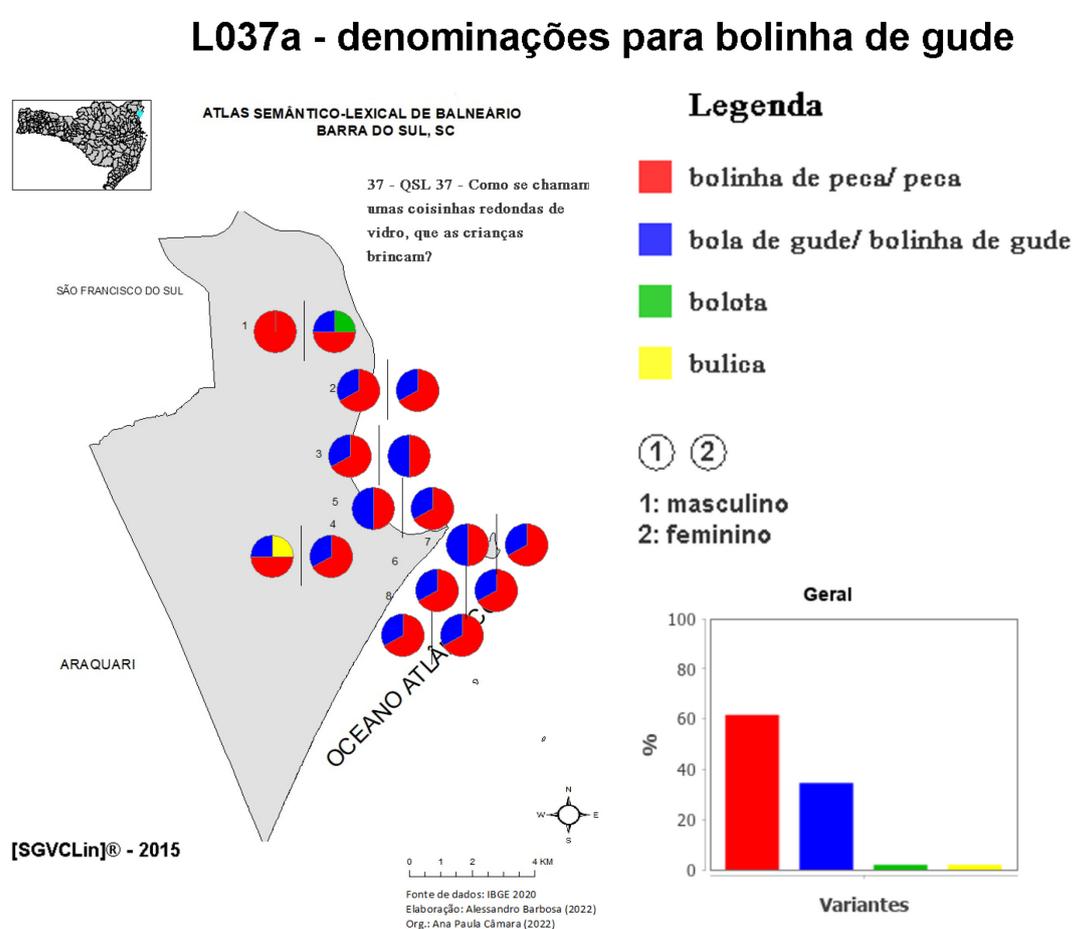
Figura 14 – Distribuição diatópica das variantes de BOLINHA DE GUDE em Balneário Barra do Sul (QSL 37)



Como notamos na figura, a variante mais produtiva *peca/bolinha de peca* aparece em todo o Balneário, na área rural, nas localidades 1, 2, 3 e 4, respectivamente, Conquista, Tetequera, Pinheiros e Perequê, e nas áreas urbanas: Costeira, ponto 5, Centro, ponto 6, Boca da Barra, ponto 7 e Salinas, ponto 8. Na representação, percebe-se também, que as variantes *bolota* e *bulica*, aparecem na área rural, nas comunidades Conquista e Perequê. Nas demais, as variantes *bola de gude* e *bolinha de gude* aparecem.

Desse modo, os resultados comprovam que no litoral norte de Santa Catarina há um vocábulo próprio para *bolinha de gude*, o que torna possível afirmar que a variante *peca* é própria da referida região, nas dimensões diastrática, diassexual e diagerassional, conforme vemos nas próximas cartas.

Figura 15 – Distribuição diatópica e diassexual das variantes de BOLINHA DE GUDE em Balneário Barra do Sul (QSL 37)



Nesta carta, fica evidente que homens e mulheres concorrem em praticamente todas as respostas, entre a variante *peca*, *bolinha de gude* e *bola de gude*. Com diferença apenas nos pontos 1, Conquista e 4, Perequê em que aparecem as variantes *bolota* e *bulica*.

Sobre a variante *bulica*, nas pesquisas do Projeto ALiB, ela aparece registrada em Porto União, ponto 224; Concórdia, ponto 229; e 231, Lages, como se pode observar na Figura 20 deste texto. E em Balneário Barra do Sul, a variante aparece uma vez na área rural do município. No entanto, na pesquisa do ALERS, não há nenhuma incidência de *bulica* em Santa Catarina.

Evidencia-se que a área estudada ainda preserva traços das zonas isoléxicas registradas no ALERS. Ademais, quanto aos resultados, de certo modo, contribuem, ainda que parcialmente, com a hipótese de Margotti e Vieira (2006, p.258) relativamente à área lateral no Nordeste do Estado como sendo “isenta de projeções rio-grandenses e hipoteticamente influenciada pelas projeções paranaenses”. Contudo, essa área não possui influências de projeção paranaense, no que diz respeito a variantes de “bola/bolinha de gude”, configurando-se em uma área com traços únicos.

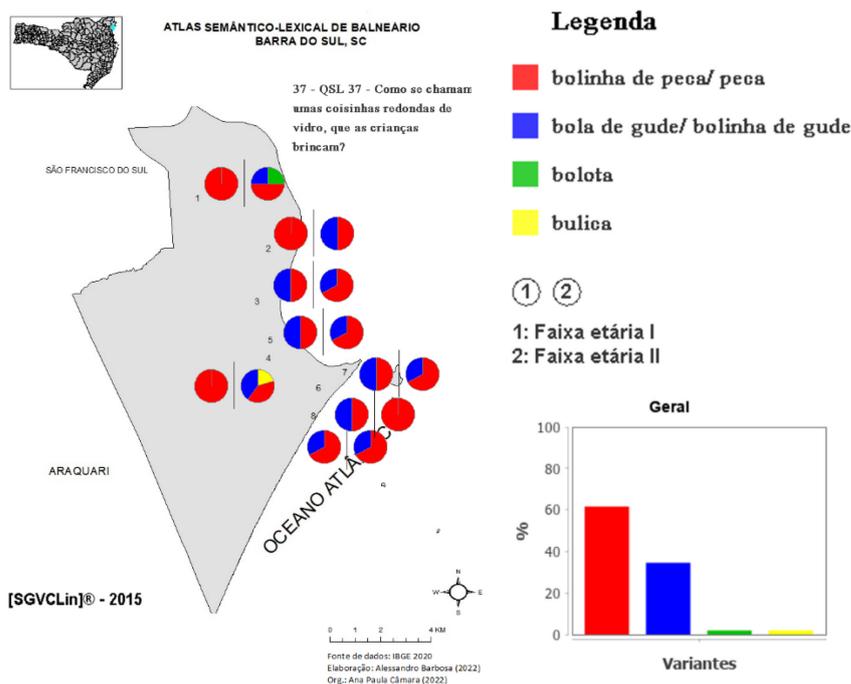
Quanto ao lexema *bulica*, não documentada no ALERS, mas no ALiB, em uma área geográfica localizada na parte central de Santa Catarina, região de Lages, configura em uma área mais restrita a determinados fenômenos do léxico, conforme Altenhofen (2005, p. 197) definiu em seu estudo, ilustrado na hipótese 8, p. 92. Trata-se de região perpassada pela rota de tropeiros paulistas e sul-rio-grandenses e, como tal, área com a presença de traços linguísticos trazidos do Sul em direção norte e vice-versa.

Portanto, considerando que o Balneário Barra do Sul guarda certas tradições ou particularidades na fala, a variante *bulica*, registrada no ponto na fala de um homem da área rural, no ponto 4, pode estar relacionada ao contato com alguns gaúchos da região, pois nas proximidades da localidade Perequê há a sede do C.T.G Tropeiros da Amizade, local onde os moradores mantêm as tradições gaúchas.

Na próxima carta, temos a descrição dos fenômenos lexicais por faixa etária, a carta L37b, com a dimensão diageracional.

Figura 16 – Distribuição diatópica e diageracional das variantes de BOLINHA DE GUDE em Balneário Barra do Sul (QSL 37)

L37b - denominações para bolinha de gude



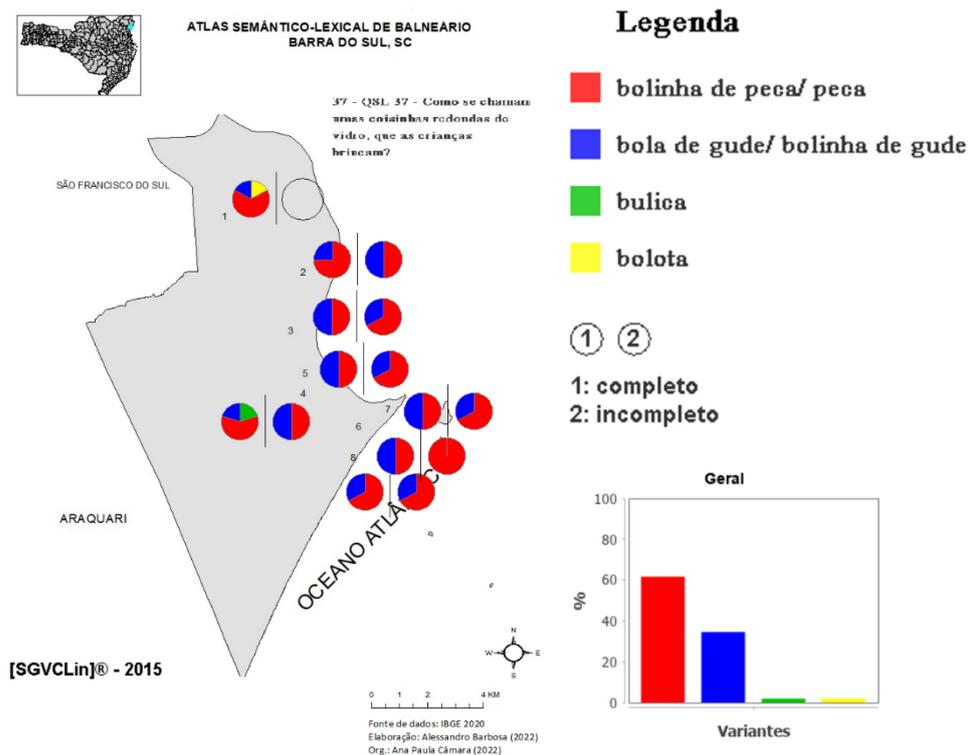
A diferença de produtividade nas variantes para a dimensão diageracional está na faixa II, com a ocorrência das variantes *bolota*, ponto 1, Conquista, e variante *bulica*, no ponto 4, ambos da área rural, revelando, portanto, uma variação diageracional.

No entanto, nos demais pontos, temos resultados muito semelhantes entre as faixas etárias, o que comprova que as variantes mais produtivas ocorrem nas duas faixas. Reforça-se, também, que em três pontos da área rural, ponto 1, Conquista, ponto 2, Pinheiros, e ponto 4, Perequê, a variante *peca* aparece com 100% de produtividade. São regiões localizadas ao Norte, ou seja, mais próximas de São Francisco e Joinville, pontos em que a variante *peca* aparece diatopicamente marcada nos dados documentados no ALERS e no AliB, como observamos nas Figuras 19 e 20.

Na sequência, na carta L37c, temos a demonstração dos resultados por nível de escolaridade.

Figura 17 – Distribuição diatópica e diastrática das variantes de BOLINHA DE GUDE em Balneário Barra do Sul (QSL 37)

L37c - denominações para bolinha de gude

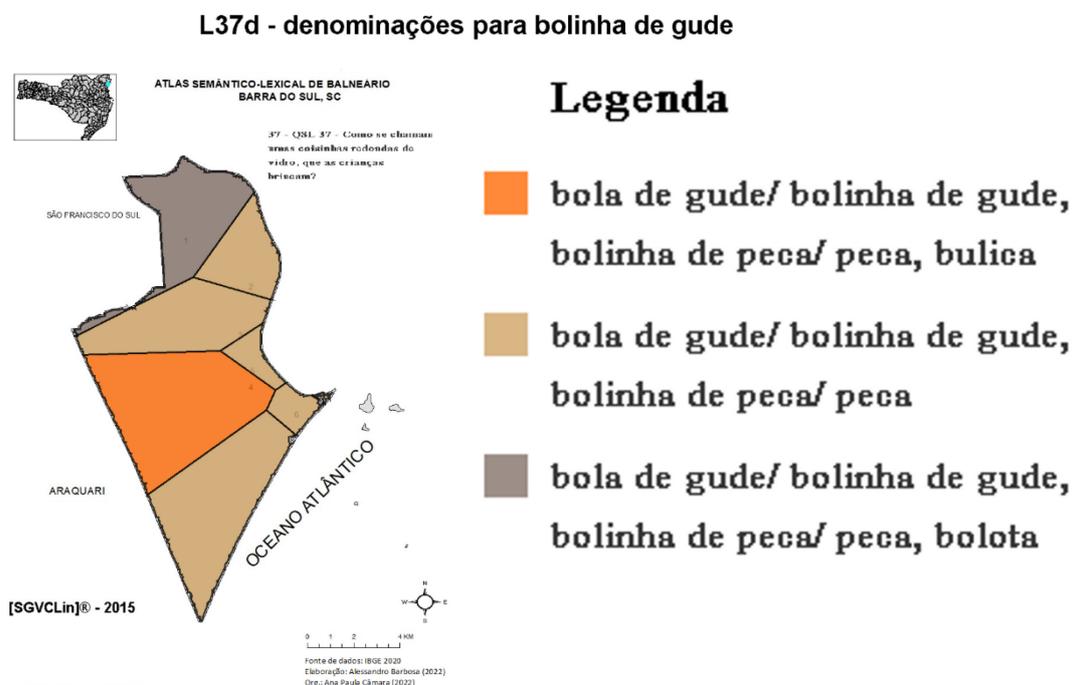


As variantes *bolota* e *bulica*, aparecem especialmente na resposta dos informantes que possuem o ensino médio completo, os quais também pertencem à faixa II, ou seja, informantes de 50 a 65 anos. Vale lembrar, que as variantes *bolota* e *bulica* são dicionarizadas, conforme DICIONÁRIO HOUASS (2022) e trazem os seguintes significados: *bolota*, pequena bola; qualquer objeto de forma arredondada e *bulica*, significa bola de gude (p.t BR) é uma pequena bola de vidro maciço, pedra ou metal, que pode ser translúcida, manchada ou intensamente colorida, de tamanho variável, usada em jogos infantis. Isto pode comprovar a produtividade das variantes para o nível médio completo.

Já a variante *peca* não é dicionarizada, sendo, portanto, uma variante regional, popularizada em áreas que ficam no litoral norte/nordeste do estado de Santa Catarina.

A última carta linguística a ser apresentada para a QSL 37 é a de arealidade, e tem o objetivo de demonstrar a produtividade por ponto de inquérito de todas as variantes, conforme figura 18.

Figura 18 – Carta de arealidade das variantes de BOLINHA DE GUDE em Balneário Barra do Sul (QSL 37)



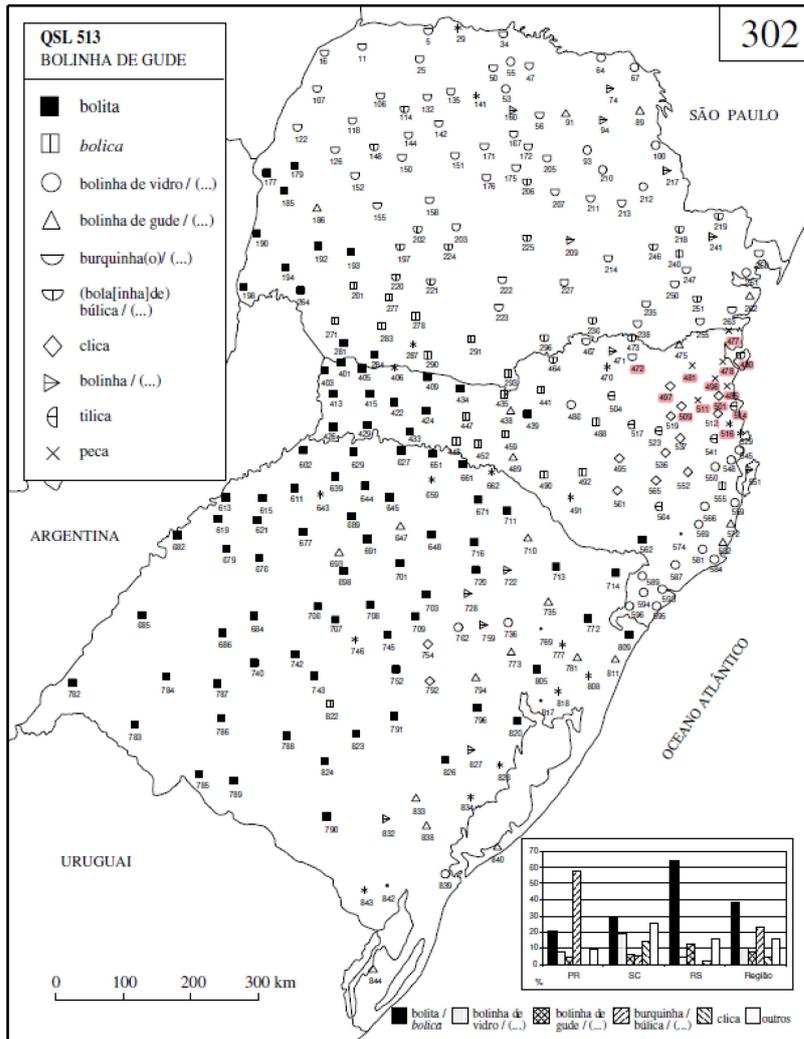
De acordo com a carta de arealidade (Figura 18), comprovamos que as variantes *peca*, *bolinha de peca*, *bola de gude* e *bolinha de gude* aparecem em todo o Balneário Barra do Sul, contudo, vale lembrar, que a variante *peca* aparece na resposta dos 32 informantes dessa pesquisa, confirmando o que pesquisas anteriores já documentaram sobre a área localizada ao litoral norte/nordeste de Santa Catarina, uma área que ainda preserva traços das zonas lexicais documentadas no ALERS, conforme a hipótese de Margotti e Vieira (2006, p. 258).

- Destaca-se, ainda, que, levando em consideração à terceira hipótese desta dissertação, que diz respeito às diferenças lexicais entre área rural e urbana, podemos dizer que o aparecimento dos itens *bolota*, documentado no bairro Conquista, área rural, e *bulica*, item lexical que aparece na resposta de um informante da área 3, confirma que, de fato, que há diferenças lexicais em áreas rural e urbana do Balneário Barra do Sul-SC.

6.3.2 Comparação com outras pesquisas

Com relação ao Projeto ALiB, na questão de número 156, a variante *peca* aparece produtiva em regiões próximas à estudada nesta pesquisa e no ALERS, a carta 302, traz os resultados que demonstram a produtividade da variante em regiões semelhantes às do AliB, como observamos expressos nas próximas Figuras, 19 ALERS e 20, AliB.

Figura 19: Resultados para a variante “BOLINHA DE GUDE”, no ALERS

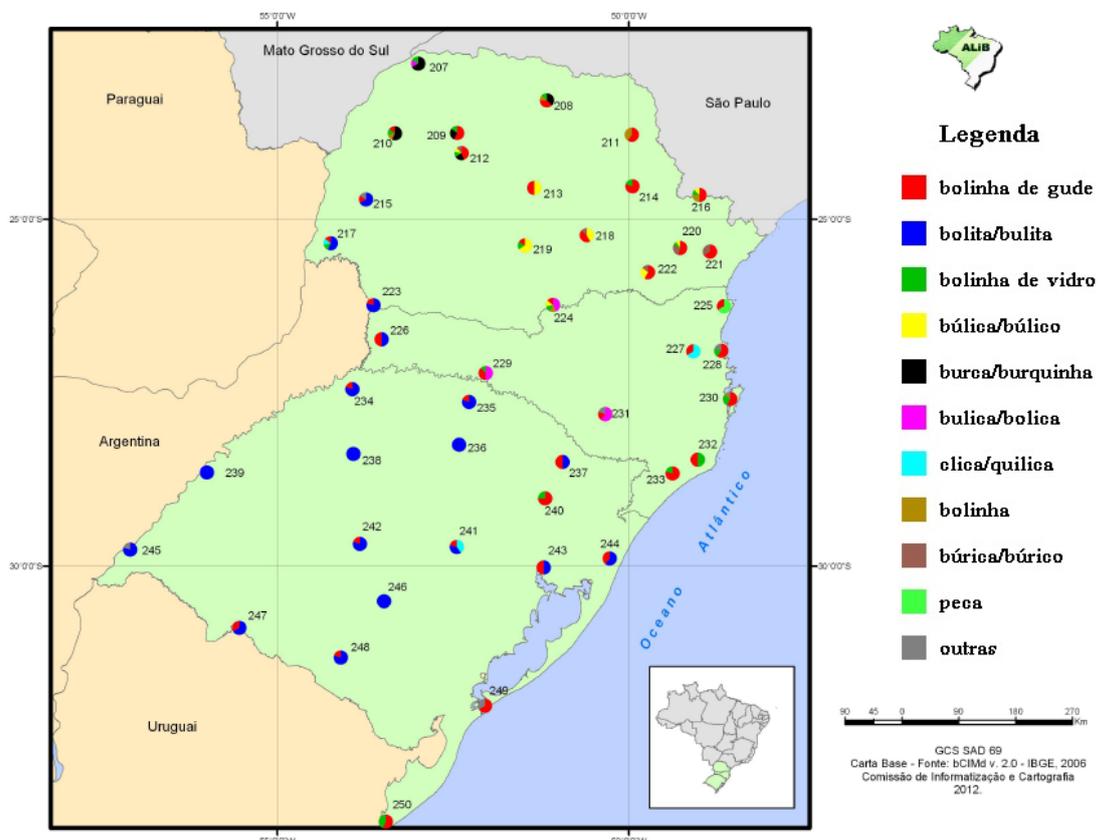


Fonte: ALERS (2011)

No mapa, os pontos em que aparece a variante *peca* são: São Bento do Sul, Corupá, Massaranduba, Jaraguá do Sul, Barra Velha, São Francisco do Sul e Joinville, áreas do litoral norte de Santa Catarina, e em Blumenau, Gaspar e Luiz Alves, cidades localizadas no Vale do Itajaí-Açu. O município Balneário Barra do Sul fica entre São Francisco do Sul e Joinville.

No projeto ALiB, as pesquisas feitas na Região Sul do Brasil cobriram 39 municípios do interior e as três capitais: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Em cada uma das localidades foram entrevistados informantes, distribuídos equitativamente entre as variáveis sexo e faixa etária, um homem e uma mulher com idade entre 18 e 30 anos, e um homem e uma mulher com idade entre 50 e 65 anos, todos com ensino fundamental completo, a que se acrescentam, nas capitais, mais quatro informantes do mesmo perfil, mas com nível superior.

Figura 20: Resultados para a variante “BOLINHA DE GUDE”, no ALiB



Fonte: Fonte: MARGOTTI, F. W.; ELTERMANN, A. C. F. In: LIMA; RAZKY; OLIVEIRA (ORGs.), 2021, p. 124.

6.4 Questões REGIONAIS

6.4.1 Análise das variantes lexicais LAUSENTO/LAUSENTO

Balneário Barra do Sul é um município que preserva muito a sua cultura, especialmente a linguagem dos pescadores e descascadoras de camarão, e muitas palavras surgiram desde os primeiros colonizadores, como é o caso da palavra *lausento* (a), um adjetivo atribuído a pessoas que gostam de falar demais, contar histórias, ou mesmo se exhibir para empolgar o público.

Segundo alguns moradores entrevistados, essa palavra foi trazida pelos imigrantes gaúchos que fixaram morada no Balneário. Porém, originalmente o termo “laúsa” significava cortejar alguém, paquerar, namorar, conforme o depoimento de um dos informantes.

(061)

Lausento (a): pessoa que quer se aparecer, acha-se demais, conta vantagem.

INF. – lausento (risos) laúsa é aplicada para várias coisas

INQ. – Conta!

INF. – Na verdade essa palavra quem trouxe foi os gaúcho, lá no Rio Grande significa paquera, fazê cortesia pra mulhé (risos).

tesia pra mulhé (risos).

Contudo, ao pesquisar em dicionários descobrimos que existe a palavra “laúza”, escrita com “z”, no dicionário HOUAISS (2022), cujo significado é, “grande barulho ou confusão, geralmente em estádios de futebol, eventos”. O verbete traz origem desconhecida, ou seja, não sabemos de onde surgiu a palavra, sendo difícil, portanto, saber seu real significado. No Balneário Barra do Sul, fazer uma *laúsa* significa exhibir-se, contar vantagem, contar muita história, a fim de empolgar as pessoas, diferentemente do significado atribuído ao verbete *laúza*, encontrado no dicionário HOUAISS.

Na Tabela 04 apresentamos as variantes obtidas por meio da QSL 61.

Tabela 04: Distribuição geral das variantes lexicais de lausento/lausenta, conforme levantamento de dados para a questão 061.

Variantes	Número de ocorrências	%
Lausenta/lausento	17	28,81
Metido/metida	11	18,64
Se acha/ se achão	5	8,47
Pedaço de bobo	4	6,78
Garganta/gargantiando/grande garganta	3	5,08
Papudo	3	5,08
Contador de história/ contadô de história	2	3,39
Gavola	2	3,39
Mentiroso	2	3,39
Sabe tudo/sabidão	2	3,39
Faladô	1	1,69
Gralha	1	1,69
Essezinho	1	1,69
Enjoado	1	1,69
Conversadô	1	1,69

Prosa	1	1,69
Boca aberta	1	1,69
Fazendo migué	1	1,69

Elaborada pela autora

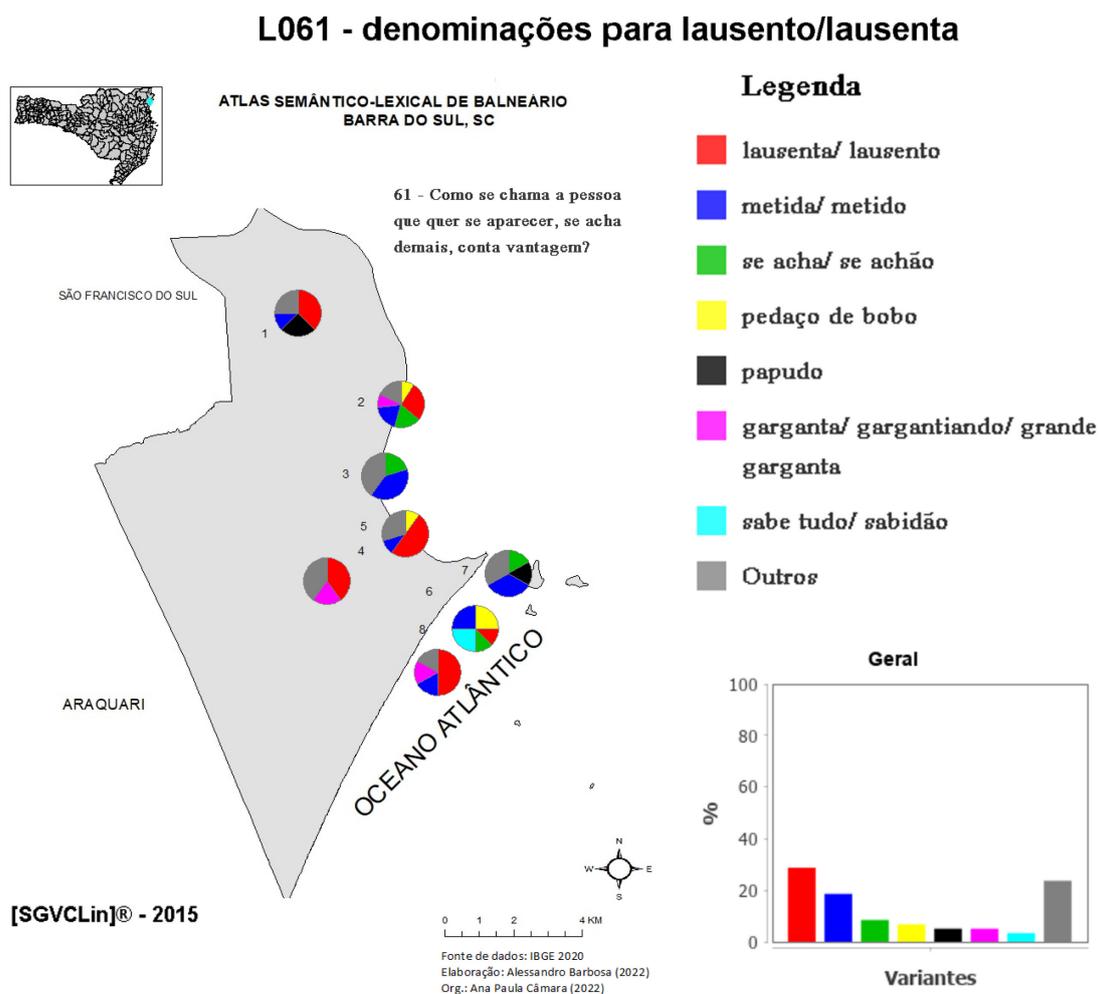
Foram no total 60 respostas produzidas pelos 32 informantes e, de acordo com a tabela, observa-se que o léxico *lausento/lausenta*, não dicionarizado, aparece em primeiro lugar, com 28,81%, o que equivale a 17 respostas. Em segundo lugar, temos as variantes *metido/metida*, com 11 respostas, somando 18,64%, seguido de *se acha, se achão*, expressões populares, gírias, com 8,47%. A expressão *pedaço de bobo*, tida como uma expressão regional, ocorreu em 6,78% das respostas. As variantes *garganta, gargantiando* e *papudo*, ambas com 3 respostas, perfizeram 5,08% cada uma. *Contador de histórias* e *contadô de histórias*, em que houve o apagamento do rótico, *gavola, mentiroso* e *sabe tudo/sabidão* tiveram 3,39% de ocorrência cada uma. E, por fim, as formas *hápax legomena*, isto é, de única ocorrência, citam-se: *faladô*, outra variação na marcação do infinito do verbo, assim como em *conversadô, gralha, essezinho, enjoado, prosa, boca aberta* e *fazendo migué*, o que equivale a 1,69% cada uma. Essas palavras, com apenas 1 resposta, agrupamos no rótulo outros, nas cartas.

Sobre os resultados, importante destacar, por meio de rótulos, os significados ou designações de alguns itens, a saber:

- (i) Rótulos *hápax legomena*: enjoado, fazendo migué, faladô, garganta/gargantiando/grande garganta, esse zinho, contador de história/contadô de história, boca aberta, gralha, papudo, prosa, conversadô.
- (ii) Rótulos morfofonêmicos: lausento/lausenta, metido/metida, sabe tudo/sabidão.
- (iii) Rótulos respostas inadequadas: gargantiando, por ser verbo, não se encaixa na resposta; enjoado, por não possuir relação com a pergunta (o significado desta palavra será explicado adiante).

Na carta L61, pode-se ver com mais detalhes as ocorrências para lausento/lausenta (QSL 61).

Figura 21 – Distribuição diatópica das variantes de LAUSENTO/LAUSENTEA em Balneário Barra do Sul (QSL 61)



Podemos observar na carta diatópica que a palavra *lausento/lausenta*, aparece em quase todo o Balneário, exceto no ponto 3, Perequê, área rural, e no ponto 7, Boca da Barra, nos quais a variante *lausento/lausenta* dá lugar a outras variantes: *metido/metida*, *se acha*, *se achão*, *papudo*, entre outras denominações que foram agrupadas em *outros*. Nota-se, também, um comportamento heterogêneo de variantes para questão, em

praticamente todos os pontos de inquérito, pois as respostas variaram muito. Sobre isso podemos dizer que o referente é representado por formas polimórficas.

Entretanto, apesar de o item lexical *lausento/lausenta* ser uma expressão regional, não podemos abandonar a incidência de variantes dicionarizadas nas respostas para a questão em destaque: como se chama a pessoa que quer aparecer, se acha demais, conta vantagem? Dentre elas, temos: *metido/metida*, *enjoado*, *gavola*, *faladô*, *conversadô*, com o apagamento do fonema /R/ em final de sílaba, assim como em *contadô* de história, e *mentiroso*, mas todas com significados semelhantes, se analisarmos, segundo o Dicionário Houaiss (2020):

- (i) Metido/metida: adj. significa que ou quem se intromete no que não lhe diz respeito; indiscreto, metediço que ou quem fala da vida alheia ou inventa sobre.
- (ii) Faladô/falador: adj. que ou que fala muito, indiscreto;
- (iii) Enjoado, que no modo figurativo significa “que provoca amolação, fastio, entediante”;
- (iv) Mentiroso: adj. Que ou quem, é dado a dizer mentiras.
- (v) Contador de história: pessoa ou quem conta histórias.
- (vi) Conversador: que ou aquele que conversa, que tem prazer de conversar.

A variante *enjoado* não tem associação nenhuma com esses significados, como mostramos a definição no dicionário, portanto, podemos dizer que ela é uma expressão não apropriada, conforme mencionado anteriormente, na explicação sobre os rótulos.

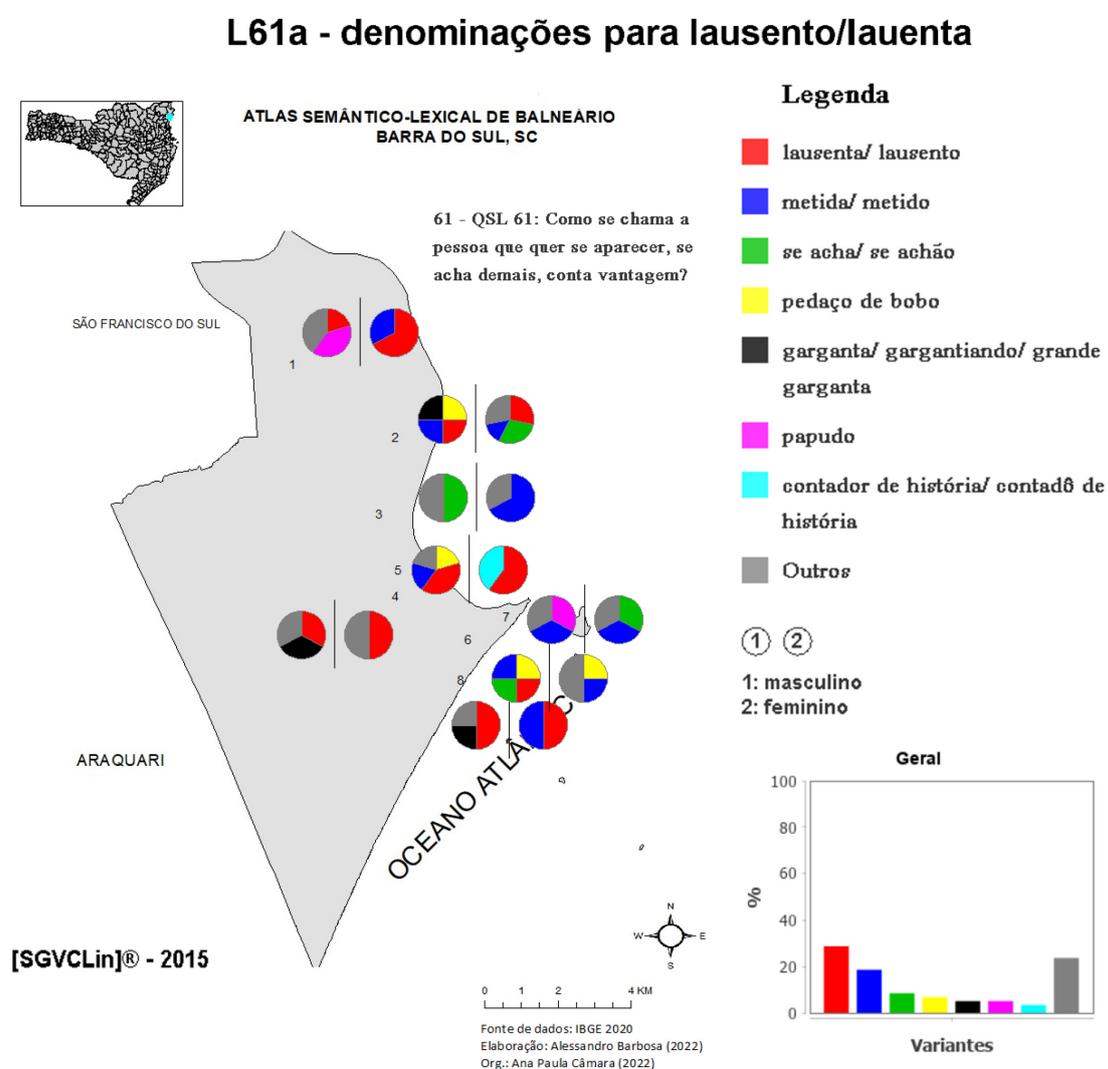
Há, ainda, outras expressões dicionarizadas, mas de cunho popular, como *prosa*, *garganta/gargantiando*, *gralha*, *sabe tudo*, *sabidão*, *papudo*. E o termo *essezinho*, verifica-se que houve uma alteração mórfica do pronome demonstrativo “esse”, ou seja, processo de derivação sufixal “zinho” “inho”. E a variante *pedaço de bobo*, que aparece em quatro respostas, revela um regionalismo, assim como a expressão *lausento*.

Já o termo *gavola* pode ser considerado uma forma lexical de caráter diageracional, já que ocorreu na resposta de dois informantes da faixa etária II, 50 a 65 anos; e tem como significado, segundo o Dicionário de Fronteira da Universidade de Santa Maria – UFSM, “rapaz que fica com uma menina e sai falando para todo mundo”, expressão popular gaúcha, e esse significado pode estar atrelado também ao termo

lausento, pois segundo alguns informantes a palavra veio do Rio Grande do Sul e significava “cortejar”, “paquerar”.

Na próxima carta, a L61a, diatópica e diasssexual, temos uma visão dos resultados distribuídos equitativamente por sexo, conforme mencionado neste texto.

Figura 22 – Distribuição diatópica e diasssexual das variantes de LAUSENTO/LAUSENTO em Balneário Barra do Sul (QSL 61)



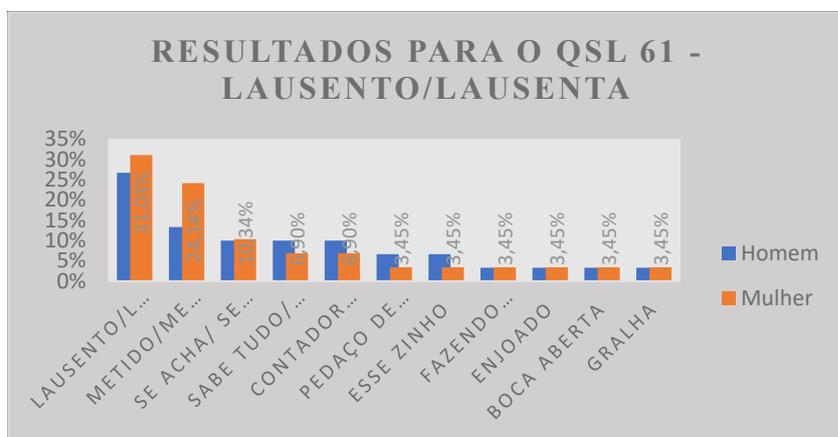
Inicialmente, ao observarmos a carta, percebemos que as variantes *lausento/lausenta* aparecem nas respostas de praticamente todos os informantes, recobrando todo o Balneário, desde o ponto 1, Conquista, localizado ao Norte do município até o ponto 8, Salinas, que fica mais ao Sul. Entretanto há 2 pontos, mais centrais no mapa em que não houve registro de *lausenta/lausenta*. Trata-se dos pontos 3, Pinheiros, área rural, e ponto 7, Boca da Barra, área urbana da cidade. Nestes pontos, a escolha foi para os léxicos, *metido/metida*, *papudo*, as expressões regionais, *se acha/se achão*, muito faladas nas regiões próximas, como Joinville, Araquari e São Francisco, e *outros*, cujos lemas são diversos, como apresenta a Tabela 05 que traz a distribuição geral para o QSL em questão.

Outra importante observação a fazer é que, de um modo geral, as mulheres optaram pelos termos *lausento/lausenta*, com mais frequência, como vemos, especialmente, nos pontos: 1, Conquista; 4, Perequê; 5, Costeira; e 8, Salinas. Contudo, foram inovadoras também ao escolherem respostas como *essezinho*, *fazendo migué*, *gralha*, *boca aberta*, *contadô* e *contador de histórias*, *sabe tudo* e *sabidão*.

Quanto aos homens, esses também apresentaram novas variantes, *garganta/gargantiando*, *grande garganta*, *papudo*, *gavola*, *mentiroso*, *faladô* e *prosa*.

Para melhor elucidar a questão, demonstramos, através de um gráfico, os resultados ao QSL 61.

Gráfico 2: Distribuição diatópica das variantes lexicais de lausento/lausenta, conforme levantamento de dados para a questão 61.

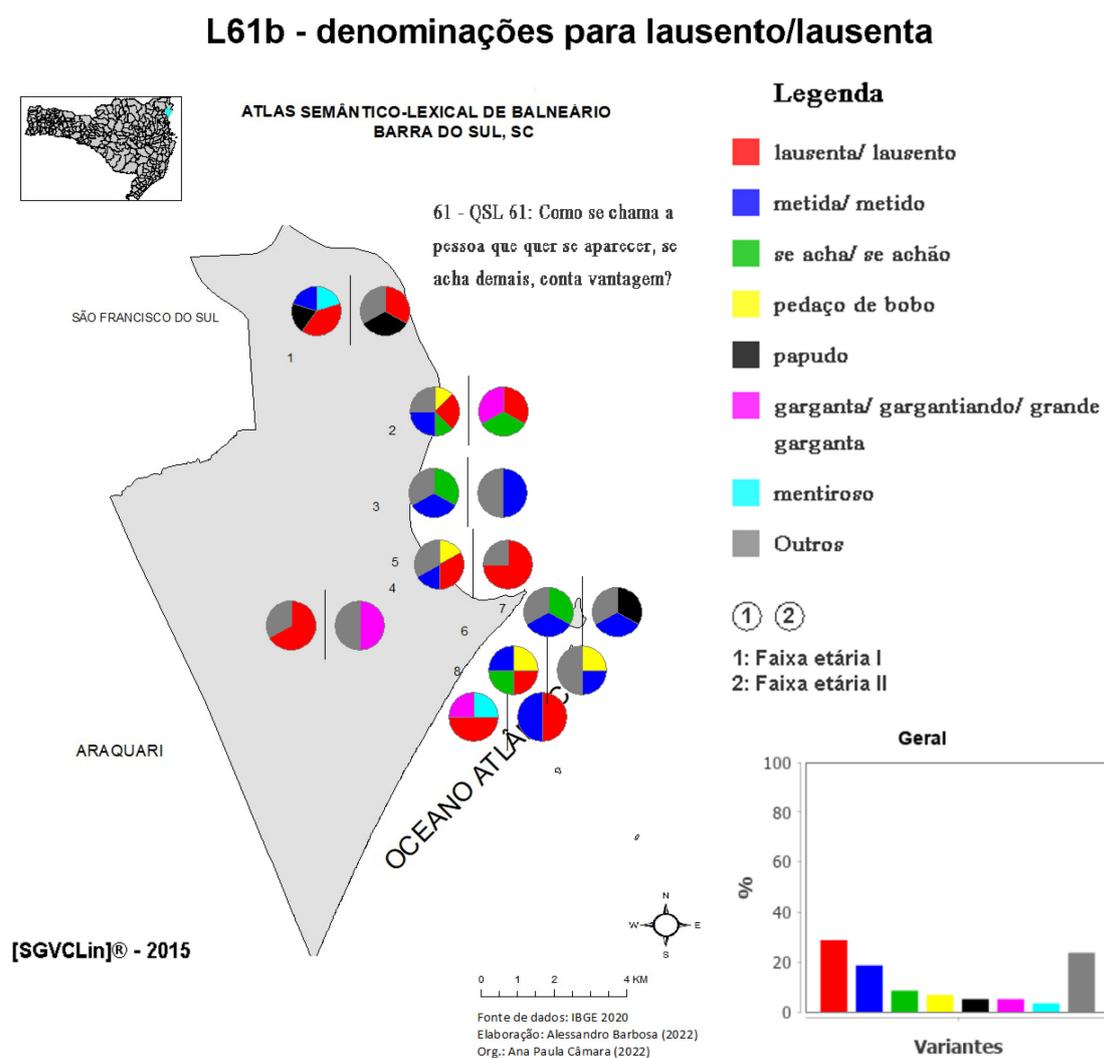


Elaborado pela autora

No gráfico, temos os resultados, expostos na linha horizontal, as quais demonstram as variantes mais produtivas, dispostas da esquerda para a direita e no eixo vertical, os resultados em porcentagem, contribuindo para um melhor entendimento das decorrências.

Na carta L61 b, apresentamos os resultados na dimensão diatópica e diageracional, das variantes mais produtivas, a saber: *lausento/lausenta*, *metido/metida* e *se acha/se achão*, a fim de melhor avaliar a distribuição dessas lexias nos diferentes pontos de inquérito e a distribuição na fala de pessoas mais jovens e mais velhas.

Figura 23 – Distribuição diatópica e diageracional das variantes de LAUSENTO/LAUSENTA em Balneário Barra do Sul (QSL 61)



Na faixa etária I, de 18 a 30 anos, foi registrado um número de ocorrências maior para a variante *lausento/lausenta* do que na faixa etária II, acima de 50 anos, exceto no ponto 4 (Perequê). A segunda variante mais produtiva, *metida/metido*, aparece em maior escala para os informantes mais jovens também, em seis pontos, 1, 2, 3, 5, 6 e 7, enquanto, entre os informantes da faixa II, *metido/metida* aparecem somente em 4 pontos: 3, 6, 7 e 8. As terceiras expressões mais faladas, consideradas regionalismos, *se acha/ se achão*, aparecem em 4 pontos, dois na área rural, ponto 2 e 3, e dois localizados na área urbana, 6 e 7, nas respostas dos informantes da faixa etária I, e apenas em um ponto, da área rural, ponto 3, para a faixa etária II.

Quanto à expressão regionalista *pedaço de bobo*, a preferência deu-se pelos informantes mais jovens, aparecendo nas áreas 2, rural, 5 e 8, ambas urbanas, e no bairro Salinas, ponto 8, teve a ocorrência da expressão por um informante da faixa II.

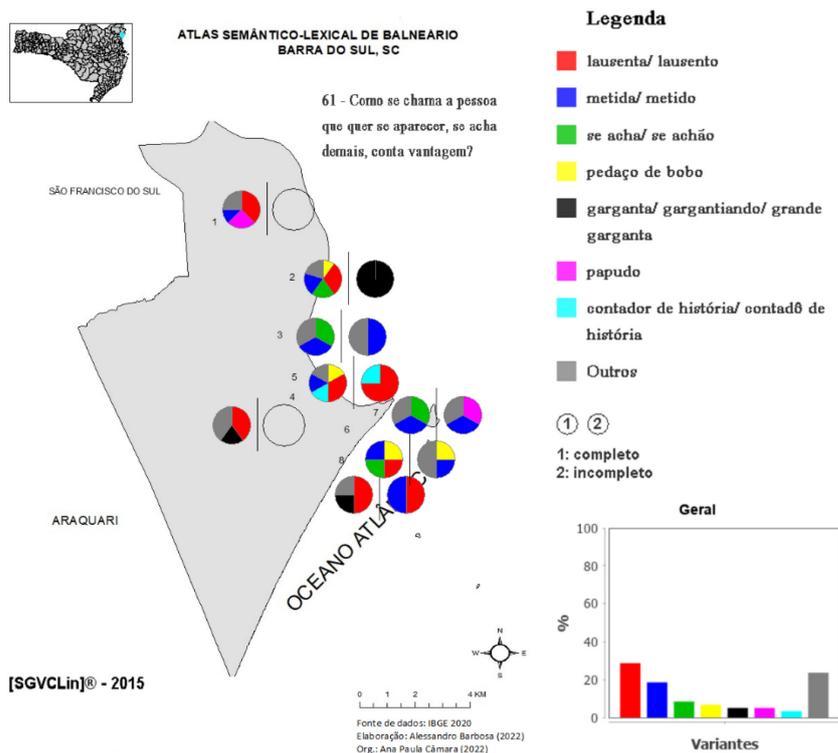
O adjetivo *mentiroso*, apareceu nas respostas somente dos informantes da faixa I, como observamos na carta, nos pontos 1, Conquista e 8, Salinas, nos dois extremos do Balneário.

Retomando, portanto, a terceira hipótese desta dissertação, “Os falantes mais jovens são mais inovadores do que os mais velhos?”, podemos afirmar que, para a QSL 61, sim, houve mais inovação nas respostas dos informantes mais jovens do que nas respostas dos mais velhos, como observamos nos resultados expressos por meio da tabela, das cartas, e do gráfico.

Na próxima carta linguística, demonstramos os resultados por nível de escolaridade.

Figura 24 – Distribuição diatópica e diastrática das variantes de LAUSENTO/LAUSENTO em Balneário Barra do Sul (QSL 61)

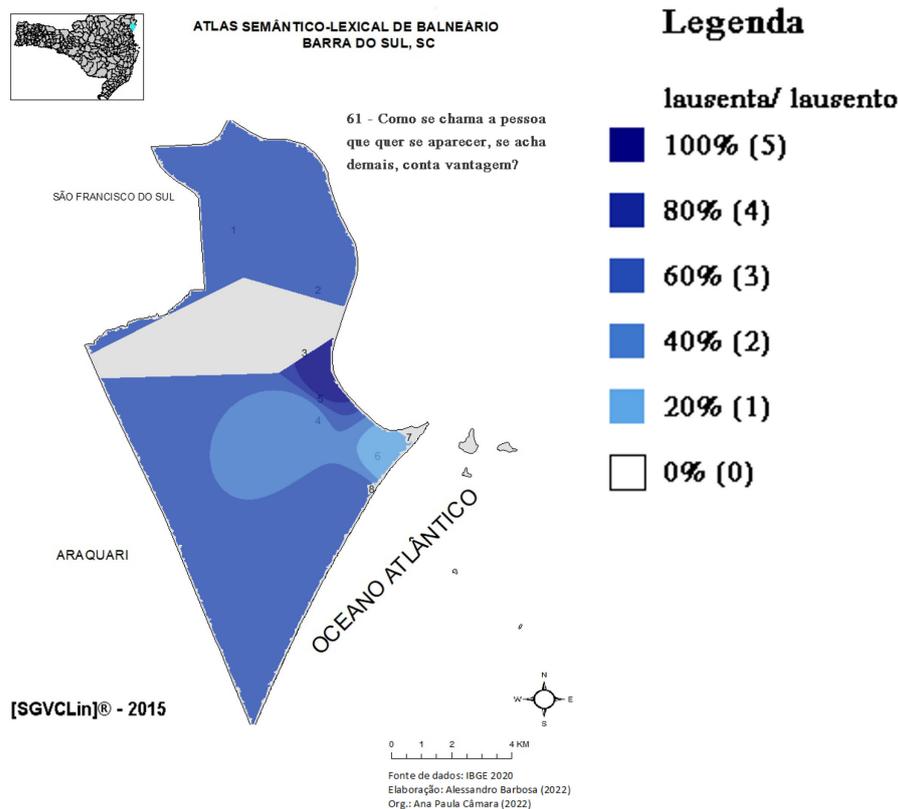
L061c - denominações para lausento/lausenta



A carta L061c traz a dimensão diastrática da variante *lausento/lausento* e das demais denominações que aparecem como resultado da pesquisa e, sobre isso, verifica-se que os informantes que possuem o ensino médio completo possuem repertório mais amplo, como observamos em todos os pontos de inquérito. Apesar disso, os informantes mais escolarizados não deixaram de produzir a variante *lausenta/lausenta*, que é a mais recorrente, com exceção apenas nos pontos 3, área rural e 7, área urbana, os únicos pontos em que não aparece *lausento/lausento*. Essa diferença pode ser observada na carta L061d, que demonstra a produtividade por área, em Barra do Sul.

Figura 25 – Carta de arealidade das variantes LAUSENTO/LAUSENTO em Balneário Barra do Sul

L061d - denominações para lausento/lausenta



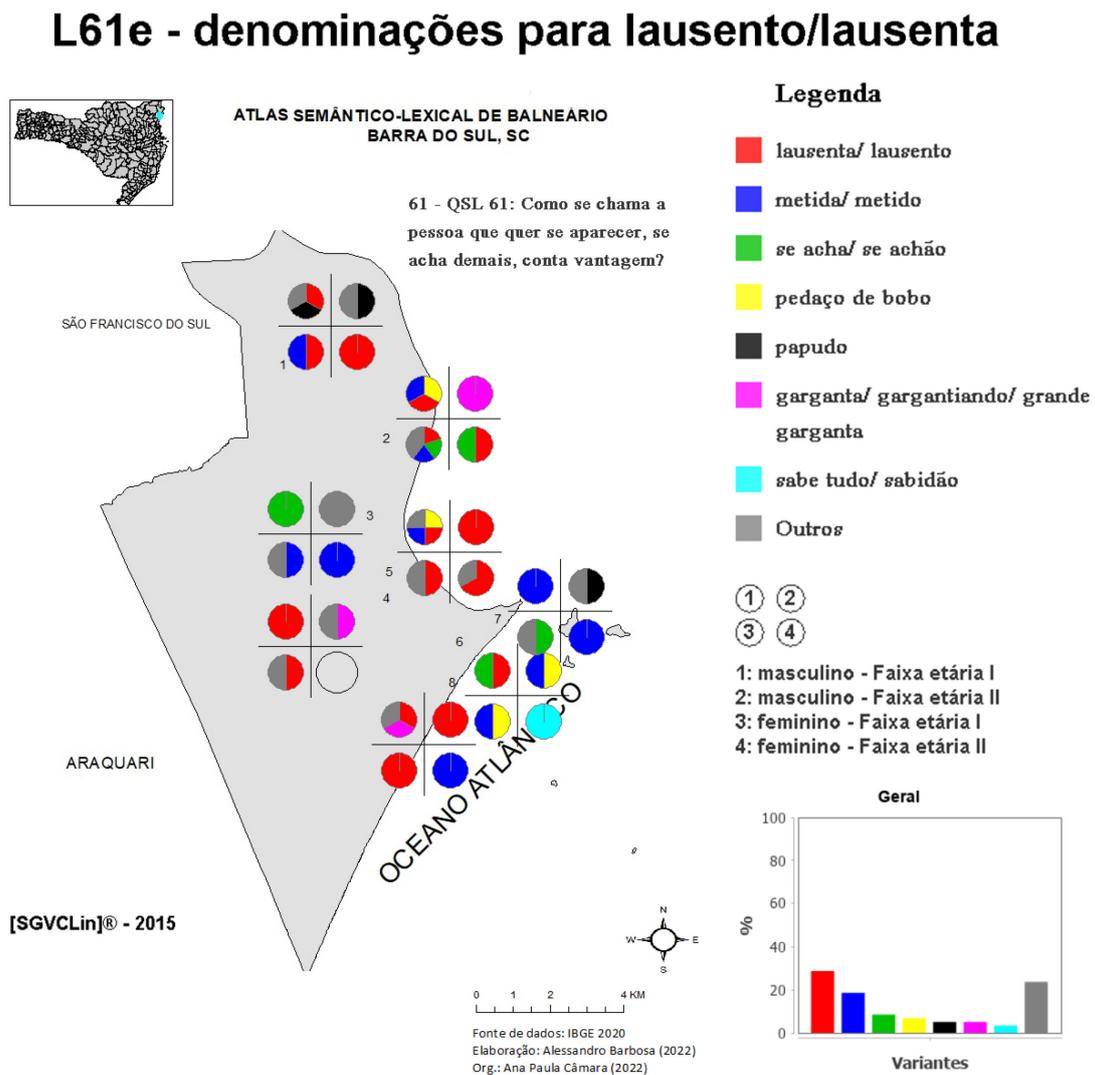
Na ilustração, percebem-se os pontos em que a variante *lausento/lausenta* é mais usada. O ponto 5, bairro Costeira, é o bairro em que se concentram as famílias mais antigas, tradicionais, e a maioria são pescadores. O ponto 6, Centro, onde aparecem 20% das respostas, é composto basicamente por comerciantes ou pessoas que trabalham ou estudam nos municípios vizinhos, Joinville, Araquari ou São Francisco do Sul, ou seja, possuem um perfil *topodinâmico*, pois interagem com outras culturas, mas, ainda assim, a palavra aparece nesse ponto.

Nas áreas rurais, ou são moradores que pouco saem do local, ou há os mais jovens que trabalham ou estudam nas cidades vizinhas, considerados com perfil *rurbano*, pois moram em área rural, mas saem para trabalhar ou estudar em áreas urbanas. Por isso, registram-se ocorrências de outras variantes. Já nos pontos, 3 (Pinheiros), e 7 (Boca da Barra), não houve escolha pelo termo *lausento/lausenta*.

A constatação da existência de informantes com perfil topodinâmico, como mencionamos no capítulo 4.2 deste texto, foi de extrema importância para o levantamento dos dados e para entender a escolha desses informantes por alguns termos.

Na próxima carta, do tipo pluridimensional, tem-se os resultados para as dimensões diatópica, diasssexual e diageracional, com o intuito de perceber as diferenças entre os informantes masculinos e femininos nas faixas etárias I e II.

Figura 26 – Distribuição diatópica diasssexual e diageracional das variantes de LAUSENTO/LAUSENTEA em Balneário Barra do Sul



Na carta pluridimensional L61e, temos os resultados de três dimensões, diatópica, diassexual e diageracional, respectivamente: 1 é homem da faixa etária I, 2 é homem da faixa etária II, 3 é mulher da faixa etária I e 4 é mulher da faixa etária II. Ao analisarmos os resultados, verificamos que os informantes homens da faixa etária I, nos pontos 1 e 2, tanto da área rural quanto da área urbana, usam formas lexicais variadas.

Entre as informantes 3, da faixa etária I, observamos que houve mais variantes nos pontos 2 (Tetequera), área rural e 8 (Salinas), área urbana, conforme a ilustração da carta linguística.

Quanto aos informantes da faixa etária II, masculino 2, e feminino 4, observamos que não há escolha de lexias diversas, e isso ocorre em praticamente todos os pontos, conforme ilustrado na carta.

Ainda sobre as variantes *metido/metida*, ressalta-se que elas aparecem com exclusividade nos pontos 3, área rural, para os informantes do sexo feminino, faixa etária II, no ponto 7, área urbana, para os informantes masculino, faixa 1, e feminino, faixa II, e no ponto 8, área urbana, feminino, faixa II.

Com a demonstração da análise dos dados para o QSL 61, *lausento/lausenta*, nas dimensões diassexual e diageracional, conforme carta linguística, fica comprovado que na faixa etária I, 18 a 30 anos, especialmente entre as mulheres, há um número maior de ocorrências, apontando, portanto, que o Balneário Barra do Sul é uma área heterogênea no que diz respeito a aspectos linguísticos – lexicais para a questão em destaque.

O próximo item regionalista a ser analisado é a variante *bobiça*, termo muito usado na em Balneário Barra do Sul e áreas próximas, como Joinville, Araquari e em São Francisco. Quando alguém fica fazendo brincadeiras bobas, diz-se: Para com essa *bobiça*! Isso é uma *bobiça*!

6.5 Análise das variantes lexicais BOBIÇA

Na região de Balneário Barra do Sul, é muito comum as pessoas se referirem à brincadeira boba, ou para quem está fazendo brincadeira boba, usando o termo *bobiça*. Dizem: “para com essa *bobiça*”; ou “isso é uma *bobiça*”. Na análise da questão, é possível

identificar a produtividade do item, expresso na Tabela 06 e nas cartas linguísticas que serão apresentadas na sequência.

Tabela 05: Distribuição geral das variantes lexicais de bobiça, conforme levantamento de dados para a questão 064.

Variantes	Número de ocorrências	%
Bobiça/bobiçada	21	53,85
Abobalhando/abobando	6	15,38
Bobage	2	5,13
Brincadeira	2	5,13
Coisa besta	2	5,13
Besteira	2	5,13
Traquinagem	1	2,56
Bobera	1	2,56
Sacanagem	1	2,56
Laúsa	1	2,56

Elabora pela autora

Por meio da questão 64 do QSL, foram registradas 39 respostas dos 32 informantes entrevistados, conforme demonstrado na Tabela 06. As variantes mais frequentes foram *bobiça* e a forma derivada *bobiçada*, com 21 ocorrências, equivalente a 53,85%. Os itens que ocupam segundo lugar em produtividade são *abobalhando* e *abobando*, palavras que têm o mesmo semantema [-bob] de bobo/boba, e o mesmo significado. em vista disso, resolvemos agrupá-los, somando um total de 6 respostas (15,38%). Na sequência temos *bobage*, na qua, no nível fonológico verifica-se o

apagamento da consoante nasal final [m]. As respostas *brincadeira*, *coisa besta* e *besteira* ocorrem 2 vezes cada uma (5,13%) e, por fim, as *hápax legomena* *traquinagem*, *bobera*, *sacanagem* e *laúsa*.

Salienta-se que as variantes *bobage* e *bobera* não foram agrupadas com os itens *abobalhando* e *abobando*, porque possuem significados diferentes. Ademais são dois verbos conjugados no gerúndio, estar sendo abobalhado ou se abobando, não significa ser ou fazer alguma bobagem. *Bobage* [m], de acordo com o DIOCIONÁRIO HOUAISS (2020) significa, “dito ou ação tola, impensada, asneira; tolice”. Já o verbete *bobeira*, significa: “condição ou estado de quem pode ser facilmente enganado; desatenção, credulidade”.

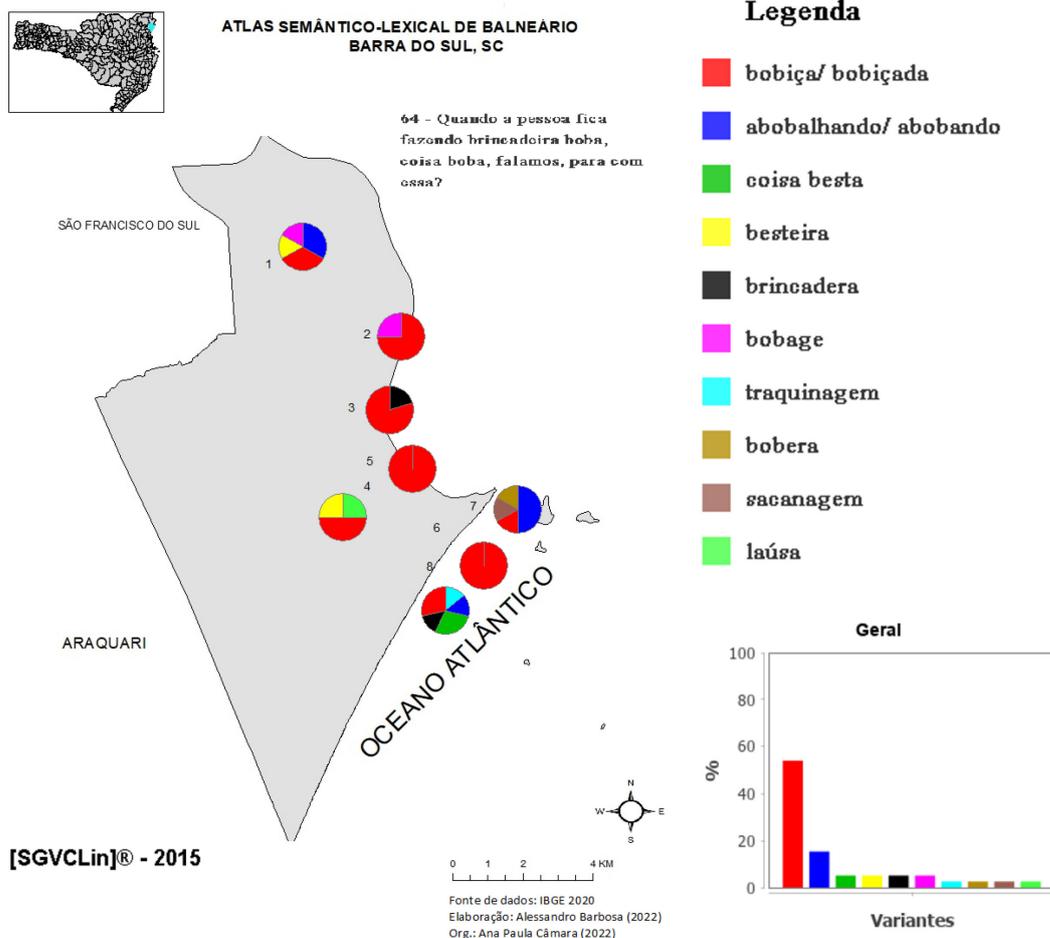
Retomando o étimo *bobiça*, ressaltamos que é um termo popular, de origem açoriana, lexia morfofonêmica equivalente a *bobice*, derivada de *bobo*, e de origem duvidosa, segundo o DICIONÁRIO HOUAISS (2020), com os seguintes significados:

- 1- Ato ou dito próprio de bobo (no sentido de 'truão')
- 2- Qualidade ou condição de bobo (no sentido de 'tolo')
- 3 - Dito ou ação tola; asneira, bobagem (por extensão)
- 4 - Coisa supérflua ou sem importância; bobagem (brasileirismo)
- 5- Erro ou lapso tolo f. geral menos usado: *bobícia* (brasileirismo) e traz o coletivo: *bobiciada*.

Na carta L064, observamos a distribuição diatópica da variante *bobiça* e das demais respostas para a pergunta QSL 64.

Figura 27 – Distribuição diatópica das variantes de BOBIÇA em Balneário Barra do Sul (QSL 64)

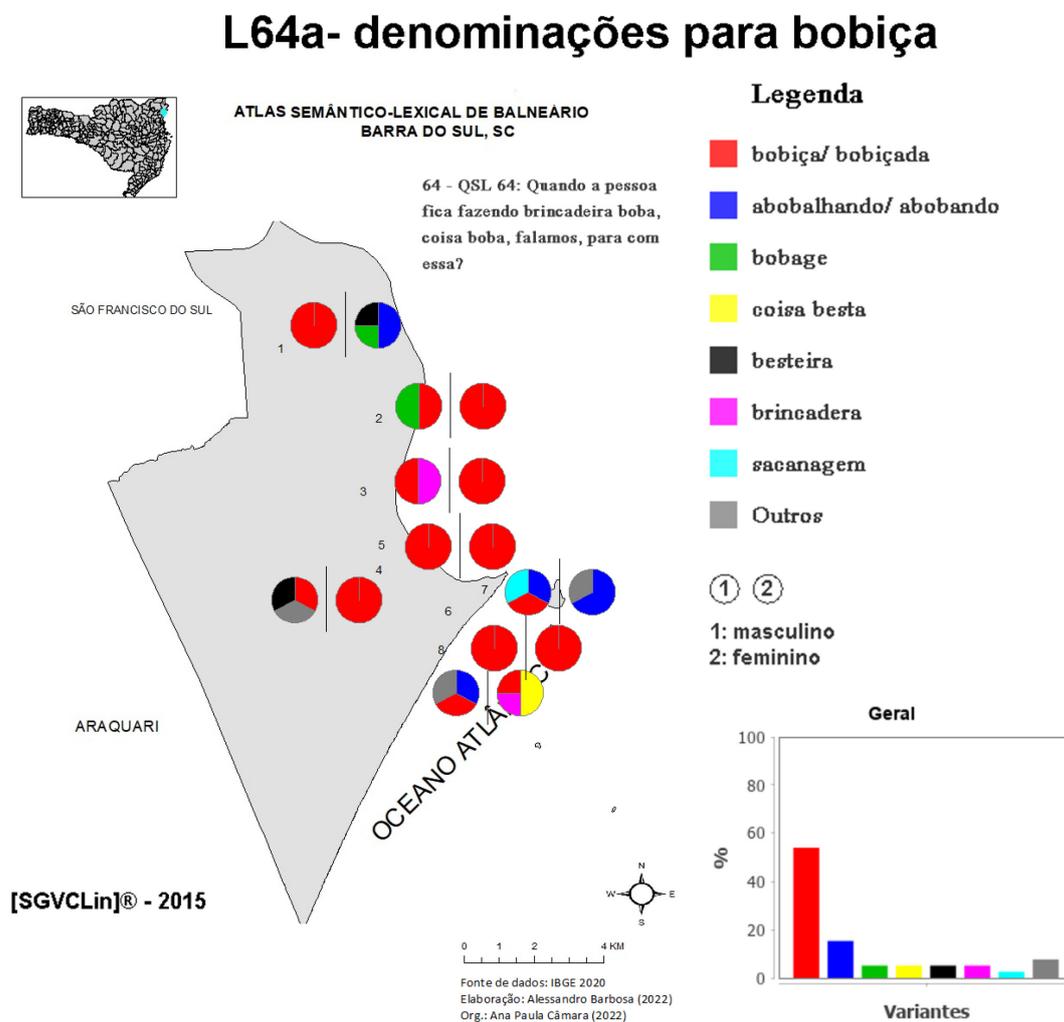
L064 - denominações para bobiça



Nesta carta, optamos por não agrupar as variantes menos produtivas, em outros, para obtermos uma visão melhor dos resultados que comprovam um poliformismo de respostas. Com isso, vê-se o quanto o Balneário Barra do Sul é linguisticamente heterogêneo, apesar de manter a cultura e as tradições orais, prova disto é o étimo *lausento/lausento* na seção anterior.

Todavia, apesar do poliformismo linguístico, não podemos desconsiderar a produtividade da palavra *bobiça*, registrada em todo o Balneário, configurando, portanto, uma área bem demarcada pelos habitantes, conforme atesta a figura 28, para a dimensão diassexual.

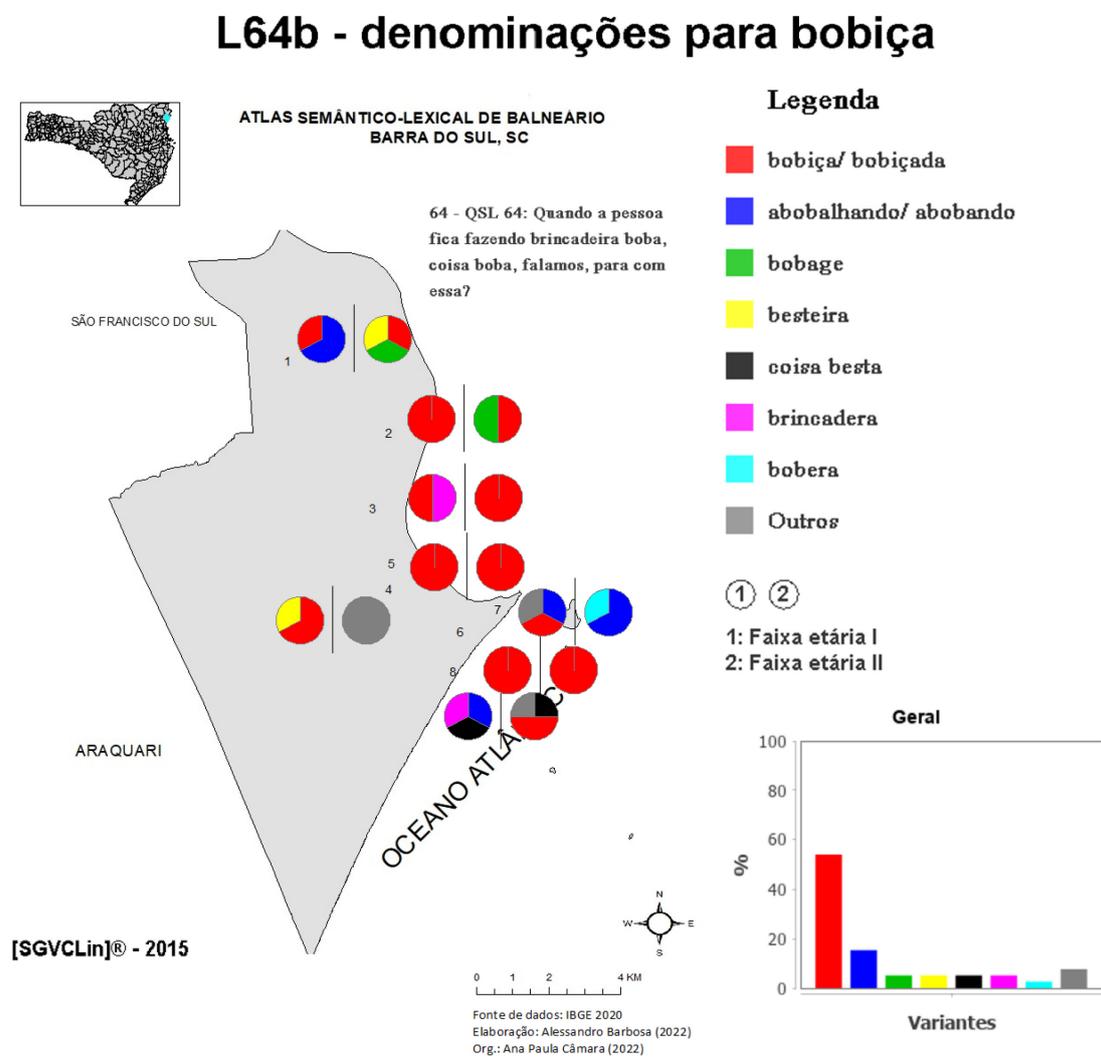
Figura 28 – Distribuição diatópica e diasssexual das variantes de BOBIÇA em Balneário Barra do Sul (QSL 64)



Como percebemos, praticamente todos os informantes escolheram o item *bobiça*, exceto em dois pontos nos quais não houve a escolha do lema por parte de informantes do sexo feminino, um na área rural, (ponto 1 – Conquista) e outro na área urbana (ponto 7 – Boca da Barra). Nesses pontos houve a preferência pelas demais variantes mais produtivas: *abobalhando/ abobando*, *bobagem*, *besteira* e *outros*.

Na carta linguística L64b (Figura 29), são revelados os resultados de *bobiça* para a dimensão diageracional.

Figura 29 – Distribuição diatópica e diageracional das variantes de BOBIÇA em Balneário Barra do Sul (QSL 64)

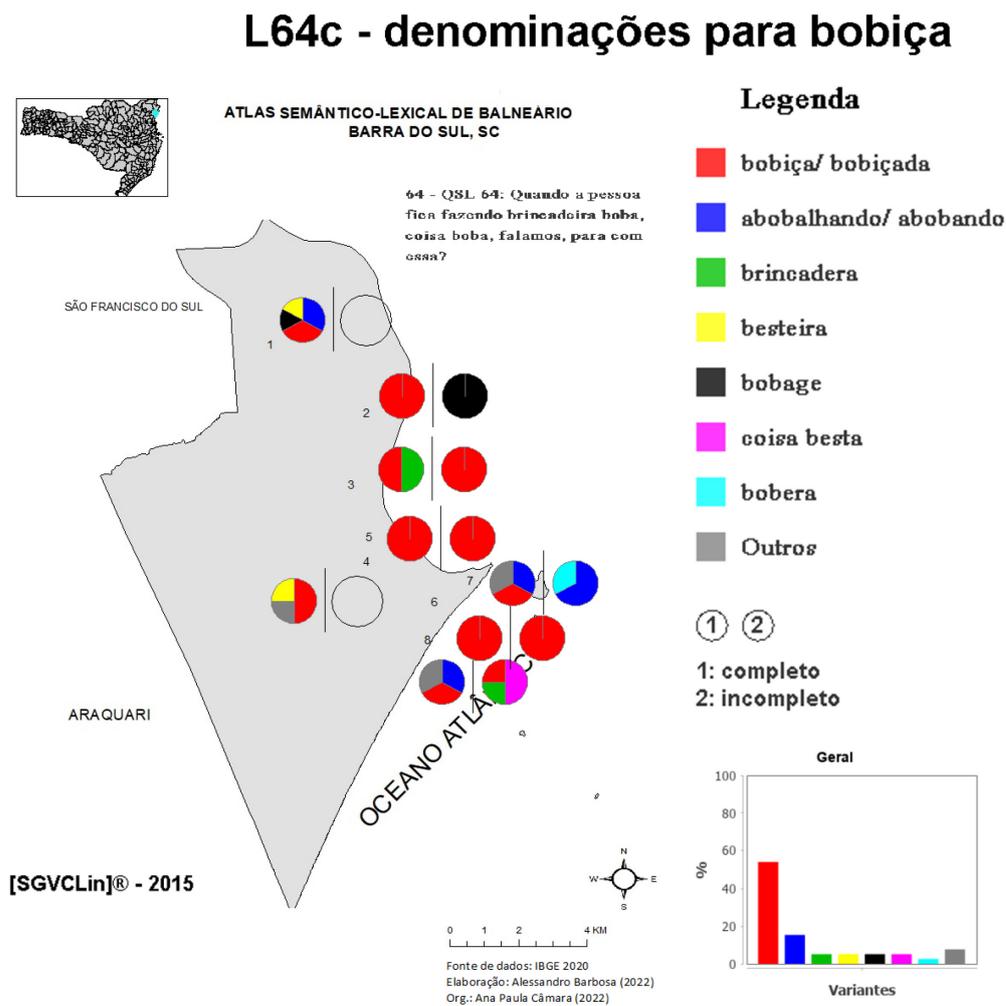


Na carta da Figura 29, observa-se que tanto os informantes da faixa I, 18 a 30 anos, quanto os informantes da faixa II (50 anos ou mais), optaram pela variante mais produtiva, *bobica*, com diferença apenas nos pontos 4, 7 e 8, cujas escolhas se deram por outros léxicos. No ponto 8, área urbana, as informantes da faixa I optaram pelos lemas *abobalhando*, *abobando*, *coisa besta* e *besteira*. Já nos pontos 4, área rural, e 7, área urbana, os informantes da faixa II escolheram outras variantes. No ponto 4, por exemplo, as variantes registradas foram *abobalhando*, *abobando* e *bobera*.

Sendo assim, esses resultados não permitem confirmar a hipótese 3 desta dissertação, sobre os informantes mais jovens serem mais inovadores, uma vez que foi nas respostas dos mais velhos que surgiram mais variantes consideradas inovadoras uma vez que, parte delas, não estão dicionarizadas.

Os dados da próxima carta, a L64c, comprovarão os resultados distribuídos diastraticamente por nível de escolaridade.

Figura 30 – Distribuição diatópica e diastrática das variantes de BOBIÇA em Balneário Barra do Sul (QSL 64)



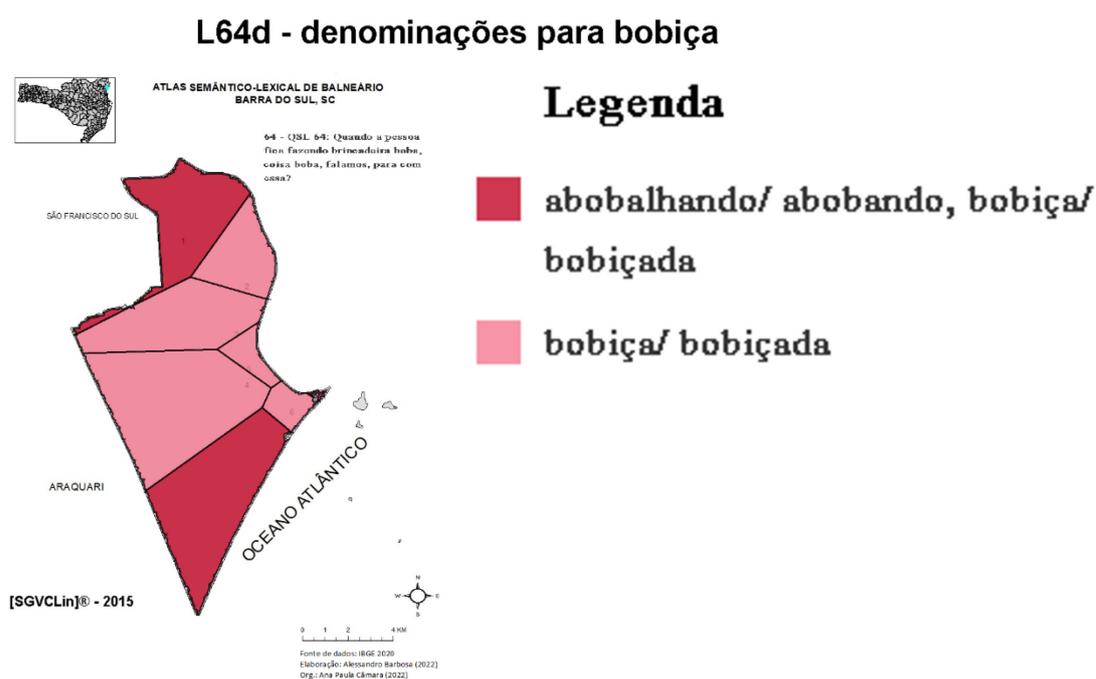
Os resultados da carta bidimensional diatrática para o lema *bobiça* nos mostram que os informantes que possuem o ensino médio completo possuem um repertório mais amplo, especialmente nos pontos 1 e 4, área rural, 7 e 8, área urbana. Nos demais pontos, a preferência foi para um único léxico, *bobiça*, ou outros como *bobage*, *abobalhando*, *abobando*, *brincadeira*, *bobera*.

Nota-se, também, que nos pontos 1 e 4 os informantes que possuem ensino médio incompleto não souberem responder, ficando, portanto, uma lacuna nos pontos.

Contudo, o que se percebe nos resultados para a variante em destaque, é um forte traço regional, revelando principalmente açorianismo, pois o lema *bobiça* vem de *bobice*, segundo o DICIONÁRIO HOUASS, mencionado anteriormente. Com isso, o resultado confirma a primeira hipótese desta dissertação, isto é, que há influências açorianas ou de línguas de imigrantes europeus nos falares dos moradores de Balneário Barra do Sul.

A próxima carta representa a produtividade areal das variantes documentada para QSL 64.

Figura 31 – Distribuição diatópica das variantes de BOBIÇA em Balneário Barra do Sul (QSL 64)



Confirma-se, pela carta linguística L64d, a produtividade das variantes *abobalhando/abobando* e *bobiça* em todos os pontos de Balneário Barra do Sul, especialmente na faixa central, que vai do ponto 2, Tetequera, até o ponto 5, Costeira. A preferência é somente pelo léxico *bobiça* e sua palavra derivada, *bobiçada*.

Sobre esses resultados, especialmente os das cartas regionais sobre itens considerados de uso regional (QSL 61, *lausento/lausenta*, e a QSL 64, *bobiça*), destacamos que a área dialetal estudada contempla traços linguísticos muito próprios, confirmando ser uma região com especificidades lexicais próprias, mas também heterogênea.

Capítulo 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após apresentação e análise dos dados pesquisados e em conformidade com o objetivo central deste trabalho e as hipóteses levantadas, é possível afirmar que a região investigada, objeto deste estudo, apresenta um poliformismo de variantes lexicais, ou seja, elevada variação de denominações, principalmente nas respostas para *lausento/lausenta*, em que houve 60 registros no total (cartas 61), e para *bobiça* (carta 64), na qual somaram-se 39 respostas.

Contudo, percebemos que na maioria das respostas a substituição de palavras sinônimas por palavras parassinônimas, aquelas que não possuem relação direta com o referente, ocorre em grande escala quando o informante não lembra a resposta. Registramos isso, especialmente, na carta L06, a propósito das denominações para *córrego*, com a obtenção de 62 respostas, e nas questões regionais, como os itens *lausento/lausenta* e *bobiça*.

E quanto aos demais itens lexicais documentados, destacamos que tiveram relevância para confirmar o que alguns estudos já tinham demonstrado. Como exemplo disso, citamos a carta de número 37, que se refere às denominações para *bolinha de gude*, cujo referente *peca* apareceu em 100% das respostas dos informantes, sendo coerente, portanto, com a pesquisa do ALERS (2011), a qual demonstra a produtividade do item nas regiões próximas à estudada, destacando-a como variante exclusiva dessas localidades catarinenses.

Ainda sobre as variantes típicas dessa faixa territorial catarinense, compreendida pelo norte do Estado e o litoral, mencionamos também as variantes *musse* e *chimia*, identificadas por meio da QSL 43 desta dissertação, cujos resultados também comprovaram a preferência pelos itens, especialmente pelo léxico *musse*, assim como em localidades próximas ao Balneário, confirmando os estudos documentados pelo ALERS (2011) e pelo Projeto ALiB (2013), em áreas de fortes influências europeias, o que comprova a primeira hipótese desta dissertação: “há influências de línguas de imigrantes europeus no falar dos moradores de Balneário Barra do Sul.”

Nas demais cartas linguísticas, também encontramos variantes diatopicamente marcadas, assim como a variante *valeta* e suas alterações mórficas, que aparecem com

mais frequência para a QSL 06, *córrego*, confirmando os resultados do Projeto ALiB (2015), os quais documentaram a incidência do item em regiões próximas à estudada nesta pesquisa.

Além disso, retomamos a hipótese 3 desta dissertação, que diz respeito aos informantes mais jovens serem mais inovadores do que os mais velhos, pode-se dizer que para a questão 06, *córrego*, na área dialetal pesquisada houve essa inovação por parte dos mais jovens, já que a maioria dos informantes optou pelas variantes mais produtivas, considerando o que se esperava nas respostas era a produtividade das variantes *rio pequeno, córrego e riacho*.

Assim como ocorreu nos resultados do QSL 61, *lausento/lausenta*, e para o QSL 64, *bobiça*, pois a maioria dos jovens mostrou-se mais suscetível a mudanças pela escolha de diferentes designações para as questões, como mencionamos na página 105, por meio da análise da carta L61b, e na página 113, análise da carta L64b.

Quanto à quarta hipótese, que diz respeito a diferenças lexicais entre as áreas rurais e urbanas, observamos que houve diferenças, especialmente para o QSL 61 e 64, *lausento/lausenta e bobica*.

No entanto, a pesquisa deixa algumas lacunas no que diz respeito aos demais eixos temáticos da área linguística, sobre isso citamos os campos fonético-fonológico e o morfossintático, áreas que podem comprovar outros fenômenos importantes para a pesquisa dialetológica, sendo necessário, portanto, estudos mais profícuos.

Com isso, pode-se concluir nesta dissertação, que os dados obtidos na pesquisa podem contribuir para a descrição dos falares de Santa Catarina e apontar a necessidade de futuras pesquisas sob a perspectiva geolinguística, utilizando os dados do ALiB, do ALERS, e do ASL-BBS, que também comporá o rol dos atlas linguísticos da Região Sul do Brasil.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de (Org.) **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: EDUEL, 1998.

_____. **Atlas Linguístico de Londrina (ALPR)**. Curitiba: Imprensa oficial do estado, 1994.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS**. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado na Região Sul**. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, n. 12, v. 6, jul./dez. 2013, p. 31-52. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216>. Acesso em: 13 novembro 2021

BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felício Wessling. **Um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha**. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina, Midiograf, 2012. p. 49-78.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice; Marcelino da Silva; MOTA, Jacyra Andrade. **Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros**. In: MOTA, Jacyra A.; CARDOSO, Suzana A. M. (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p. 15-26.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialectologia no Brasil: Perspectivas**. **Revista Delta**, v.15, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 22 de novembro de 2021.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional**. **GELNE: Grupo de estudos linguísticos do Nordeste**, v. 4, n. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectologia**. Madrid: Visor Libros, 1994.

COELHO, Izete Lehmkuhl, et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.

ELTERMANN, Ana Cláudia Fabre; MARGOTTI, Felício Wessling. **Variação de “bolinha de gude” e “estilingue” na Região Sul do Brasil**. In: LIMA, Alcides Fernandes de; RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilúcia Barros de (Orgs.). *Estudos Geossociolinguísticos*: edição comemorativa de 25 anos. 1ª ed. Campinas – São Paulo: Editora Pontes, 2021, p. 113-135.

ESTRAVIZ, **Dicionário**: <https://estraviz.org/>

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Rio Grande do Sul, 2014.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss**. São Paulo: Moderna, 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**: Brasil e Portugal. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

LABOV, Weireich. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2018 [1972]. 1ª ed. 4ª reimpressão.

LABOV, Weireich **Building on empirical foundations**. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Orgs.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1982.

LORENZ, Günter W. **Diálogo com Guimarães Rosa**. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.

MACHADO, José Pedro. **DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. Horizonte, 2003.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PRIBERAM, **Dicionário**. <https://dicionario.priberam.org/>

RAZKY, Abdelhak, SANCHES, Romário Duarte. **Variação geossocial do item lexical riacho/córrego nas capitais brasileiras**. 2016. Gragoatá: Niterói, RJ.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROMANO, Valter Pereira. **Balço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão**. Entretextos, Londrina, v.13, n. 2, jul./dez.2013, p. 203-242.

ROMANO, Valter Pereira.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – **Software para geração e visualização de cartas linguísticas**. RELin Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte, UFMG, v. 22, n.1, p. 119-151, 2014.

ROMANO, Valter Pereira.; AGUILERA, V. de A. **Padrões de variação lexical no sul do Brasil a partir dos dados do Projeto ALiB**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 575-587, 2014.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SANDMANN, José Antônio. **Morfologia Lexical**. Curitiba: Contexto, 2020.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. – 8.ed. – São Paulo: Ática, 2007

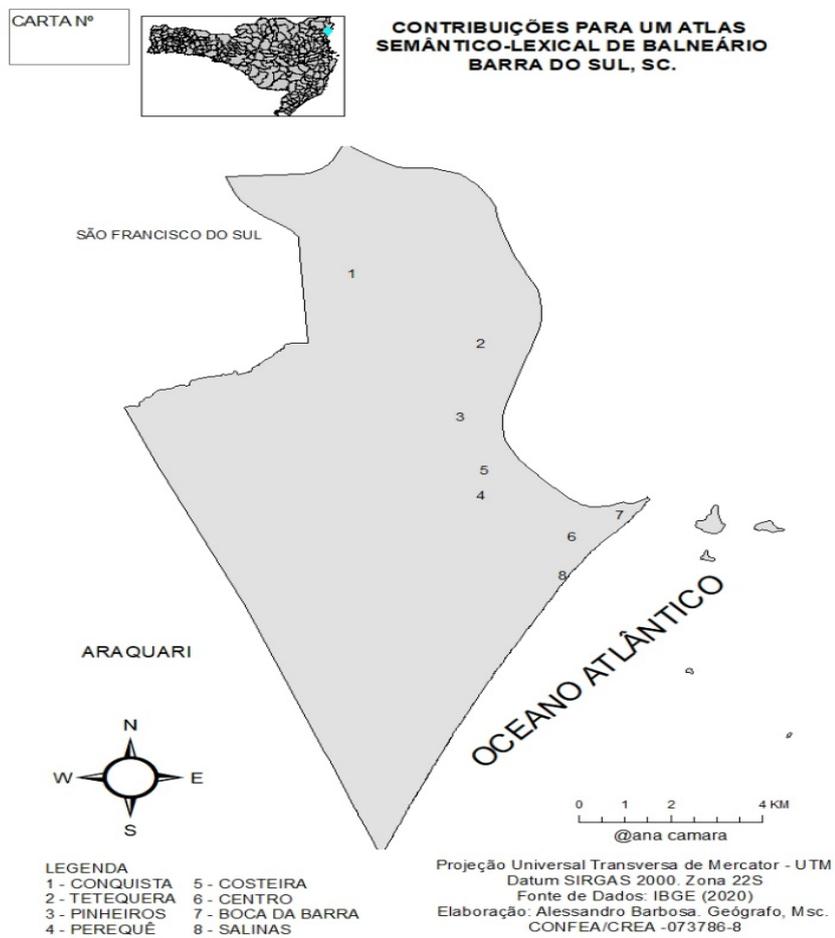
THUN, Harald. **La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle**. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367-409.

THUN, Harald. **Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo**. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Erich Jürgen (eds.). **Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation**. v. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

ZÁGARI, Mário Roberto L. **Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Ed. UEL, 1998, p. 31-54.

APÊNDICES

Apêndice A – Rede de pontos



Apêndice B – Perfil dos informantes

Ponto de inquérito	Nome	Idade	Sexo	Estado civil	Escolaridade	Local de nascimento	Tempo que reside em Balneário Barra do Sul	Local de nascimento dos pais
1	Jonathan Luiz	31	M	Casado	Médio completo	Joinville	25	Joinville
1	Bruna de Almeida Machado	26	F	Casada	Médio completo	Barra do Sul	26	Barra do Sul
1	Dail de Oliveira	48	M	Casado	Médio completo	Barra do Sul	48	Barra do Sul
1	Valéria de Oliveira	50	F	Casada	Médio completo	Joinville	48	Joinville
2	Jorge Luiz Kasprowicz	26	M	Solteiro	Médio completo	Joinville	22	Joinville
2	Andriele Cristina da Silva Alves	27	F	Casada	Médio completo	Joinville	27	Barra do Itapocu-Araquari
2	Luiz César Silvano	63	M	Casado	Médio incompleto	Barra Velha-SC	60	Barra do Itapocu-Araquari

2	Marisete Silvano	59	F	Casada	Médio completo	Barra do Sul	59	Barra do Sul
3	Everaldo de Sousa	30	M	Casado	Médio incompleto	Barra do Sul	30	Barra do Sul
3	Janice Lisandra Silveira	18	F	Solteira	Concluindo o médio	Barra do Sul	18	Barra do Sul
3	Juarez Silveira	50	M	Casado	Médio incompleto	Barra do Sul	50	Barra do Sul
3	Maria Izabel R. Silveira	50	F	Casada	Médio incompleto	Balneário Barra do Sul	45	Jaraguá do Sul
4	Manoel João de Almeida	50	M	Casado	Médio completo	Joinville	50	Barra do Sul, pai. Mãe, São João de Itaperiú
4	Antônia de Sousa	58	F	Casada	Médio incompleto	Barra do Sul	58	Barra do Sul

4	Thiago Persiki	30	M	Casado	Médio completo	Barra do Sul	30	Barra do Sul
4	Raíssa de Almeida	18	F	Solteira	Concluindo o médio	Joinville	16	Joinville
5	Salomão Castanho	48	M	Casado	Médio incompleto	Barra do Sul, Ilha dos Remédios	48	B. do Sul, Ilha dos Remédios
5	Safira Cristina Mendes de Sousa	49	F	Casada	Médio incompleto	Barra do Sul, Ilha dos Remédios	49	B. do Sul, Ilha dos Remédios
5	Nivaldo do Amaral	24	M	Solteiro	Médio completo	Barra do Sul	24	Não soube informar
5	Maiara Lopes Mendes	30	F	Solteira	Médio completo	Barra do Sul	30	Barra do Sul
6	Osvaldo Souza	49	M	Casado	Médio completo	Barra do Sul	49	Barra do Sul

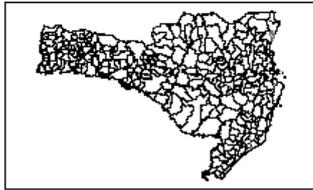
6	Merabel de Borba	64	F	Casada	Médio incompleto	Barra do Sul	64	Barra do Sul
6	Guilherme Martins	18	M	Solteiro	Concluindo o médio	Barra do Sul	18	Barra do Sul
6	Ana Paula da Silva Gross	27	F	Solteira	Médio completo	Joinville	27	Pai: interior do PR e mãe, Oeste de SC
7	André Pedro de Souza Ludovino	55	M	Casado	Médio incompleto	Barra do Sul	55	Barra do Sul, Ilha dos remédios
7	Ângela Maria Ramos	51	F	Casada	Médio incompleto	Barra do Sul	51	Barra do Sul
7	Alexandre Ludovino	30	M	Solteiro	Médio completo	Barra do Sul	30	Pai, Barra do Sul e mãe em SP

7	Adriana Ludovino	31	F	Casada	Médio completo	Barra do Sul	31	Pai, Barra do Sul e mãe em SP
8	Antônio de Borba	63	M	Solteiro	Médio completo	Barra do Sul	63	Barra do Sul
8	Cheila C. Sebastião da Silva Verbiene	48	F	Casada	Médio incompleto	São Francisco do Sul	45	São Francisco do Sul
8	Jean Carlo Peixer Júnior	28	M	Solteiro	Médio completo	Joinville	28	Joinville
8	Vitória	18	F	Solteira	Cursando o médio	São Francisco do Sul	15	Barra do Sul

Elaborado pela autora

ANEXOS

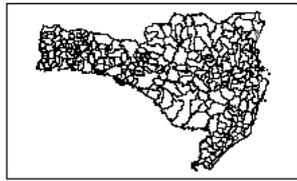
Anexo A – Localização geográfica de Balneário Barra dos Sul.



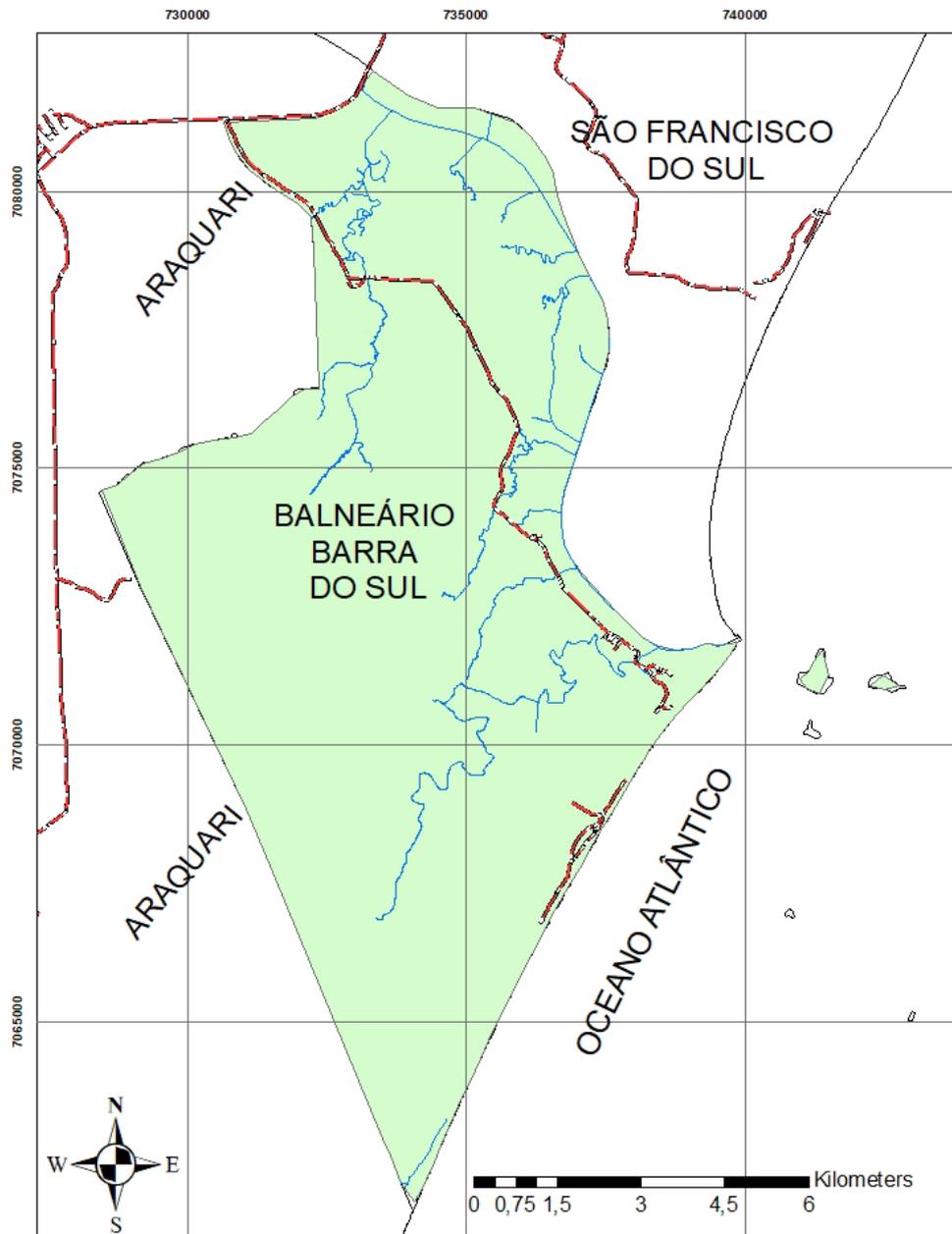
MAPA DE LOCALIZAÇÃO BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC REGIÃO NORDESTE



Anexo B – Municípios limítrofes



MAPA DE LOCALIZAÇÃO BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC



Anexo D - Questionário Semântico Lexical

Apresentação

O questionário do ASL-BBS é uma adaptação dos questionários ALiB e ALERS. No total são 72 questões, subdivididas por campos semânticos: Astros e Tempo; Acidentes Geográficos; Fenômenos da Natureza; Fauna; Corpo Humano; Ciclos da Vida; Convívio e Comportamento Social; Jogos e Diversões Infantis; Habitação; Alimentação e Cozinha; Vestuário e Acessório; Religiões e Crenças; Atividades Agropastoris; Vida Urbana e Questões Regionais da Área Dialetal Estudada. Das 72 questões, 17 foram elaboradas pela pesquisadora, são questões regionais relativas ao município e regiões próximas, como em Joinville o famoso pão doce, chineque, a cuca, entre outras expressões pesqueiras.

QSL: Questionário Semântico Lexical

1 – Astros e Tempo

QSL 01 – amanhecer (ALIB QSL – 22/ ALERS QSL – 84)

Pergunta: Como se chama a parte do dia quando começa a clarear?

QSL 02 – anoitecer (ALIB QSL – 28 / ALERS QSL – 086)

Pergunta: E quando chega a noite?

2 – Acidentes Geográficos

QSL 03 – Pinguela (ALIB QSL 02 / ALERS QSL 38)

Pergunta: Como se chama a tábua ou tronco para atravessar um córrego?

QSL 04 – redemoinho (no rio) (ALIB QSL – 04/ ALERS QSL 039)

Pergunta: Muitas vezes a água num rio gira formando um buraco no centro, como se chama esse fenômeno?

QSL 05 – onda do mar (ALIB QSL 05)

Pergunta: Como se chama o movimento da água no mar?

QSL 06 – valeta (ALIB QSL – 01)

Pergunta: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

3- Fenômenos da natureza

QSL 07 – redemoinho (de vento) (ALIB QSL – 07)

Pergunta: Como se chama quando o vento gira levantando poeira e formando um “buraco” no centro?

QSL 08 – relâmpago (ALIB QSL 08/ ALERS QSL 049)

Pergunta: Como se chama o clarão que surge no céu em dias de chuva? Uma luz que risca o céu em dias de chuva?

QSL 09 – raio (ALIB QSL – 09/ ALERS QSL – 048)

Pergunta: Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de maus tempos?

QSL 10 – temporal/tempestade/vendaval (ALIB QSL – 11/ALERS QSL – 051)

Pergunta: Chuva com vento forte que vem de repente?

QSL 11 – tromba d’água (ALIB QSL – 13/ ALERS QSL 52)

Pergunta: como se chama uma chuva curta, muito forte e pesada?

QSL 12 - arco-íris (ALIB QSL – 17/ ALERS QSL – 056)

Pergunta: Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas? Como se chama?

4 – Fauna

QSL 13 – urubu (ALIB QSL – 64)

Pergunta: Como se chama a ave que gosta de comer carniça?

QSL 14 – beija-flor/ colibri (ALIB QSL - 65)

Pergunta: Como se chama o passarinho pequeno e que bate as asas bem rápido?

QSL 15 – João de Barro (ALIB QSL – 66)

Pergunta: Como se chama a ave/passarinho que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos das casas?

QSL 16 - galinha d'angola/ guiné/cocar/angolista/ tô fraco (ALIB QSL – 67)

Pergunta: Como se chama ave preta com manchas brancas, parecida com a galinha...

QSL 17 – gambá (ALIB QSL – 71/ALERS QSL – 207)

Pergunta: Como se chama o animal que solta um cheiro forte quando se sente ameaçado?

QSL 18 – crina/cauda/rabo (ALIB QSL – 74)

Pergunta: Como se chama o cabelo comprido no traseiro do cavalo?

QSL 19 – mosca varejeira (ALIB QSL – 83/ ALERS QSL – 214)

Pergunta: Como se chama um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

QSL 20 – pernilongo (ALIB QSL – 88)

Pergunta: Como se chama o inseto que fica “cantando” nos nossos ouvidos, principalmente à noite?

QSL 21 – cadela (bucica) (QSL elaborado pela pesquisadora)

Pergunta: como se chama a fêmea do cão/cachorro?

5 – Corpo Humano

QSL 22 – vesgo (ALIB QSL – 92/ALERS QSL – 299)

Pergunta: Como se chama a pessoa que olha para lados com os olhos virados para direções diferentes?

QSL 23 – terçol (ALIB QSL – 94/ ALERS QSL – 302)

Pergunta: como se chama aquela bolinha vermelha no olho, incha e incomoda?

QSL 24 – dente siso (s)/ do juízo (ALIB QSL – 98) O ALERS traz diferentes dentes na questão 288.

Pergunta: Como se chamam os dentes que nascem por último?

QSL 25 – soluço/jojoca (ALIB QSL – 103/ ALERS QSL – 336)

Pergunta: quando o bebê pega friagem/ou quando entra ar enquanto mama/quando a pessoa bebe demais. Com esse barulho (fazer o barulho)

QSL 26 – pernetta (ALIB QSL 114/ALERS QSL – 316)

Pergunta: Como se chama a pessoa que tem uma perna só?

QSL 27 – seios/peito (ALIB QSL – 111/ALERS QSL – 251)

Pergunta: Como se chama a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

QSL 28 – cócegas/curica (ALIB QSL – 120)

Pergunta: O que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé dela?

6 – Ciclos da vida

QSL 29 – menstruação (ALIB QSL – 121/ ALERS QSL – 450)

Pergunta: as mulheres perdem sangue todos os meses. Que nome se dá a isso?

QSL 30 – menino/guri/ piá (ALIB QSL – 132/ALERS QSL 443)

Pergunta: criança pequena a gente diz bebê, e que nome se dá quando ela já tem de 5 a 10 anos para menino? E menina?

7 – Convívio e comportamento social

QSL 31 – tagarela (ALIB QSL – 136/ALERS QSL – 387)

Pergunta: Como se chama a pessoa que fala demais?

QSL 32 – mau pagador (ALIB QSL – 139/ALERS QSL – 394)

Pergunta: Como se chama a pessoa que deixa as contas penduradas?

QSL 33 – xará/tocaio (ALIB QSL – 143/ ALERS QSL – 491)

Pergunta: como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

QSL 34 – marido enganado (ALIB QSL – 141/ALERS QSL – 466)

Pergunta: Como se chama o marido que foi passado para trás com outro homem? A esposa o trocou por outro?

QSL 35 – cigarro de palha (ALIB QSL – 145)

Pergunta: Como se chama o cigarro enrolado à mão?

7 – Jogos e diversões infantis

QSL 36 – cambalhota (ALIB QSL – 155/

Pergunta: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo para a frente e cai sentado?

QSL 37 – bolinha de gude (ALIB QSL – 156/ALERS QSL – 513)

Pergunta: Como se chama o brinquedo em que se usam “coisinhas redondas de vidro”

QSL 38 – estilingue/setra/bodoque/chiloide (ALIB QSL – 157/ ALERS QSL – 514)

Pergunta: Como se chama o objeto usado para lançar pedra...feito de duas forquilhas e elástico?

QSL 39 – amarelinha (ALIB QSL – 167/ALERS QSL – 525)

Pergunta: qual é o nome da brincadeira em que as crianças riscam no chão, jogam uma pedra e pulam em uma perna só?

8- Habitação

QSL 40 – tramela (ALIB QSL – 168/ALERS QSL 569, usa sistemas de fechar a porta)

Pergunta: qual é nome do objeto de madeira que serve para segurar ou fechar porta (muito usado antigamente)?

QSL 41 – vaso sanitário (bacio) (ALIB QSL – 170)

Pergunta: Como se chama o objeto que fica no banheiro em que se senta para fazer as necessidades?

9 – Alimentação e cozinha

QSL 42 – empanturrado (s) (ALIB QSL – 183/ALERS QSL – 594)

Pergunta: Quando comemos demais, ficamos... Como tanto que fiquei...

QSL 43 – geleia (doce de frutas) musse/chimia (ALIB QSL – 177/ALERS QSL – 608, pasta de frutas)

Pergunta: Como se chama o doce de frutas para passar no pão?

QSL 44 – chineque (QSL criado pela pesquisadora)

Pergunta: como é o nome do pão sovado que tem farofa por cima?

QSL 45 – Cuca (QSL criado pela pesquisadora)

Pergunta: como se chama o bolo de farofa por cima? Às vezes de banana com farofa...

10- Vestuário e acessório

QSL 46 – Rouge (ALIB QSL – 191/ ALERS QSL – 635)

Pergunta: Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto para dar uma cor?

QSL 47 – diadema / arco/ tiara (ALIB QSL – 193)

Pergunta: Como se chama o acessório que se usa na cabeça para segurar os cabelos ou enfeitar o penteado na parte da frente?

QSL 48 – saia de baixo/anágua (ALERS QSL – 613)

Pergunta: o que se usam embaixo do vestido ou da saia? Da cintura para baixo.
(perguntar se conhecem outros nomes)

11- Religiões e crenças

QSL 49 – diabo (ALIB QSL – 147/ ALERS QSL – 147/ ALERS QSL – 497)

Pergunta: Deus está no céu e no inferno está.....

QSL 50 – amuleto (ALIB QSL – 150/ALERS QSL – 508)

Pergunta: Que nome se dá para um acessório usado para dar sorte/ algumas pessoas usam em colares/no bolso, no carro.

QSL 51 – benzedeira (ALIB QSL – 151/ALERS QSL – 511)

Pergunta: Como se chama a mulher que faz oração para tirar mal olhado? Às vezes faz uso de ervas para orar?

QSL 52 – obreiro (pessoa que ajuda na igreja) QSL criado pela pesquisadora.

Pergunta: como se chama a pessoa que ajuda na igreja?

12 – Atividades agropastoris

QSL 53 – tangerina/mexerica (ALIB QSL – 39/ALERS QSL – 126)

Pergunta: Qual é o nome das frutas menores que a laranja, em gomos e que tem o cheiro forte? (Pedir para descrever as diferenças entre os nomes)

QSL 54 – Camomila/maçanilha (ALIB QSL 41/ALERS QSL

Pergunta: Como se chama umas florezinhas brancas com miolo amarelinho/ ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no mercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso. Chá bom para a barriga do bebê, e até de adulto, para acalmar? (mostrar imagem)

QSL 55 – penca (ALIB QSL – 42)

Pergunta: Cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para amadurecer?

QSL 56 – Picada/atalho estreito (ALIB QSL 62/ ALERS QSL 138)

Pergunta: o que é que se abre com o facão ou a foice para passar por um mato fechado?

QSL 57 – carrinho de mão/carriola (ALIB QSL - 52)

Pergunta: Qual é o nome do veículo de uma roda na frente, empurrado por uma pessoa, para transportar pequenas cargas em trechos curtos?

QSL 58 – Carroça – (ALERS QSL – 176)

Pergunta: como se chama um veículo de carga de 4 rodas, puxado por animais, principalmente cavalos?

13 – Vida urbana

QSL 59 – terreno/lote/data (ALIB QSL – 199) No ALERS a questão está no QSL específico do Paraná, com as designações: fazenda, sítio, terreno.

Pergunta: Como se chama a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

QSL 60 – bar/bodega (ALIB QSL – 202/ALERS QSL – 605)

Pergunta: Como se chama o local onde pessoas se encontram para conversar/jogar/e tomar uns tragos?

QUESTÕES REGIONAIS – FALA DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL

61 – Lausenta

Pergunta: Que nome se dá à pessoa que está sempre contando vantagem, “exibida”?

62 – Grandissíssimo/grandessíssimo

Pergunta: O que se diz em qualquer situação para pessoas quando se quer elogiar ou mesmo falar mal para alguém ou de alguém?

63 – Pega deste: O que se costuma dizer quando alguém faz algo de errado com outra pessoa, que acaba prejudicando ou ofendendo e depois a pessoa ofendida dá o troco?

64 – Bobiça

Pergunta: O que se diz quando a pessoa fica fazendo brincadeira boba? Geralmente falamos: “para com essa ou para de fazer essas...”

65 – Tanso- tansa

Pergunta: Quando a pessoa é “vacilona”, “boba”. Chamamos de?

66 – Bimbarra/leme

Pergunta: Que nome se dá para uma peça de barco, feita de madeira, que serve para puxar?

67 – Manta: O que se diz quando a pesca rende, dá bastante peixe?

68 – Reversa: Pergunta: Como se chama a corrente de sentido contrário ao da principal ou da maré. Nos mares ocorre próximo as marés e que é comum encontrar tainha?

69 – Rebojo: Pergunta: Como se chama o vento sul que muda o tempo, e que pode durar por três dias e o mar fica mexido?

70 – Tá de bola: Pergunta: Como se diz quando há grande quantidade de peixe nas peixarias ou nas bancas?

71 – Só de beta: Pergunta: Como se fala aqui quando o camarão está grande? Nas bancas de peixe e peixarias, quando alguém quer comprar camarão e só tem dos grandes?

72 – Guarda-vidas/ salva-vidas

Pergunta: que nome se dá para quem trabalha durante a temporada de verão nas praias, e que fica em casinhas de olho ou atento aos banhistas que entram no mar?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

**ATLAS SEMÂNTICO LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL – SANTA
CATARINA**

(VOLUME II)

Cartas Introdutórias e linguísticas

Florianópolis

2023

SUMÁRIO – VOLUME 2

1- APRESENTAÇÃO	149
2- CARTAS INTRODUTÓRIAS	150
3- CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS	151
3.1 - Frente.....	151
3.2 - Verso	151
4- REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA	153
Mapa I Localização do município de Balneário Barra do Sul.....	154
Mapa II Divisão político-administrativa de Balneário Barra do Sul – SC.....	155
Mapa III Rede de Pontos linguísticos	156

Nº da carta/ ÍTEM/NATUREZA DA CARTA

Nº da carta	Título	Natureza da carta.....
1	Amanhecer	lexical
2	Anoitecer	lexical
3	Ponte/pinguela	lexical
4	Redemoinho de rio	lexical
5	Onda do mar	lexical
6	Córrego/riacho	lexical
7	Redemoinho de vento	lexical
8	Relâmpago	lexical
9	Raio	lexical
10	Trovoada/temporal	lexical
11	Tromba d'água	lexical

12	Arco-íris	lexical
13	Urubu	lexical
14	Beija-flor	lexical
15	João de barro	lexical
16	Galinha d'angola	lexical
17	Gambá	lexical
18	Crina/rabo de cavalo	lexical
19	Mosca varejeira	lexical
20	Pernilongo	lexical
21	Cadela/bucica	lexical
22	Vesgo/vesga	lexical
23	Viúvo/terçol	lexical
24	Dente siso	lexical
25	Soluço/jojoca	lexical
26	Perneta	lexical
27	Seios/mama	lexical
28	Cócegas/curica	lexical
29	Menstruação	lexical
30	Menino/guri	lexical
31	Tagarela	lexical
32	Velhaco	lexical
33	Xará	lexical
34	Marido traído	lexical
35	Cigarro de palha	lexical
36	Cambalhota	lexical
37	Bolinha de gude	lexical
38	Estilingue	lexical
39	Amarelinha	lexical
40	Tramela	lexical
41	Bacio/ vaso	lexical
42	Empanturrado	lexical
43	Musse/geleia	lexical
44	Pão doce/chineque	lexical
45	Cuca	lexical

46	Blush/rouge	lexical
47	Arco/diadema	lexical
48	Anágua/nagua	lexical
49	Inimigo de Deus	lexical
50	Amuleto	lexical
51	Benzedeira	lexical
52	Obreiro	lexical
53	Tangerina	lexical
54	Camomila	lexical
55	Penca de banana	lexical
56	Picada/atalho	lexical
57	Carrinho de mão	lexical
58	Carroça	lexical
59	Terreno/lote	lexical
60	Bar/bodega	lexical
61	Lausento/lausenta	lexical
62	Grande/grandessíssimo	lexical
63	Pega deste	lexical
64	Bobicha	lexical
65	Tanso/tansa	lexical
66	Leme	lexical
67	Manta	lexical
68	Reversa	lexical
69	Rebojo	lexical
70	Tá de bola	lexical
71	Só do beta	lexical
72	Salva-vidas	lexical

1- APRESENTAÇÃO

Neste volume, apresentamos o conjunto de cartas linguísticas que compõem o Atlas Léxico Semântico de Balneário Barra do Sul – SC, ASLEBBS. Ao todo são 72 cartas lexicais com os resultados da pesquisa feita no município de Barra do Sul. Inicialmente, demonstramos as cartas introdutórias para a compreensão da área dialetal estudada.

Na sequência, as cartas linguísticas, considerando a dimensão diasssexual e diageracional, para cada item.

Para a geração das cartas linguísticas, foram considerados alguns critérios, a fim de organizar o agrupamento dos resultados, por isso criamos rótulos, a saber:

- (iv) Rótulos para formas com apenas uma resposta, quando os resultados demonstrarem mais de 10 itens, as *hápax legomenon*, resolvemos agrupá-las em outros nas cartas linguísticas;
- (v) Rótulos morfofonêmicos: itens com o mesmo radical, formas derivadas, reduzidas, compostas ou coletivos;
- (vi) Rótulos das sinónímias, palavras cujos significados são semelhantes.

2- CARTAS INTRODUTÓRIAS

As cartas introdutórias são as cartas que foram elaboradas por um geógrafo com base ao georreferenciamento, com o intuito de registrar as ocorrências por ponto de inquérito. Para esta pesquisa foram geradas 3 cartas, conforme estão demonstradas na sequência.

Mapa I – Localização do município de Balneário Barra do Sul -SC

Mapa II – Divisão político-administrativa de Balneário Barra do Sul – SC

Mapa III – Rede de Pontos linguísticos

3- CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

As folhas apresentam informações na frente e no verso de cada folha, conforme demonstramos na sequência:

3.1 Frente

Título do Atlas: na parte superior à esquerda;

Natureza da carta: no caso do ASLEBBS as cartas são somente lexicais L, seguida da numeração;

Mapa oficial do município: abaixo do título, sem a divisão político-administrativa;

Título da carta: localizado na parte superior à direita. Para os títulos das cartas adotamos o critério denominação geral para o referente;

Legenda das cartas: contendo os itens lexicais representados por cores, de acordo com a frequência, o mais produtivo sempre receberá a representação da cor vermelha, e os demais seguem as cores: verde, azul, preto e amarelo. Os demais itens agrupados em outros, estão marcados pela cor cinza, as hapáx legomenon. E em cada carta monodimensional, trazemos em NOTAS, além de alguns trechos da entrevista, quando necessário, a descrição *hapáx legomena*, demonstrando as variantes que obtiveram apenas uma incidência.

Casos de abstenção de respostas, deixamos sem marcação de cores.

Gráfico geral de produtividade: localizado ao lado do mapa, sempre na parte inferior, contendo dados percentuais de ocorrência. A incidência de abstenção está marcada no gráfico como, *não soube*.

3.2 Verso

No verso, estão as cartas pluridimensionais, sob os comandos: L (número da carta e “a”)

Na parte superior à esquerda, encontra-se a identificação dos dados da carta. Logo abaixo, encontramos a pergunta do QSL que deu origem à carta.

Para melhor compreensão, as cartas apresentam observações e comentários dos informantes, quando esses são relevantes.

4- REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

Para a geração das cartas utilizamos a ferramenta SGVCLin, um Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas, desenvolvido por (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014).

As cartas apresentam a distribuição diatópica monodimensional e pluridimensional das variantes, e, para representá-las, adotamos o diagrama em formato de cruz, para localizar os dados referentes aos informantes. Do lado esquerdo encontram-se os dados referentes aos homens, na parte superior a faixa I, 18 a 30 anos, no lado direito os homens da faixa II, 50 a 65 anos. Na parte inferior, 3 e 4, encontram-se as informantes, 3, faixa I e 4, faixa II, conforme figura 1.

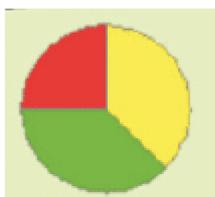
Figura 1 – Forma de representação das cartas pluridimensionais com dimensões diassexual e diageracional



- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

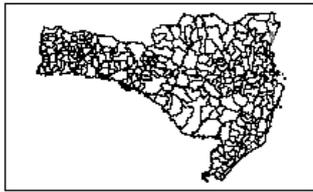
Os dados percentuais das cartas estão representados por pizzas, que ficam localizadas em cada ponto de inquérito e seguindo a descrição por cor, para identificar a produtividade das variantes. Conforme ilustração:

Figura 2 – forma de representação dos resultados



Descrição da imagem: cor vermelha, variante mais produtiva e variantes agrupadas; verde representa a segunda variante mais produtiva e a amarela a variante menos produtiva.

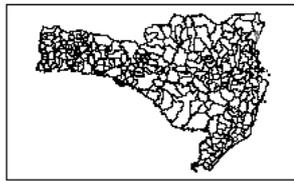
Mapa I – Localização do município de Balneário Barra do Sul -SC



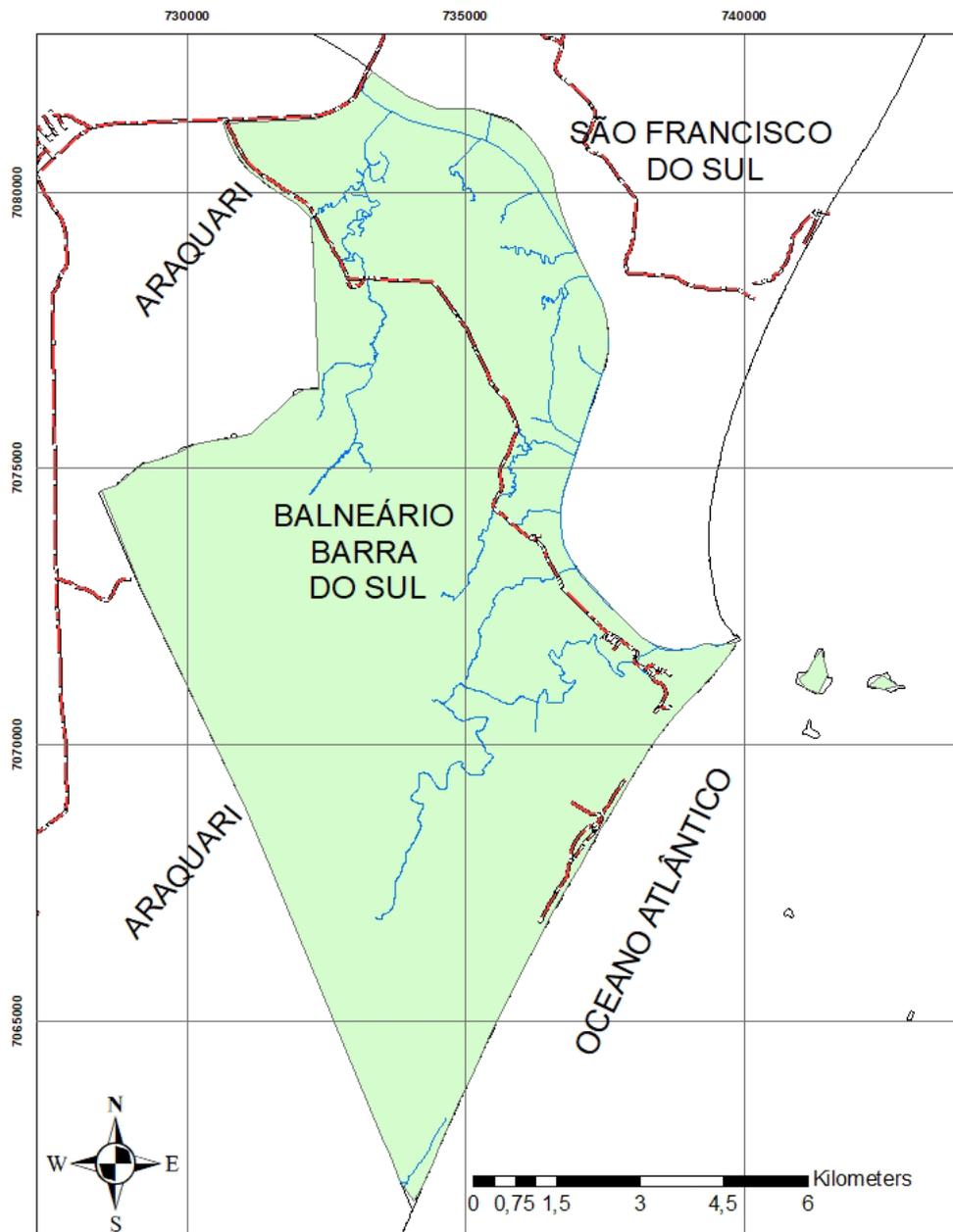
MAPA DE LOCALIZAÇÃO BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC REGIÃO NORDESTE



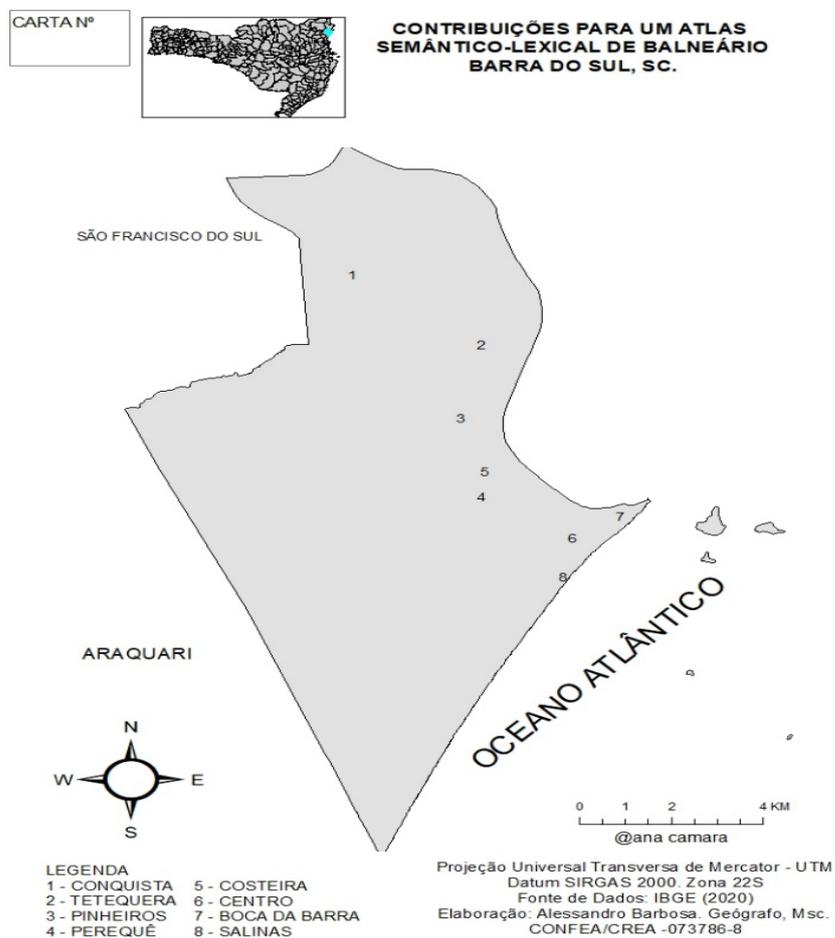
Mapa II – Divisão político-administrativa de Balneário Barra do Sul – SC



MAPA DE LOCALIZAÇÃO BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC



Mapa III – Rede de Pontos linguísticos



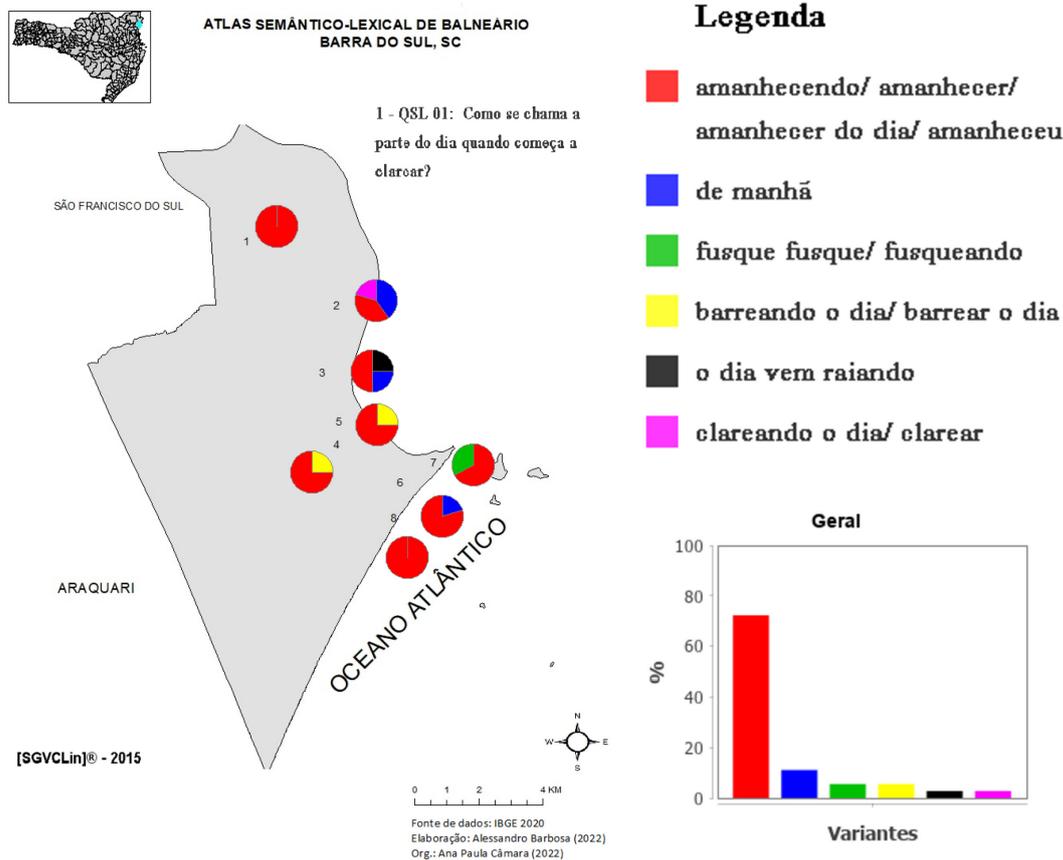
Na legenda, constam os pontos de inquérito do ASLEBBS, os pontos de 1 a 4 são pertencentes à área rural do município e os pontos de 5 a 8 são os urbanos.

CARTAS LINGÜÍSTICAS

ATLAS LÉXICO-SEMÂNTICO DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL -SC

CARTA 01 – Diatópica monodimensional

L01 - denominações para amanhecer



Notas

01 – Masculino – Faixa II

INF. Manhã cedo

INQ. - Manhã cedo?

INF.- É, a gente fala manhã cedo, né, vai amanhecendo o dia. Clareando

INF.- crareando

INQ. – Mas qual o senhor usa mais?

INF. – clareando

02- Feminino – Faixa I

INF.- É, a gente fala manhã cedo, né, vai amanhecendo o dia. Clareando

INF.- clareando

INQ. – Mas qual o senhor usa mais?

INF. – clareando

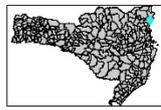
02 – Feminino – EM completo

INF.- de manhã, né

INQ. – Tem outra maneira de falar?

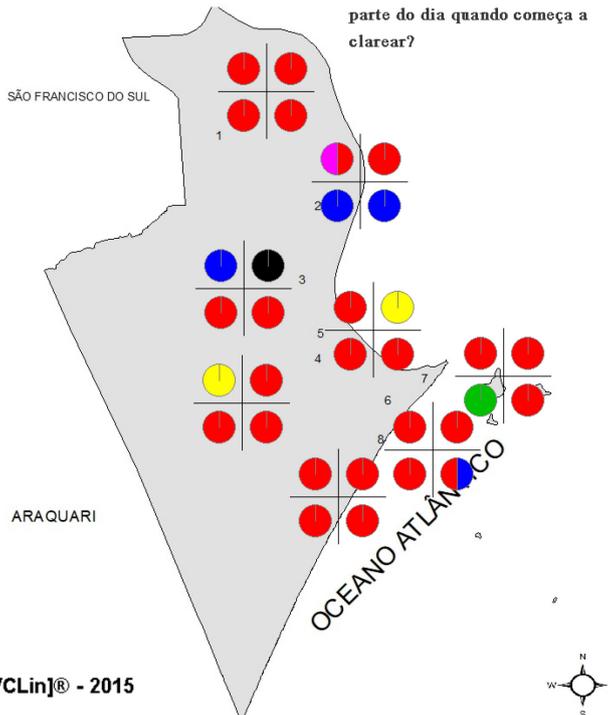
INF. – Ah, eu falo assim, de manhã.

L01a - denominações para amanhecer



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

1 - QSL 01: Como se chama a parte do dia quando começa a clarear?



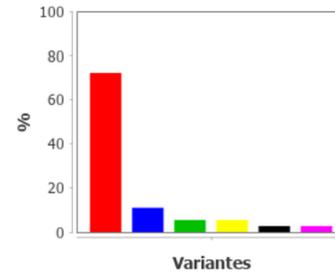
Legenda

- amanhecendo/ amanhecer/ amanhecer do dia/ amanheceu
- de manhã
- fusque fusque/ fusqueando
- barreando o dia/ barrear o dia
- o dia vem raiando
- clareando o dia/ clarear

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

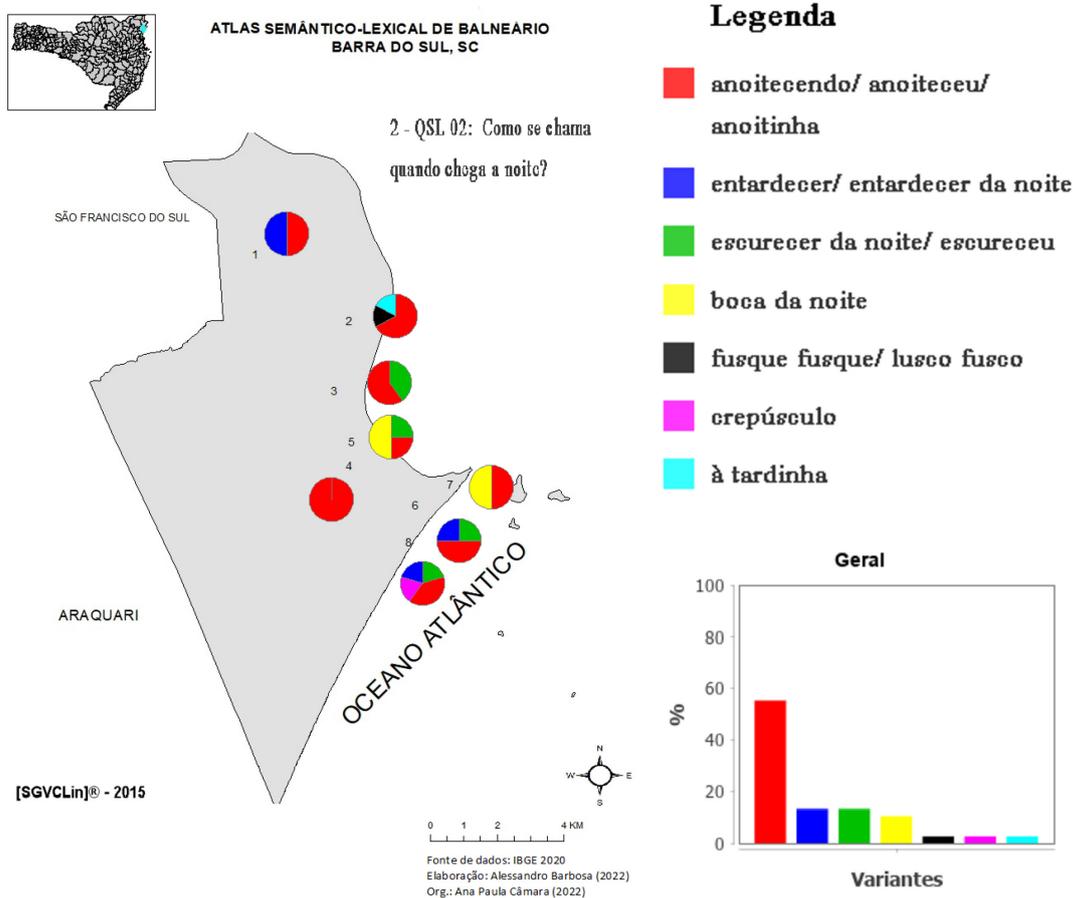
Geral



Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 02 – diatópica monodimensional

L02 - denominações para anoitecer



NOTAS

03 – Masculino – faixa II

INQ. – Quando chega a noite

INF.- A gente chama o entardecer, né. O entardecer da noite. Quando eu era novinho, (rindo) a gente não tinha luz em casa, né. Aí saía no vizinho, e ficava “oiando” [olhando] pras estrela [para as estrelas] à noite (rindo)

04 – Feminino – faixa I

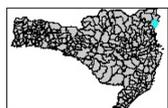
INQ. -

INF.- boca da noite, olha tá chegando a boca da noite (risos)

INQ. – Você sempre fala assim?

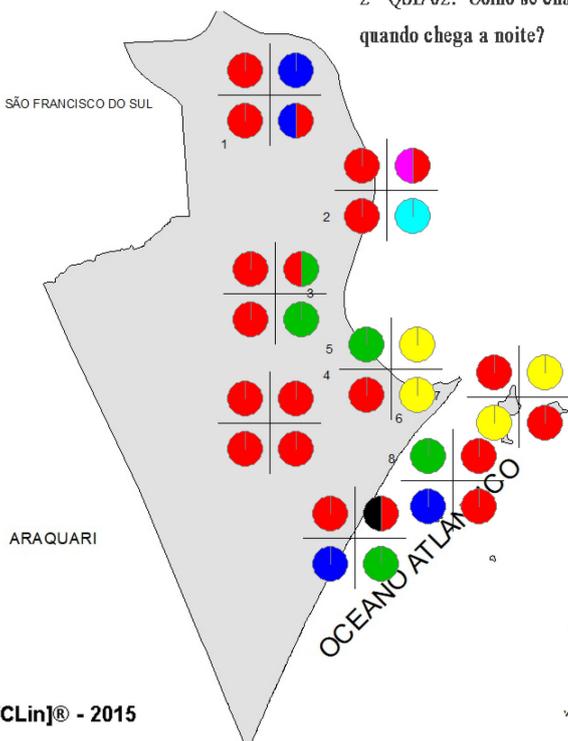
INF. – Aqui em casa sim, aprendemo com o pai, quando ia jogá a rede na pesca da tainha ele dizia: vamô na boca da noite

L02a - denominações para anoitecer



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

2 - QSL 02: Como se chama
quando chega a noite?



Legenda

- anoitecendo/ anoiteceu/
anoitinha
- entardecer/ entardecer da noite
- escurecer da noite/ escureceu
- boca da noite
- crepúsculo
- fisque fusque/ lusco fusco
- à tardinha

- ① ②
- ③ ④

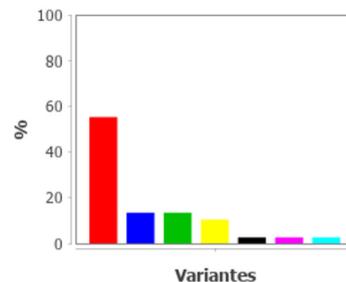
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

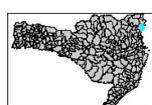
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Geral



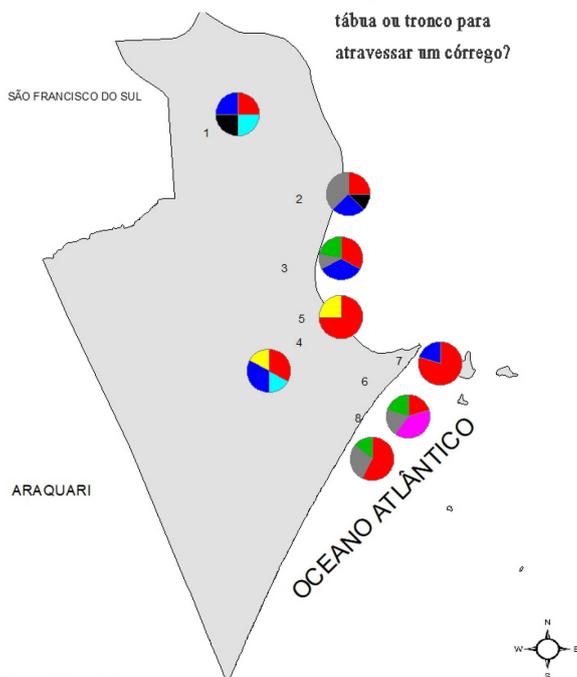
Carta 03 – diatópica monodimensional

L03 - denominações para ponte/pinguela



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

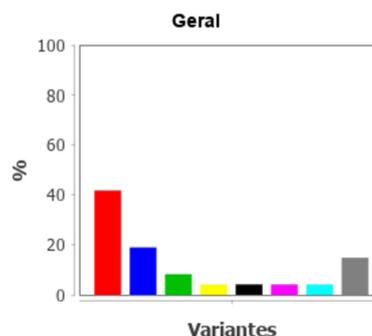
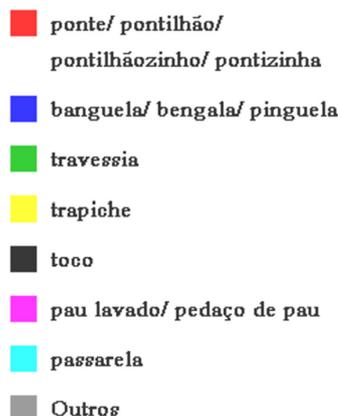
3 - QSL 03: Como se chama a
tábua ou tronco para
atravessar um córrego?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda



NOTAS

05 – Feminino – faixa I

INQ. – Sim, mas como você fala?

INF.- Tem gente que fala ponte, tem gente que fala pinguela

INF. – Ah, ponte, né (risos)

06 – Feminino – Faixa II

INQ. –

INF.- sim, passa por cima (risos) nós chamemo de pau lavado (risos) “tá passando por cima do 1²pau lavado” (risos)

INQ. – Pau lavado?

INF. – É, pau lavado, porque a gente passa por cima, aí pode tá molhado (risos) pau lavado

07 – Masculino – Faixa I

INQ. –

INF.- ¹³sarrafo, é... madeira algo do tipo, né, uma travessa, né

INQ. – Sarrafo?

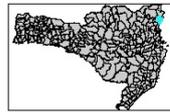
INF. – É aqui a gente fala sarrafo... pedaço de pau.

OUTROS: deck, ripa, sarrafo, casquero, vara pra varar, tauba.

¹² O termo Pau lavado revela regionalismo.

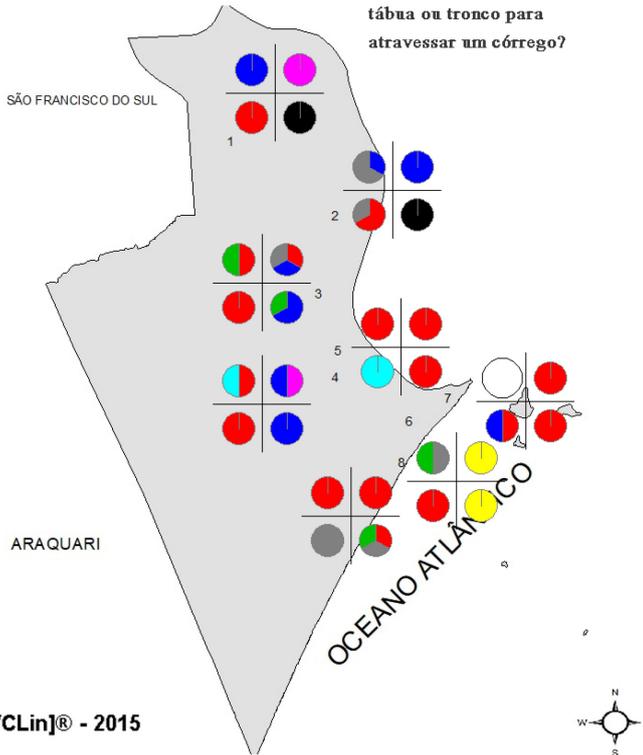
¹³ O termo revela regionalismo.

L03a - denominações para ponte/pinguela



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

3 - QSL 03: Como se chama a tábua ou tronco para atravessar um córrego?



Legenda

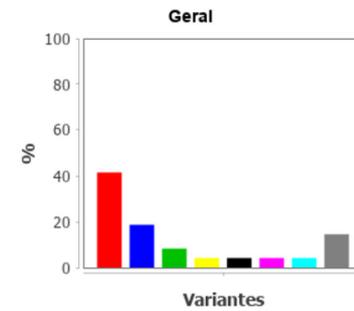
- ponte/ pontilhão/
pontilhãozinho/ pontizinha
- banguela/ bengala/ pinguela
- travessia
- pau lavado/ pedaço de pau
- toco
- passarela
- trapiche
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

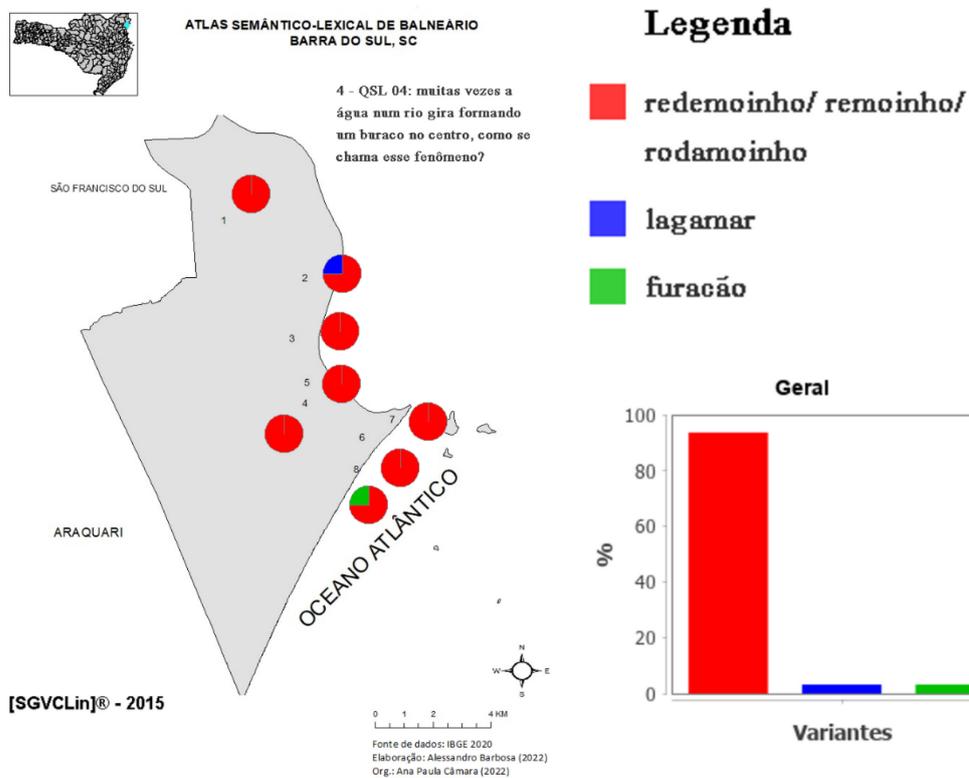
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM
 Fonte de dados: IBGE 2020
 Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
 Org.: Ana Paula Câmara (2022)



Carta 04 – diatópica monodimensional

L04 - denominações para redemoinho



NOTAS

08 – Masculino – faixa II

INF.- remoinho, né

INQ. – O senhor conhece outro nome?

INF. – Não só conheço assim, remoinho

09 – Feminino – faixa II

INQ. – Ele gira, e água fica com um buraco no meio

INF.- Ah, é... a gente fala... rodamoinho, tá dando uma roda moinho no rio

10 – Masculino – faixa II

INQ. – Ele gira, e água fica com um buraco no meio

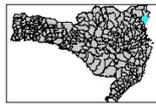
INF.- Não lembro

Circ. – rodamoinho

INF. – ah, redemoinho, né.

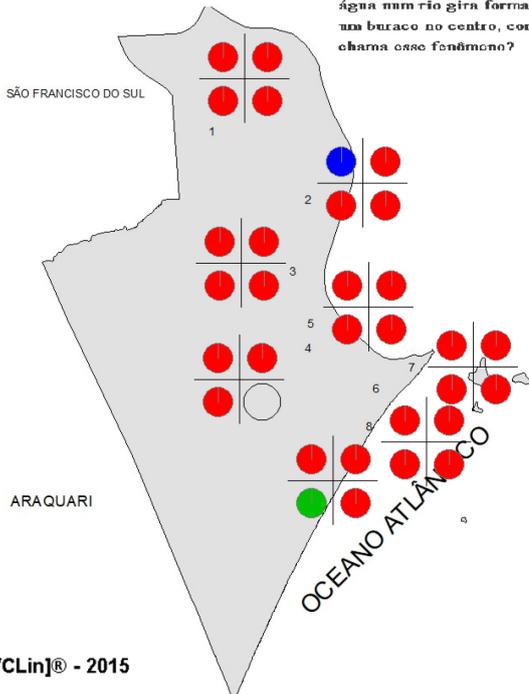
Carta 04 – diatópica pluridimensional

L04a - denominações para redemoinho



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

4 - QSL 04: muitas vezes a água num rio gira formando um buraco no centro, como se chama esse fenômeno?



Legenda

redemoinho/ remoinho/ rodamoinho

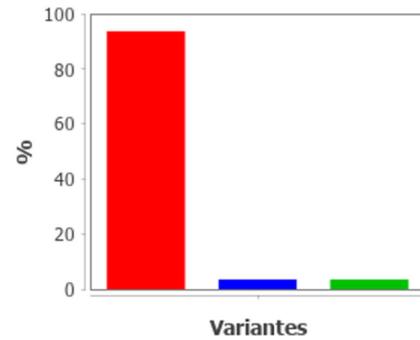
lagamar

furacão

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral

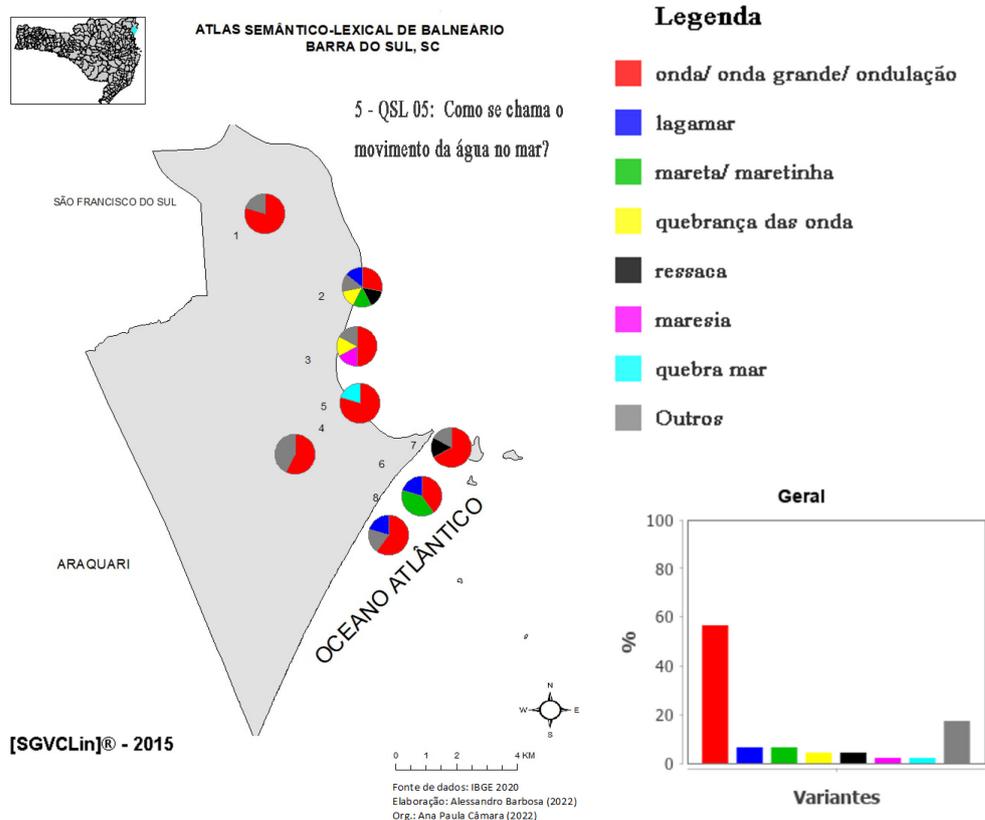


[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM
 Fonte de dados: IBGE 2020
 Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
 Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 05 – diatópica monodimensional

L05 - denominações para onda do mar



NOTAS

11 – Feminino – faixa II

INQ. – Esse é o mesmo nome que se dá para aquele movimento que os surfistas gostam?

INF.- A gente chama de maretta, tá agitado

INQ. – ¹⁴Maretta?

INF. Sim, quando eu ia pescá com o meu marido, aí a gente dizia, olha a maretta, 4jagigo (risos)

12 – Masculino – faixa II

INF. – marola, mexido, carneirinho, onda

INQ. – Carneirinho?

INF. – É, sabe quando o mar tá mexido, fica fazendo umas onda que a gente olha de longe e parece um monte de ¹⁶carnerinho (risos)

porque assim, quando a gente entra na boca da barra, a gente tem que espera o jagigo pra podê entrá pra água, sabe.

INF. – Ahn, o que o surfista gosta é onda (risos), é mais o ¹⁵jagigo é uma onda, tem a quebrança é onde o surfista gosta... o jagigo quando ele quebra, alivia, a gente tem que aproveitá pra entrá.

INQ. – Interessante, e aqui falam assim?

INF. – Ah, sim, tem gente que fala, os pescadô.

OUTROS: marola, série, correnteza, balanço do mar, carneirinho/carnerinho, mexido.

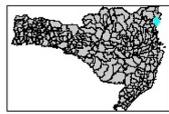
¹⁴ Regionalismo

¹⁵ Regionalismo

¹⁶ Regionalismo

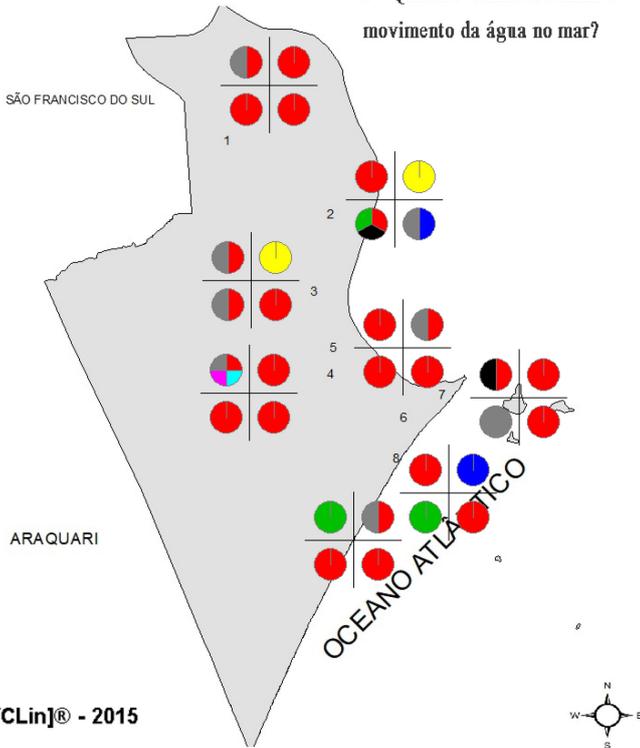
Carta 05 – diatópica pluridimensional

L05a - denominações para onda do mar



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

5 - QSL 05: Como se chama o movimento da água no mar?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

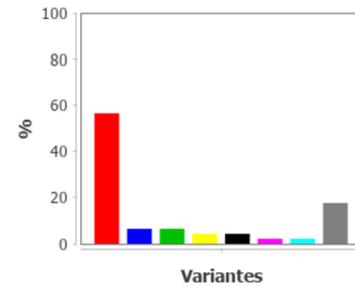
Legenda

- onda/ onda grande/ ondulação
- mareta/ maretinha
- lagamar
- quebração das onda
- ressaca
- carneirinho
- mexido
- Outros

- ① ②
- ③ ④

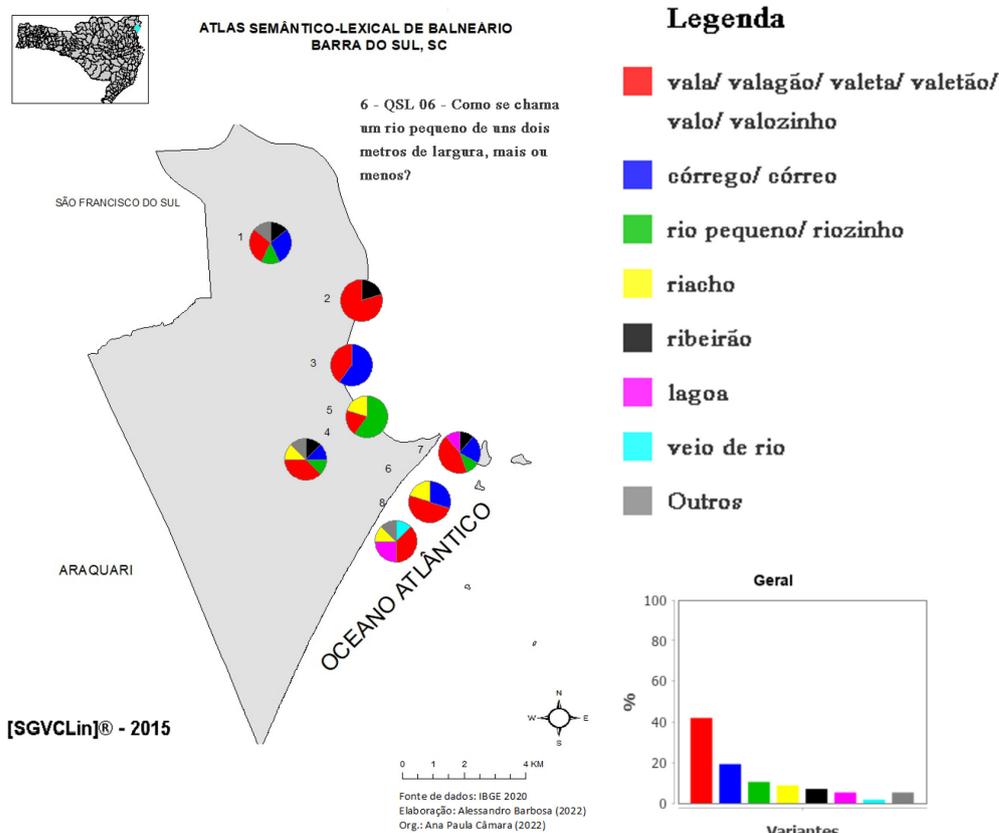
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 06 – diatópica monodimensional

L06 - denominações para córrego



NOTAS

13 – Masculino – faixa II

INQ. -

INF.- riacho, veio de rio, balagão, vala

INQ. – Balagão? De onde essa expressão, sabe?

INF. – ...(risos) daqui mesmo, a gente fala vala, valeta, valetão e balagão também, meu pai falava.

14 – Masculino – faixa II

INQ. -

INF.- Um córreo, né, um córreo...(risos) valetão (risos)

INQ. – valetão? (rindo)

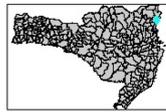
INF. – valetão (rindo)

15 – Feminino -faixa II

INF.- riacho, córrego, né, um riachinho né, lagoa não é, na verdade é um riachinho, valo, valozinho.

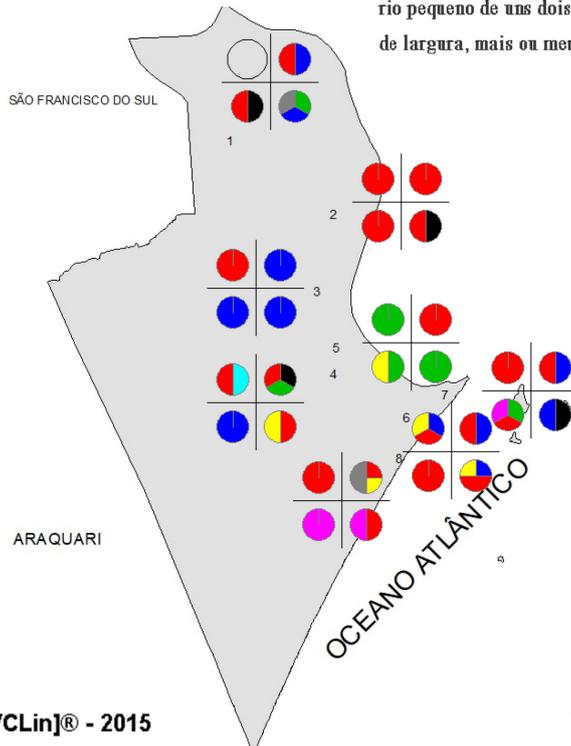
OUTROS: poço, brejo, lago, buero.

L06a - denominações para córrego



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

6 - QSL 06: Como se chama um
rio pequeno de uns dois metros
de largura, mais ou menos?



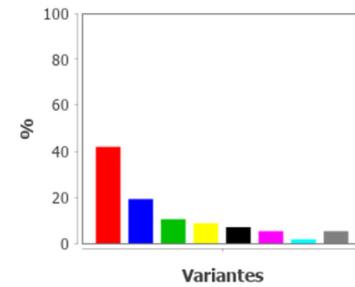
Legenda

- vala/ valagão/ valeta/ valetão/
valo/ valozinho
- córrego/ córreo
- rio pequeno/ riozinho
- riacho
- ribeirão
- lagoa
- poço
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

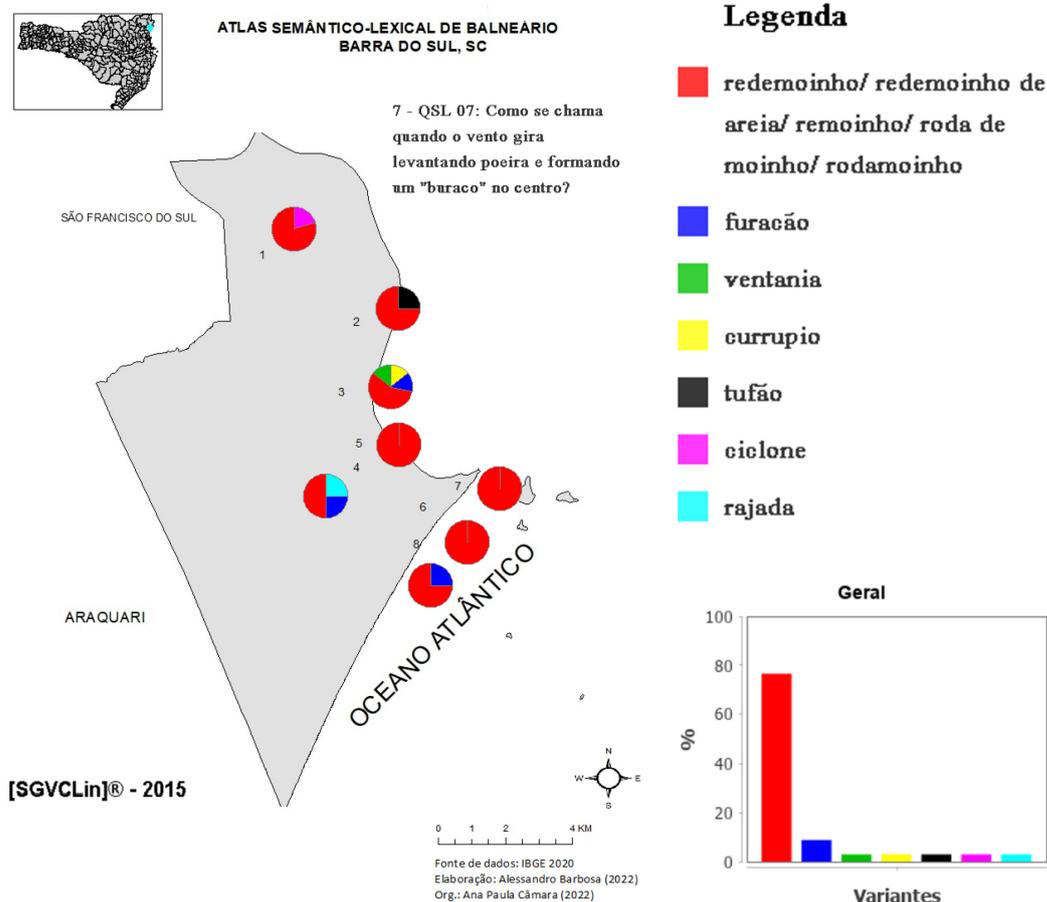
Geral



Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 07 – diatópica monodimensional

L07 - denominações para redemoinho de vento



NOTAS

16 – Feminino – Faixa II

INF.- esqueci agora... rodamoinho também, né, currupio

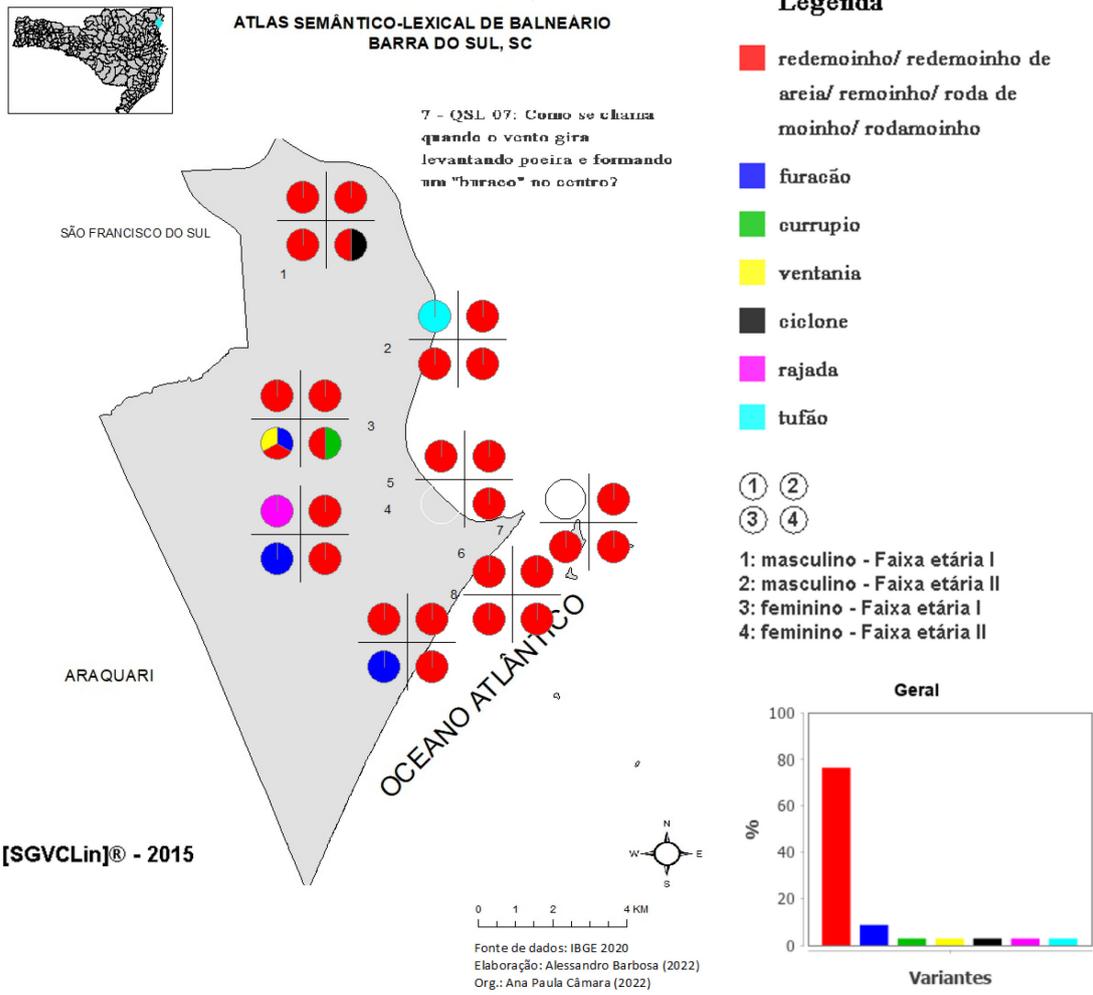
INQ. – Esse eu nunca ouvi, ¹⁷currupio

INF. – Aqui nós chama currupio também porque ele vem ligero, aí parece um currupio

¹⁷ cada uma das diversas brincadeiras populares em que os participantes, esp. crianças, rodopiam ou fazem girar alguém ou algo; ação de girar; giro, volta, rodopio. DICIONÁRIO HOUASS, (2020). Esse léxico pode revelar regionalismo.

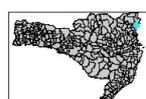
Carta 07 – diatópica pluridimensional

L07a - denominações para redemoinho de vento



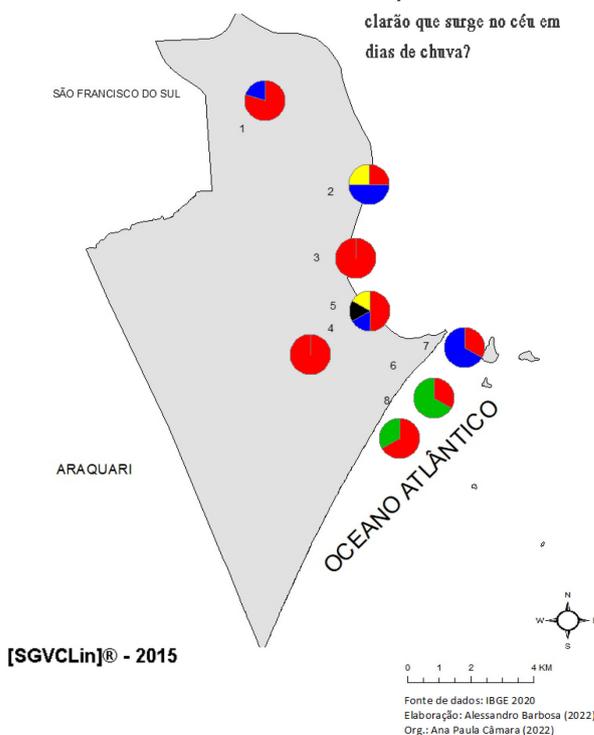
Carta 08 – diatópica monodimensional

L08 - denominações para relâmpago



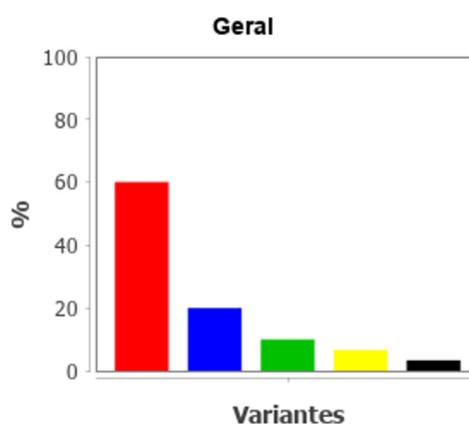
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

8 - QSL 08: Como se chama o
clarão que surge no céu em
dias de chuva?



Legenda

- relampo/ relâmpago
- clarão/ crarão
- trovão/ trovões
- relampejando
- rabo de galo



NOTAS

17 – Masculino – Faixa II

INQ. – Fica clareando até as janelas da casas

INF.- clarão, ¹⁸rabo de galo

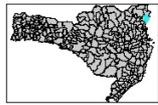
INQ. – Rabo de galo?

INF. – sim, nós chamamos assim porque parece um rabo de galo

¹⁸ Segundo o DIOCIONÁRIO HOUASS a expressão “rabo de galo” é conhecida também como uma bebida.

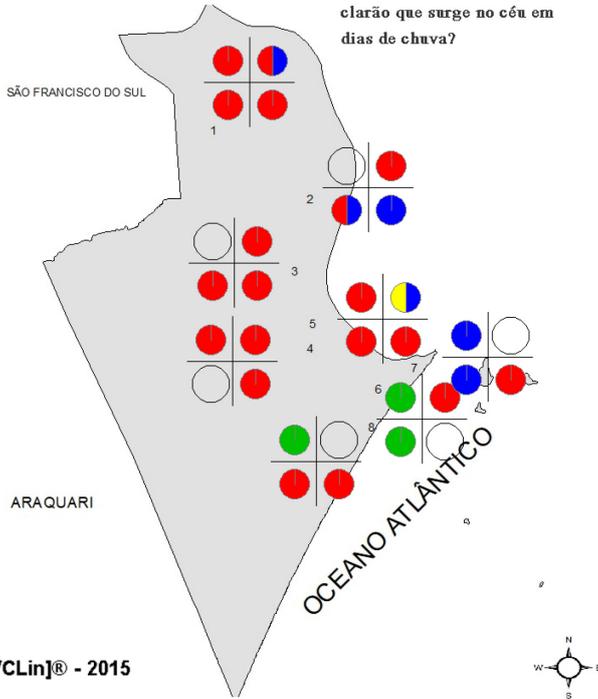
Carta 08 – diatópica pluridimensional

L08a - denominações para relâmpago



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEARIO
BARRA DO SUL, SC

8 - QSL 08: Como se chama o clarão que surge no céu em dias de chuva?

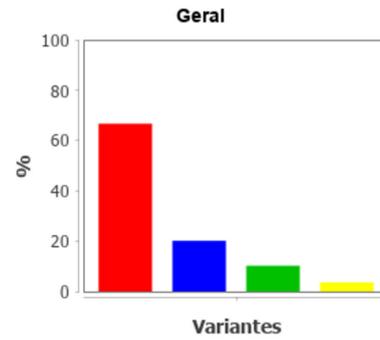


Legenda

- relampejando/ relampo/ relâmpago
- clarão/ crarão
- trovão/ trovões
- rabo de galo

1 2
3 4

1: masculino - Faixa etária I
 2: masculino - Faixa etária II
 3: feminino - Faixa etária I
 4: feminino - Faixa etária II



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM
 Fonte de dados: IBGE 2020
 Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
 Org.: Ana Paula Câmara (2022)

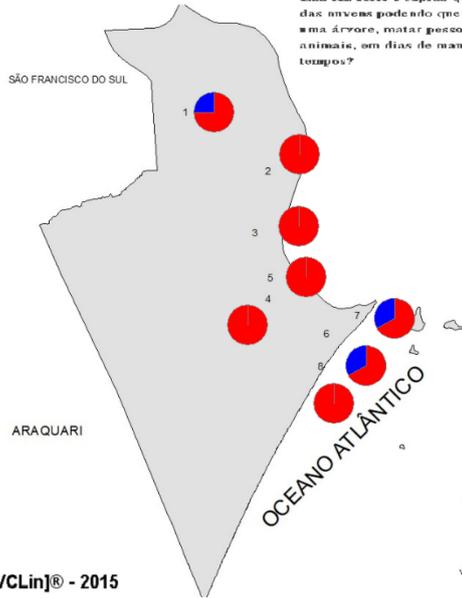
Carta 09 – diatópica monodimensional

L09 - denominações para raio



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

9 - OSL.09: Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

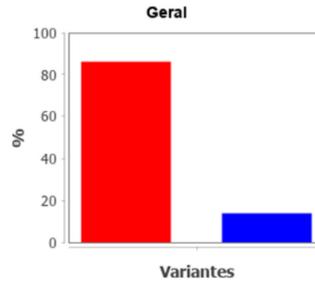


[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

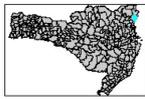
Legenda

- raio
- relâmpago



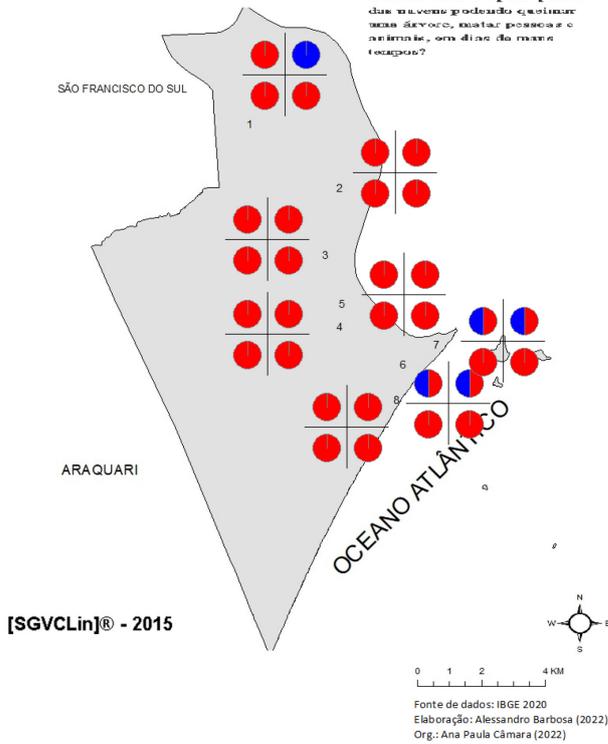
Carta diatópica pluridimensional

L09a- denominações para raio



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

U - QSLU9: Como se chama um luz forte e rápida, que em dia quente podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de muito tempo?

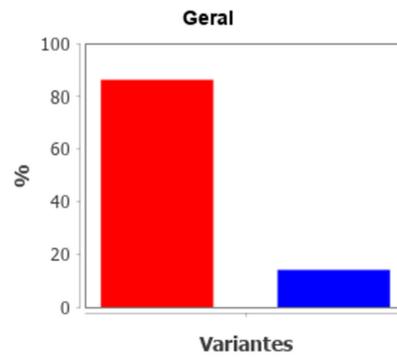


Legenda

- raio
- relâmpago

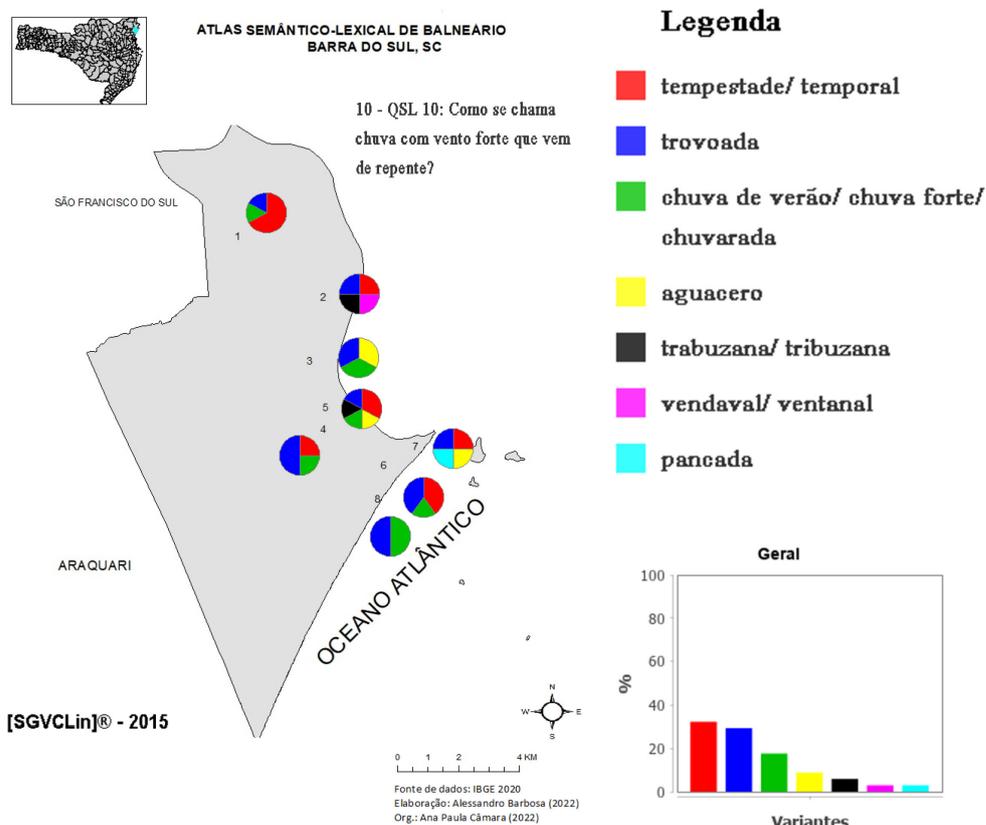
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 10 - diatópica monodimensional

L10 - denominações para temporal



NOTAS

18 – Masculino – faixa I

INQ. – Ela vem bem forte, dá bastante vento.

INF.- ¹⁹tribuzana

INQ. – Interessante esse nome

INF. – É, nós chama aqui quando dá um vento muito forte, ó lá vem uma tribuzana (rindo)

19 – Masculino – faixa II

INQ. -

INF.- trovoada, vento de trovoada, tempestade, trabuzana

INQ. – Trabuzana?

INF. – (rindo) coisa de pescadô (rindo) lá vem uma grande trabuzana

20 – Feminino – faixa II

INQ. – Mas essa é uma chuva forte, quando dá rebojo a chuva é fina

INF.- Tem o rebojo, que a gente fala né, tem chuvas que vem com o rebojo que é pra limpá o tempo.

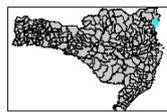
INQ. – Sabe outro nome?

INF. – É, chuva com vento, eu sei que é ...ventanal, né, é, ventanal

¹⁹ Tribuzana possui semelhança fonética com trabuzana, palavra dicionarizada que significa (tempestade/temporal)

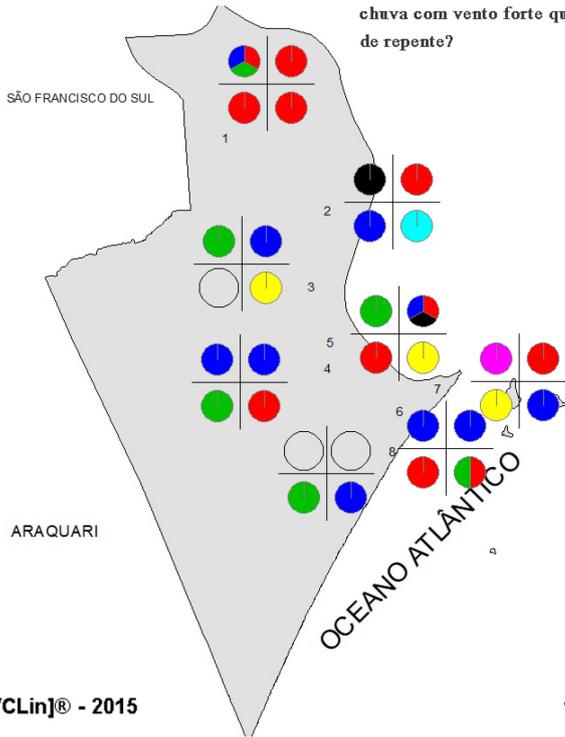
Carta 10 – diatópica pluridimensional

L10a - denominações para temporal



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

10 - QSL 10: Como se chama
chuva com vento forte que vem
de repente?



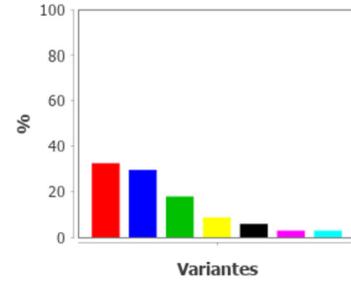
Legenda

- tempestade/ temporal
- trovoada
- chuva de verão/ chuva forte/ chuarada
- aguacero
- trabuzana/ tribuzana
- pancada
- vendaval/ ventanal

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



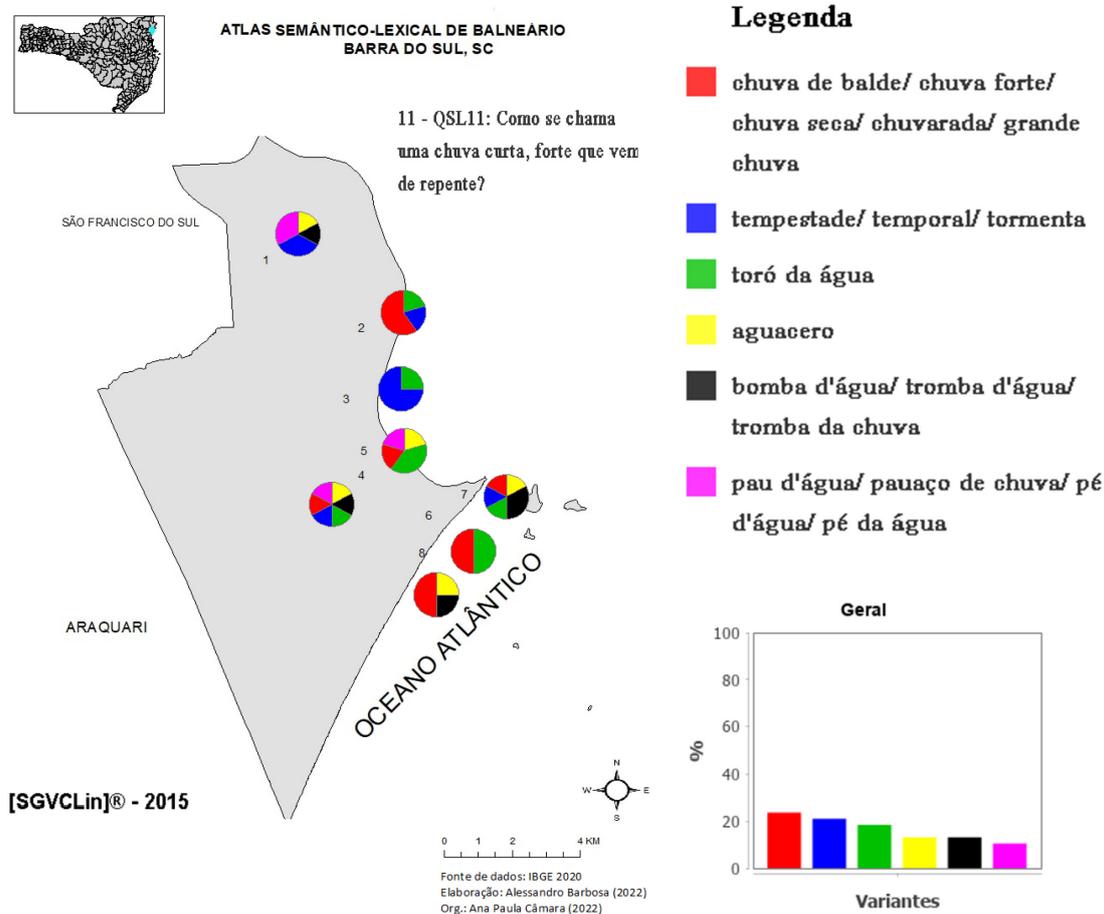
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 11 – diatópica monodimensional

L11 - denominações para tromba d'água



NOTAS

21 – Masculino – faixa II

INQ. - Essa vem sem vento, só chuva, bem forte

INF.- aí a gente fala assim, pau aço de chuva (risos)

INQ. – Interessante esse termo

INF. – Sim, quando vem aquela grande chuva a gente já fala “lá vem um pau aço de chuva” (rindo)

22 – Feminino – faixa I

INQ. – Conhece um outro nome? Ela é bem forte e faz até barulho alto

INF.- Aqui a gente chama de aguaceiro, né, passageiro, é aguacero mesmo

23 – Masculino – faixa II

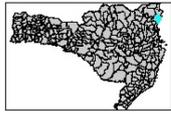
INF.- Ah, não lembro agora. O nome, chuva forte, pesada...tormenta, poderia ser... tromba d'água, seria forte

INQ. E a tormenta, será que é parecida?

INF. É, acho que sim porque é forte

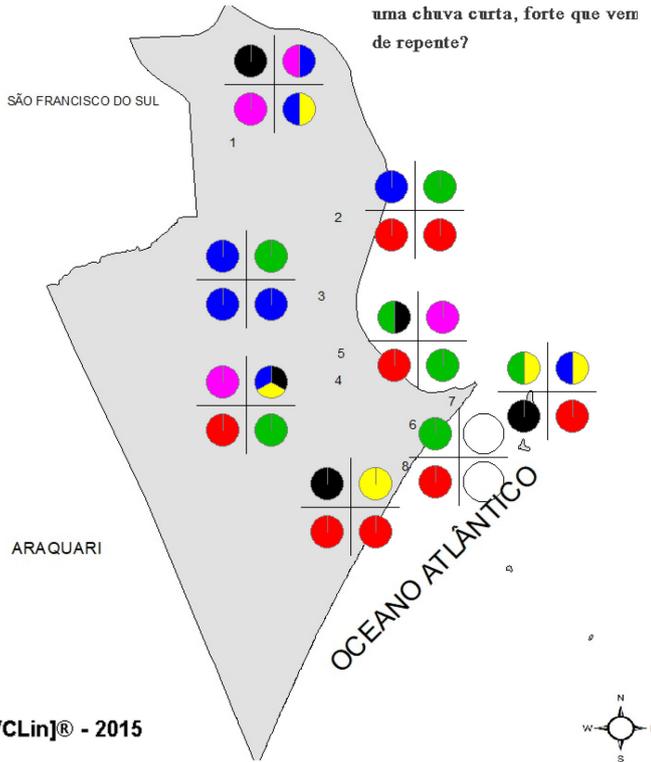
Carta 11 – diatópica pluridimensional

L11a - denominações para tromba d'água



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

11 - QSL11: Como se chama
uma chuva curta, forte que vem
de repente?



Legenda

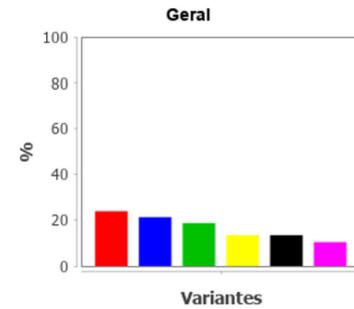
- chuva de balde/ chuva forte/
chuva seca/ chuvarada/ grande
chuva
- tempestade/ temporal/ tormenta
- toró da água
- bomba d'água/ tromba d'água/
tromba da chuva
- aguacero
- pau d'água/ pauço de chuva/ pé
d'água/ pé da água

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

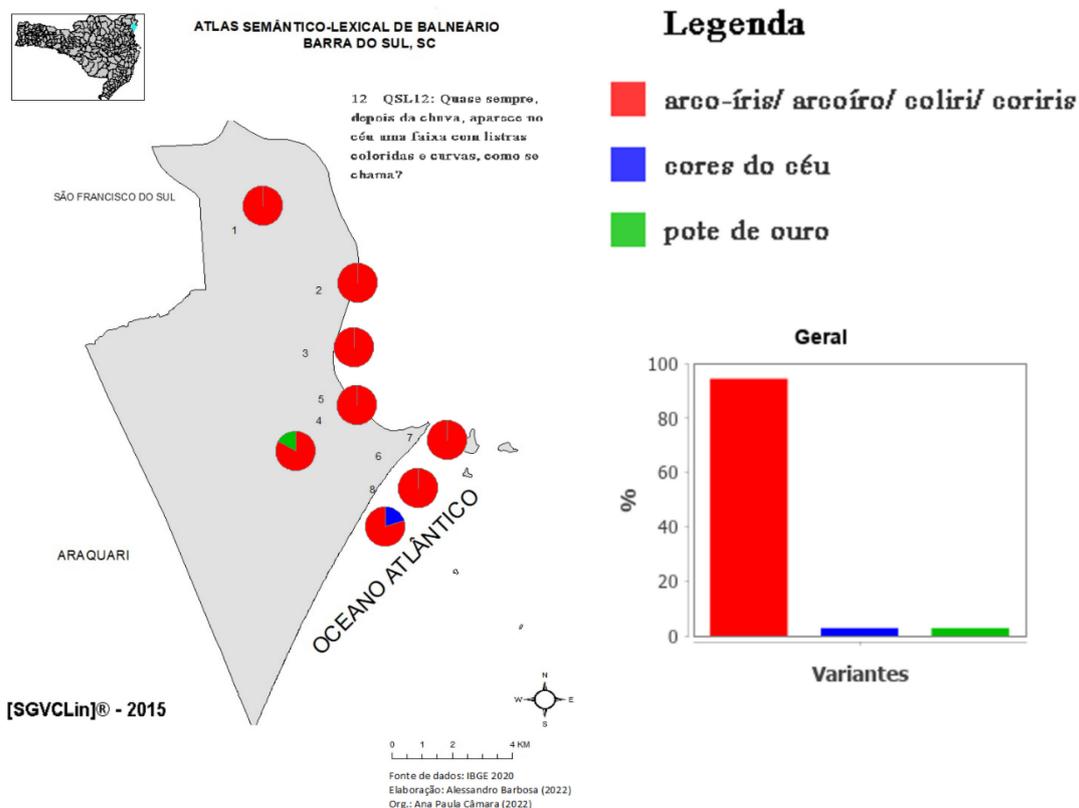
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)



Carta 12 – diatópica monodimensional

L12 - denominações para arco-íris



NOTAS

24 – Masculino – faixa II

INF.- pote de ouro (risos) arco-íris

INQ. – Por que pote de ouro?

INF. – Ah, porque diz a lenda que no final de cada arco-íris tem pote de oro (rindo)

INQ. – Entendi, e o senhor acredita?

INF. – Acredita, acredita, a gente não acredita muito né, mas escuta falá.

25 – Feminino – faixa I

INF.- Ah, o arco-íris, cores do céu

INQ. – Interessante, cores do céu

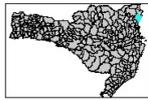
INF. – O céu fica colorido

INQ. – Você sempre fala assim?

INF. – Sim, sempre falo os dois jeitos

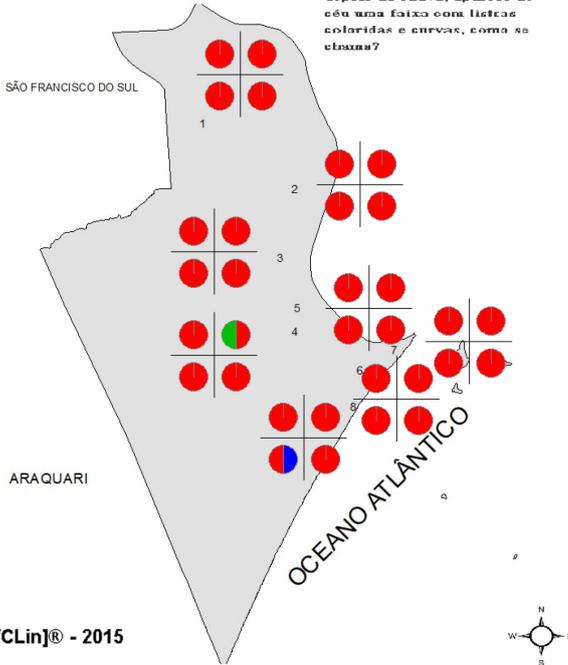
Carta 12 – diatópica pluridimensional

L12a - denominações para arco-íris



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

12 - QST.12: Quase sempre, depois da chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas, como se dissesse?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

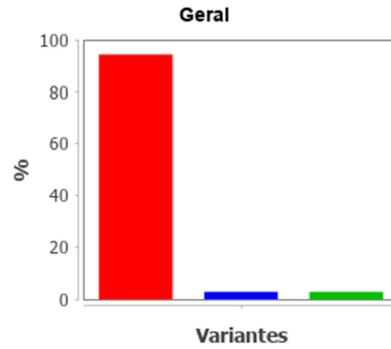
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- arco-íris/ arcoíro/ coliri/ coriris
- cores do céu
- pote de ouro

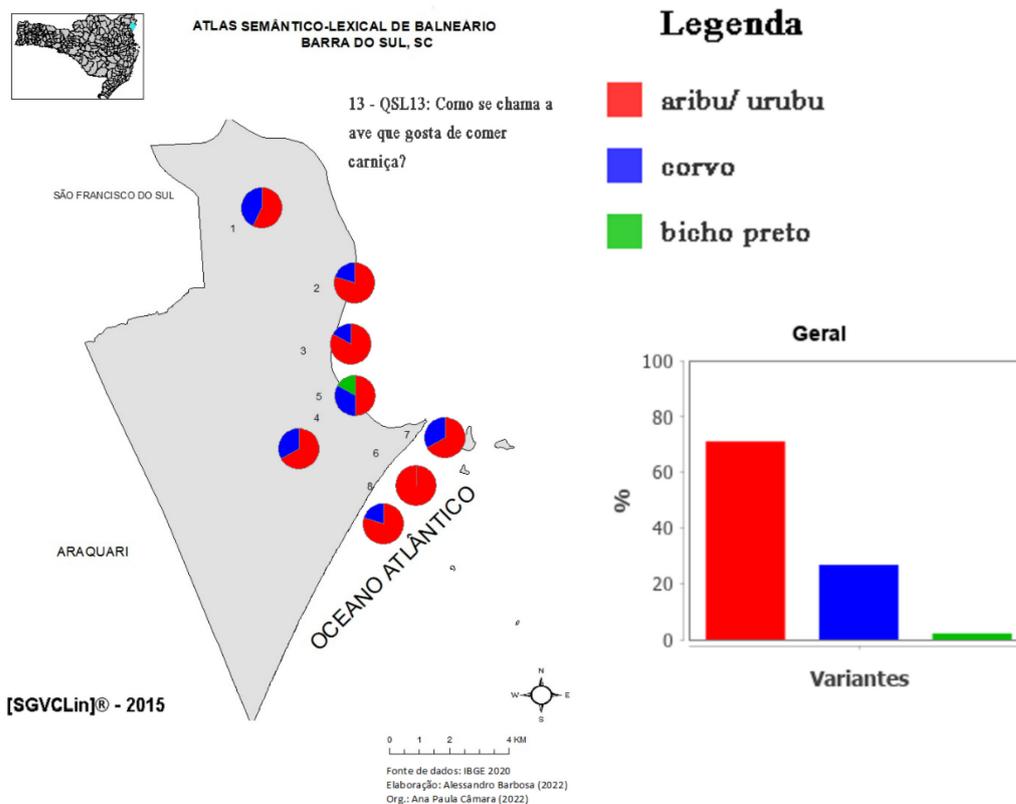
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 13 – diatópica monodimensional

L13 - denominações para urubu



NOTAS

25 – Feminino – faixa II

INQ. -

INF.- urubu. Tem alguns que chamam de corvo, mas eu tenho hábito de chamar urubu. Uma ave preta. Até tem uma coisa interessante, aqui perto, na aldeia, tinha um urubu que eles criaram, o nome dele era Bil (risos) ((Bil))?

INF. Bil, era o nome do urubu, aí me lembro que uma vez apareceu na escolinha, aí foi perto do parquinho (risos)

26 – Masculino – faixa II

INF.- tem dois nome, nós chama urubu, mas na roça nós chamava ²⁰corvo

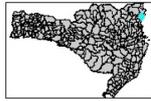
INQ. – Então corvo para vocês é uma linguagem mais da roça?

INF. – É, mais antigamente, né, hoje a gente fala mais urubu, mas quando eu era criança era só corvo.

²⁰ Corvo: o léxico revela arcaísmo.

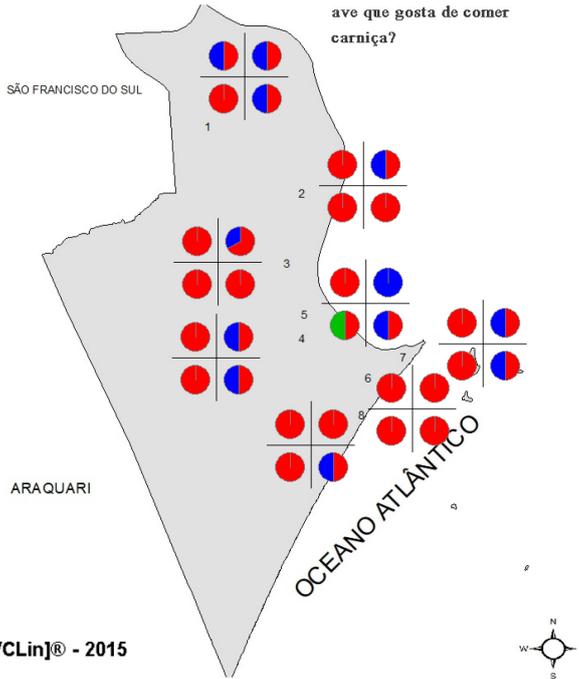
Carta 13 – diatópica pluridimensional

L13a - denominações para urubu



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEARIO
BARRA DO SUL, SC

13 - QSL13: Como se chama a
ave que gosta de comer
carniça?



[SGVCLin]® - 2015

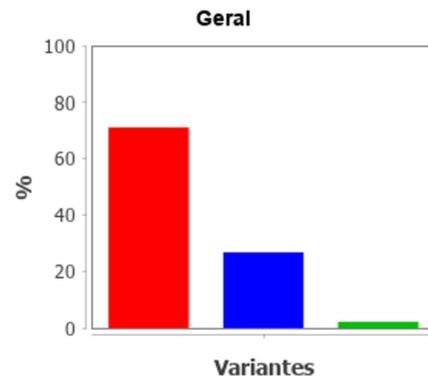
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- aribu/ urubu
- corvo
- bicho preto

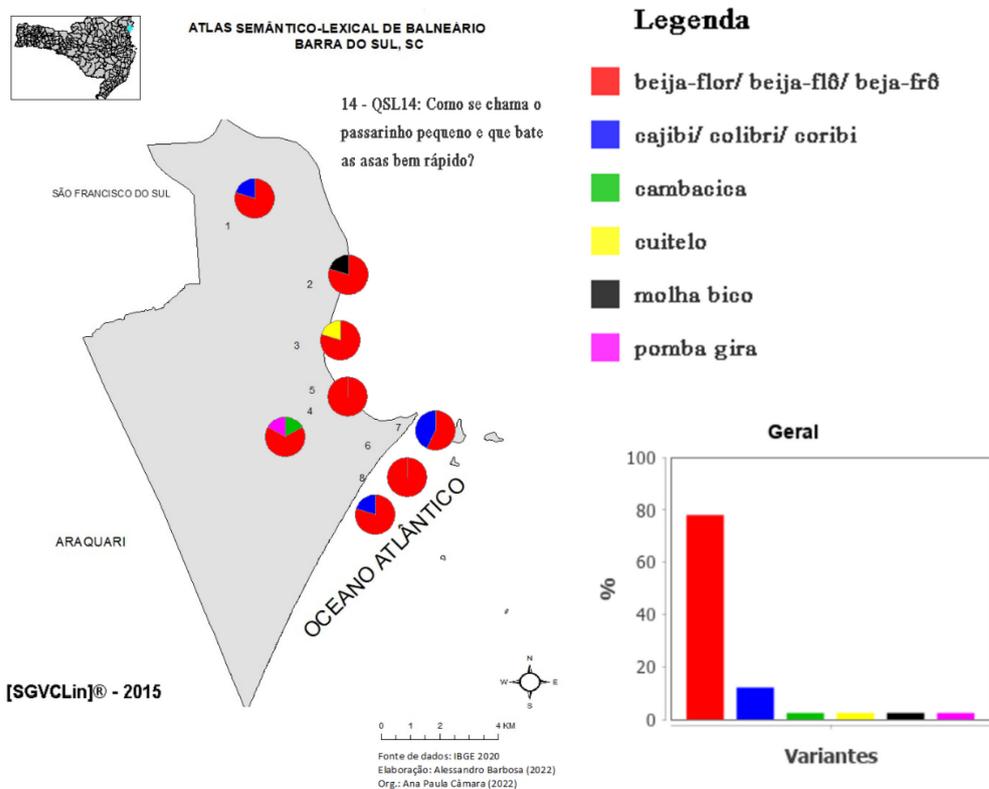
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 14 – diatópica monodimensional

L14 - denominações para beija-flor



NOTAS

27 – Masculino – faixa II

INF.- ah, beija-flor, a gente chama mais cuitelo (risos)

INQ. – Cuitelo?

INF. – Ah, assim, é uma forma mais antiga, aqui prá banda do interior é mais comum.

28 – Masculino – faixa I

INQ. -

INF.- beija-flor, cambacica, pomba gira

INQ. – Interessante, nunca ouvi esses dois nomes, ²¹cambacica e pomba gira, de onde vem?

INF. – Ah, a gente fala aqui assim também, desde criança. Mas não sei de onde vem. Talvez do Rio Grande.

INQ. – Entendi

INF. – Assim ²²pomba gira porque ele fica batendo as asa bem rápido (rindo)

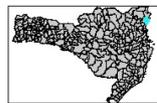
²¹ Para o termo cambacica (do tupi coereba) encontramos no dicionário HOAUSS (2020)

como sendo uma ave que pertence a mesma família do beija-flor Thraupidae.

²² Pomba gira revela regionalismo

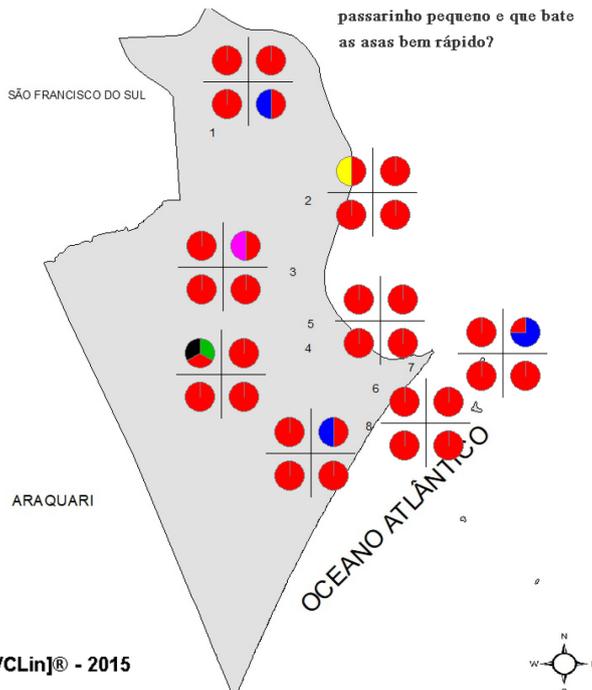
Carta 14 – diatópica
monodimensional

L14a - denominações para beija-flor



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

14 - QSL14: Como se chama o
passarinho pequeno e que bate
as asas bem rápido?

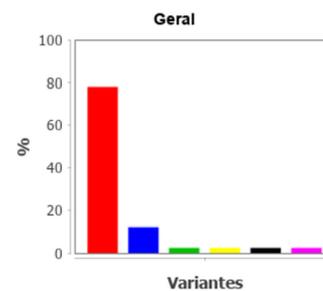


Legenda

- beija-flor/ beija-flô/ beja-frô
- cajibi/ colibri/ coribi
- cambacica
- molha bico
- pomba gira
- cuitelo

- ① ②
- ③ ④

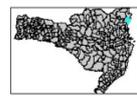
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

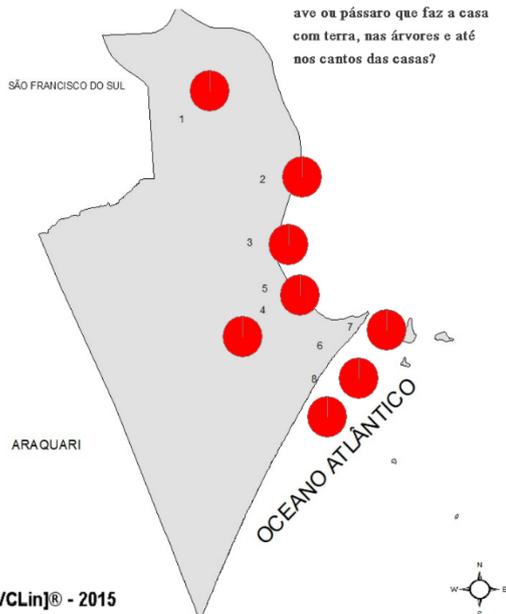
Carta 15 – diatópica monodimensional

L15 - denominação para João de barro



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

15 - QSL15: Como se chama a ave ou pássaro que faz a casa com terra, nas árvores e até nos cantos das casas?



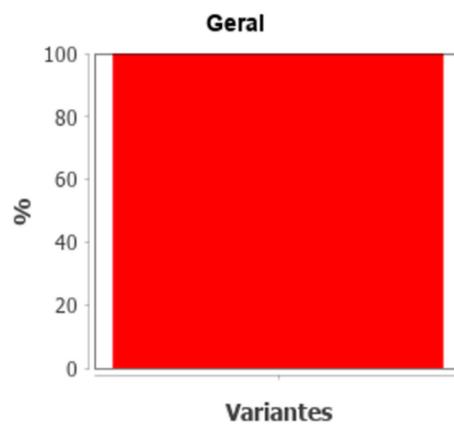
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

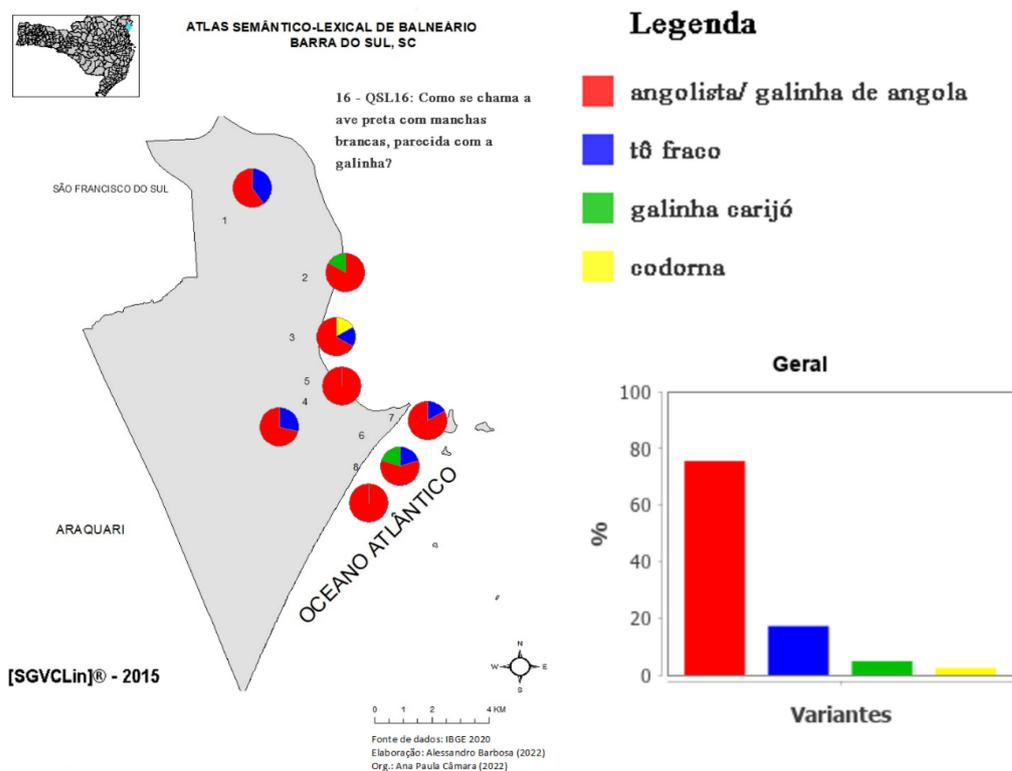
Legenda

 joão de barro



Carta 16 – diatópica monodimensional

L16 - denominações para galinha de angola



NOTAS

29 – Feminino – faixa II

INQ. – Ele fica no quintal, semelhante às outras galinhas

INF.- Manchas branca... angolista, mas é uma galinha?

INQ. – Sim, uma espécie de galinha

INF. – é a carijó, né, nós temos a galizé, a branquinha, tu tá falando é a “tô fraco” que tu tá falando (risos) come, come, e véve dizendo que tá fraco, essa é a carijó (risos)

INQ. – Então para senhora é carijó?

INF. – Sim, também, nós chamemo dos dois tipo.

30 – Feminino – faixa II

INQ. – Não, essa é preta ou cinza e tem manchas brancas por todo o corpo, é comum também em artesanatos, enfeites de cozinha

INF.- avestruz?

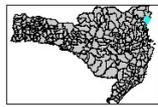
INF. – ah, galinha carijó... coisa assim, não é codorna, é uma galinha...

INQ. – Pela imagem, a senhora consegue lembrar?

INF. – Ah, essa é a angolista (risos), ela faz um barulhinho, né, mas não lembro, mas é carijó também (risos)

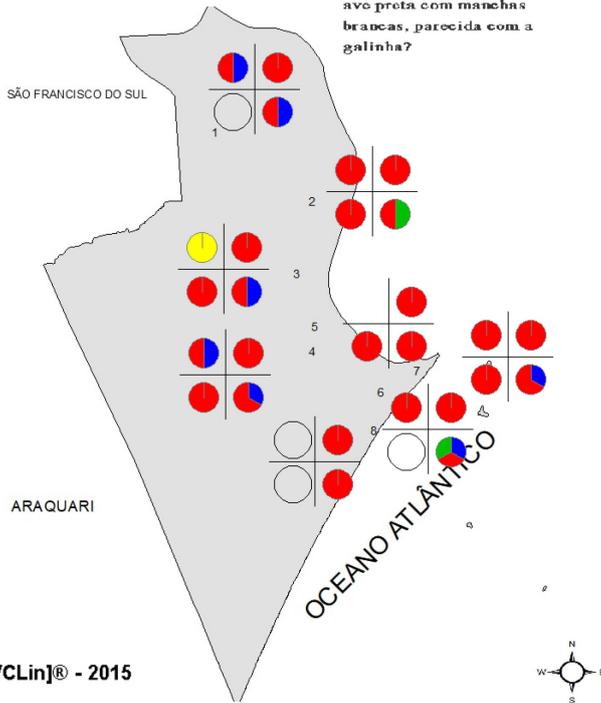
Carta 16 - diatópica pluridimensional

L16a - denominações para galinha de angola



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEARIO
BARRA DO SUL, SC

16 - QSL16: Como se chama a
avo preta com manchas
brancas, parecida com a
galinha?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

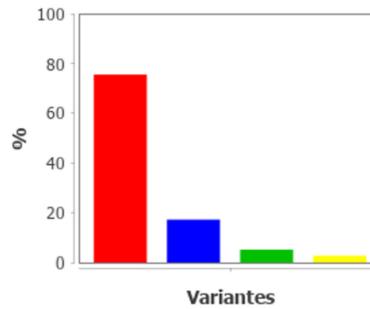
Legenda

- angolista/ galinha de angola
- tã fraco
- galinha carijó
- codorna

- ① ②
- ③ ④

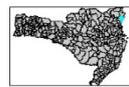
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



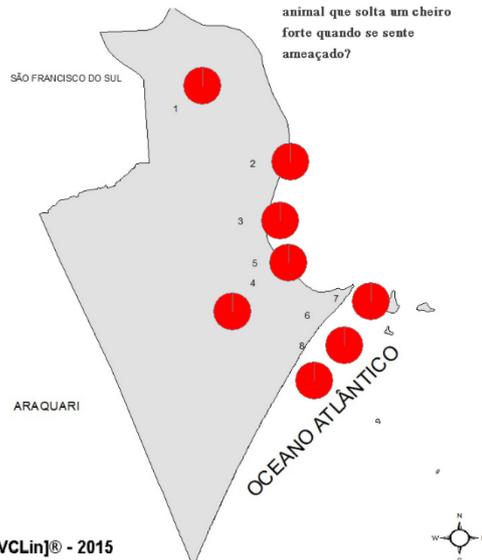
Carta 17 - diatópica monodimensional

L17 - denominação para gambá



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

17 - QSL17: Como se chama o animal que solta um cheiro forte quando se sente ameaçado?

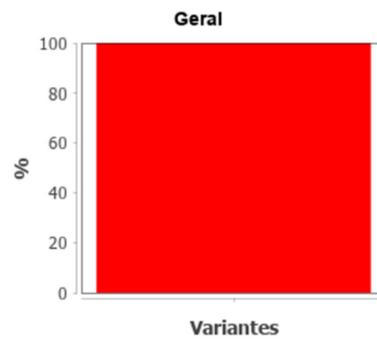


[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Pauli Câmara (2022)

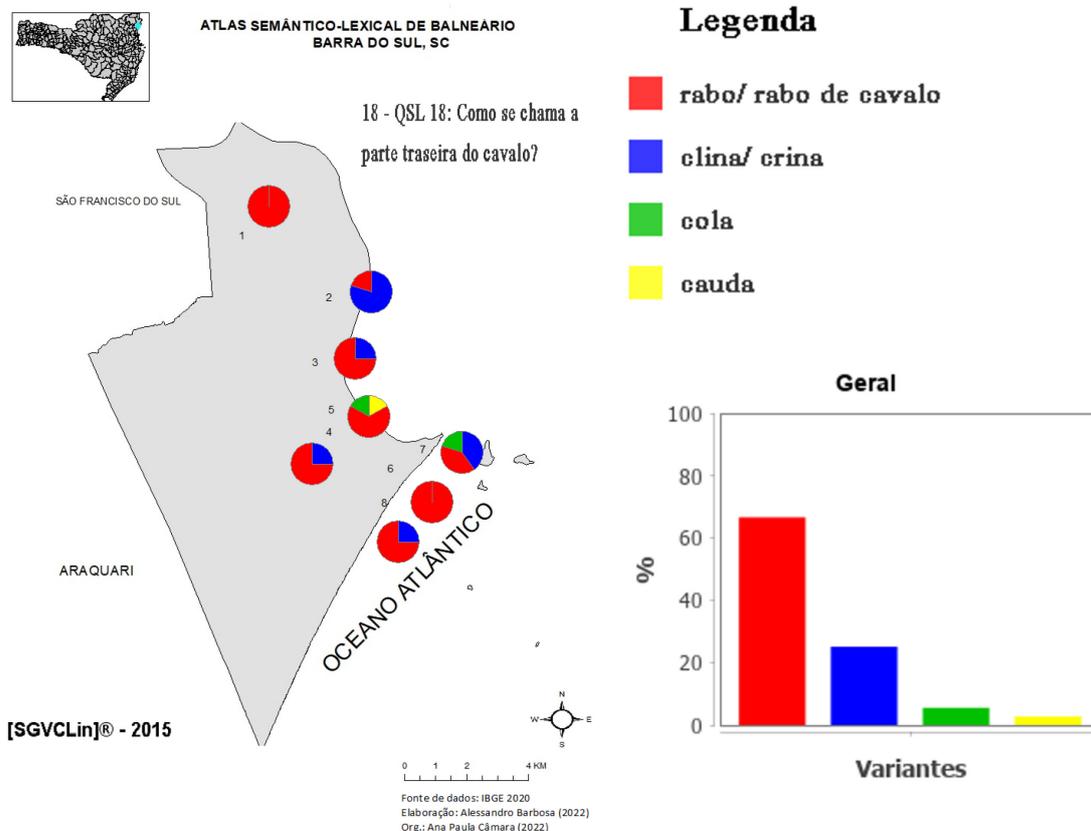
Legenda

 gambá



Carta 18 – diatópica monodimensional

L18 - denominações para crina/cauda/rabo



NOTAS

31 – Feminino – faixa II

INF.- ²³cola

INQ. – Cola?

INF. – Sim (risos) cola, aqui a gente fala cola do cachorro, cola do cavalo

INQ. – Entendi, só conhece esse nome?

INF. Olha, quem lembre sim

32 – Masculino – faixa II

INF.- rabo, tem gente que fala cola, né (risos)

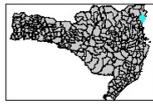
INQ. – Mas o senhor fala mais rabo ou cola?

INF. – Ah, falo os dois, depende o que eu lembro (risos)

²³ O termo tem associação com o léxico cauda, segundo o DICIONÁRIO HOUASS, revelando, portanto, regionalismo.

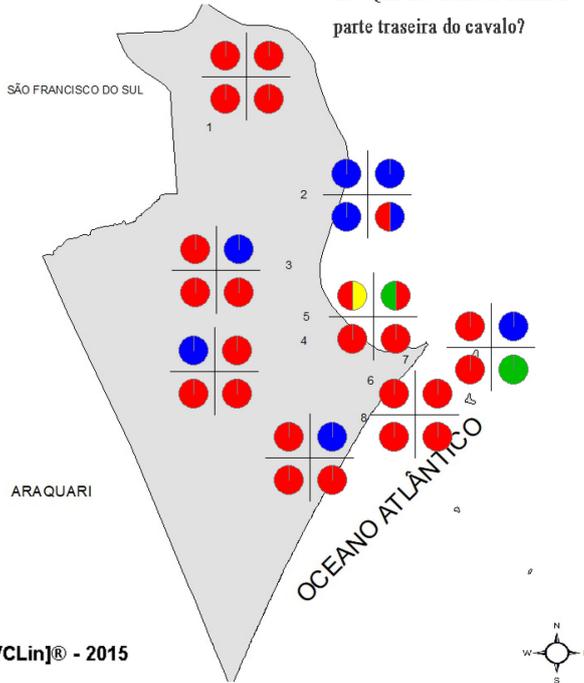
Carta 18 – diatópica pluridimensional

L18a - denominações para crina



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

18 - QSL 18: Como se chama a parte traseira do cavalo?



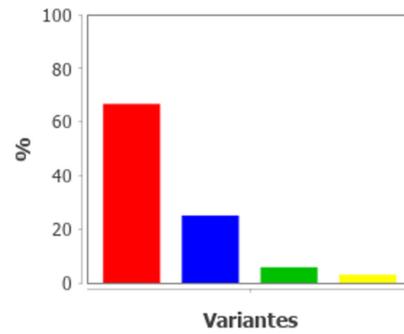
Legenda

- rabo/ rabo de cavalo
- clina/ crina
- cola
- cauda

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral

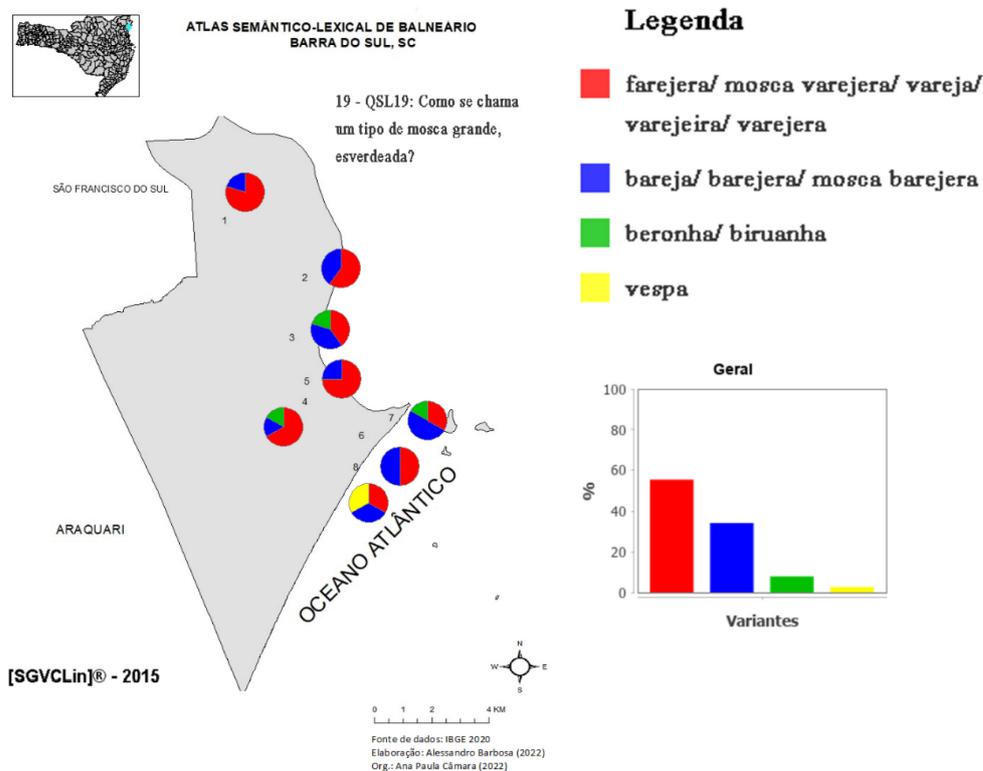


[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
 Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
 Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 19 – diatópica monodimensional

L19 - denominações para mosca varejeira



NOTAS

33- Masculino – faixa II

INQ. – Ela incomoda, pousa na comida, faz um barulho

INF.- beronha, mosca de varejeira

INQ. – ²⁴Beronha?

INF. – Sim, beronha é chamado também

INQ. – Nunca ouvi, sabe de onde vem essa palavra?

INF. – Não sei, aqui nós temos origem açoriana, pode ser açoriana

INQ. – Entendi

34 – Masculino – faixa II

INF. – varejeira, barejera, beronha (risos)

INQ. – Beronha?

INF. – A gente aqui no interior chama beronha (risos)

INQ. – Certo, mas deve ter alguma origem, né? O senhor sabe?

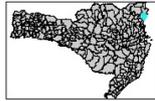
INF. – Olha, não sei não, a minha mãe chama assim até hoje, ela é daqui mesmo

²⁴ A palavra tem origem tupi e tem relação com bironha, meruanha, muruanha, bernanha. DIOCIONÁRIO ETIMOLÓGICO MICHAELIS

ON-LINE, acesso em 30 de março de 2023, às 16h00.

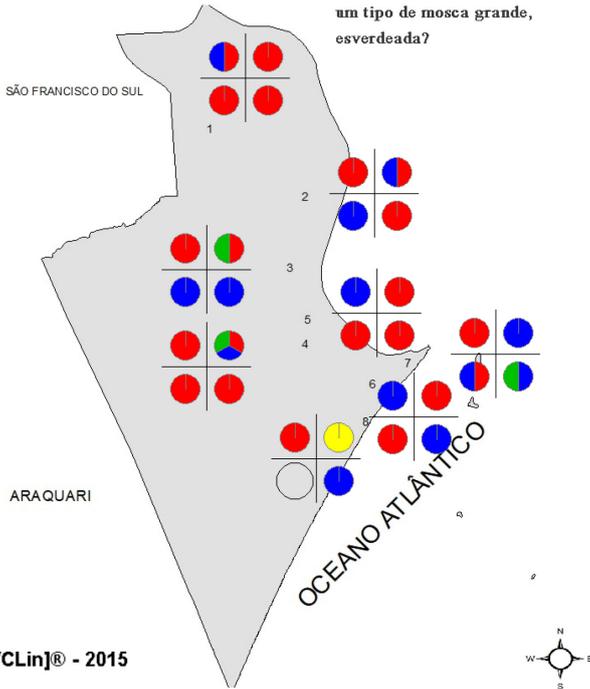
Carta 19 – diatópica pluridimensional

L19a - denominações para mosca varejeira



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEARIO BARRA DO SUL, SC

19 - QSL19: Como se chama um tipo de mosca grande, esverdeada?



[SGVCLin]® - 2015

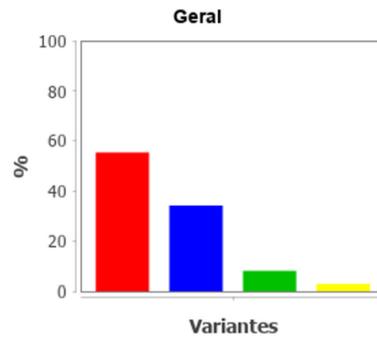
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- farejera/ mosca varejera/ vareja/ varejeira/ varejera
- bareja/ barejera/ mosca barejera
- beronha/ biruanha
- vespa

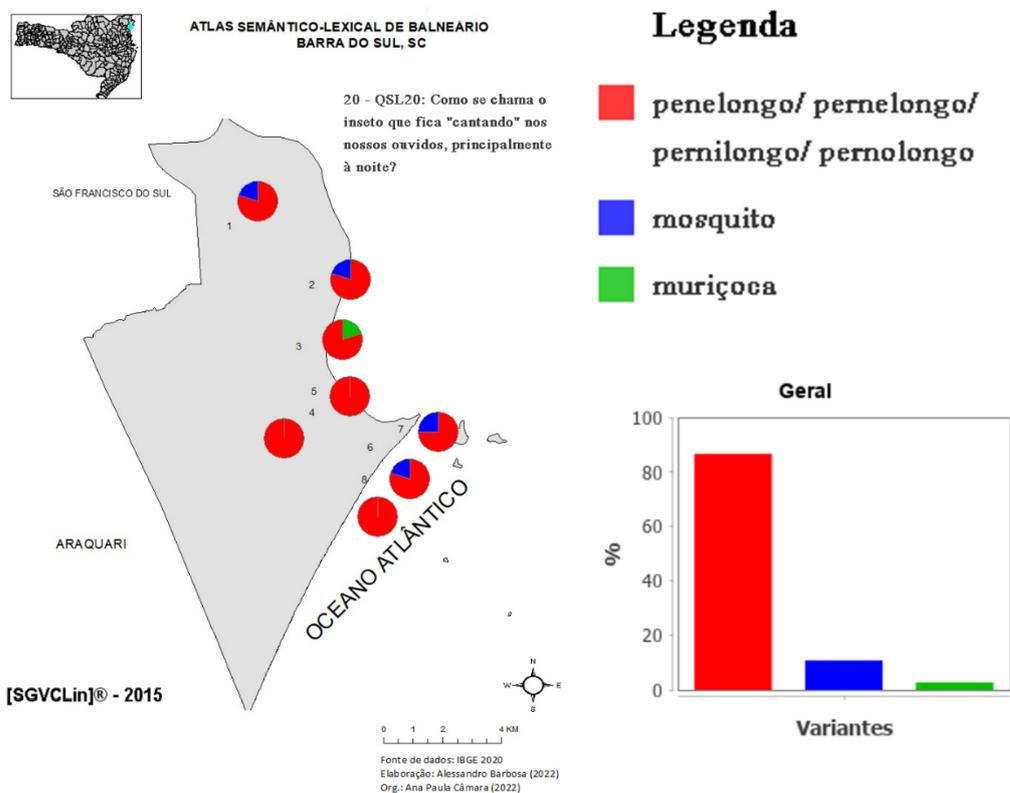
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 20 – diatópica monodimensional

L20 - denominações para pernilongo



NOTAS

35 – Masculino – faixa II

INQ. – Aquele inseto que incomoda principalmente à noite

INF.- pernilongo, muriçoca, eu às vezes falo também

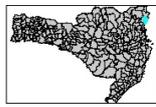
INQ. – ²⁵Muriçoca é pouco falado aqui, né?

INF. – Ah, sim, eu nunca ouvi outra pessoa fala.

²⁵ Segundo o DIOCIONÁRIO CUNHA (1982) a variante muriçoca do tupi, provém do étimo tupi muri'soka. No DICIONÁRIO HOUASS (2020) a palavra advém do espanhol mosquito, diminutivo de mosca.

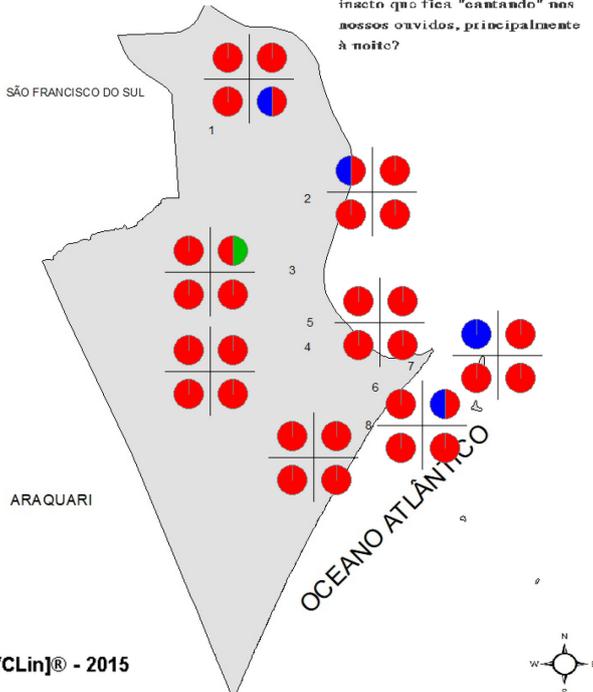
Carta 20 - diatópica pluridimensional

L20a - denominações para pernilongo



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

ZU - QSL20: Como se chama o inseto que fica "cantando" nos nossos ouvidos, principalmente à noite?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

penelongo/ pernelongo/
pernilongo/ pernologo

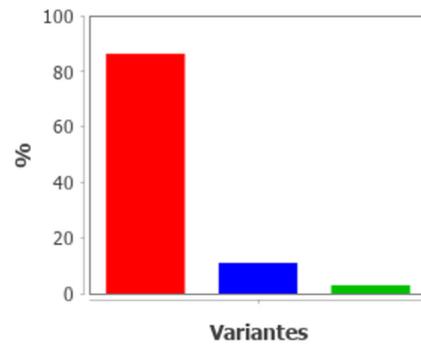
mosquito

muriçoca

① ②
③ ④

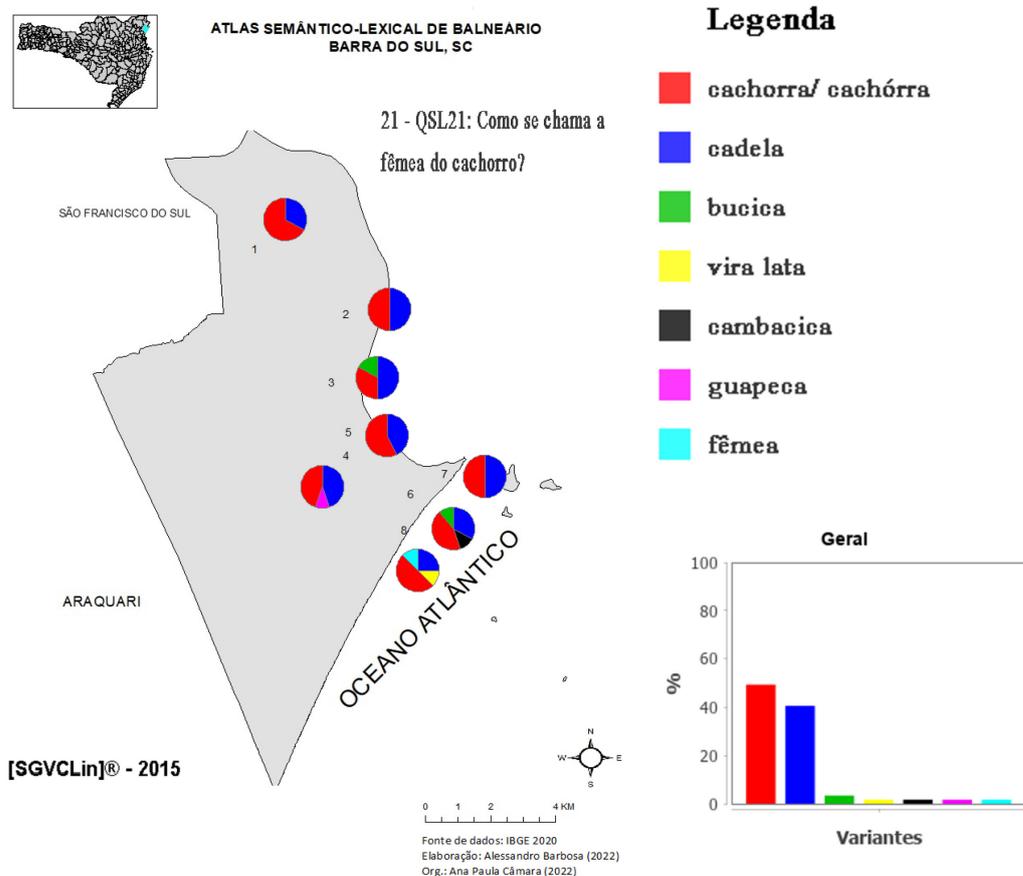
1: masculino - Faixa etária I
2: masculino - Faixa etária II
3: feminino - Faixa etária I
4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 21 – diatópica monodimensional

L21 - denominações para fêmea do cachorro



NOTAS

36 – Feminino – faixa II

INQ. -

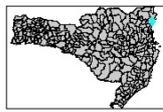
INF.- cachorra [ka.ʃˈo.fia] (risos)... ²⁶cambacica nós dizia, “olha essa cambacica tá de cria de novo” ((cambacica?)) sim, cambacica

INF. – Isso era quando eu era criança, mas às vezes falo ainda (risos)

²⁶ Tem semelhança fonética com bucica, palavra de origem açoriana, segundo <https://estraviz.org/bucica> acesso em 30 de março de 2023, às 16h55.

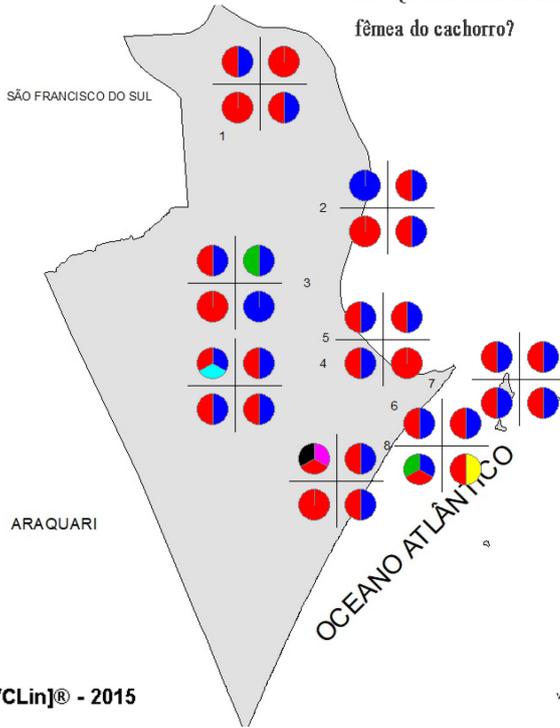
Carta 21 – diatópica pluridimensional

L21a - denominações para fêmea do cachorro



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

21 - QSL21: Como se chama a
fêmea do cachorro?



Legenda

- cachorra/ cachorra
- cadela
- bucica
- cambacica
- fêmea
- vira lata
- guapeca

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

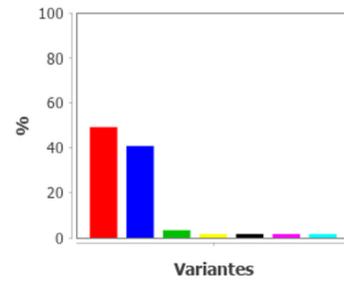
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

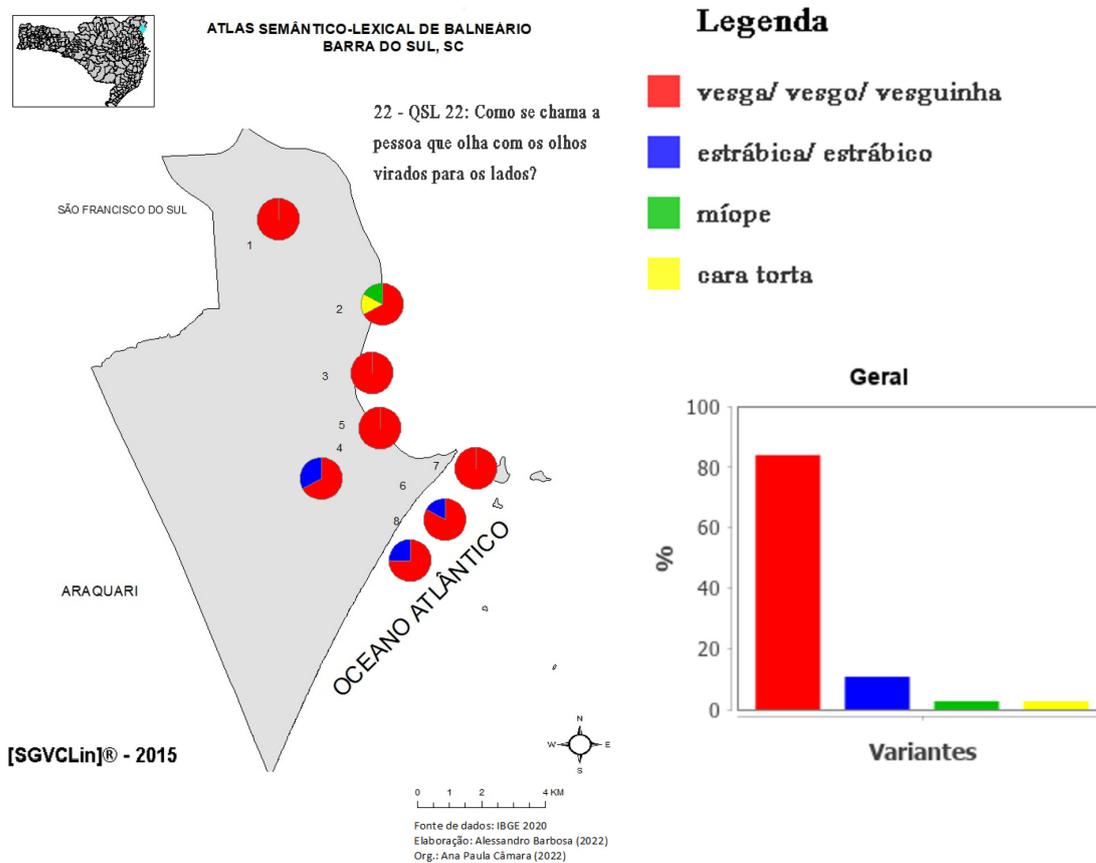


Geral



Carta 22 – diatópica monodimensional

L22 - denominações para vesgo/vesga



NOTAS

36 – Masculino – faixa I

INF.- vesgo, cara torta (rindo)

INQ. – Por que cara torta?

INF. – Ah porque a pessoa entorta os olho, ai a gente chama de cara torta

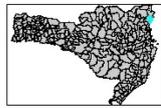
INQ. – Mas não fica pejorativo?

INF. – Não, é que aqui a gente inventa muito nome (rindo) aí o povo já tá acostumado

INQ. - Entendi

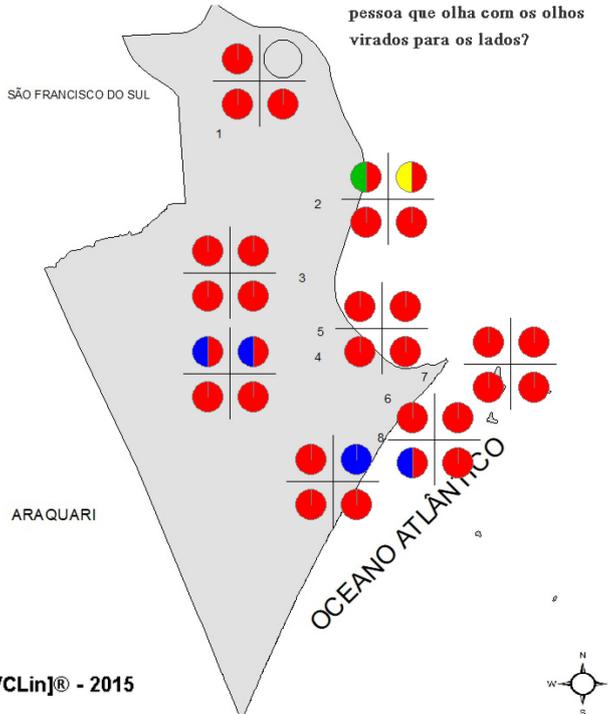
Carta 22 – diatópica pluridimensional

L22a - denominações para vesgo/vesga



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

22 - QSL 22: Como se chama a
pessoa que olha com os olhos
virados para os lados?



[SGVCLin]® - 2015

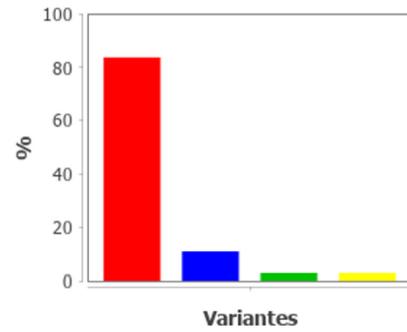
Legenda

- vesga/ vesgo/ vesguinha
- estrábica/ estrábico
- cara torta
- míope

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



0 1 2 4 KM

Fonte de dado: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

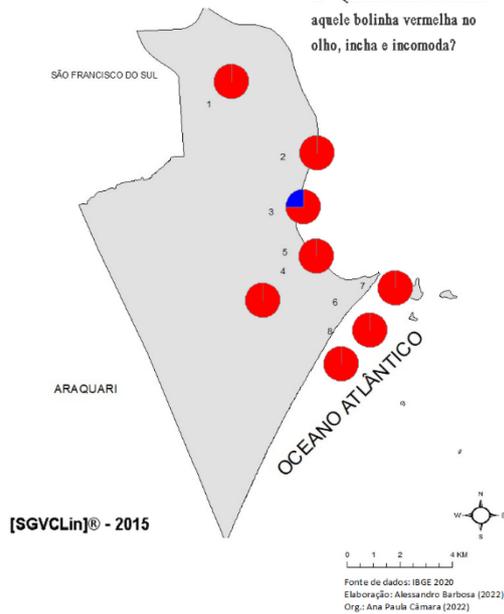
Carta 23 – diatópica monodimensional

L23 - denominações para viúvo/terçol

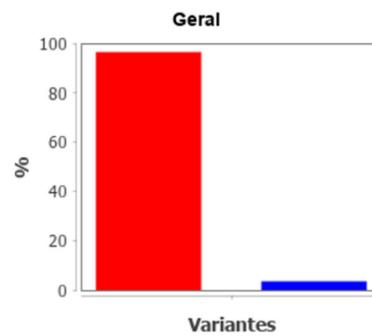
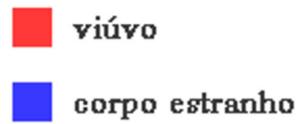


ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

23 - QSL 23: Como se chama
aquele bolinha vermelha no
olho, incha e incomoda?

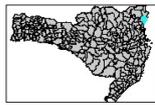


Legenda



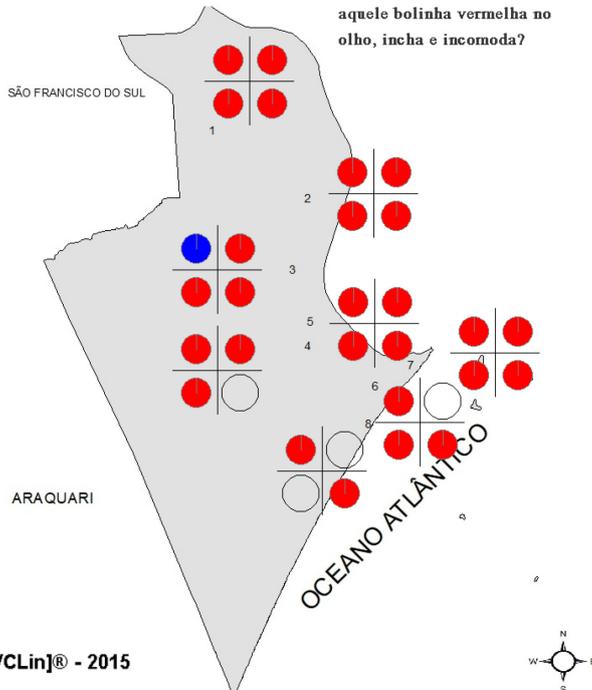
Carta 23 – diatópica pluridimensional

L23a - denominações para viúvo/terçol



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

23 - QSL 23: Como se chama
aquele bolinha vermelha no
olho, incha e incomoda?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

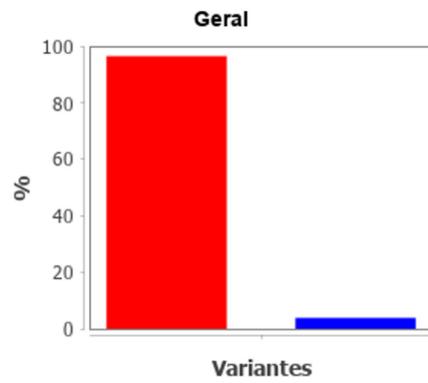
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- viúvo
- corpo estranho

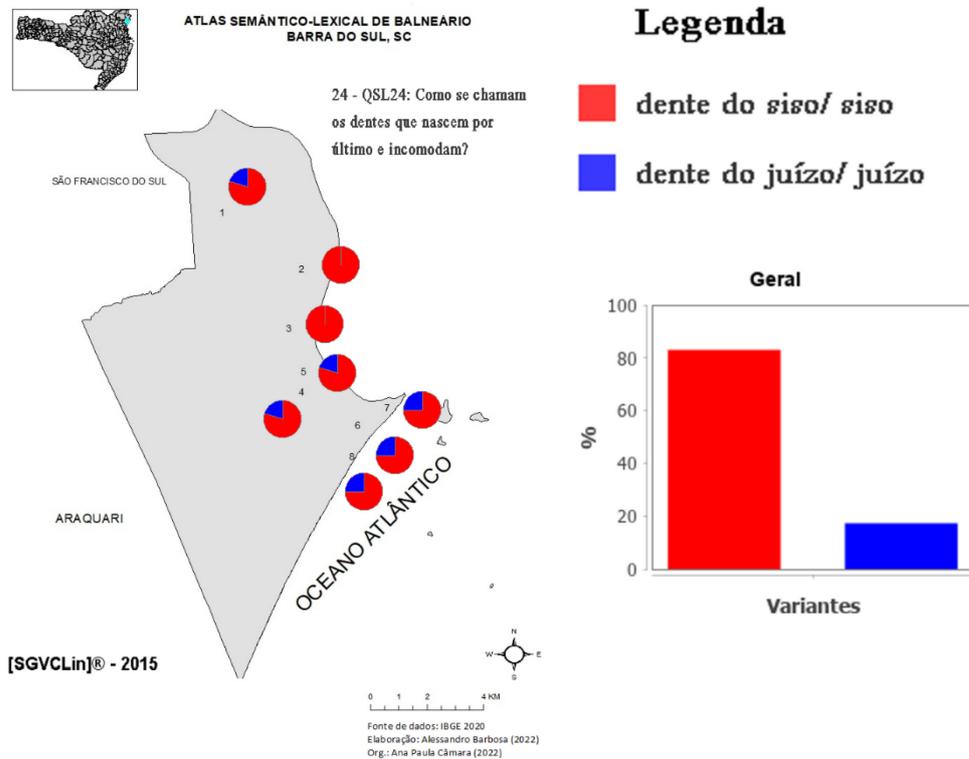
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 24 – diatópica monodimensional

L24 - denominações para dente siso/juízo



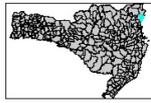
NOTAS

Na carta L24a, pluridimensional, nota-se que, as variantes, dente do juízo/juízo

Foram respostas da maioria dos informantes da faixa II.

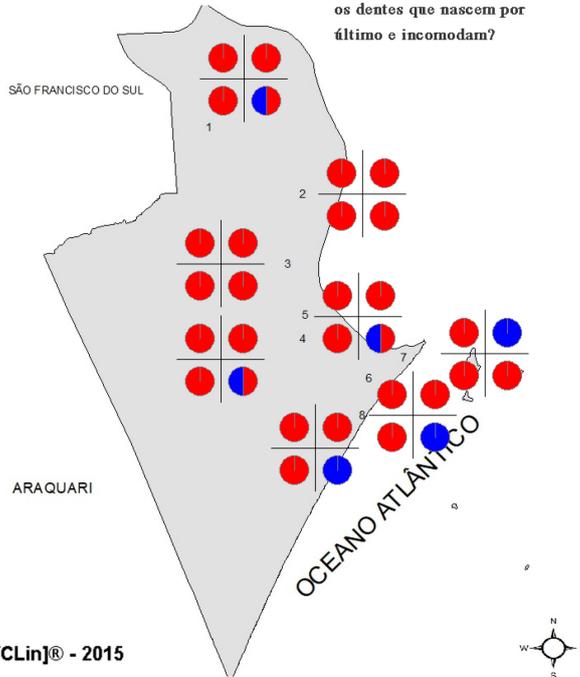
Carta 24 – diatópica pluridimensional

L24a - denominações para dente siso



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

24 - QSL24: Como se chamam
os dentes que nascem por
último e incomodam?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

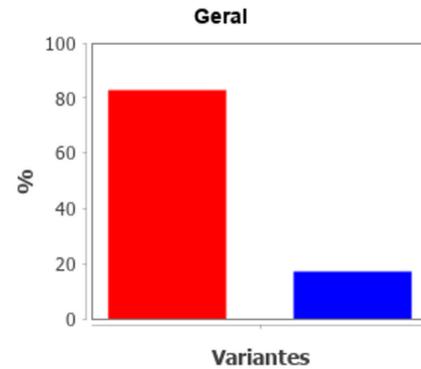
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- dente do siso/ siso
- dente do juízo/ juízo

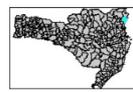
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 25 – diatópica monodimensional

L25 - denominações para soluço/jojoca



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

25 - QST. 25: Quando o bebê
pega frição, ou quando entra
ac soquato mama. Ou ainda
quando a pessoa bebe demais,
o que ela toma?

SÃO FRANCISCO DO SUL

ARAQUARI

OCEANO ATLÂNTICO

[SGVCLin]® - 2015

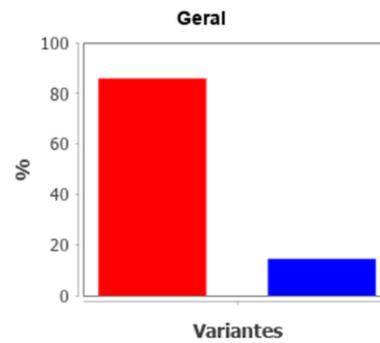


0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Orig.: Ana Paula Câmara (2022)

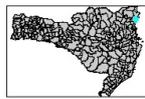
Legenda

- soluço
- jojoca/ jojota



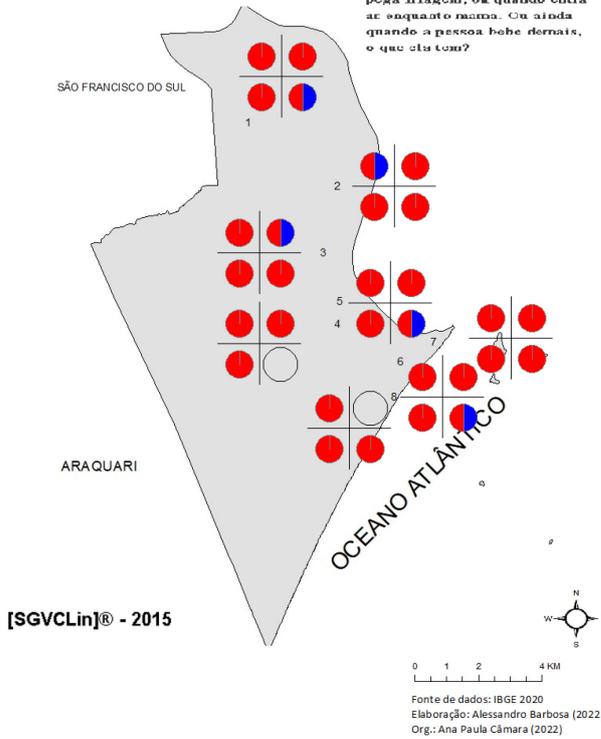
Carta 25 – diatópica pluridimensional

L25a - denominações para soluço/jojoca



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEARIO BARRA DO SUL, SC

25 - QST. 25: Quando o bebê põe a fralda, ou quando outra se enquadra nela. Ou ainda quando a pessoa bebe demais, o que ela tem?

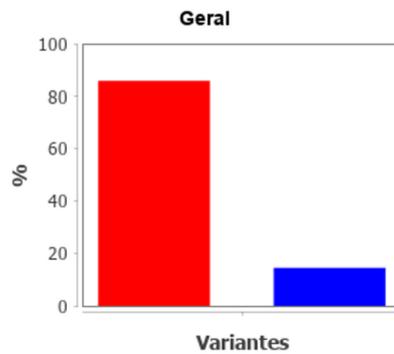


Legenda

- solução
- jojoca/ jojota

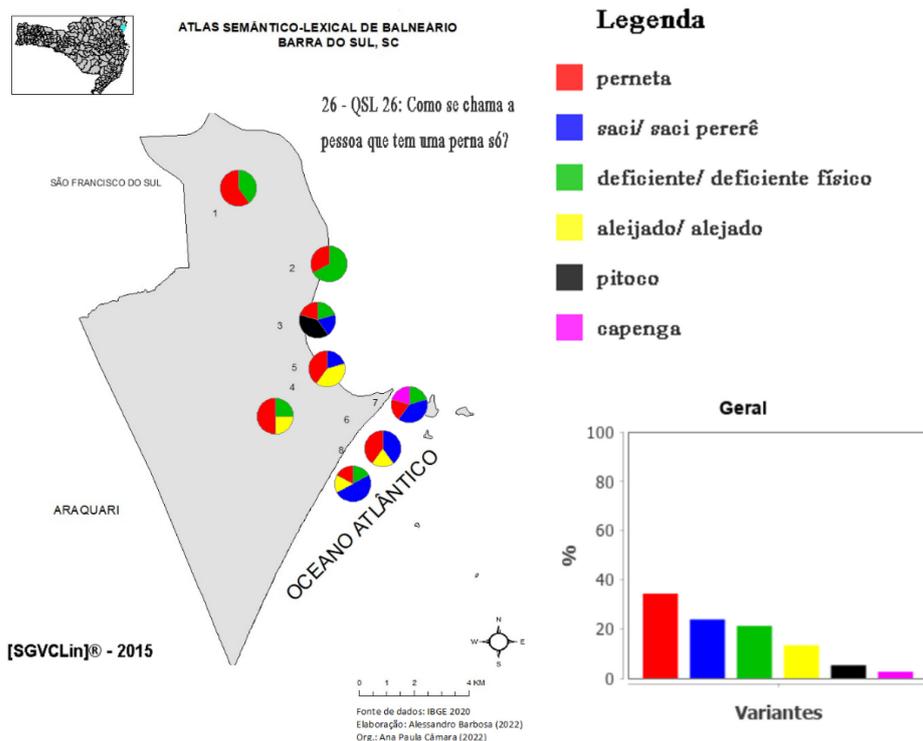
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 26 – diatópica monodimensional

L26 - denominações para pernetá



NOTAS

37 – Masculino - faixa II

INQ. -

INF.- pernetá, pitoco

INQ. – Mas pitoco não seria a pessoa que tem uma das pernas mais curta?

INF. – Ah, também, quem tem só uma perna só, nós chamamos de pitoco também

38 - Masculino – faixa I

INQ. – Uma pessoa que precisa andar de muleta porque não possui uma das pernas

INF.- alejado, é meio pesado, né, mas tem saci

INQ. – Por que pesado?

INF. – Ah, porque ninguém gosta de ser chamado de alejado, né

INQ. – E saci? Você acha que pode ser pejorativo, pesado também?

INF. – É, até pode, mas aqui todo mundo fala assim, saci (rindo)

39 – Feminino – faixa I

INQ. – Uma pessoa que precisa andar de muleta porque não possui uma das pernas

INF.- saci, culturalmente (risos) alejado

INQ. – Culturalmente?

INF. – É aqui todo mundo fala assim (rindo)

INQ. – Mas você não acha pejorativo?

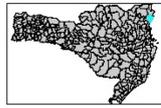
INF. – Ah... o pessoal da Barra é criativo (rindo) já tamo acostumado

40 – Masculino – faixa II

INF. – Ah, claro, existe nomes populares, mas uma pessoa que falta uma perna, como chamaria... Na verdade, eu acho que é um deficiente físico, né. Mas as pessoas falam de forma pejorativa saci.

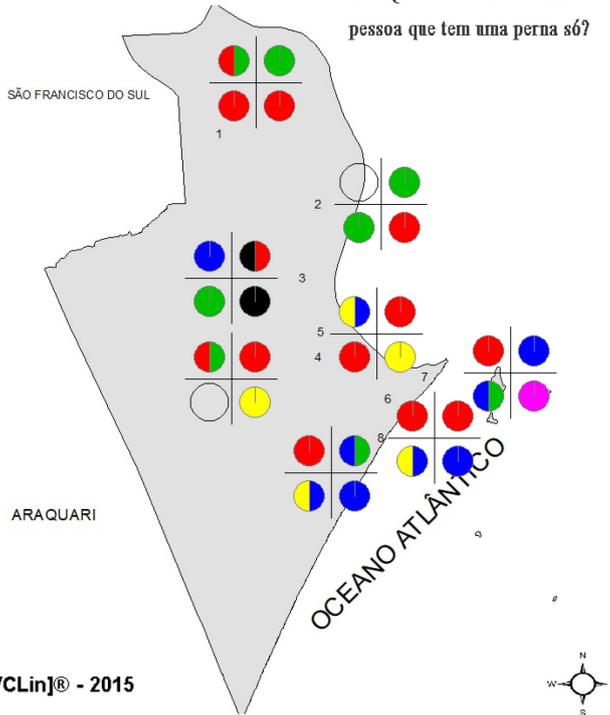
Carta 26 – diatópica pluridimensional

L26a - denominações para pernetá



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

26 - QSL 26: Como se chama a
pessoa que tem uma perna só?

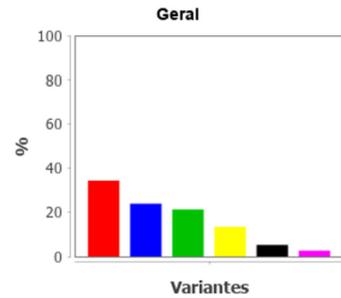


Legenda

- pernetá
- saci/ saci pererê
- deficiente/ deficiente físico
- aleijado/ alejado
- pitoco
- capenga

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

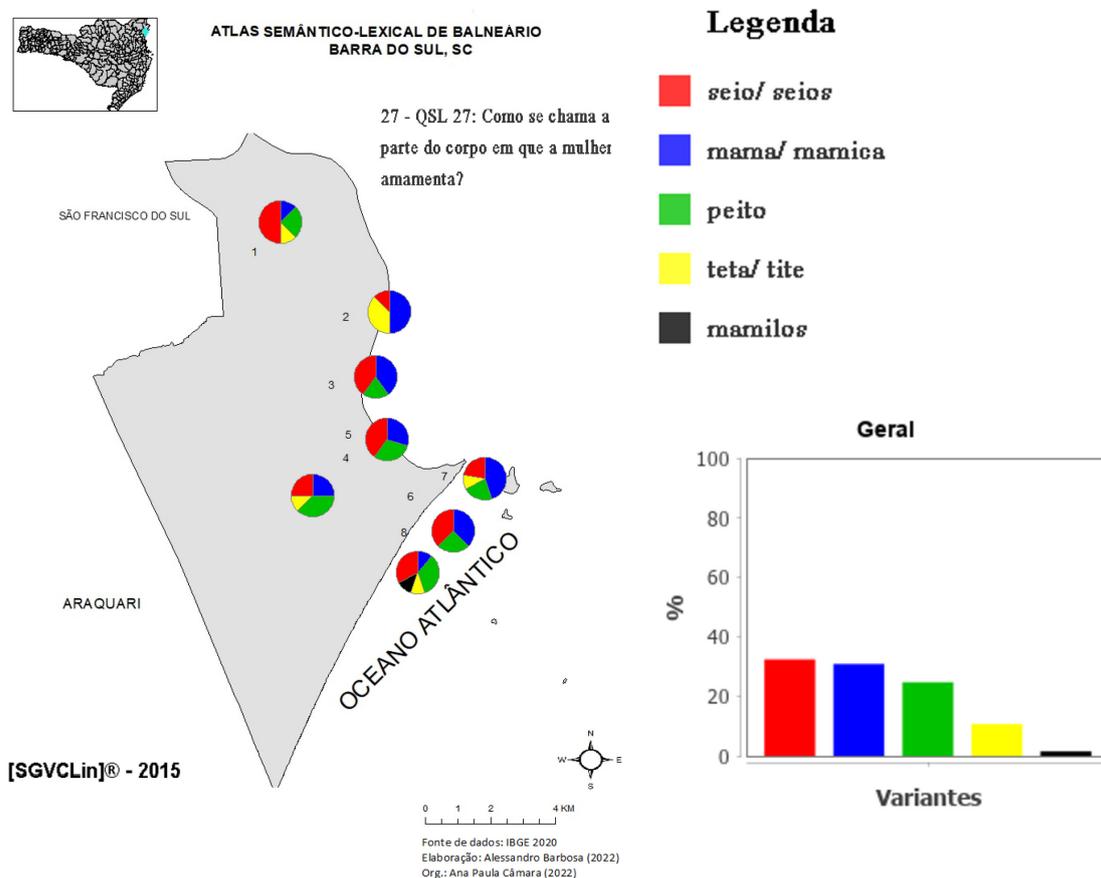


[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 27 – diatópica monodimensional

L27 - denominações para seios/mama



NOTAS

Separámos a *hápax legomena* mamilos das demais por ter um significado diferente, conforme o Dicionário HOUASS, mamilo significa: bico do peito, qualquer saliência arredada, que lembre o bico do peito. Sinônimo: bico

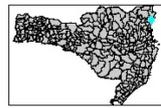
²⁷Mama

²⁸Mamica

²⁷ Na mulher, cada uma das duas projeções hemisféricas situadas sobre a camada subcutânea por cima do músculo peitoral maior; glândula mamária; seio, peito.

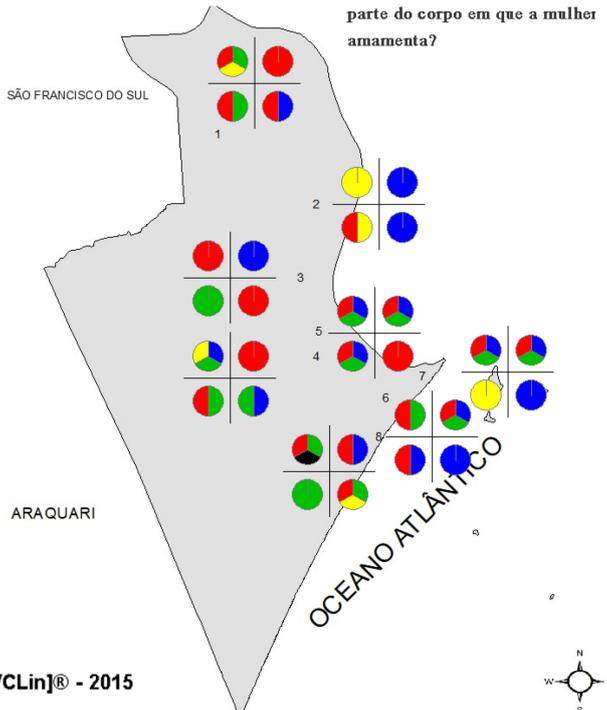
²⁸ Nome popular atribuído à mama

L27a - denominações para seios/mama



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

27 - QSL 27: Como se chama a parte do corpo em que a mulher amamenta?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

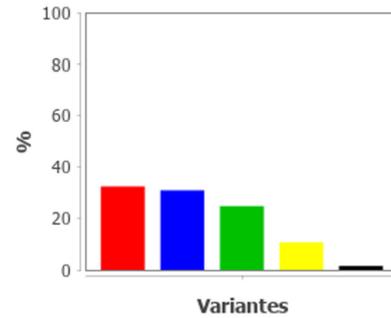
Legenda

- seio/ seios
- mama/ mamica
- peito
- teta/ tite
- mamilos

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



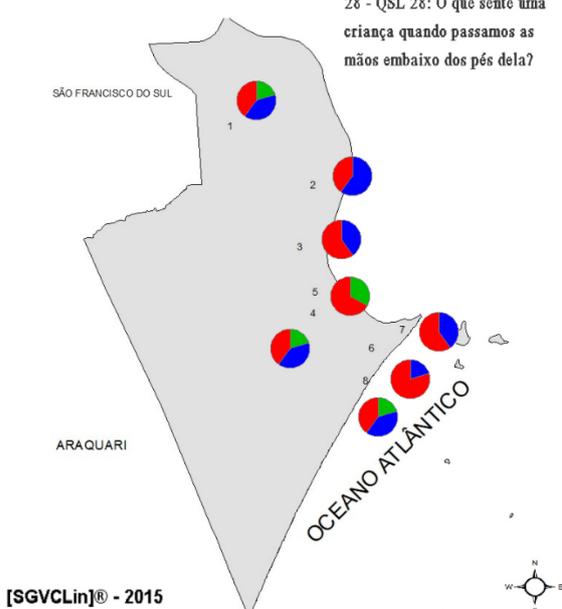
Carta 28 – diatópica monodimensional

L28 - denominações para cócegas/curica



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

28 - QSL 28: O que sente uma
criança quando passamos as
mãos embaixo dos pés dela?

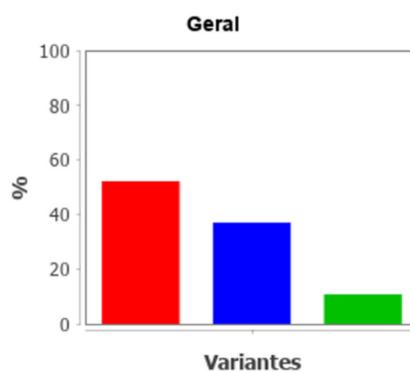


Legenda

■ coceguinha/ cócegas

■ curica/ curiquinha

■ cosquinha

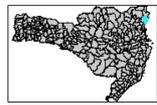


0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

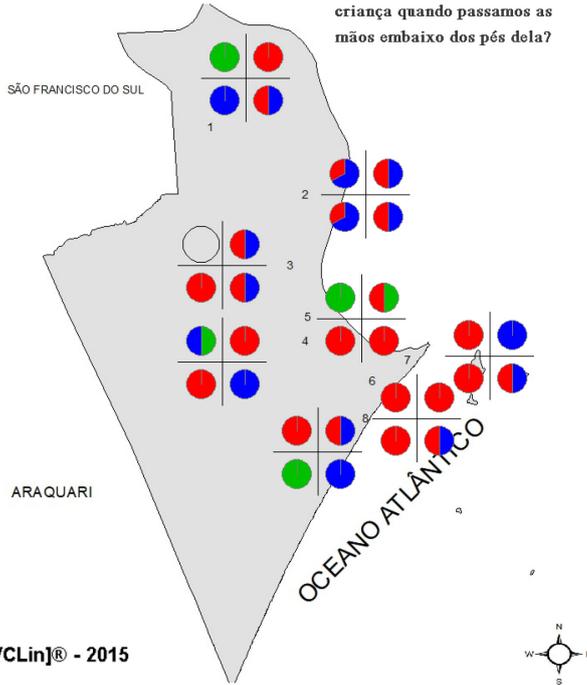
Carta 28 – diatópica pluridimensional

L28a - denominações para cócegas/curica



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

28 - QSL 28: O que sente uma criança quando passamos as mãos embaixo dos pés dela?



Legenda

coceguinha/ cócegas

curica/ curiquinha

cosquinha

1 2

3 4

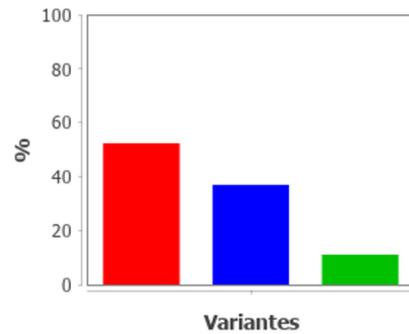
1: masculino - Faixa etária I

2: masculino - Faixa etária II

3: feminino - Faixa etária I

4: feminino - Faixa etária II

Geral



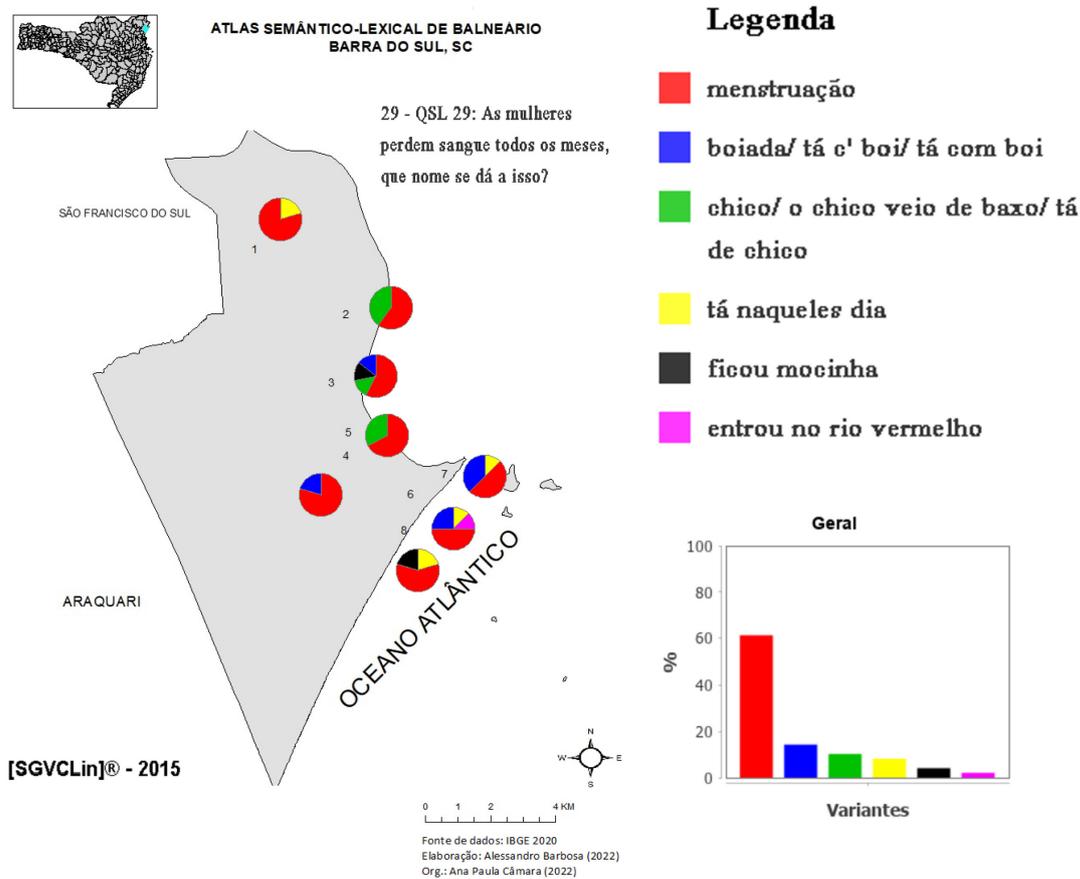
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 29 – diatópica monodimensional

L29 - denominações para menstruação



NOTAS

41 – Feminino – faixa II

INF.- menstruação, tá c'boi, chico (risos) ²⁹o chico veio de baixo

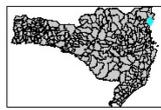
INQ. – Interessante esse (risos)

INF. – A gente sempre falava assim

²⁹ A hápax legomena é uma expressão que revela regionalismo.

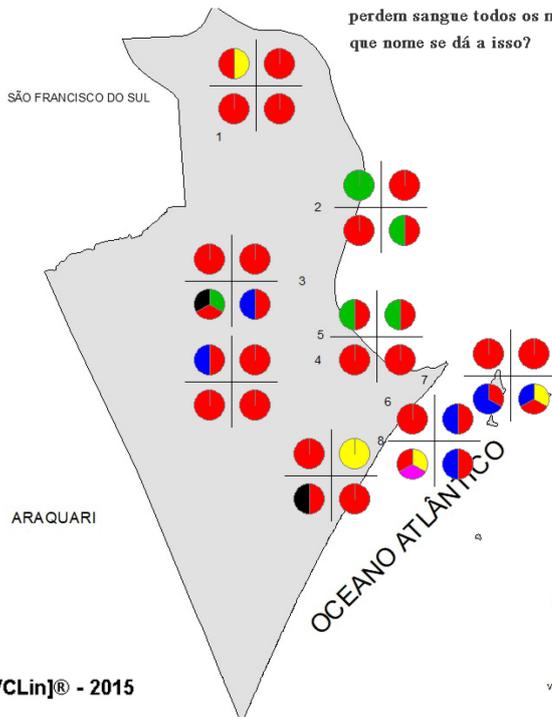
Carta 29 – diatópica pluridimensional

L29a - denominações para menstruação



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

29 - QSL 29: As mulheres perdem sangue todos os meses, que nome se dá a isso?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

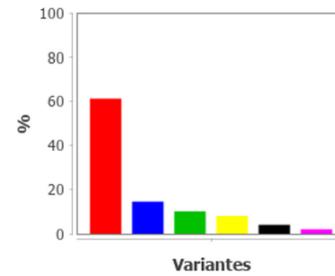
Legenda

- menstruação
- boiada/ tá c' boi/ tá com boi
- chico/ o chico veio de baixo/ tá de chico
- tá naqueles dia
- ficou mocinha
- entrou no rio vermelho

- ① ②
- ③ ④

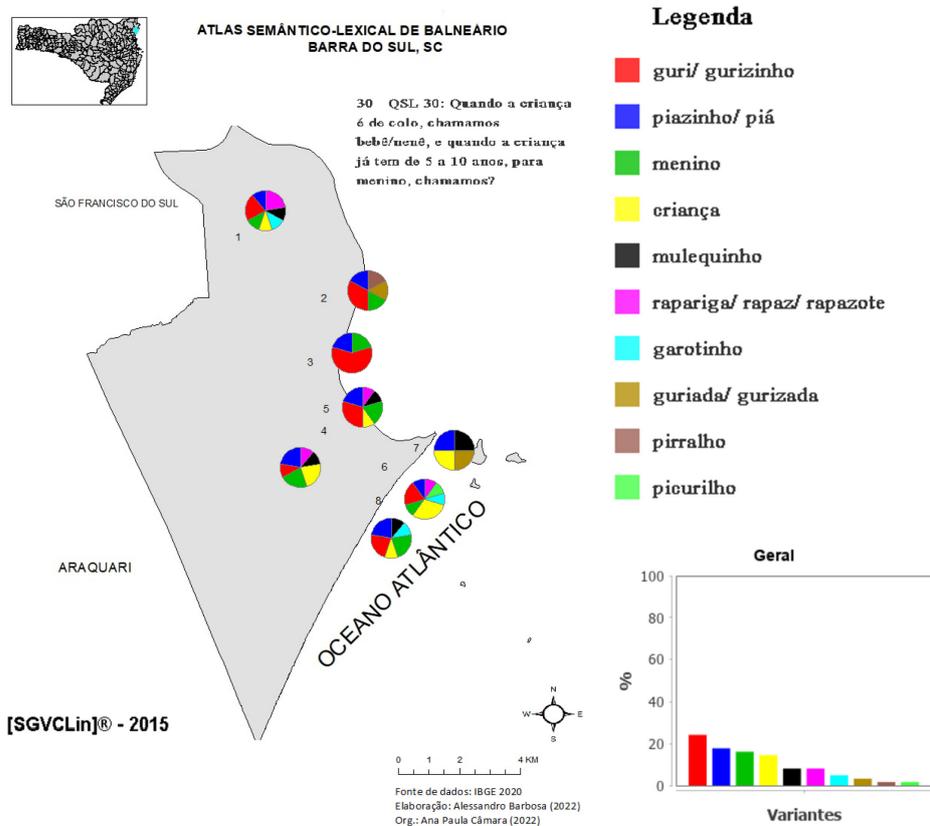
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 30 – diatópica monodimensional

L30 - denominações para menino/guri/piá



NOTAS

42 – Feminino – faixa II

INF.- criança, piá, rapariga

INQ. – Rapariga?

INF. – Sim, meu pai falava, rapariga

INQ. – Que origem é o seu pai?

INF. – Ah, como assim?

INQ. – alemã, portuguesa, italiana...

INF. – Ah, portugueses

INQ. – De Portugal?

INF.- Isso, açoariano

³⁰Guriada e gurizada

Hapáx legomena ³¹Pirralho/³²picurilho

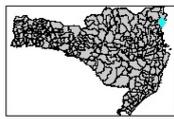
³⁰ As palavras são coletivos de *guri*

³¹ Em Portugal significa genericamente «criança, menino». Curiosamente, há mais de cem anos, o lexicógrafo português Cândido de Figueiredo observava no seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa que pirralho era ao mesmo tempo um brasileirismo e um provincianismo da Beira, atribuindo-lhe, além da acepção já referida, a de «homem de pequena estatura». MACHADO, DIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2003).

³² Semelhança fonética com a variante pirralho.

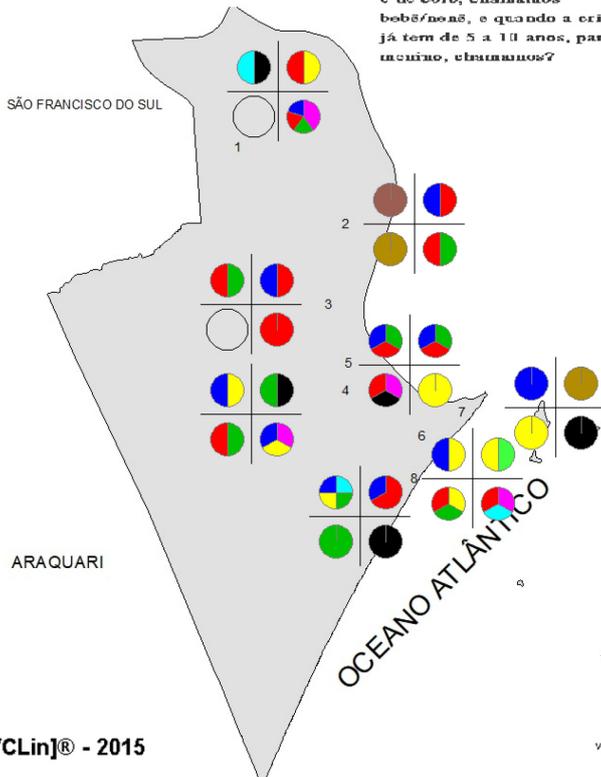
Carta 30 – diatópica pluridimensional

L30a - denominações para menino/guri/piá



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

30 - QST. 30: Quando a criança é de colo, chamamos bebê/meaê, e quando a criança já tem de 5 a 10 anos, para menino, chamamos?



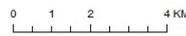
Legenda

- guri/ gurizinho
- piazinho/ piá
- menino
- criança
- mulequinho
- rapariga/ rapaz/ rapazote
- garotinho
- guriada/ gurizada
- pirralho
- picurilho

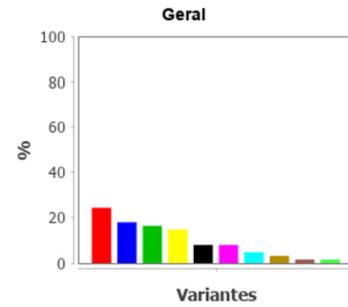
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

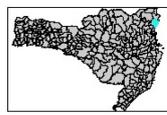


Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)



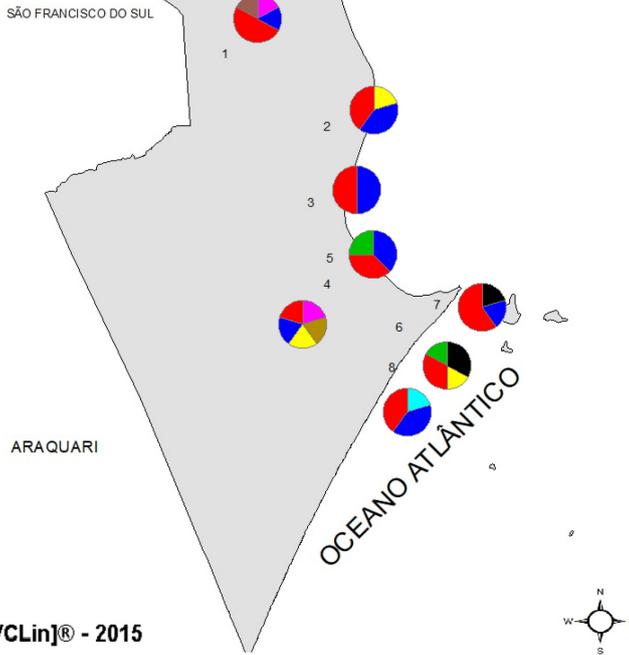
Carta 31 – diatópica monodimensional

L31 - denominações para tagarela



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

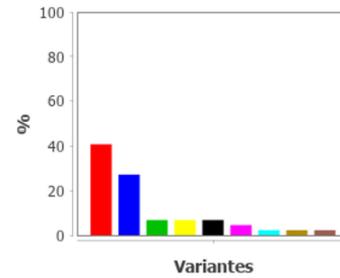
31 - QSL 31: Como se chama a
pessoa que fala demais?



Legenda

- tagarela
- faladera/ faladora/ faladô/ falante
- boca de badejo/ boca grande/ bocudo
- gralha
- fala mais que o homem da cobra/ fala pelos cotovelo
- papagaio
- sem freio na língua
- falastrão
- papudo

Geral



[SGVCLin]® - 2015

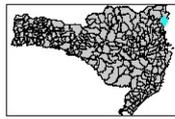
0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

NOTAS

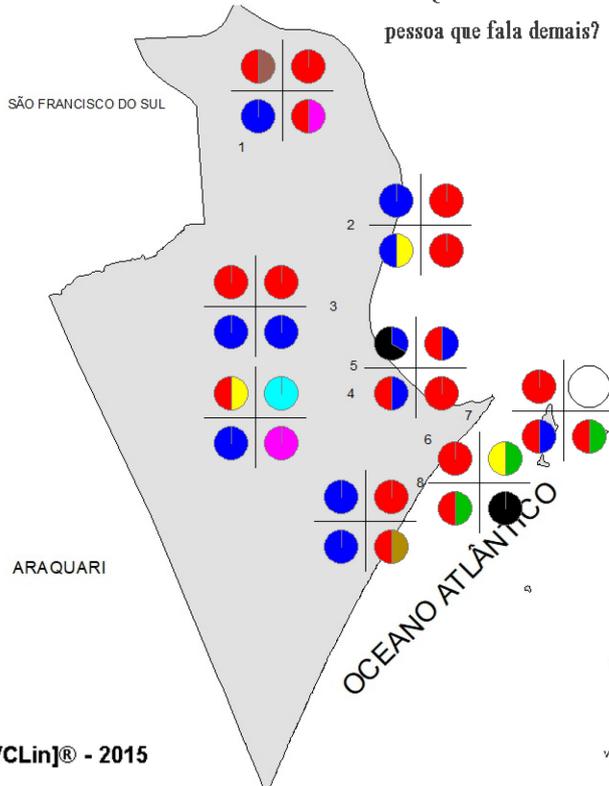
Hápax legomenon: sem freio na língua, falastrão, papudo.

L31a - denominações para tagarela



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

31 - QSL 31: Como se chama a
pessoa que fala demais?



Legenda

- tagarela
- faladera/ faladora/ faladô/ falante
- fala mais que o homem da cobra/ fala pelos cotovelo
- gralha
- boca de badejo/ boca grande/ bocudo
- papagaio
- falastrão
- sem freio na língua
- papudo

- ① ②
- ③ ④

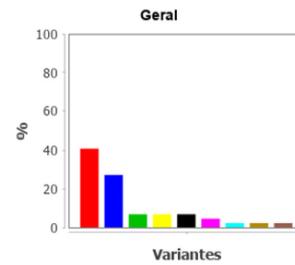
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

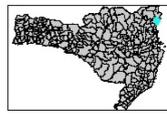
0 1 2 4 KM



Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

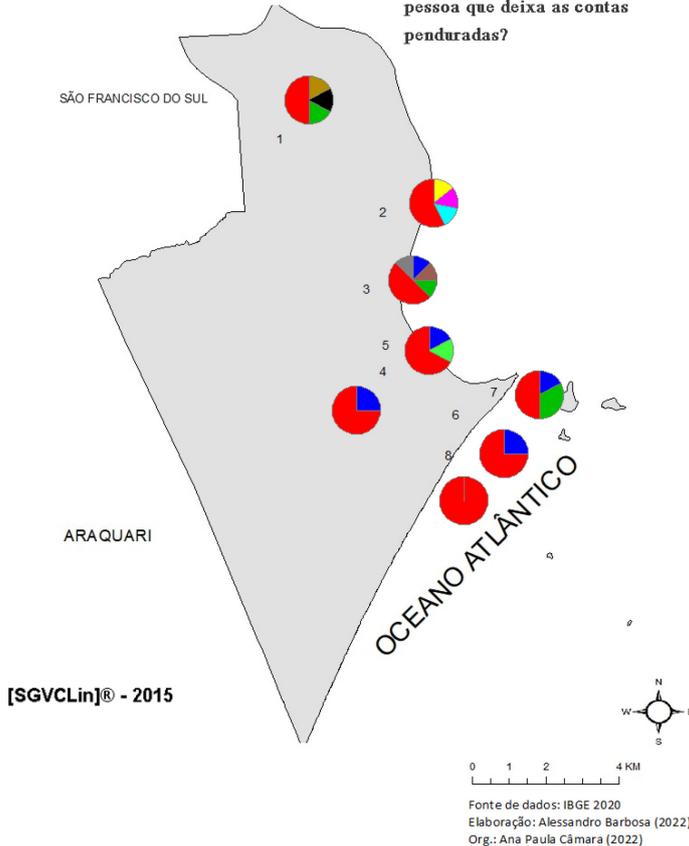


L32 - denominações para mau pagador



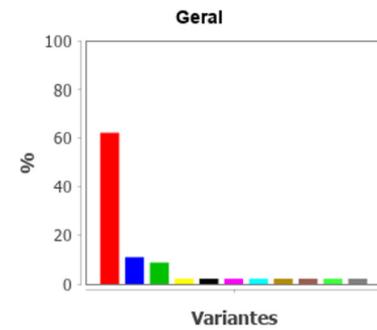
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

32 - QSL 32: Como se chama a
pessoa que deixa as contas
penduradas?



Legenda

- veiaço/ velhaca/ velhaco/
velhacão/ velhaquinho
- calotera/ calotero
- trapacero
- mentiroso
- irresponsável
- alinque
- vacilão
- devedor
- cambalachero
- mau pagador
- muquirana



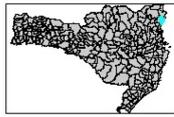
NOTAS

Hapax legomenon: irresponsável; ³³alinque; vacilão; devedor; cambalachero; mau pagador; muquirana.

³³ Palavra não dicionarizada

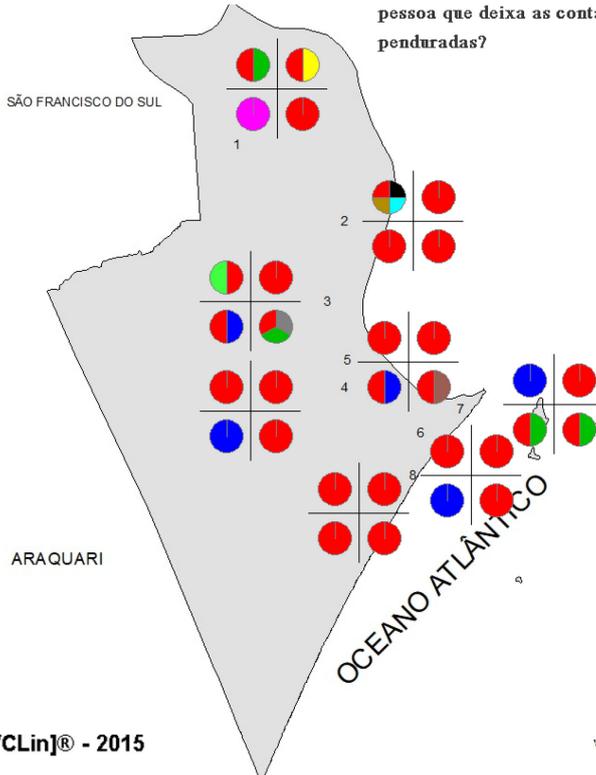
Carta 32 – diatópica pluridimensional

L32a - denominações para mau pagador



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

32 - QSL 32: Como se chama a pessoa que deixa as contas penduradas?



Legenda

- veiaço/ velhaça/ velhaco/ velhaço/ velhaquinho
- calotera/ calotero
- trapacero
- irresponsável
- alinque
- devedor
- mentiroso
- vacilão
- mau pagador
- muquirana
- cambalachero

- ① ②
- ③ ④

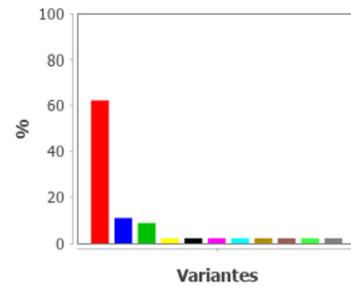
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015



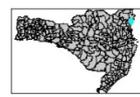
Fonte de dados: IBGE 2020
 Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
 Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Geral



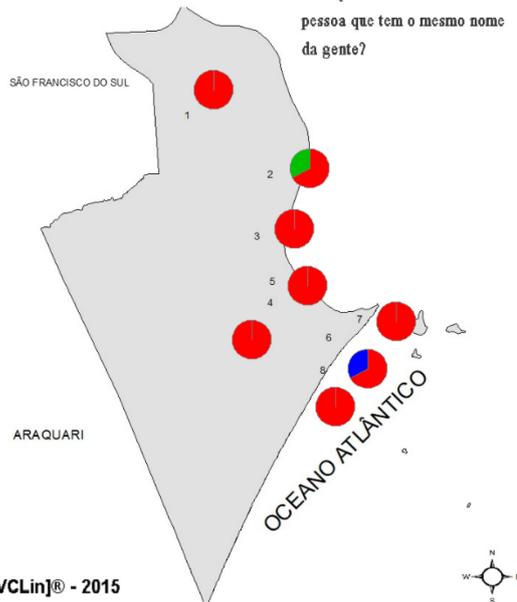
Carta 33 – diatópica monodimensional

L33 - denominações para xará



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

33 - QSL 33: Como se chama a
pessoa que tem o mesmo nome
da gente?

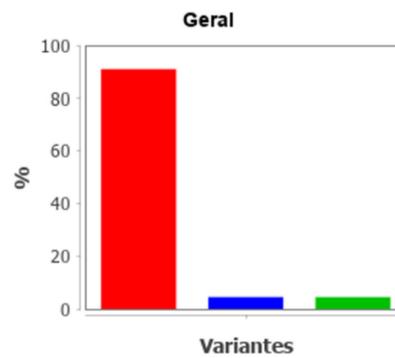


[SGVCLin]® - 2015

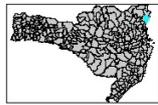
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- xará
- parcero
- gêmea de nome

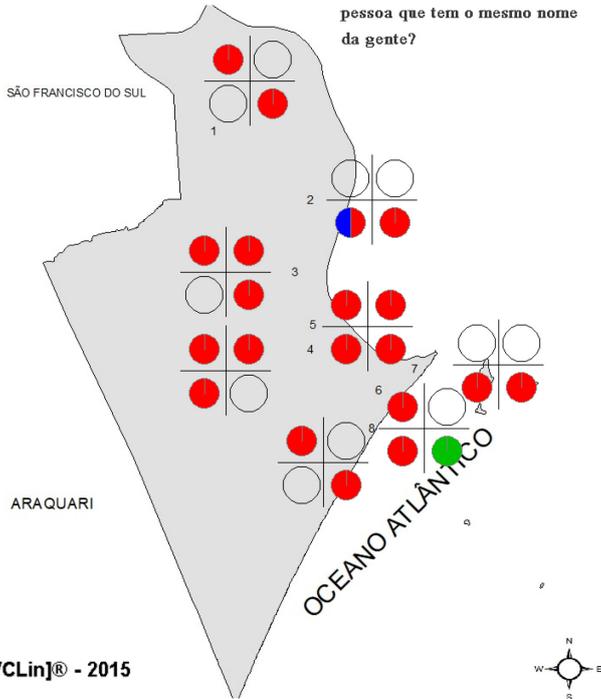


L33 a - denominações para xará



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEARIO
BARRA DO SUL, SC

33 - QSL 33: Como se chama a
pessoa que tem o mesmo nome
da gente?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

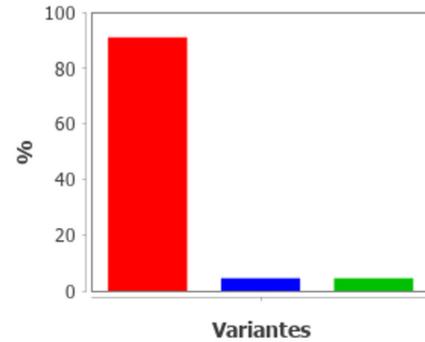
Legenda

- xará
- gêmea de nome
- parcero

- ① ②
- ③ ④

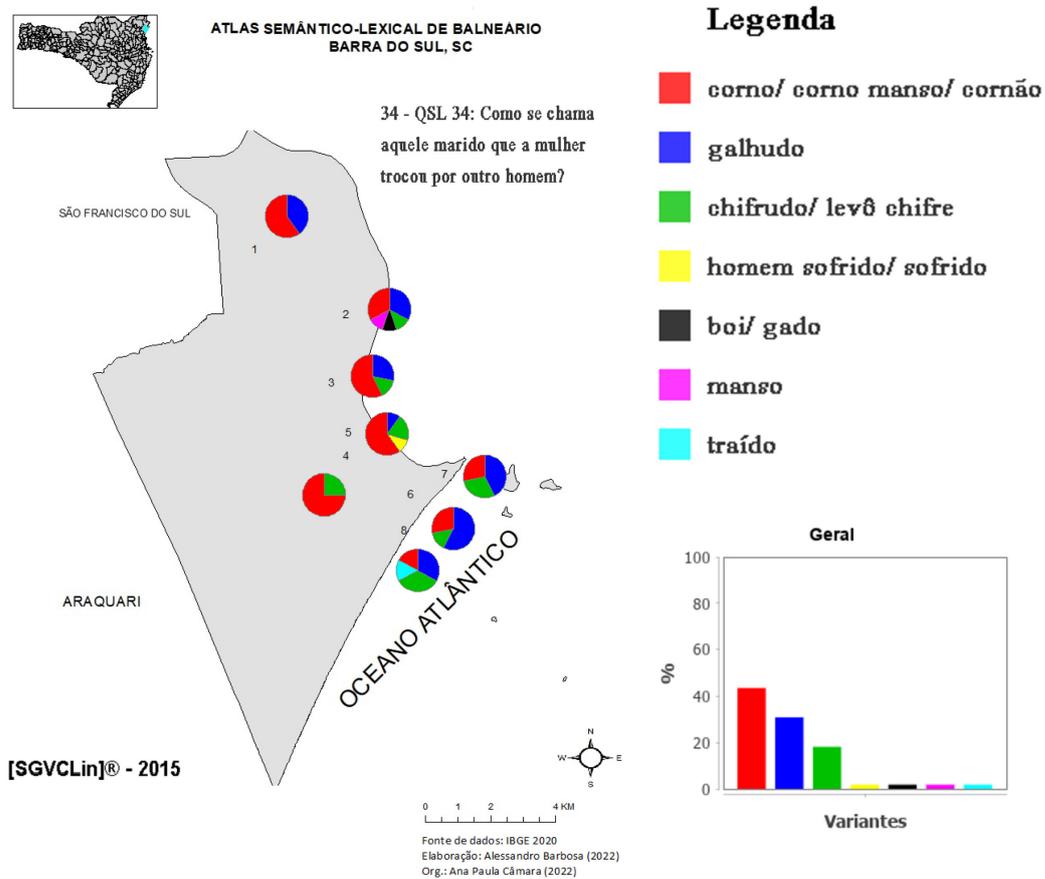
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 34 – diatópica monodimensional

L34 - denominações para marido traído

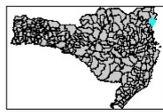


NOTAS

Hapax legomenon: boi; gado; traído

Carta 34 – diatópica pluridimensional

L34a - denominações para marido traído



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

34 - QSL 34: Como se chama aquele marido que a mulher trocou por outro homem?

SÃO FRANCISCO DO SUL

ARAQUARI

OCEANO ATLÂNTICO

[SGVCLin]® - 2015

Legenda

- corno/ corno manso/ cornão
- galhudo
- chifrudo/ levô chifre
- boi/ gado
- traído
- manso
- homem sofrido/ sofrido

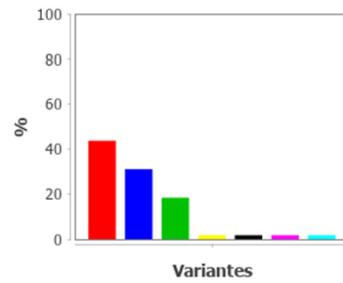
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

0 1 2 4 KM

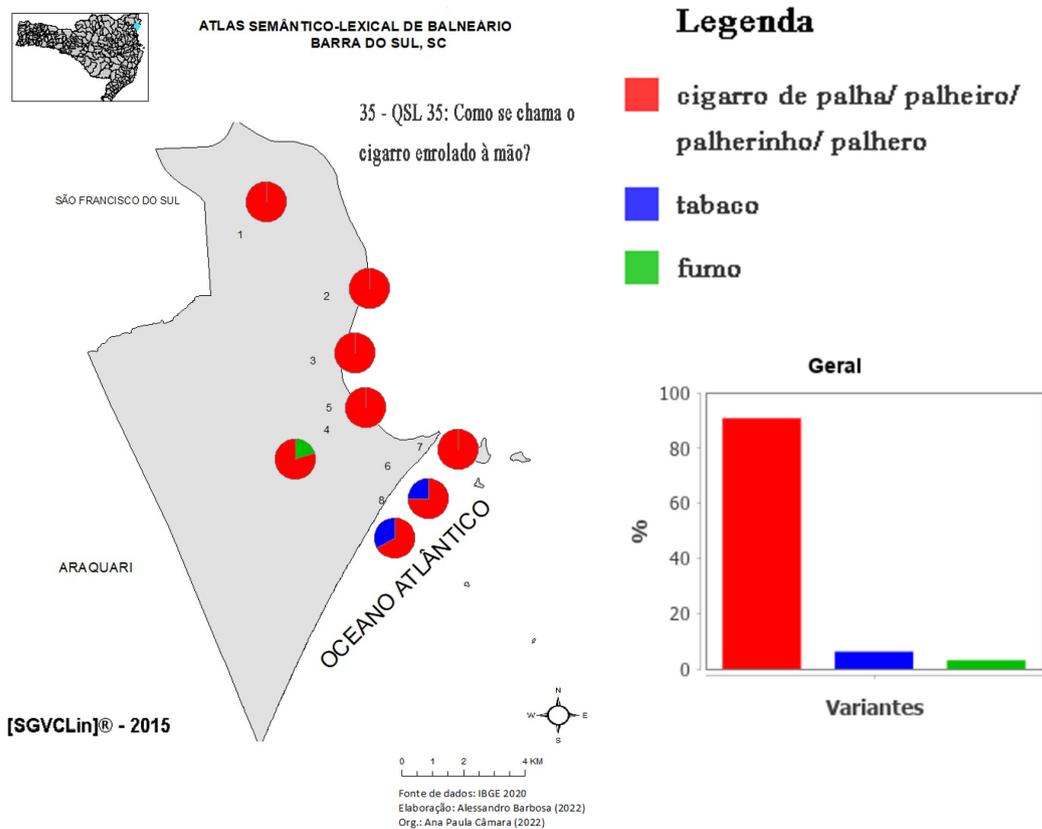
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Geral



Carta 35 – diatópica monodimensional

L35 - denominações para cigarro de palha

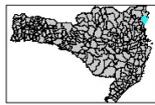


NOTA

Hápax legomena: fumo

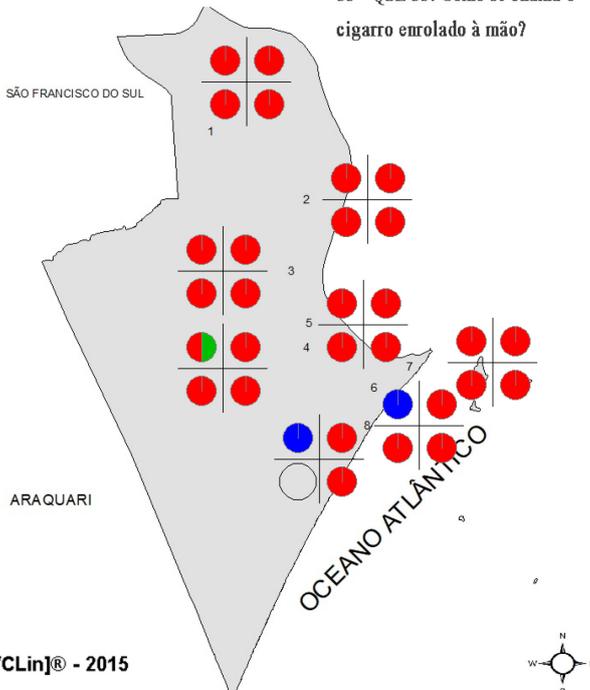
Carta 35 – diatópica pluridimensional

L35a - denominações para cigarro de palha



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

35 - QSL 35: Como se chama o cigarro enrolado à mão?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
 Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
 Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

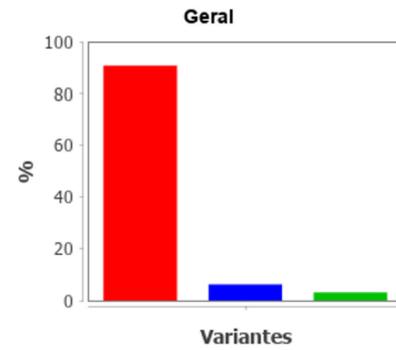
■ cigarro de palha/ palheiro/ palherinho/ palhero

■ tabaco

■ furno

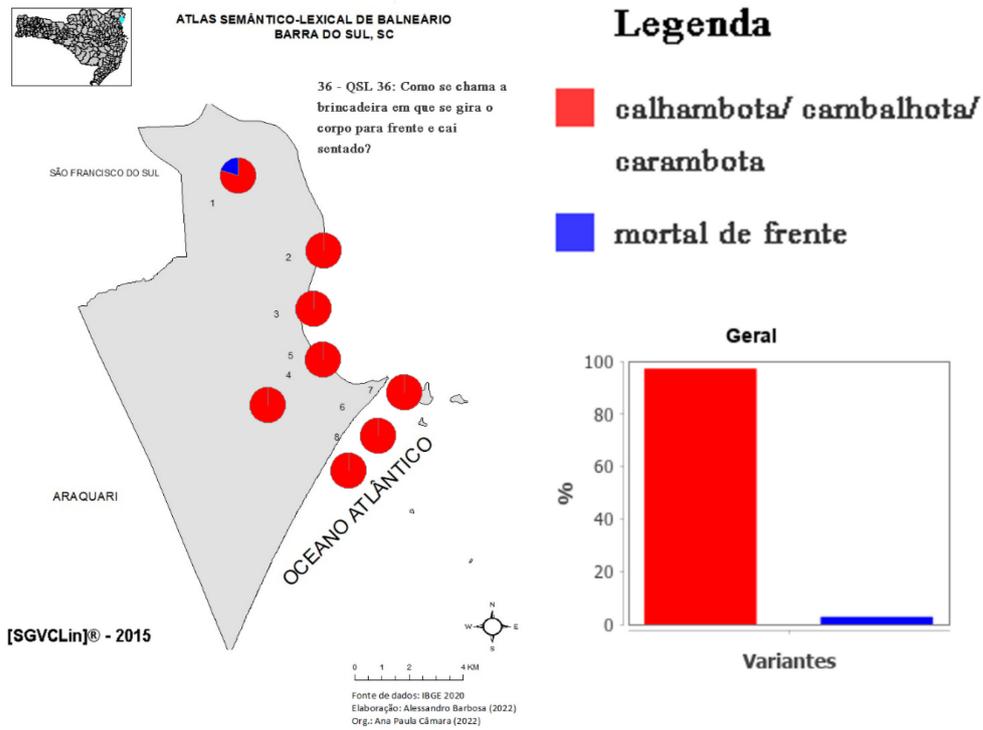
① ②
 ③ ④

1: masculino - Faixa etária I
 2: masculino - Faixa etária II
 3: feminino - Faixa etária I
 4: feminino - Faixa etária II



Carta 36 – diatópica monodimensional

L36 - denominações para cambalhota

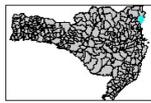


NOTAS

Palavras agrupadas por semelhança fonética: calhambota; cambalhota; carambota.

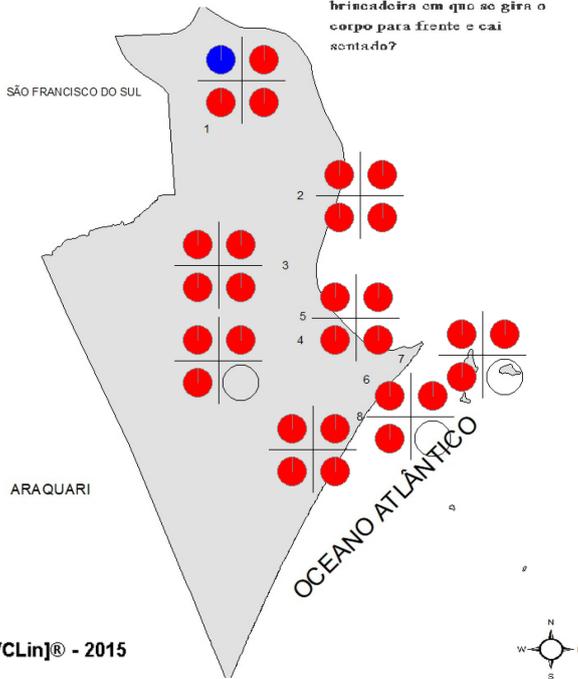
Carta 36 – diatópica pluridimensional

L36a - denominações para cambalhota



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

36 - QSL 36: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo para frente e cai sentado?



Legenda

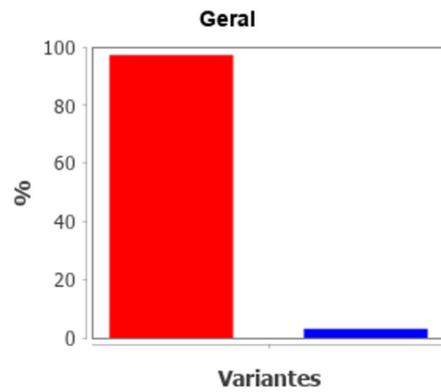
■ calhambota/ cambalhota/
carambota

■ mortal de frente

① ②

③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



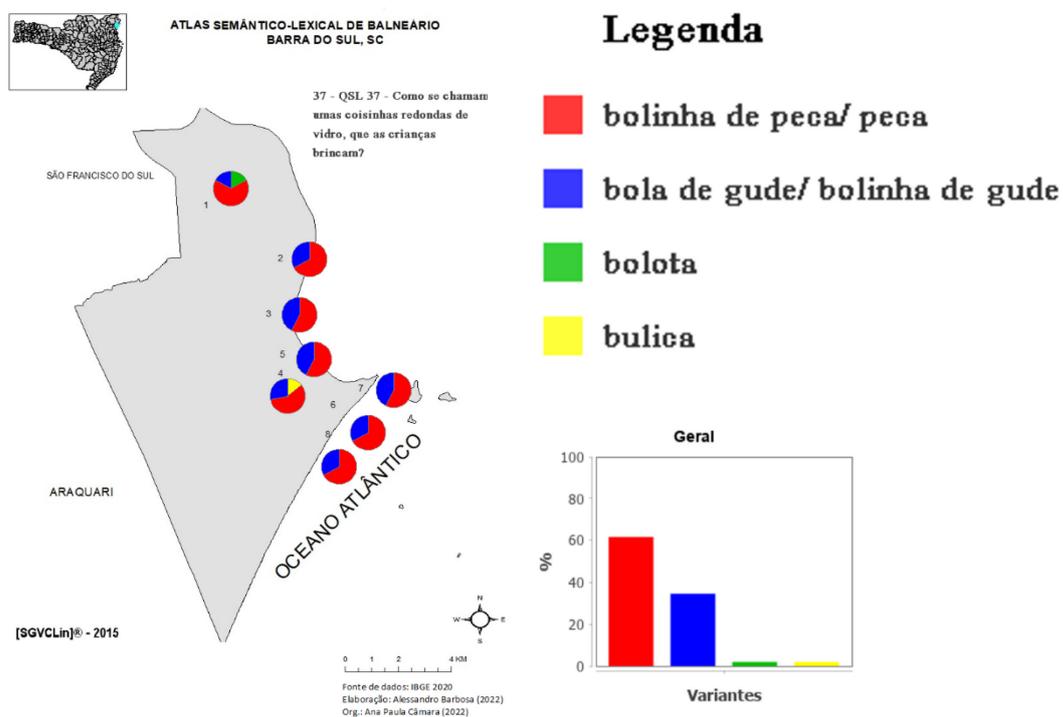
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 37 – diatópica monodimensional

L037 - denominações para bolinha de gude



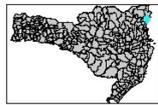
NOTAS

Hápax legomenon: bulica, não dicionarizada, segundo estudos do ALERS (2011) trata de uma variante encontrada em uma área geográfica localizada na parte central de Santa Catarina, região de Lages.

Bolota: pequena bola; qualquer objeto de forma arredondada.

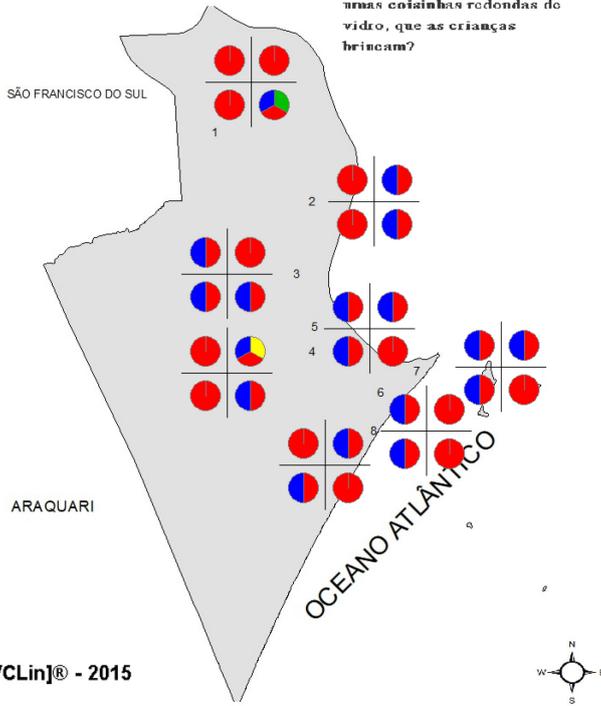
Carta 37 – diatópica pluridimensional

L37a - denominações para bolinha de gude



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

37 - QSL 37 - Como se chamam umas coisinhas redondas do vidro, que as crianças brincam?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

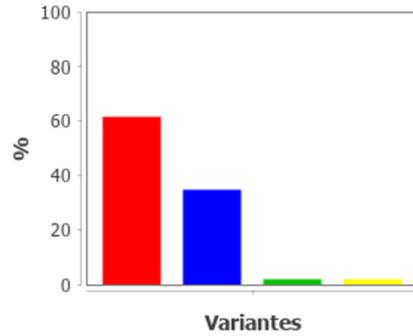
Legenda

- bolinha de peca/ peca
- bola de gude/ bolinha de gude
- bolota
- bulica

- ① ②
- ③ ④

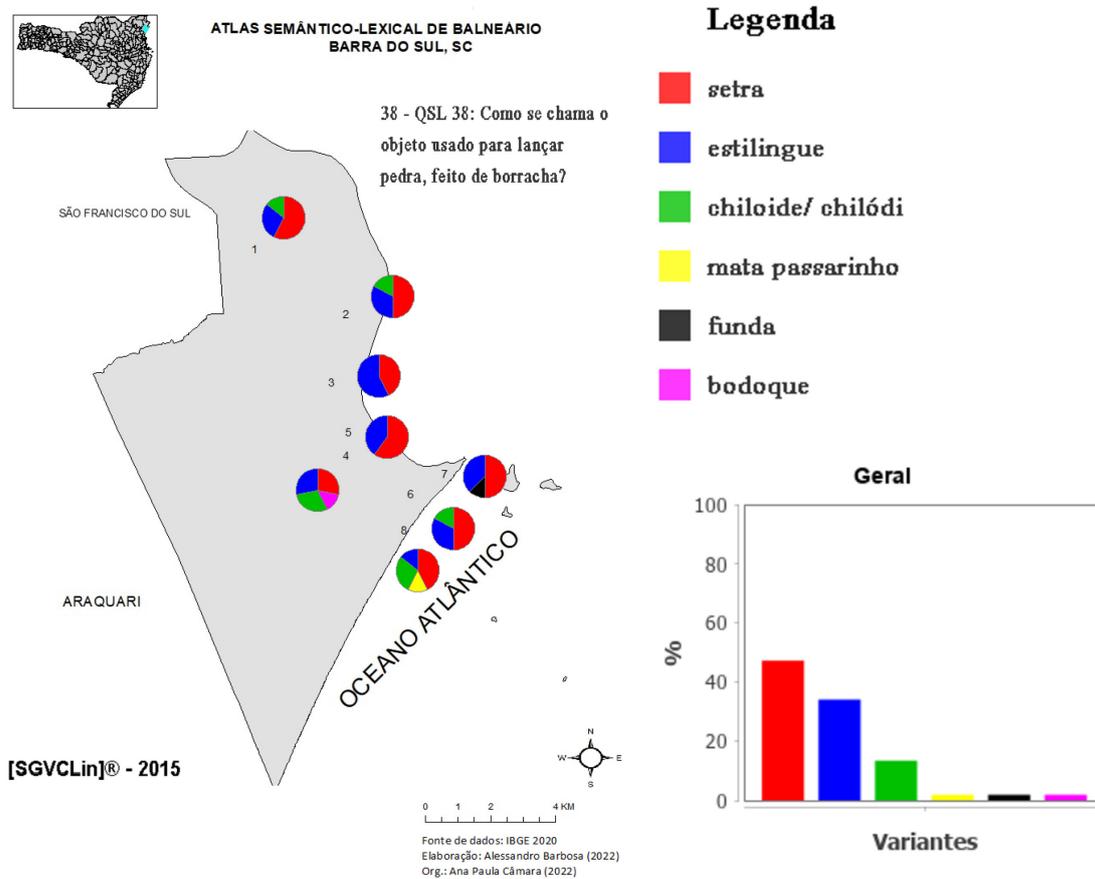
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 38 – diatópica monodimensional

L38 - denominações para estilingue/setra



NOTAS

Hapax legomenon: mata passarinho; ³⁴funda; ³⁵bodoque.

³⁴ Expressão antiga, revela arcaísmo

³⁵ Igualmente à variante funda, essa variante também revela arcaísmo.

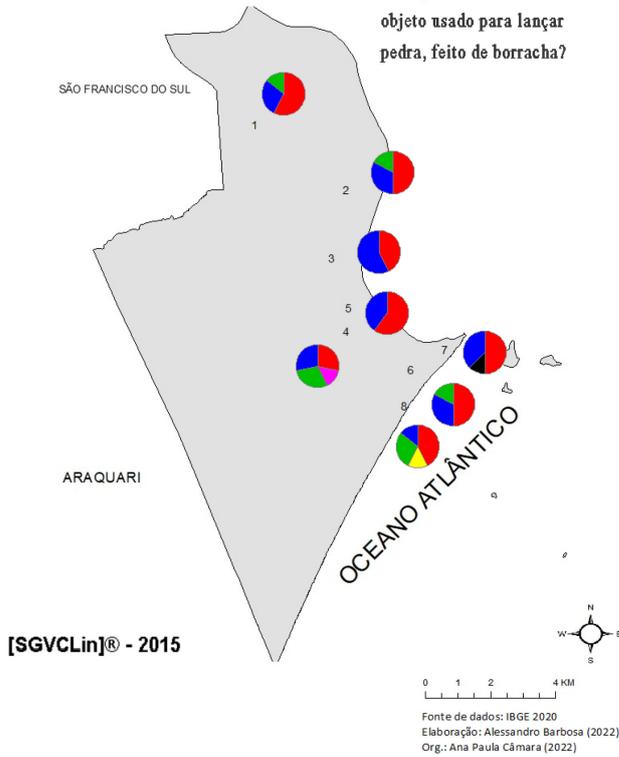
Carta 38 – diatópica pluridimensional

L38 - denominações para estilingue/setra



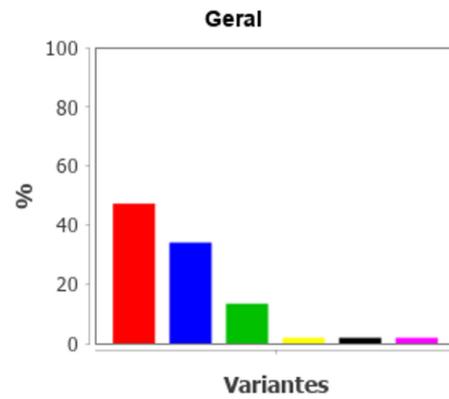
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

38 - QSL 38: Como se chama o objeto usado para lançar pedra, feito de borracha?



Legenda

- setra
- estilingue
- chiloide/ chilódi
- mata passarinho
- funda
- bodoque



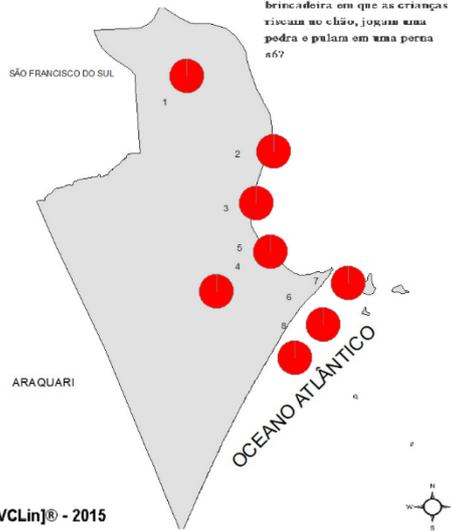
Carta 39 – diatópica monodimensional

L39 - denominação para amarelinha



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

39 QSL 39: Qual é o nome da brincadeira em que as crianças riscam no chão, jogam uma pedra e pulam em uma perna só?

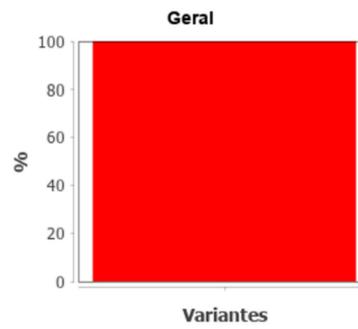


[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alexandre Barbosa (2022)
Org.: Aná Paula Câmara (2022)

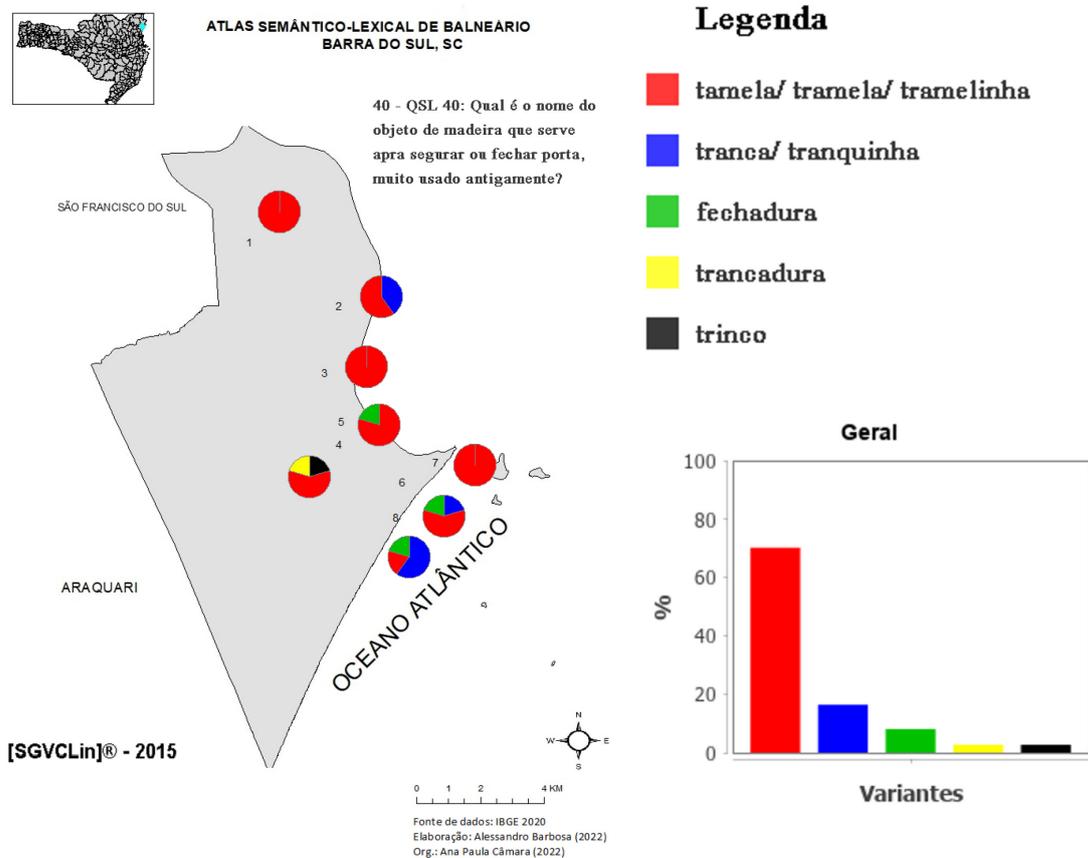
Legenda

 amarelinha



Carta 40 – diatópica monodimensional

L40 - denominações para tramela



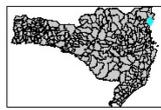
NOTAS

O léxico tramela e suas alterações mórficas revelam açorianismo.

Hapáx legomenon: ³⁶trancadura; trinco.

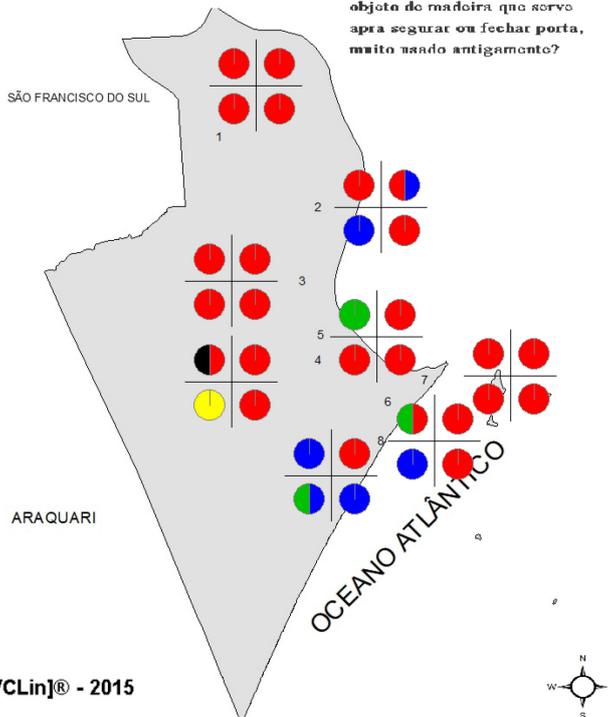
³⁶ Na palavra, houve uma mesclagem lexical (SANDAMANN, 1990; SILVEIRA 2020) também conhecido como cruzamentos vocabulares, são palavras que se unem, formando um vocábulo. No caso do léxico, houve a junção das palavras tranca e fechadura.

L40a - denominações para tramela



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

40 - QSL 40: Qual é o nome do objeto de madeira que serve para segurar ou fechar porta, muito usado antigamente?



Legenda

■ tarmela/ trarmela/ trarmelinha

■ tranca/ tranquinha

■ fechadura

■ trinco

■ trancadura

① ②

③ ④

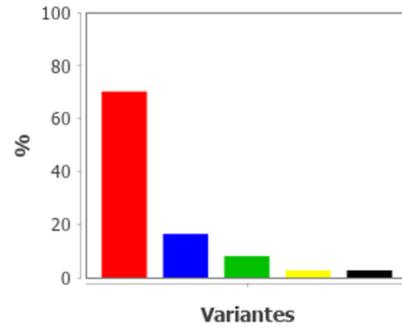
1: masculino - Faixa etária I

2: masculino - Faixa etária II

3: feminino - Faixa etária I

4: feminino - Faixa etária II

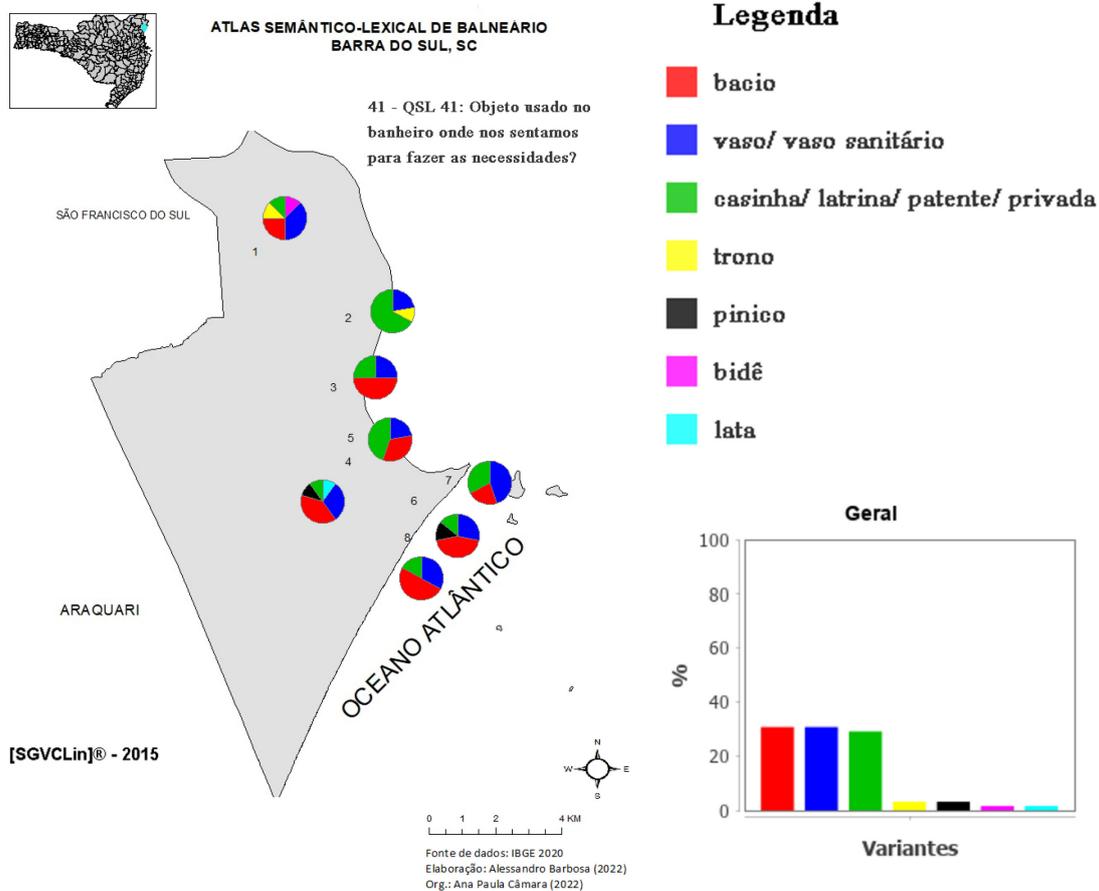
Geral



Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 41 – diatópica monodimensional

L41 - denominações para vaso sanitário/bacio



NOTAS

43 – Feminino – faixa II

INF.- vaso sanitário. Tem alguns que falam bidê, vaso

INQ. Conhece um outro nome?

INF. Isso aí, ah, tem latrina também

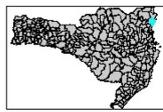
Hapáx legomenon: bidê; lata.

³⁷Casinha; latrina; patente; privada.

³⁷ As palavras agrupadas são sinônimas, de acordo com o DICIONÁRIO HOUAISS (2020)

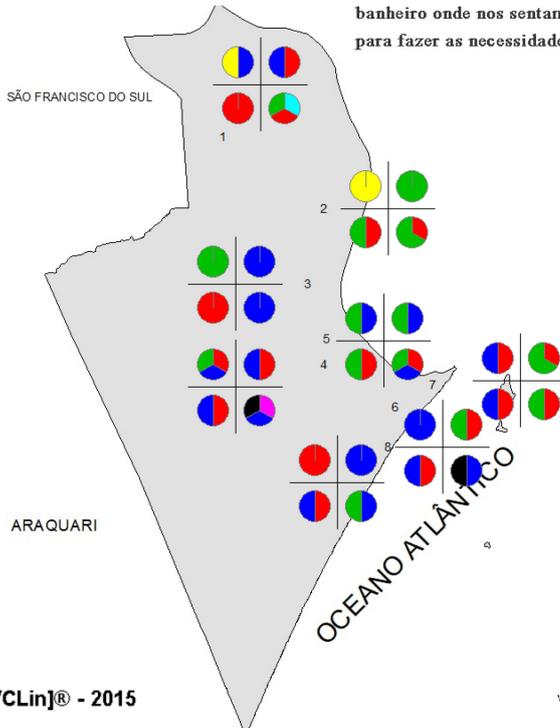
Carta 41 – diatópica pluridimensional

L41a - denominações para vaso sanitário



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

41 - QSL 41: Objeto usado no
banheiro onde nos sentamos
para fazer as necessidades?



Legenda

- vaso/ vaso sanitário
- bacio
- casinha/ latrina/ patente/ privada
- trono
- pinico
- lata
- bidê

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

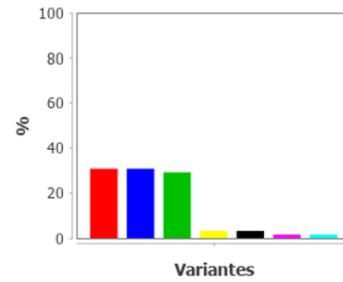
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM



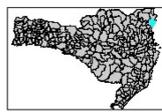
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Geral



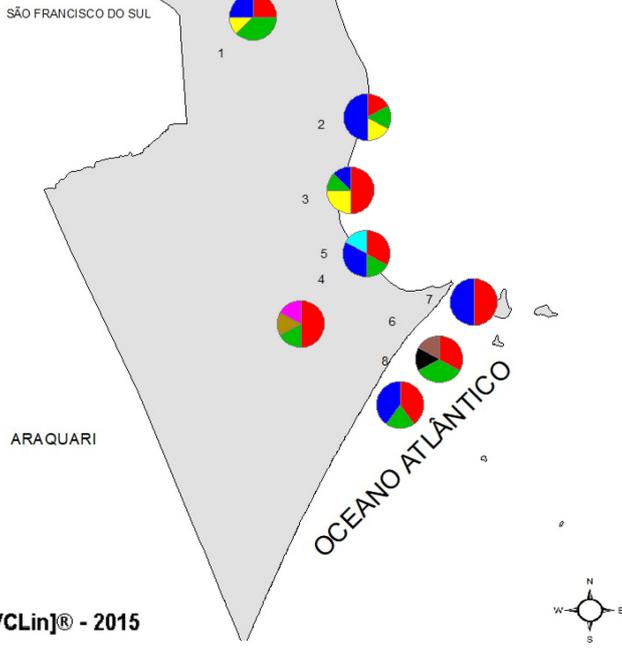
Carta 42 – diatópica monodimensional

L42 - denominações para empanturrado



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

42 - QSL 42: Como ficamos
quando comemos demais?

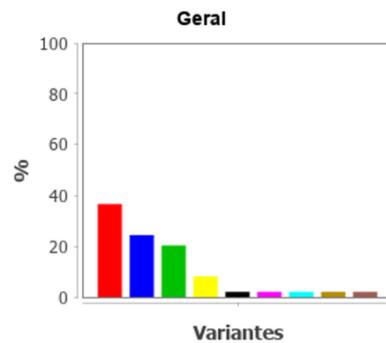


Legenda

- estafado/ estufado/ istufado
- embuchado/ empanturrado/ empanzinado/ panzinado
- barriga cheia/ cheia/ cheio/ inchado
- agoniado
- estômago pesado
- esturricado
- pançudo
- roliço
- pesado

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

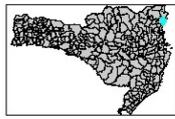


NOTAS

Hapáx legomenon: estômago pesado; esturricado; pançudo; roliço; pesado.

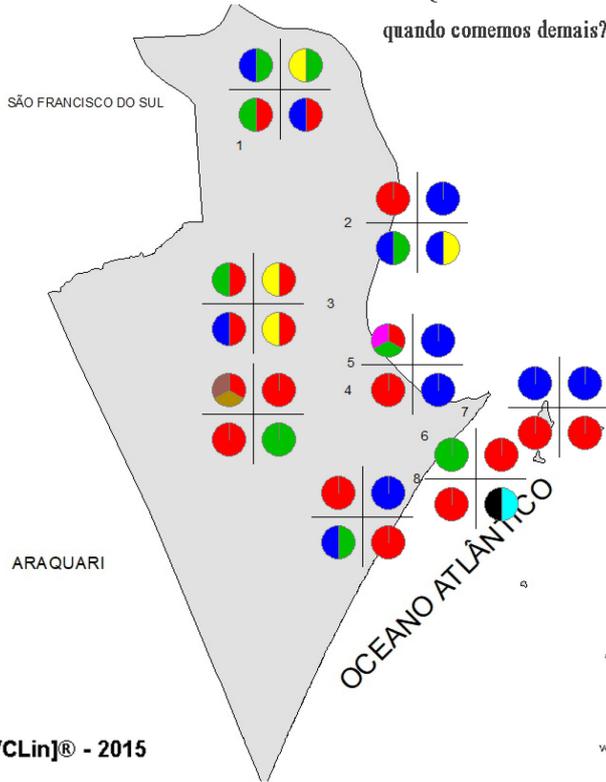
Carta 42 – diatópica pluridimensional

L42a - denominações para empanturrado



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

42 - QSL 42: Como ficamos
quando comemos demais?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

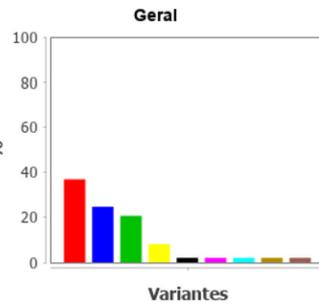
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- estafado/ estufado/ istufado
- embuchado/ empanturrado/ empanzinado/ panzinado
- barriga cheia/ cheia/ cheio/ inchado
- agoniado
- pesado
- paçudo
- estômago pesado
- roliço
- esturricado

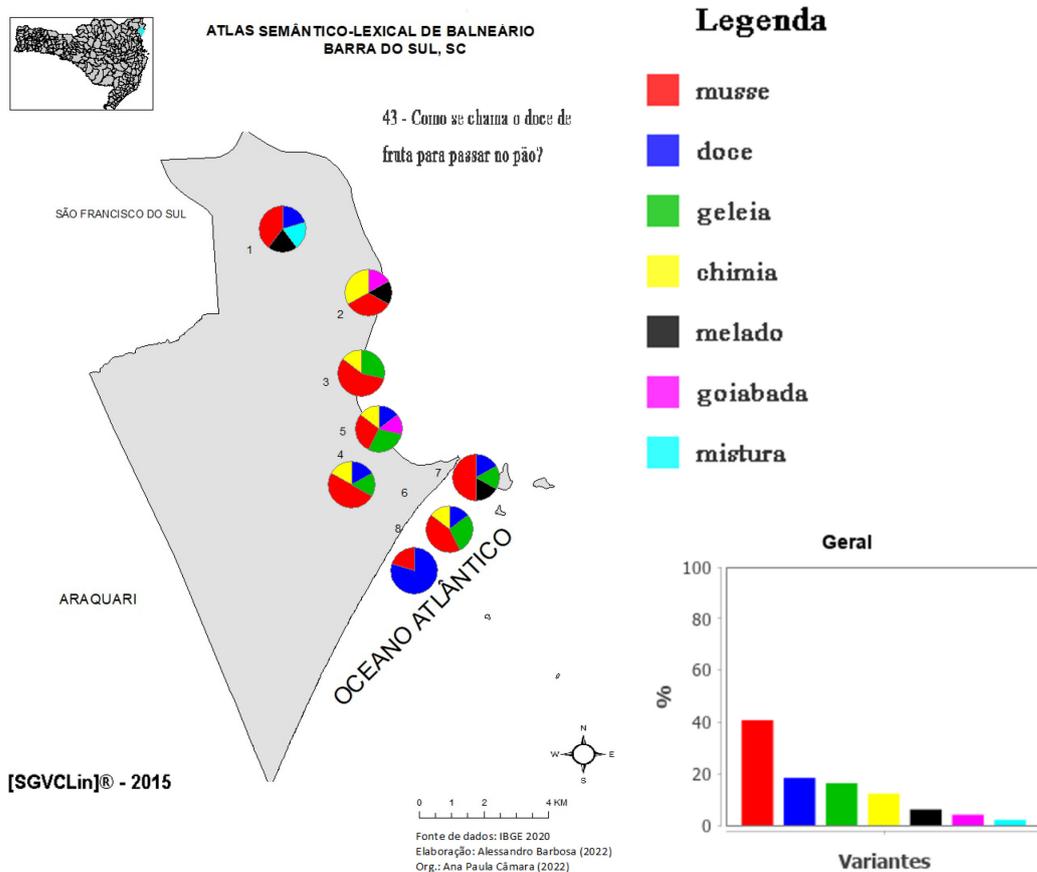
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 43 – diatópica monodimensional

L043 - denominações para musse



NOTAS

44 – Feminina – faixa I

INF.- musse, chimia, geleia

INQ. – chimia? Você costuma falar chimia?

INF. – Não, a mãe fala, vamo chimiar o pão pra comê, assim, eu falo mais musse mesmo.

45 – Masculino – faixa I

INF.- chimia (risos) minha mãe faz, mas é de ovo batido com açúcar

46 – Feminino – faixa I

INF.- geleia, chimia. Eu conhecia dois tipo de chimia, a de ovo e a de fruta, quando era criança minha vó fazia de ovo.

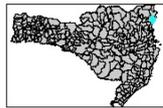
47 - Masculino – faixa I

INQ. – O doce pode ser industrializado ou caseiro, como chama?

INF.- É, como se fala... uns dizem chimia, mas pra mim é... eles falavam, ah vou fazê uma chimia, mas a chimia que eu sabia era ovo, ovo batido com açúcar e frito na frigideira, hoje dizem doce mesmo, né, musse.

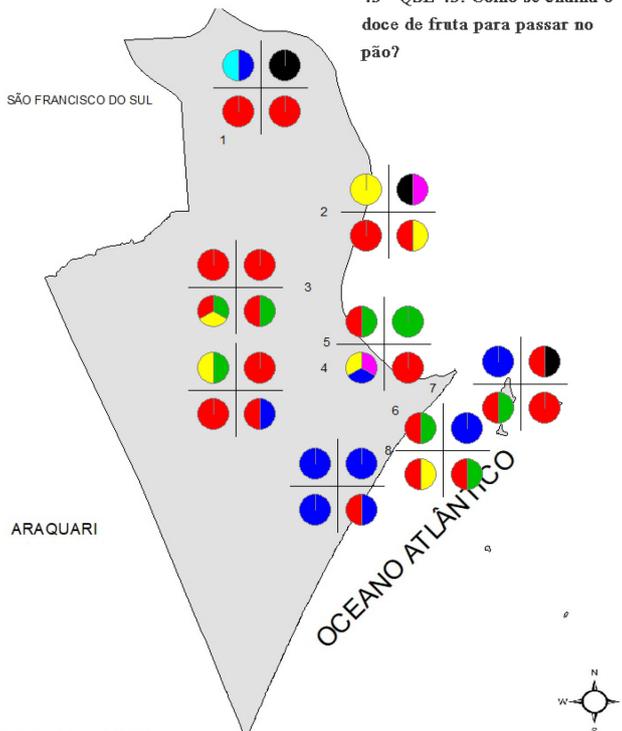
Carta 43 – diatópica pluridimensional

L43a - denominações para musse



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

43 - QSL 43: Como se chama o
doce de fruta para passar no
pão?



Legenda

- musse
- doce
- geleia
- chimia
- melado
- goiabada
- mistura

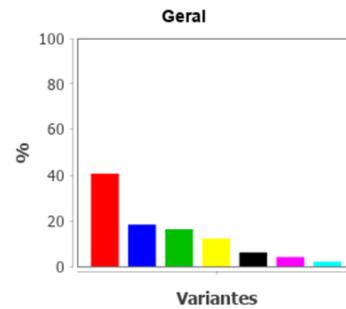
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

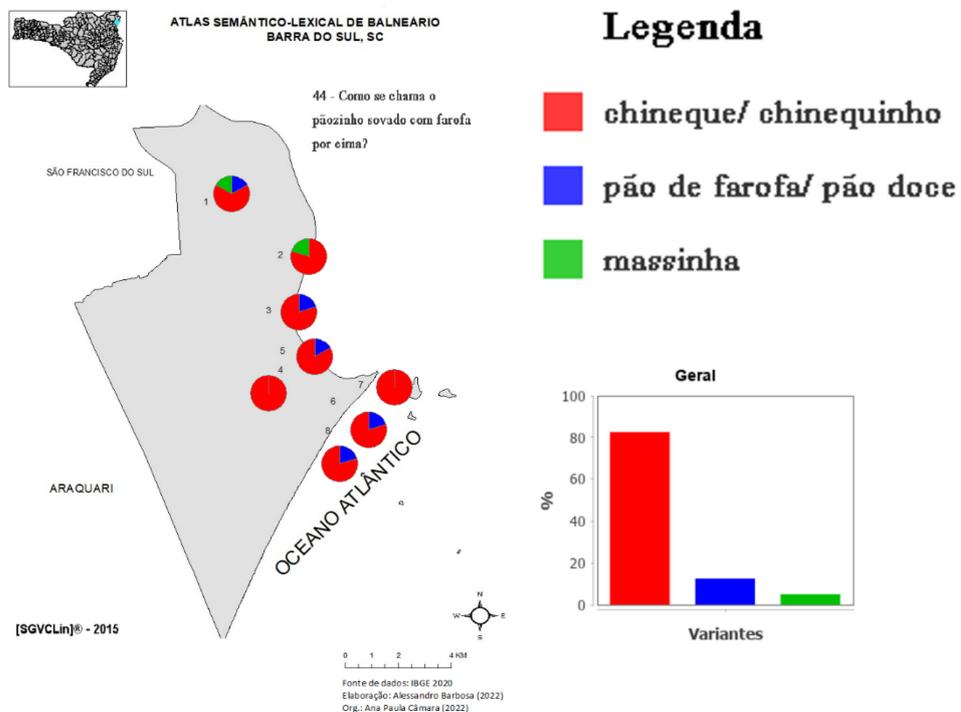
0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)



Carta 44 – diatópica monodimensional

L044 - denominações para chineque

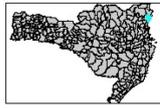


NOTAS

O léxico, mais produtivo é muito comum nas regiões do Norte de Estado de Santa Catarina.

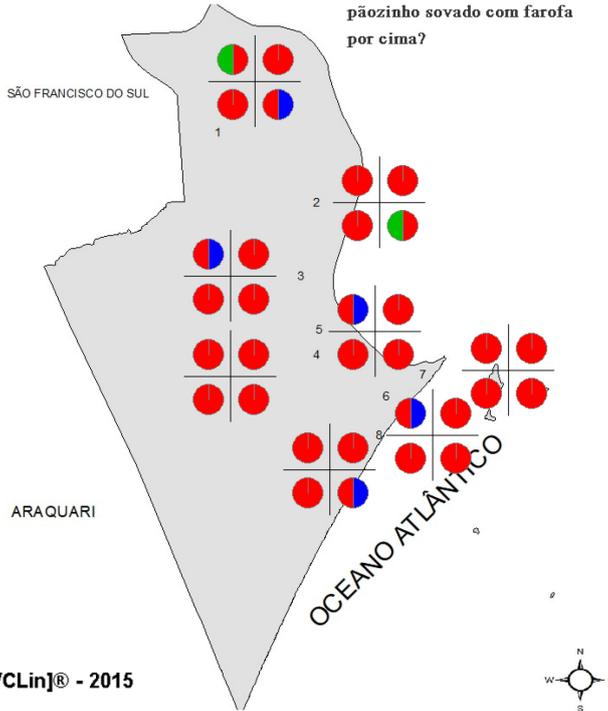
Carta 44 – diatópica pluridimensional

L44a - denominações para chineque



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

44 - QSL 44: Como se chama o
pãozinho sovado com farofa
por cima?



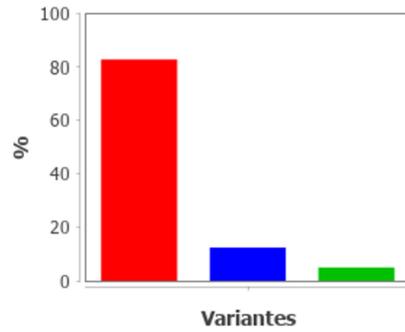
Legenda

- chineque/ chinequinho
- pão de farofa/ pão doce
- massinha

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



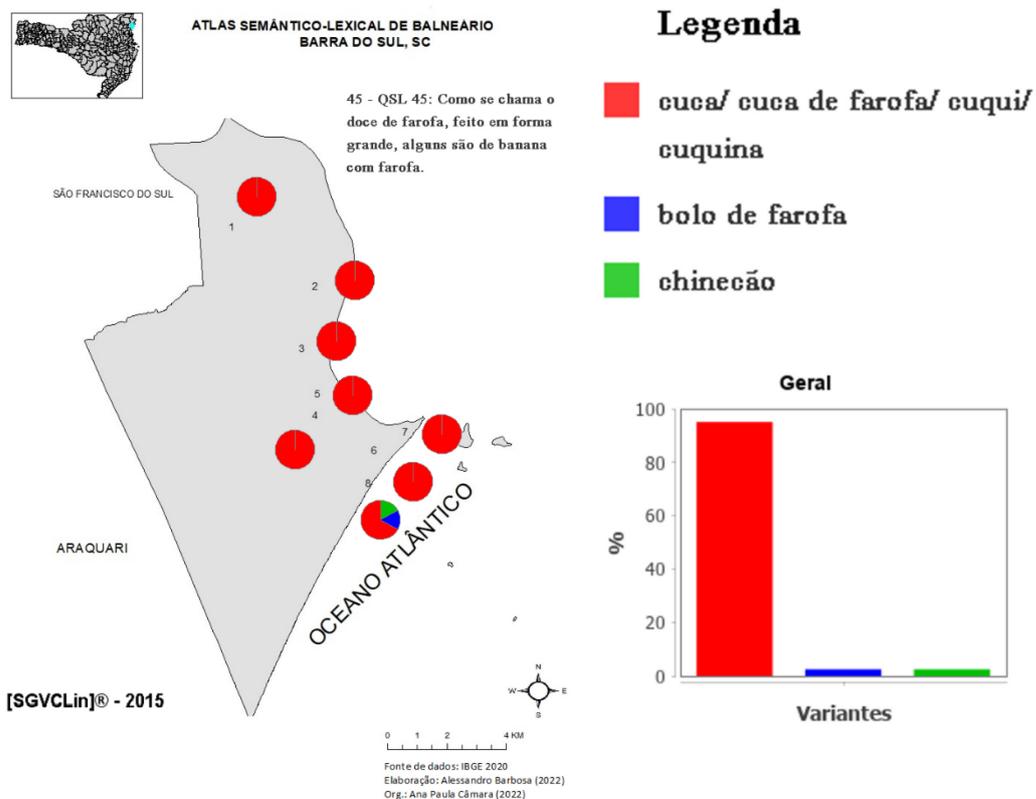
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 45 – diatópica monodimensional

L45 - denominações para cuca

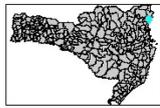


NOTAS

O léxico cuca é uma iguaria muito popular nos lares catarinenses, especialmente, os de origem alemã.

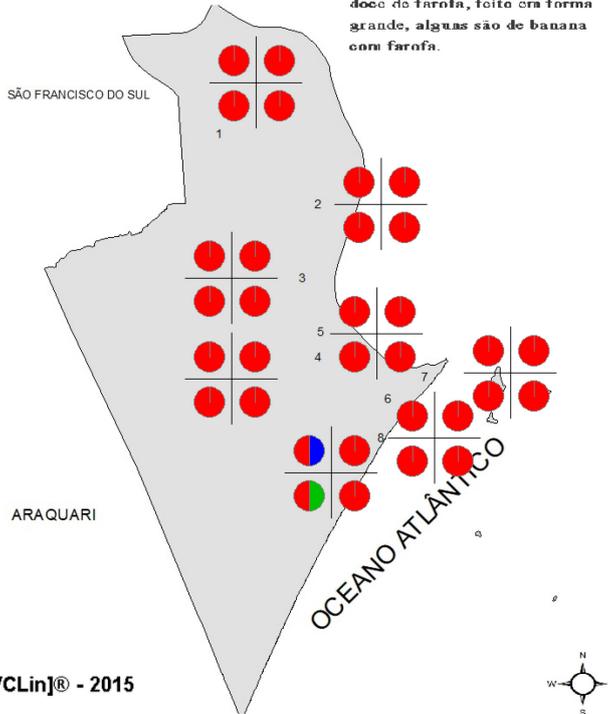
Carta 45 – diatópica pluridimensional

L45a - denominações para cuca



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

45 - QSL 45: Como se chama o doce de farofa, feito em forma grande, alguns são de banana com farofa.



[SGVCLin]® - 2015

Legenda

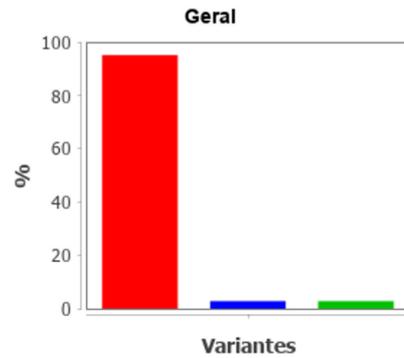
■ cuca/ cuca de farofa/ cuqui/ cuquina

■ bolo de farofa

■ chinecão

① ②
③ ④

1: masculino - Faixa etária I
2: masculino - Faixa etária II
3: feminino - Faixa etária I
4: feminino - Faixa etária II

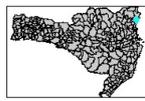


0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

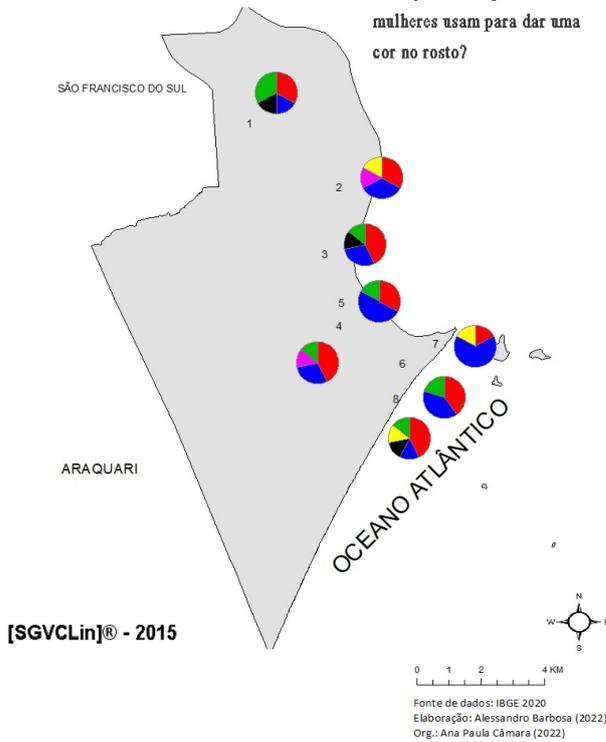
Carta 46 – diatópica monodimensional

L46 - denominações para rouge



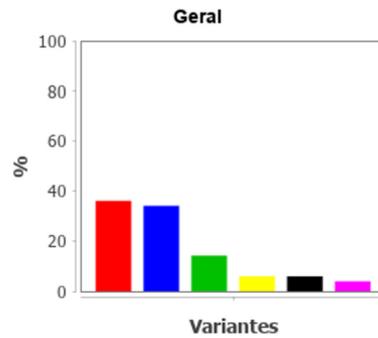
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

46 - QSL 46: O que as
mulheres usam para dar uma
cor no rosto?



Legenda

- pozinho de cor/ pó/ pó de arroz
- blush/ brush
- base
- rouge
- maquiage/ maquiagem
- reboco



NOTAS

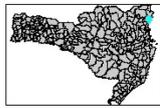
48 – Masculino – faixa I

INF. – pó, reboco (risos)

INQ. – Reboco?

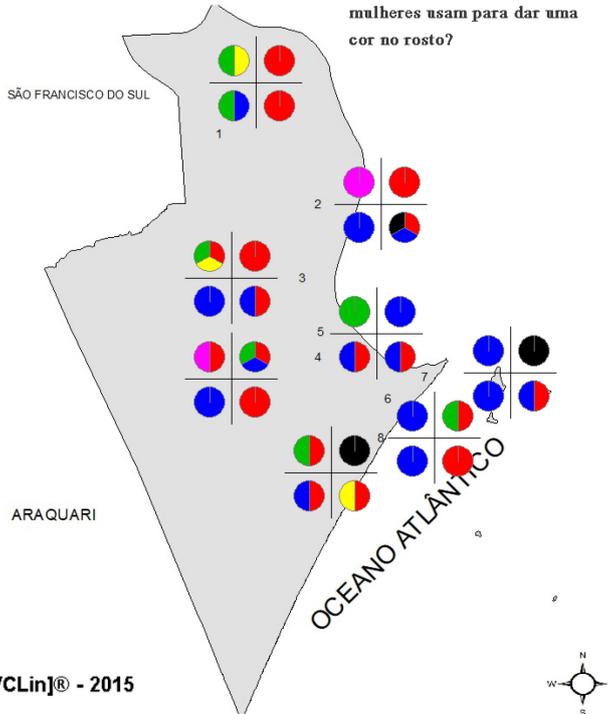
INF. – É, as mulheres passa pra disfarçá as marca (rindo)

L46a - denominações para rouge



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

46 - QSL 46: O que as
mulheres usam para dar uma
cor no rosto?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

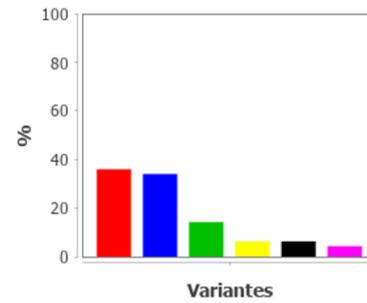
Legenda

- pozinho de cor/ pó/ pó de arroz
- blush/ brush
- base
- maquiage/ maquiagem
- rouge
- reboco

- ① ②
- ③ ④

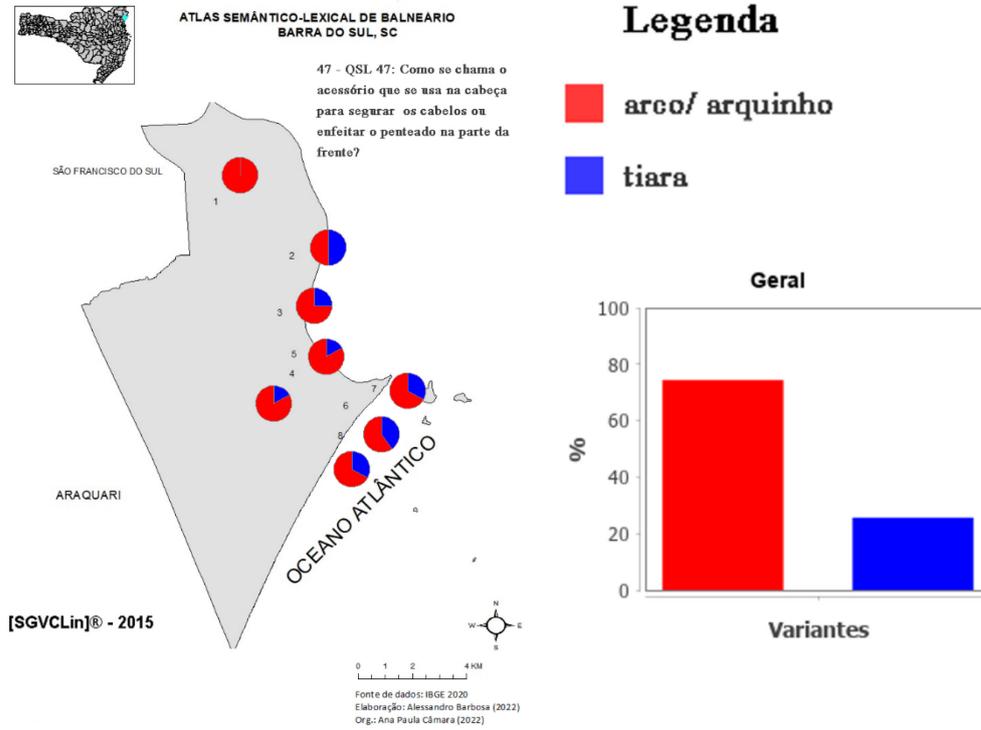
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



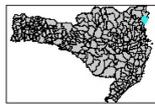
Carta 47 – diatópica monodimensional

L47 - denominações para diadema/arco/tiara



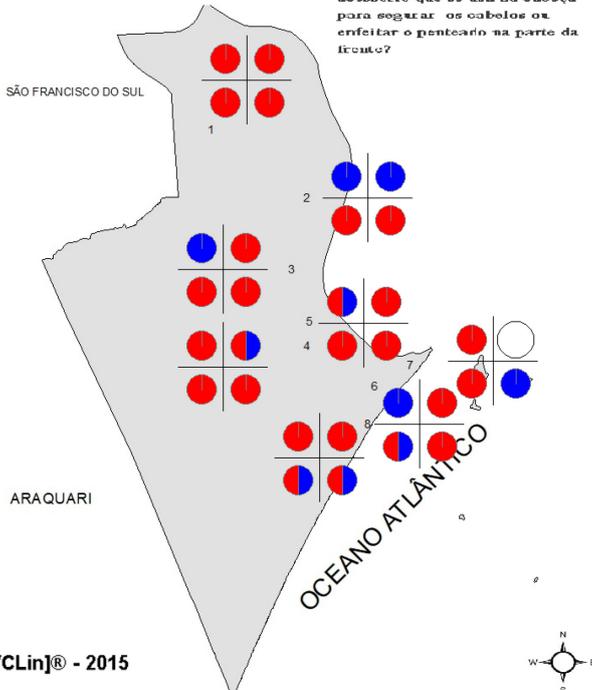
Carta 47 – diatópica pluridimensional

L47a - denominações para arco/diadema



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

47 - QST. 47: Como se chama o acessório que se usa na cabeça para segurar os cabelos ou enfeitar o penteado na parte da frente?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

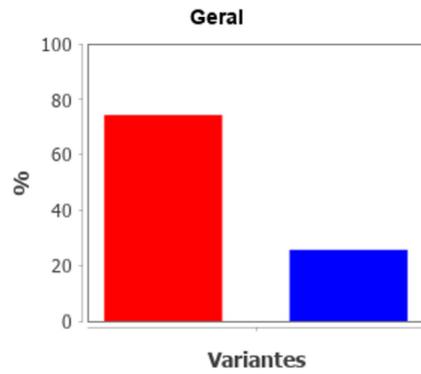
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- arco/ arquinho
- tiara

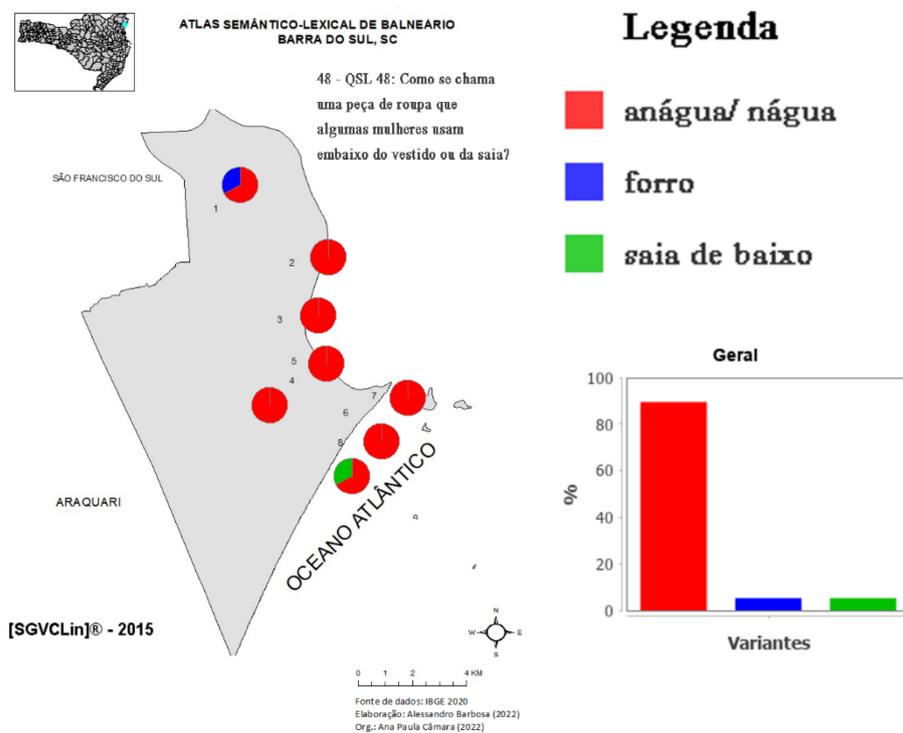
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 48 – diatópica monodimensional

L48 - denominações para saia de baixo/anágua

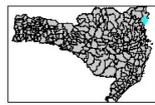


NOTAS

Hapáx legomena: saia de baixo

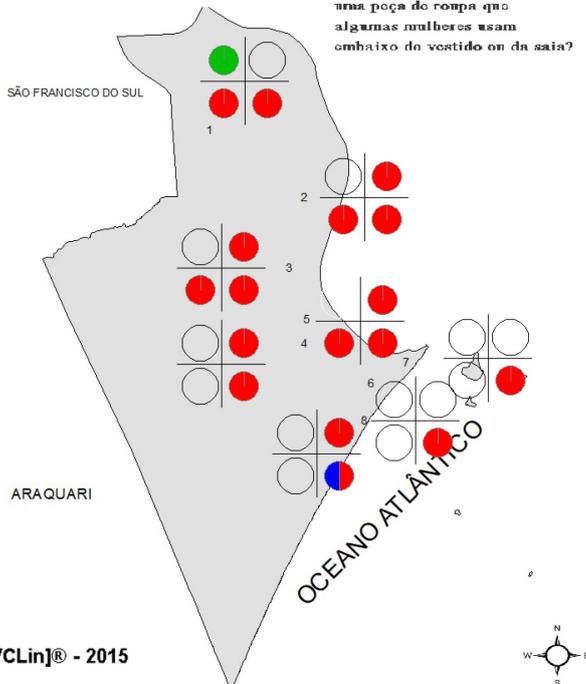
Carta 48 – diatópica pluridimensional

L48a - denominações para saia de baixo/anágua



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

48 - QSL 48: Como se chama uma peça de roupa que algumas mulheres usam ombrão do vestido ou da saia?



[SGVCLin]® - 2015

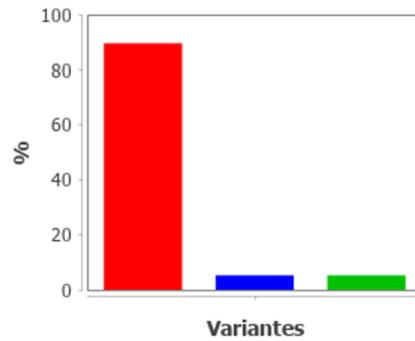
Legenda

- anágua/ nágua
- saia de baixo
- forro

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral

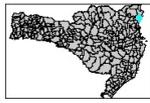


0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

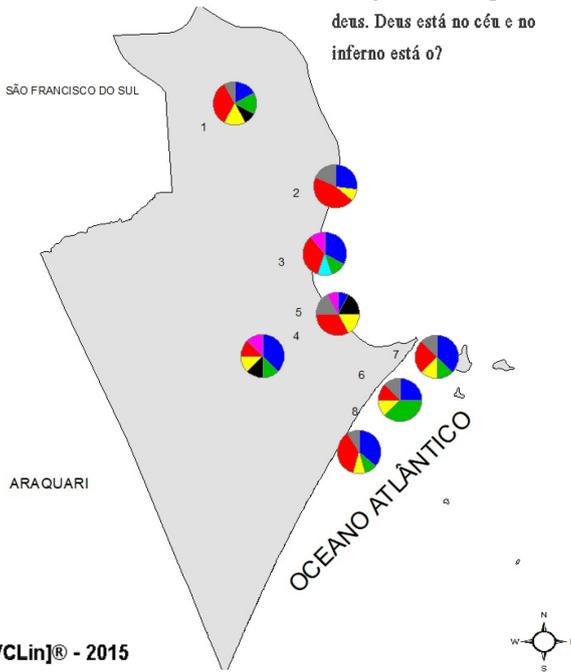
Carta 49 – diatópica monodimensional

L49 - denominações para diabo



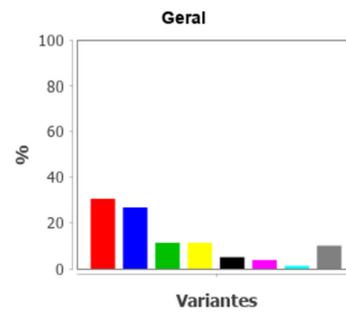
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

49 - QSL 49: O inimigo de deus. Deus está no céu e no inferno está o?



Legenda

- diabo/ dianho/ djanho
- capeta/ capiroto
- demonho/ demônio/ dimonho
- satanais/ satanás
- coisa ruim
- Lúcifer
- cola fina
- Outros

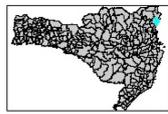


Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

NOTAS

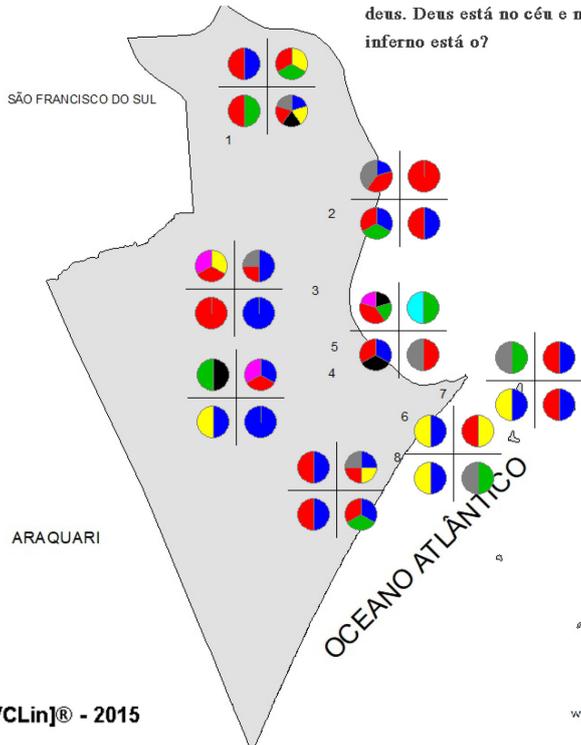
Hapáx legomenon: calça curta; mochila de criança; sete pele; atormentador das almas; tbinga; adversário.

L49a - denominações para diabo



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

49 - QSL 49: O inimigo de deus. Deus está no céu e no inferno está o?



Legenda

- diabo/ dianho/ djanho
- capeta/ capiroto
- satanaís/ satanás
- demonho/ demônio/ dimonho
- coisa ruim
- Lúcifer
- inimigo
- Outros

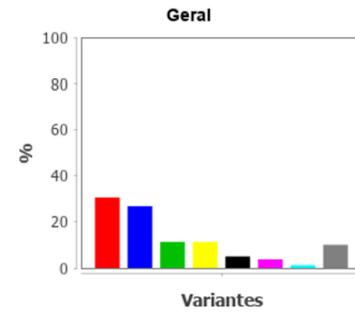
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

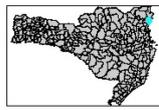
0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)



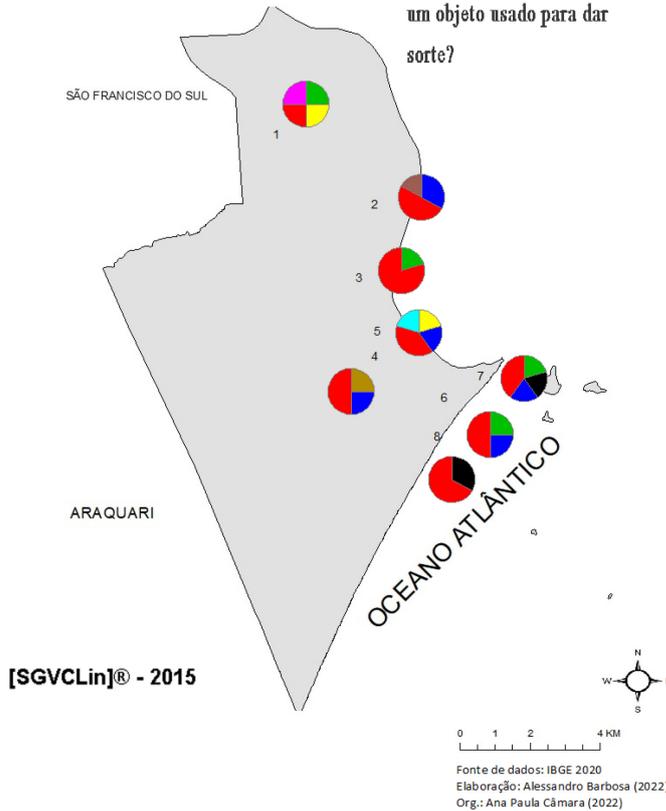
Carta 50 – diatópica monodimensional

L50 - denominações para amuleto



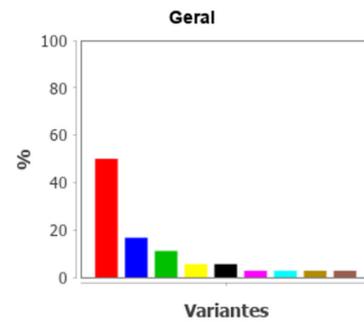
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

50 - QSL 50: Como se chama
um objeto usado para dar
sorte?



Legenda

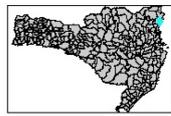
- amulezinho/ amuleto
- crucifixo
- figa
- talismã
- trevo de quatro folhas
- pingente
- medalha
- rosário
- escapulário



NOTAS

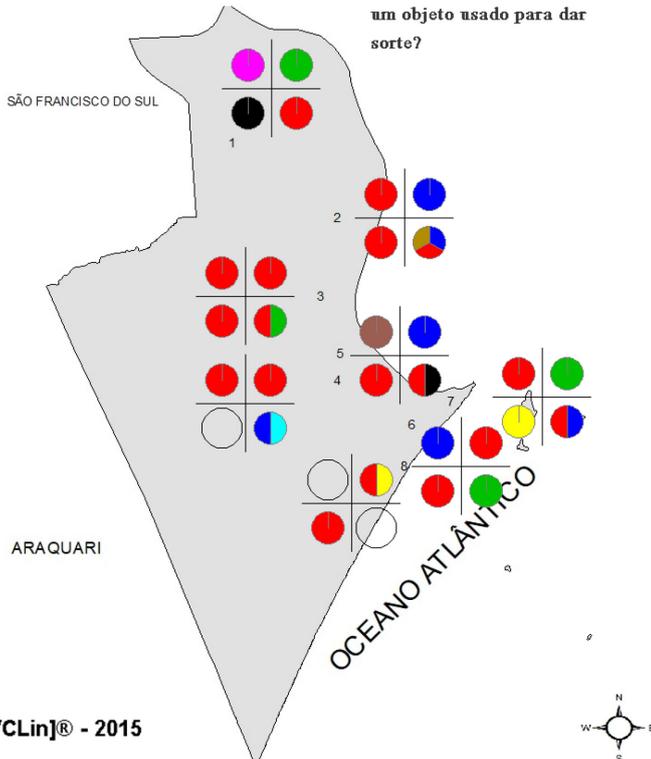
Hapáx legomenon: pingente; medalha; rosário; escapulário.

L50a - denominações para amuleto



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

50 - QSL 50: Como se chama
um objeto usado para dar
sorte?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

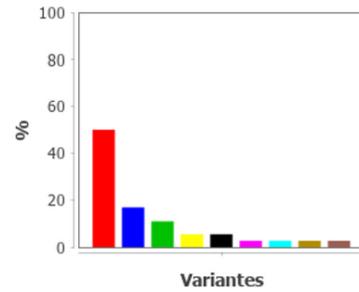
Legenda

- amulezinho/ amuleto
- crucifixo
- figa
- trevo de quatro folhas
- talismã
- pingente
- rosário
- escapulário
- medalha

- ① ②
- ③ ④

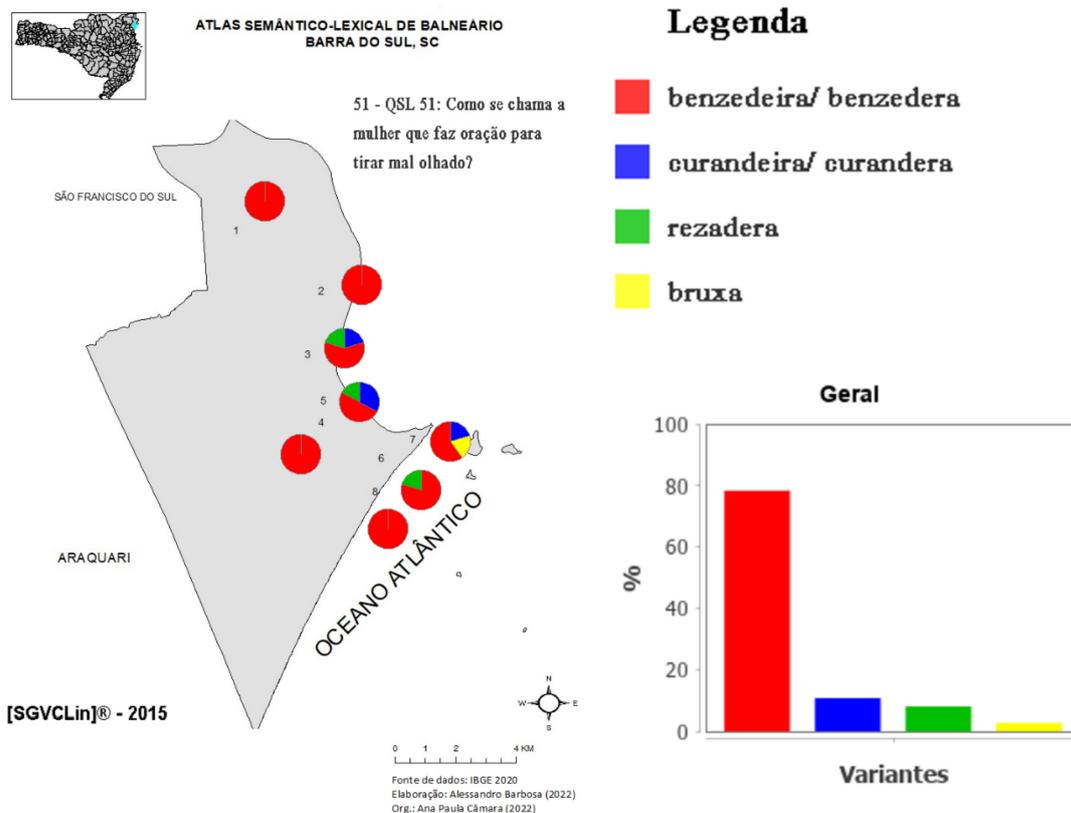
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 51 – diatópica monodimensional

L51 - denominações para benzedeira



NOTAS

49 – Mulher – faixa II

INF.- benzedera, né. Tem benzedera de quebranto, tem benzedera de arca caída, trombose.

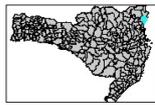
INQ. – Ah, é? Conta

INF. – Sim, antigamente tinha muito isso, mas eu faço a oração e a massagem da arca caída, que é os gases preso, aí amarra uma faixa, coloca pariparoba, uma erva e a criança melhora.

Hapáx legomena: bruxa

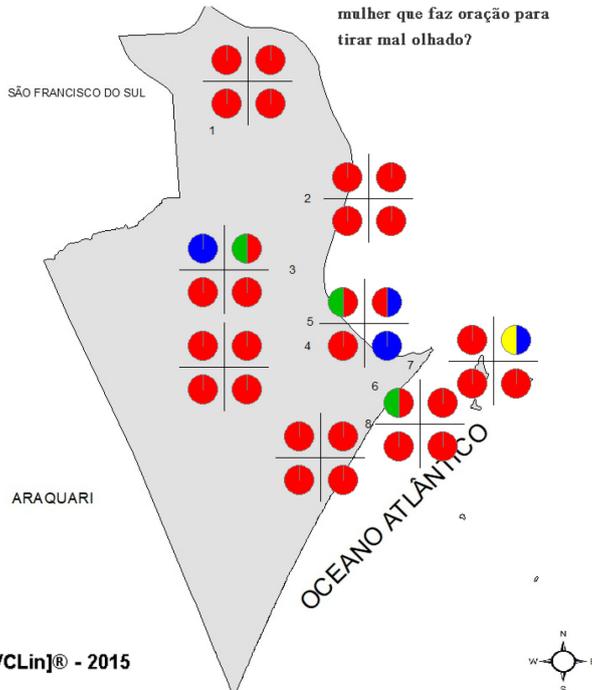
Carta 51 – diatópica pluridimensional

L51a - denominações para benzedeira



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

51 - QSL 51: Como se chama a mulher que faz oração para tirar mal olhado?



[SGVCLin]® - 2015

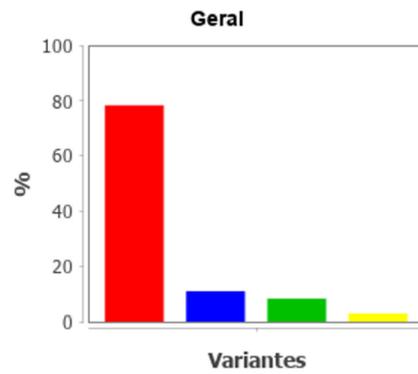
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- benzedeira/ benzedera
- curandeira/ curandera
- rezadera
- bruxa

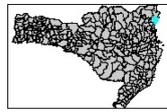
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 52 – diatópica monodimensional

L52 - denominações para obreiro



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

52 - QSL 52: Como se chama a
pessoa que ajuda na igreja?

SÃO FRANCISCO DO SUL

ARAQUARI

OCEANO ATLÂNTICO

[SGVCLin]® - 2015



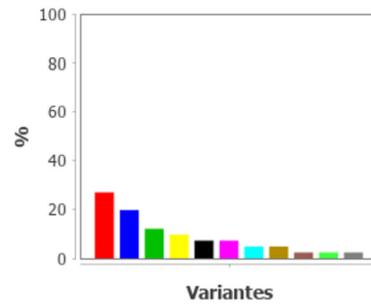
0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- obreiro/ obrera/ obrero
- ajudante/ auxiliar
- diaconisa/ diácono
- voluntário
- coroinha
- missionário
- fiel
- ministro
- cooperador
- beata/ beato
- catequista

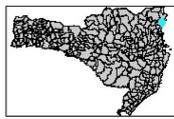
Geral



NOTAS

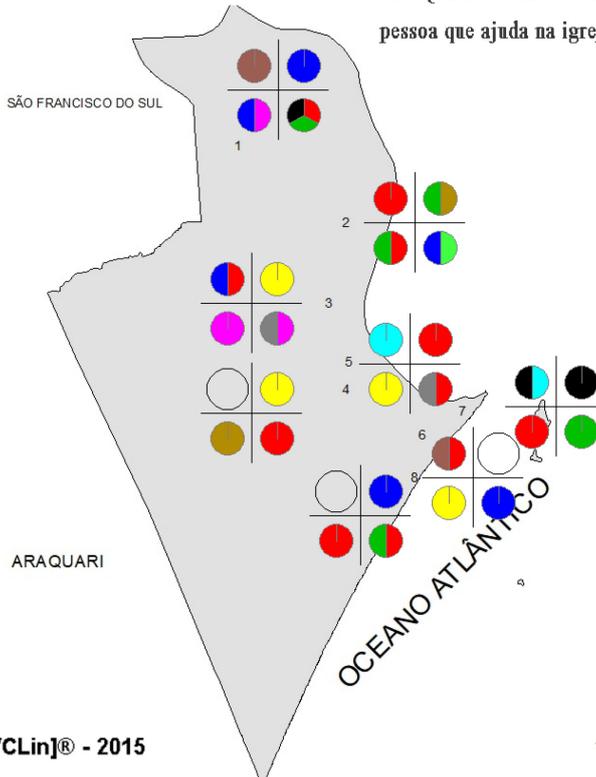
Hapax legomenon: cooperador; beata/beato; catequista.

L52a - denominações para obreiro



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

52 - QSL 52: Como se chama a
pessoa que ajuda na igreja?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

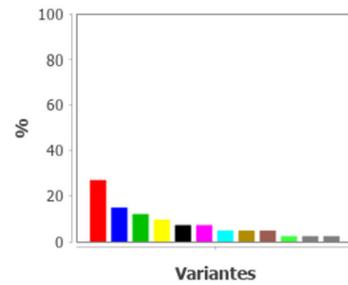
Legenda

- obreiro/ obrera/ obrero
- ajudante
- diaconisa/ diácono
- voluntário
- coroinha
- missionário
- fiel
- ministro
- auxiliar
- beata/ beato
- cooperador
- catequista

- ① ②
- ③ ④

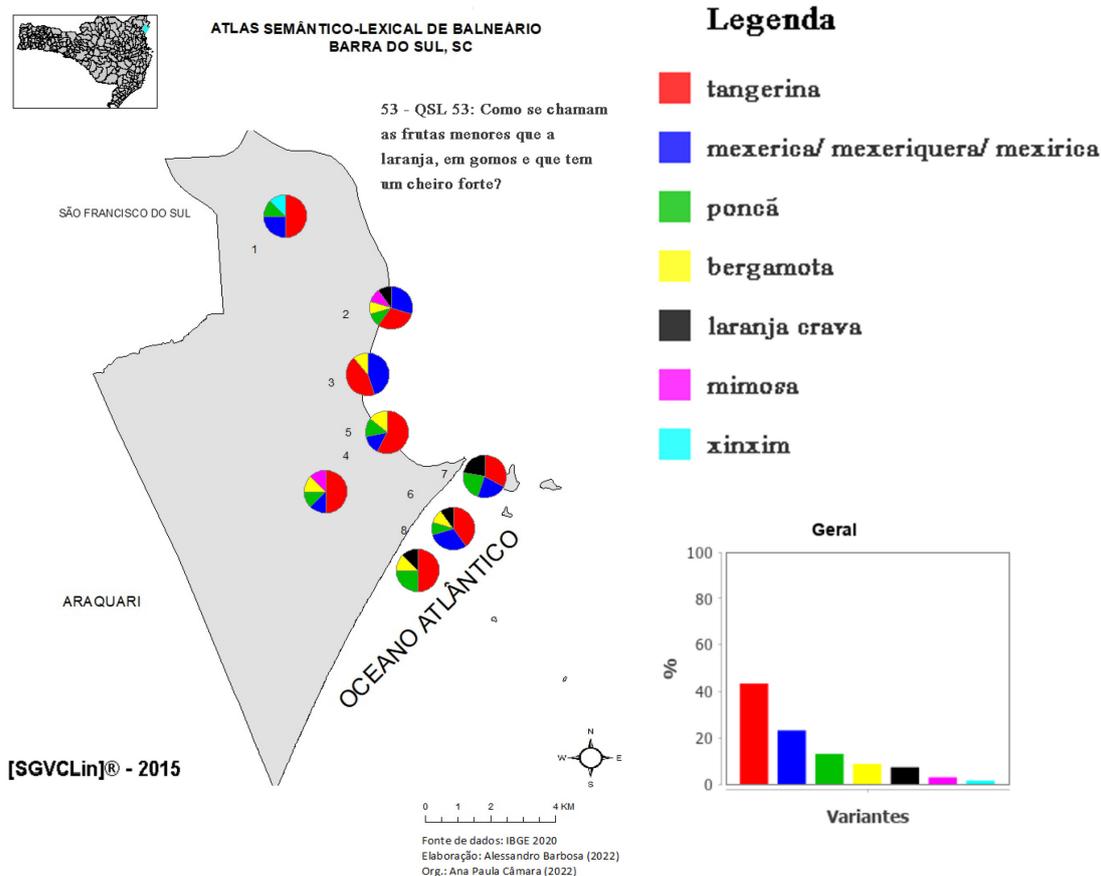
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 53 – diatópica monodimensional

L53 - denominações para tangerina



NOTAS

50 – Feminino – faixa II

INF.- benzedera, né. Tem benzedera de quebranto, tem benzedera de arca caída, trombose.

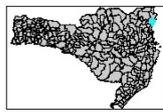
INQ. – Ah, é? Conta

INF. – Sim, antigamente tinha muito isso, mas eu faço a oração e a massagem da arca caída, que é os gases preso, aí amarra uma faixa, coloca pariparoba, uma erva e a criança melhora.

Sobre a hapáx legomena ³⁸xinxim.

³⁸ A *Citrus japonica*, conhecida pelos nomes comuns de quincã (do japonês kinkan) ou cunquate (do chinês kumquat), ou ainda xinxim (em Santa Catarina), é **uma pequena fruta cítrica da família das rutáceas**. Houaiss (2020).

L53a - denominações para tangerina



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

53 - QSL 53: Como se chamam as frutas menores que a laranja, em gomos e que tem um cheiro forte?

SÃO FRANCISCO DO SUL

ARAQUARI

OCEANO ATLÂNTICO

[SGVCLin]® - 2015

Legenda

- tangerina
- mexerica/ mexeriquera/ mexirica
- poncã
- bergamota
- laranja crava
- mimosa
- xinxim

- ① ②
- ③ ④

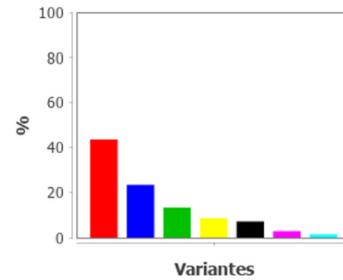
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

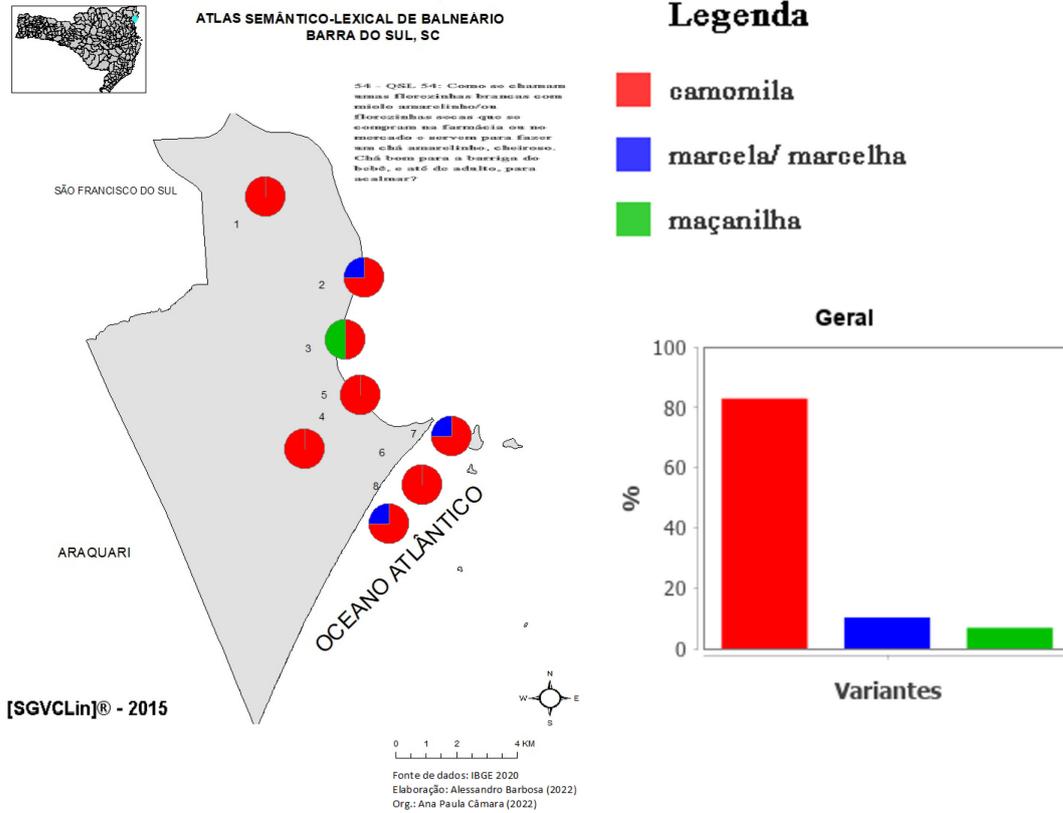


Geral



Carta 54 – diatópica monodimensional

L54 - denominações para camomila



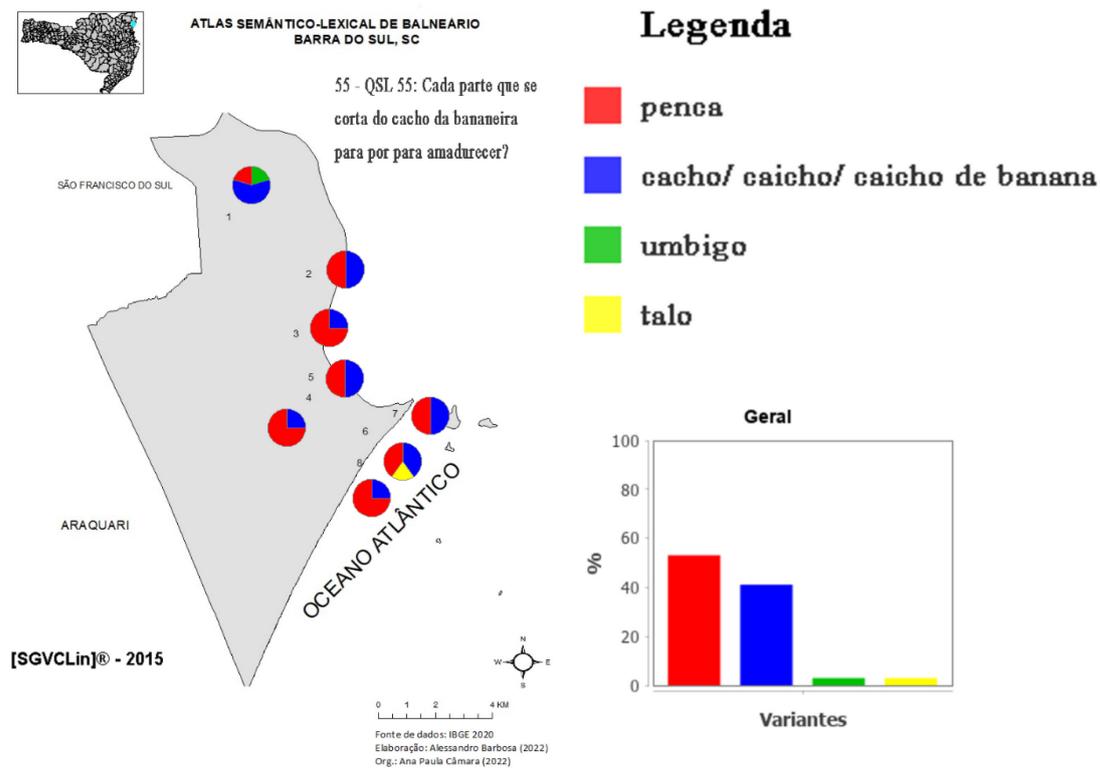
NOTAS

Hapáx legomena: ³⁹maçanilha

³⁹ Variação de camomila. Planta ramificada podendo atingir 30 cm de altura; produz pequenas flores de aroma e gosto muito peculiar; suas flores têm propriedades calmantes e muito usadas em inflamações intestinais; É usada como aromatizante, em alimentos e bebidas; Muito usada também na indústria de produtos de higiene pessoal. DICIONÁRIO HOUAISS (2020).

Carta 55 – diatópica monodimensional

L55 - denominações para penca



NOTAS

Hapáx legomenon: umbigo e talo.

51 – Feminino – faixa I

INQ.- O cacho é o grande, a parte maior, e a pequena, como se chama

INF.- umbigo? Ah, não sei, geralmente a gente chama cacho de banana

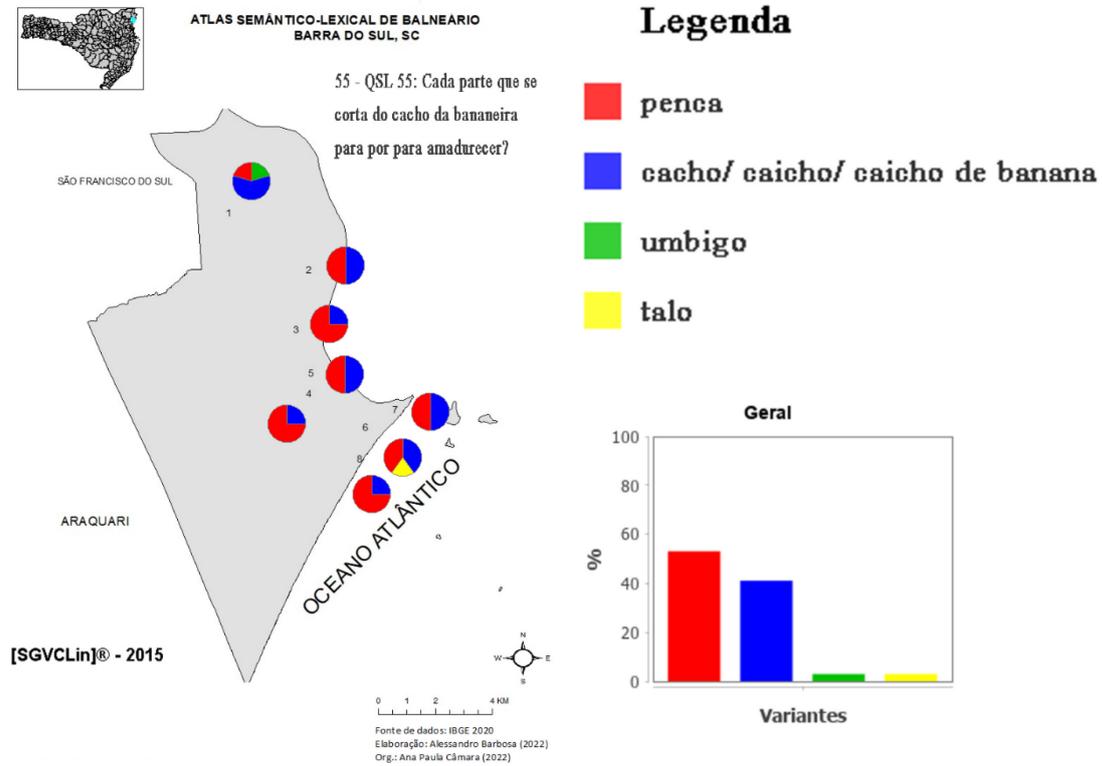
INQ. – Umbigo?

INF. – É, umbigo porque as banana ficam presa ali, sabe, né, ou cacho mesmo

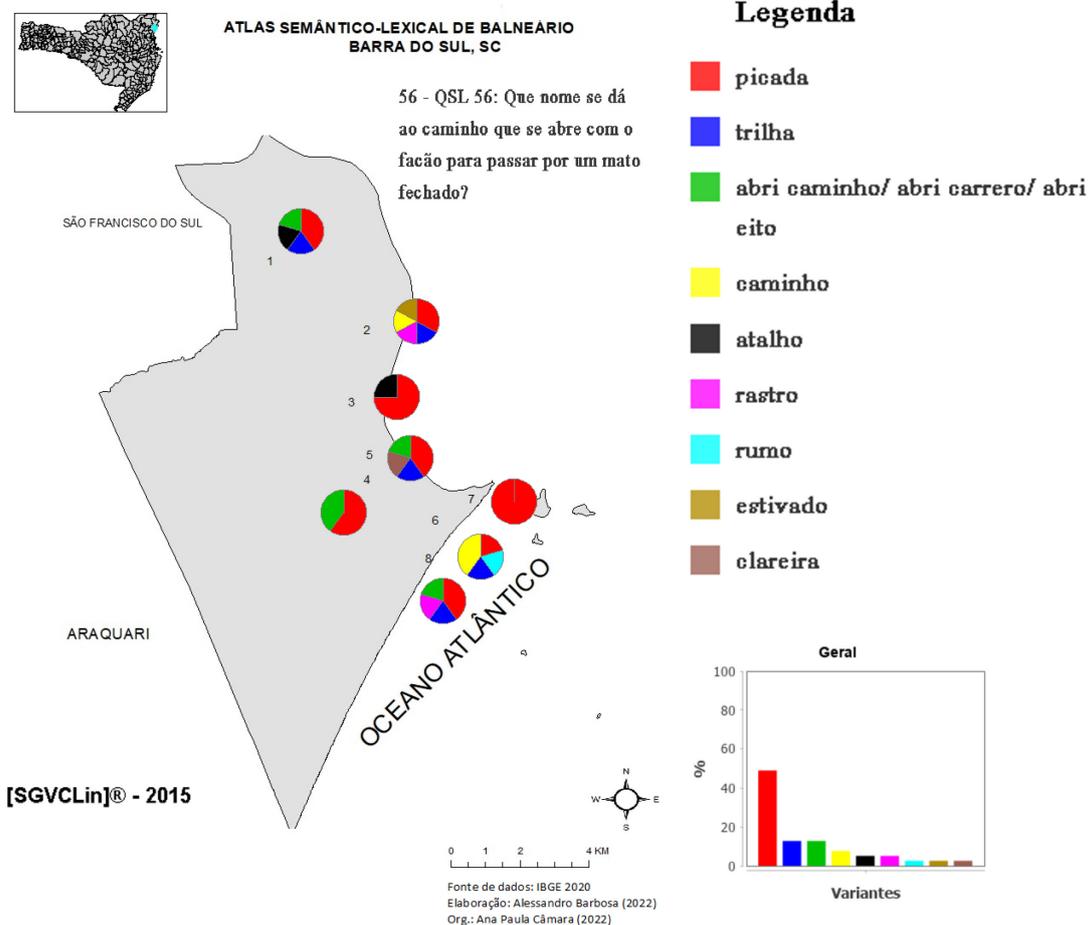
INQ. - Entendi

Carta 55 - diatópica pluridimensional

L55 - denominações para penca



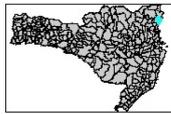
L56 - denominações para picada



NOTAS

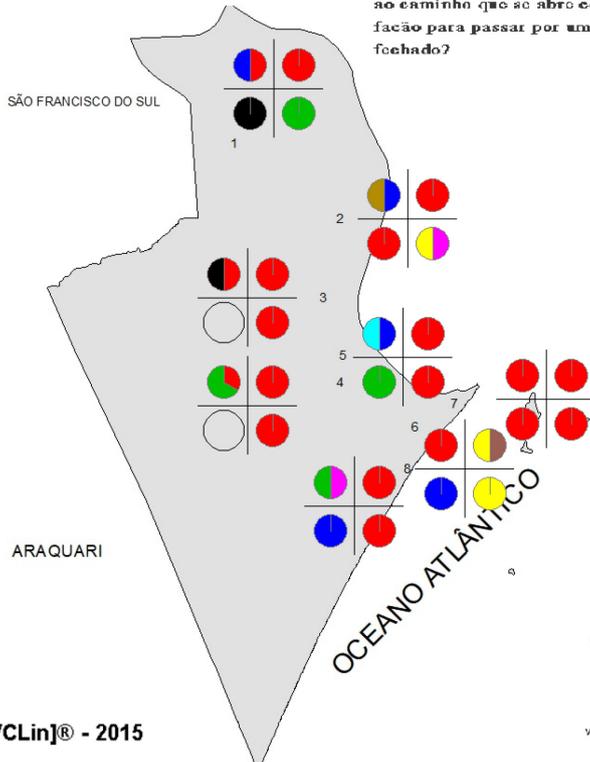
Hapáx legomenon: rumo; estivado; clareira

L56a - denominações para picada



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

56 - QSL 56: Que nome se dá ao caminho que se abre com o facão para passar por um mato fechado?



Legenda

- picada
- trilha
- abri caminho/ abri carrero/ abri cito
- caminho
- atalho
- rastro
- clareira
- estivado
- rumo

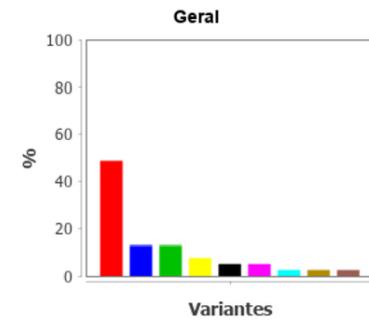
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

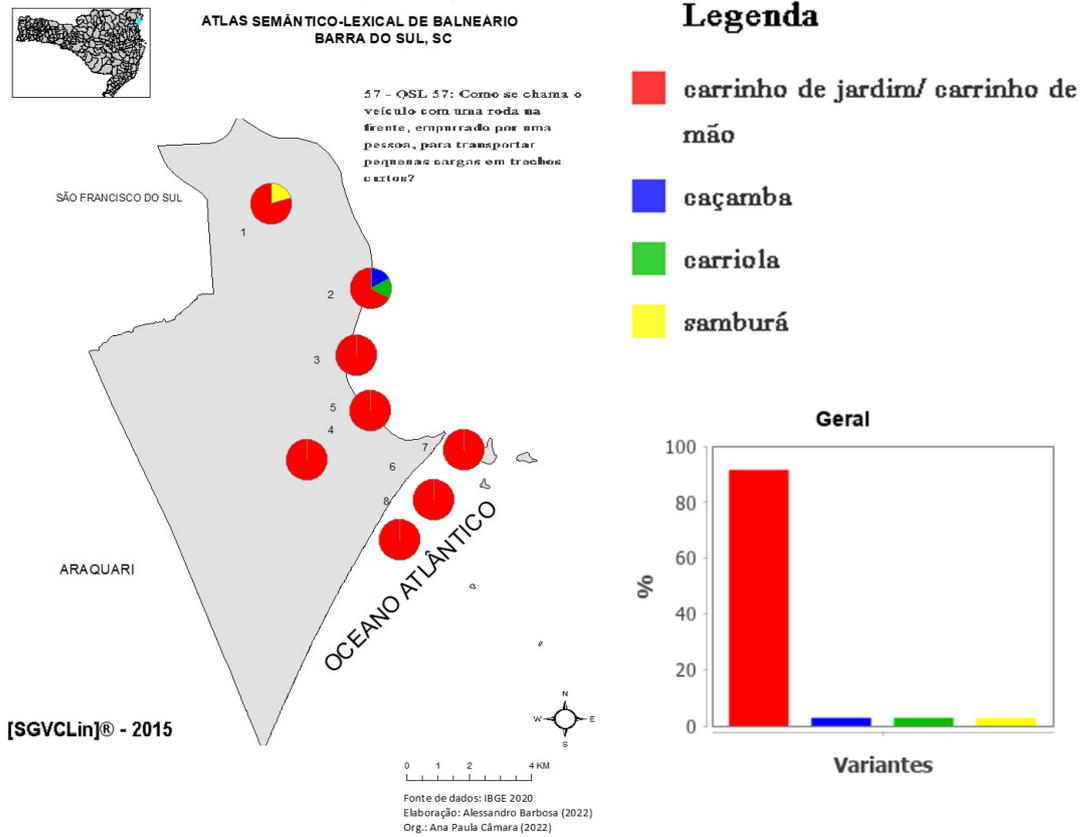
0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)



Carta 57 – diatópica monodimensional

L57 - denominações para carrinho de mão

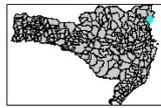


NOTAS

Hapáx legomena: caçamba; carriola; samburá.

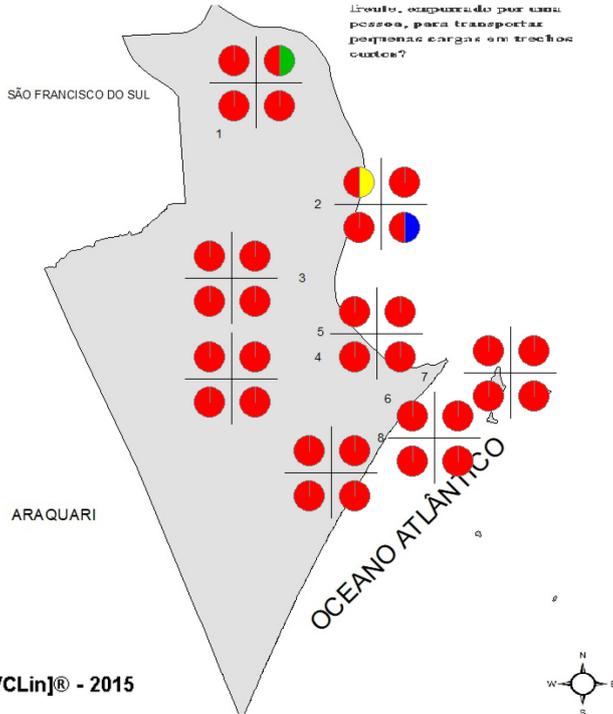
Carta 57 – diatópica pluridimensional

L57a - denominações para carrinho de mão



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

57 - QSL 57: Como se chama o veículo com uma roda na frente, empurrado por uma pessoa, para transportar pessoas e cargas em trechos curtos?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

■ carrinho de jardim/ carrinho de mão

■ caçamba

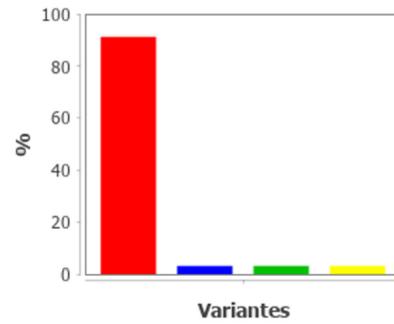
■ samburá

■ carriola

① ②
③ ④

1: masculino - Faixa etária I
2: masculino - Faixa etária II
3: feminino - Faixa etária I
4: feminino - Faixa etária II

Geral



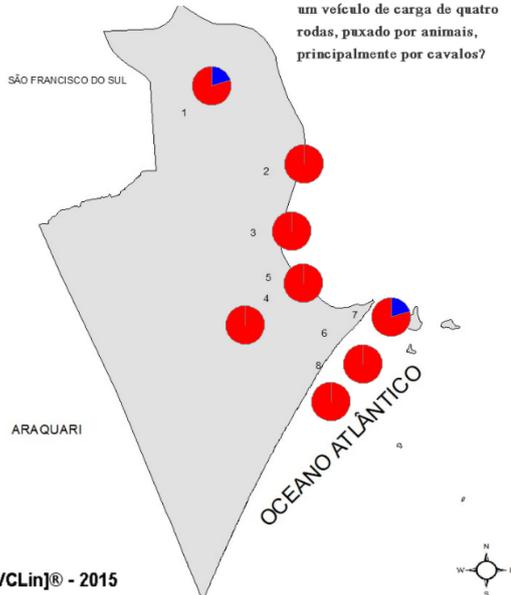
Carta 58 – diatópica monodimensional

L58 - denominações para carroça



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

58 - QSL 58: Como se chama um veículo de carga de quatro rodas, puxado por animais, principalmente por cavalos?

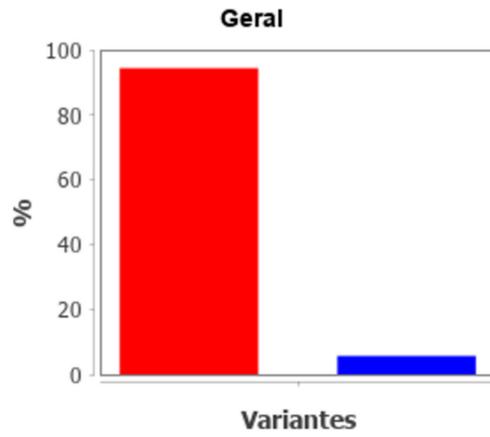


[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- carrocinha/ carroça
- charrete



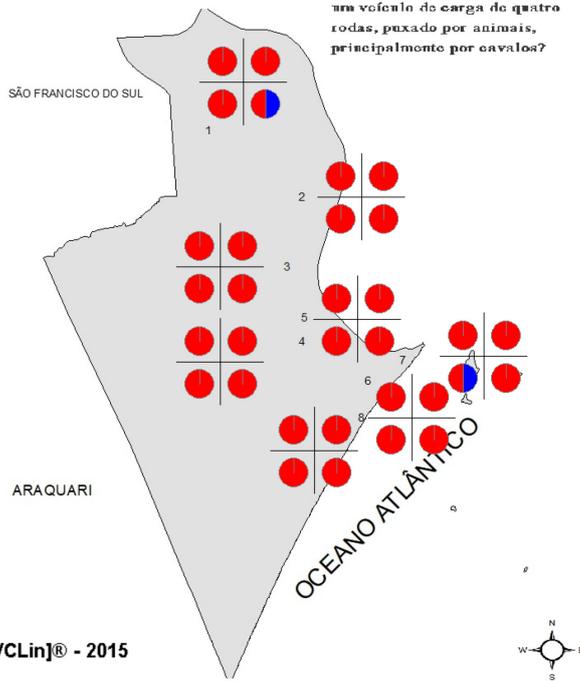
Carta 58 – diatópica pluridimensional

L58a - denominações para carroça



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

58 - QSL 58: Como se chama
um veículo de carga de quatro
rodas, puxado por animais,
principalmente por cavalos?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

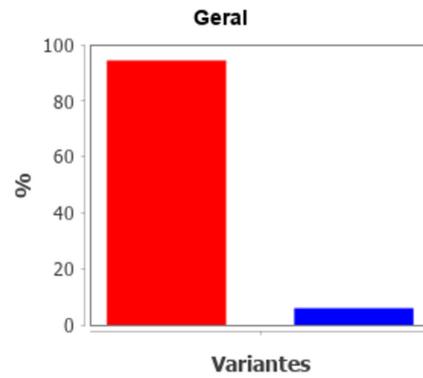
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- carrocinha/ carroça
- charrete

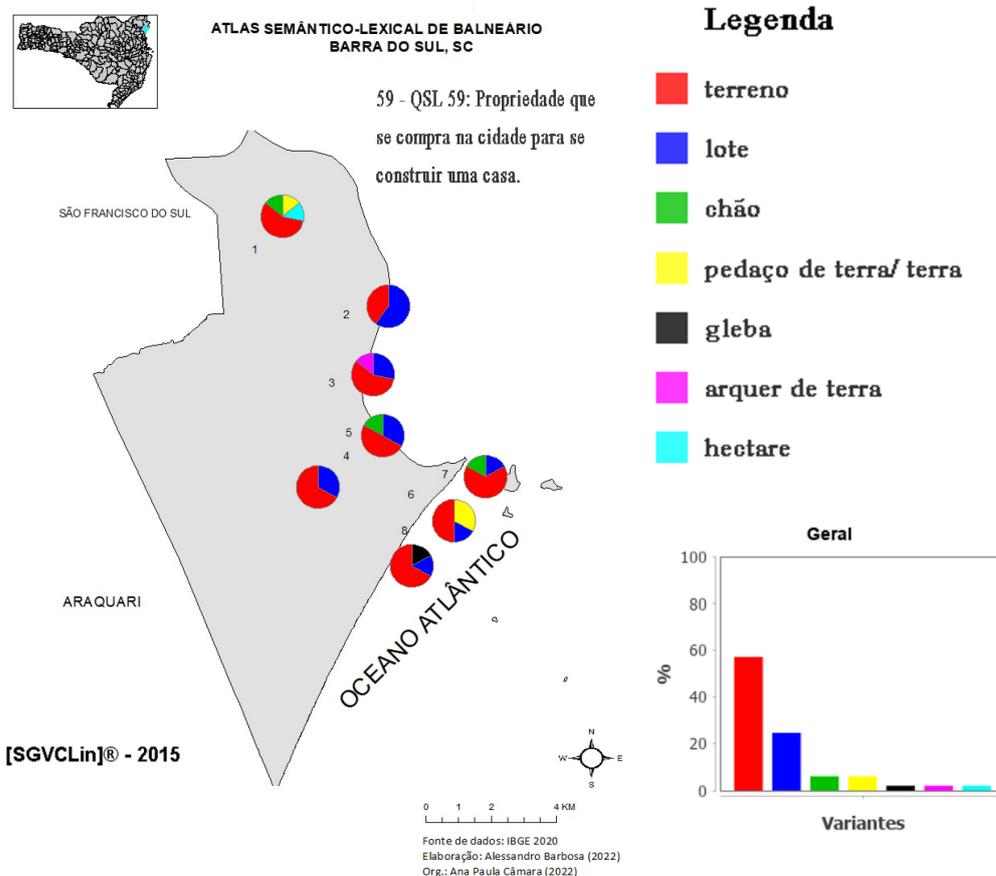
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II



Carta 59 – diatópica monodimensional

L59 - denominações para terreno/lote



NOTAS

Hapáx legomenon: gleba; arquer de terra; hectare.

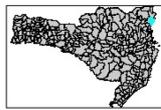
52 – Masculino – faixa II

INF.- terreno, lote, gleba

INQ. – Gleba

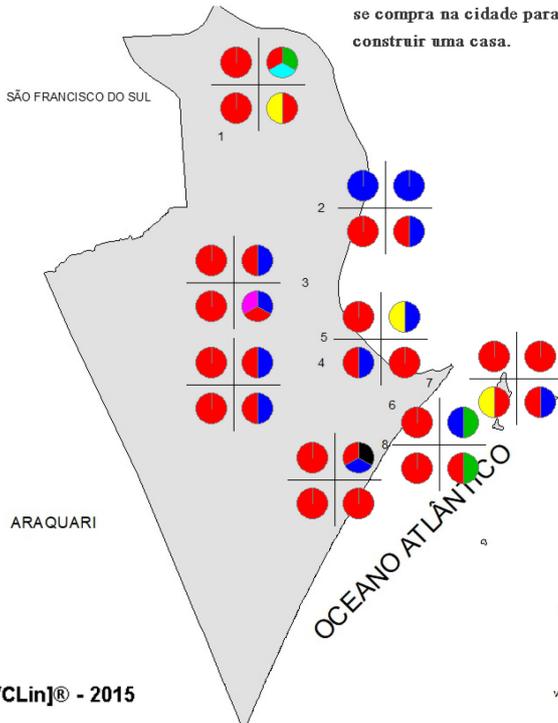
INF. – gleba é um tanto de terra, não diz o quanto que é (risos) a gente falava muito aqui mais antigamente quando ainda não tinha metragem como hoje, sabe, aí falávamos “comprei uma gleba de terra”

L59a - denominações para terreno



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

59 - QSL 59: Propriedade que se compra na cidade para se construir uma casa.



Legenda

- terreno
- lote
- pedaço de terra/ terra
- chão
- gleba
- arquer de terra
- hectare

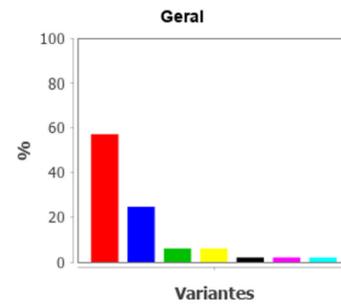
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

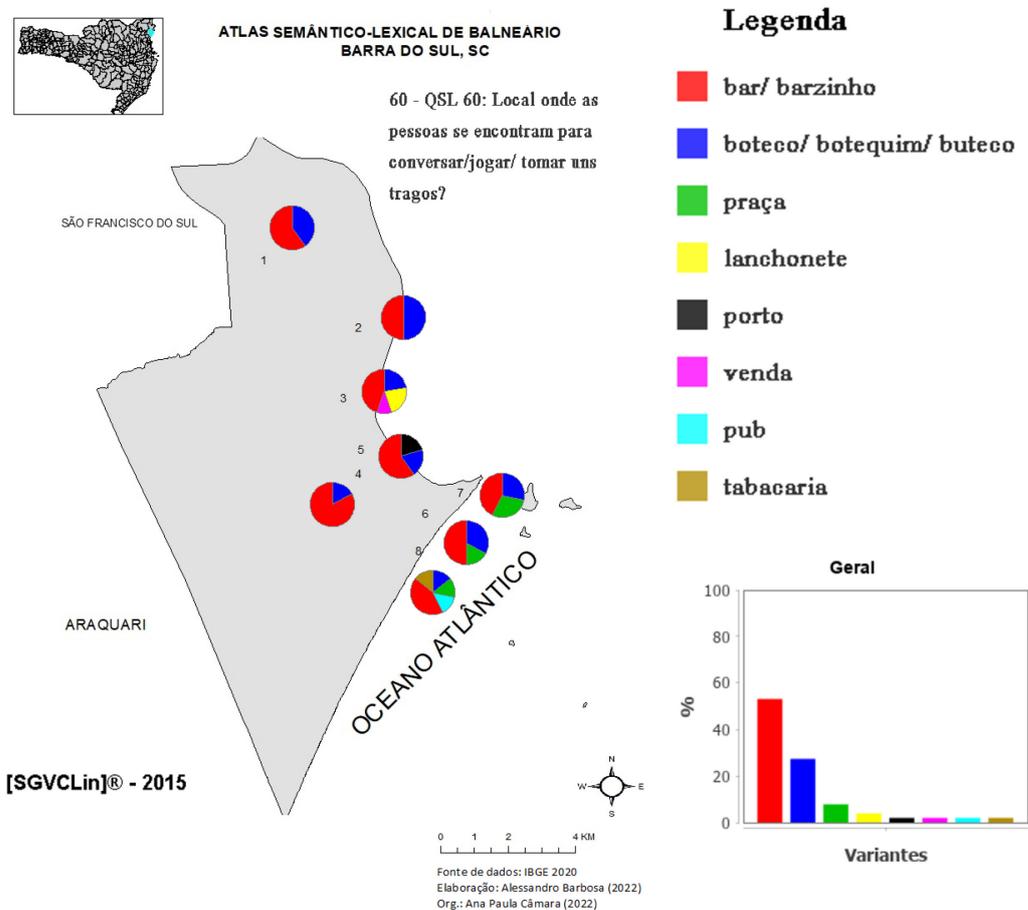
0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)



Carta 60 – diatópica monodimensional

L60 - denominações para bar/bodega



NOTAS

Hapáx legomenon: porto; venda; pub; tabacaria.

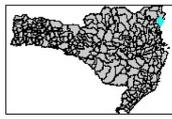
53 – Masculino – faixa II

INF. – pr's pescadô é no porto, né. Na praça, a gente se reúne só assim

INQ. – Então vocês não têm o hábito de ir ao bar?

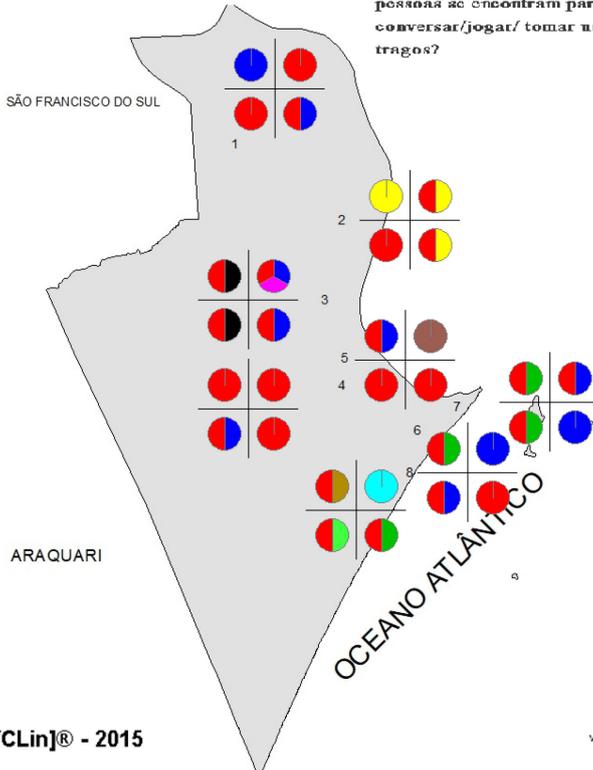
INF. – Não, não. Na praça ou no porto mesmo (rindo)

L60a - denominações para bar/bodega



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

60 - QSL 60: Local onde as pessoas se encontram para conversar/jogar/ tomar uns tragos?



Legenda

- bar/ barzinho
- buteco
- praça
- boteco
- lanchonete
- venda
- botequim
- pub
- porto
- tabacaria

- ① ②
- ③ ④

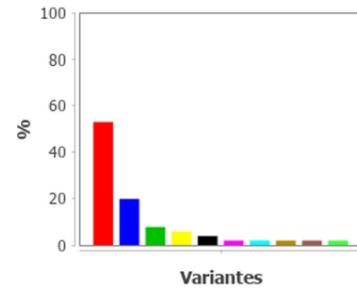
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

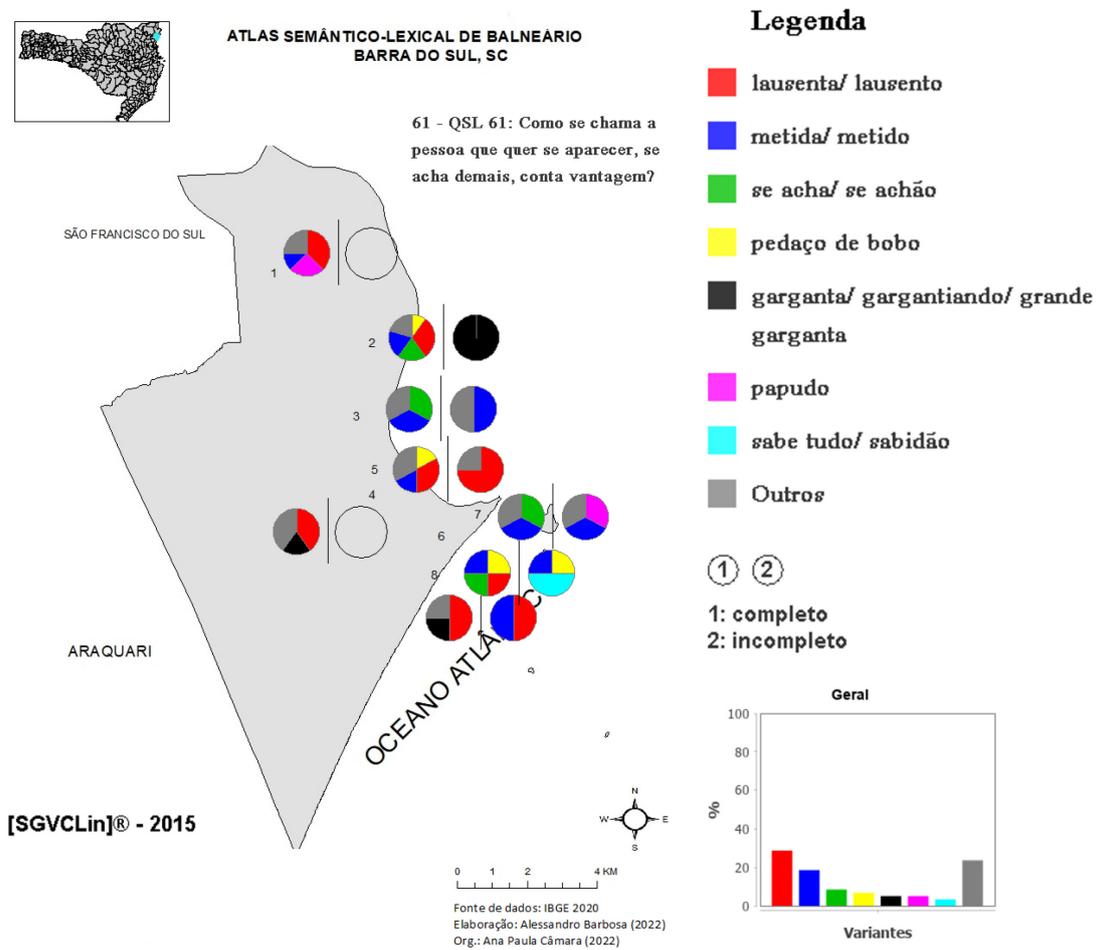
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Geral



Carta 61 – diatópica monodimensional

L61c - denominações para lausento/lausenta



NOTAS

Hapáx legomenon: faladô; gralha; essezinho, anjoado; conversado; prosa; boca aberta; fazendo migué.

54 – Masculino – faixa I

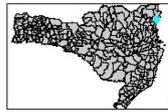
INF. – lausento (risos) laúsa é aplicada para várias coisas

INQ. – Conta!

INF. – Na verdade essa palavra quem trouxe foi os gaúcho, lá no Rio Grande significa paquera, fazê cortesia pra mulhé (risos)

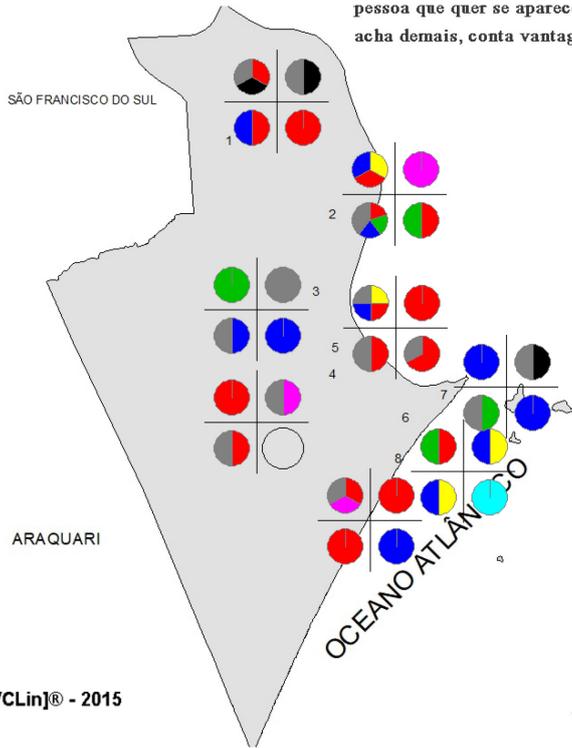
Carta 61 – diatópica pluridimensional

L61e - denominações para lausento/lausenta



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

61 - QSL 61: Como se chama a
pessoa que quer se aparecer, se
acha demais, conta vantagem?



Legenda

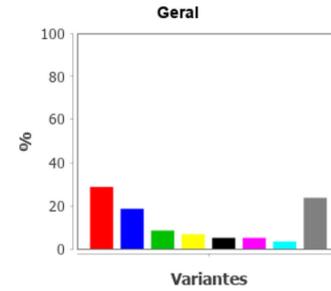
- lausenta/ lausento
- metida/ metido
- se acha/ se achão
- pedaço de bobo
- papudo
- garganta/ gargantiando/ grande garganta
- sabe tudo/ sabidão
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

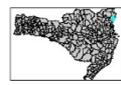
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)



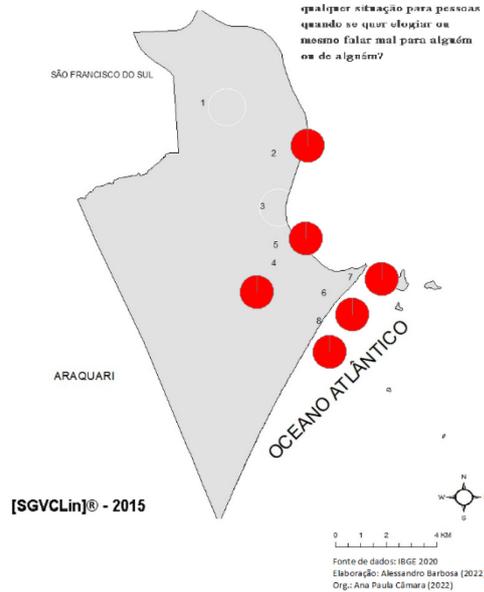
Carta 62 – diatópica monodimensional

L62 - denominações para gradessíssimo



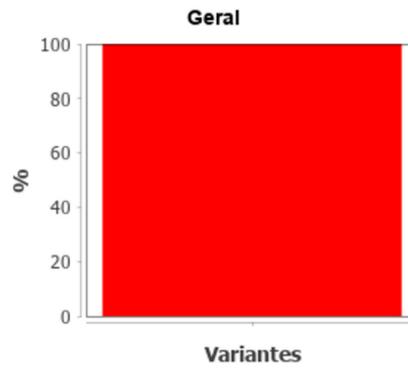
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

62 QSL 62: O que se diz em
qualquer situação para pessoas
quando se quer elogiar ou
mesmo falar mal para alguém
ou de alguém?



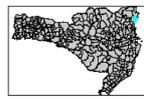
Legenda

■ grande/ grandessíssimo/
grandissíssimo



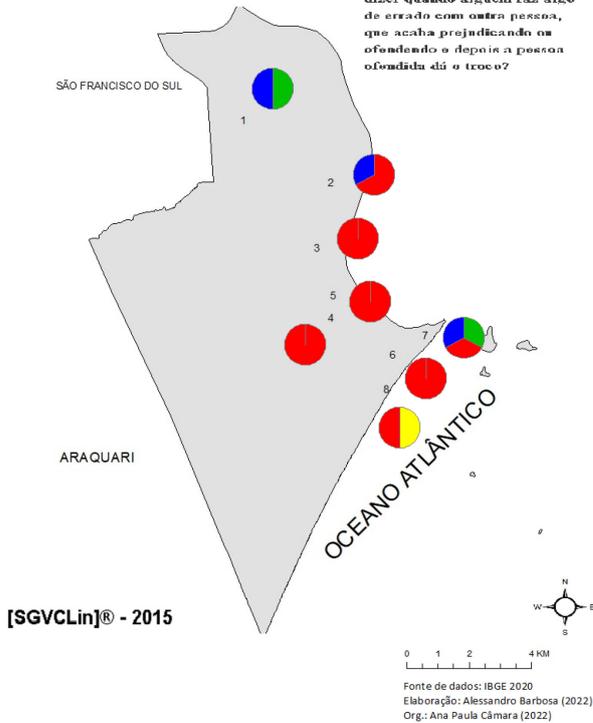
Carta 63 – diatópica monodimensional

L63 - denominações para pega deste



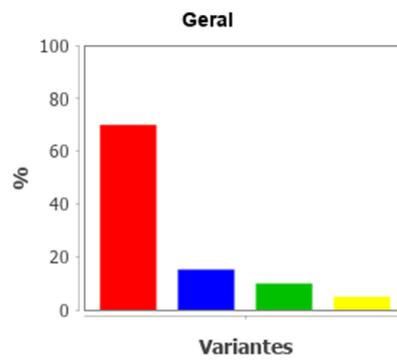
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

63 – OSL 63: O que se costuma dizer quando alguém faz algo de errado com outra pessoa, que acaba prejudicando ou ofendendo e depois a pessoa ofendida dá o troco?



Legenda

- pega/ pega deste
- se lascou
- pagô com a mesma moeda
- toma



NOTAS

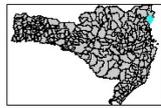
Hapax legomena: toma

⁴⁰Pega deste

⁴⁰ Está associada à expressão açoriana “pega derête” que significa desaparece, segundo o site: <https://escolapt.wordpress.com/2016/12/28/falares-acorianos/>

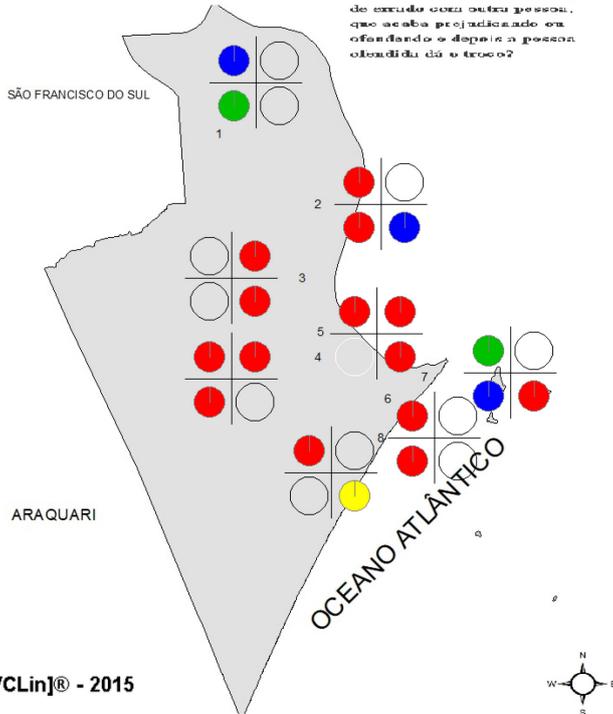
Carta 63 – diatópica pluridimensional

L63 a - denominações para pega deste



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

63 - QSL 63: O que se costuma dizer quando alguém faz algo de errado com outra pessoa, que acaba prejudicando ou ofendendo e depois a pessoa ofendida dá o troco?



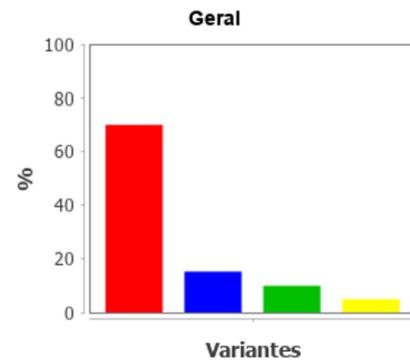
[SGVCLin]® - 2015

Legenda

- pega/ pega deste
- se lascou
- pagô com a mesma moeda
- toma

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

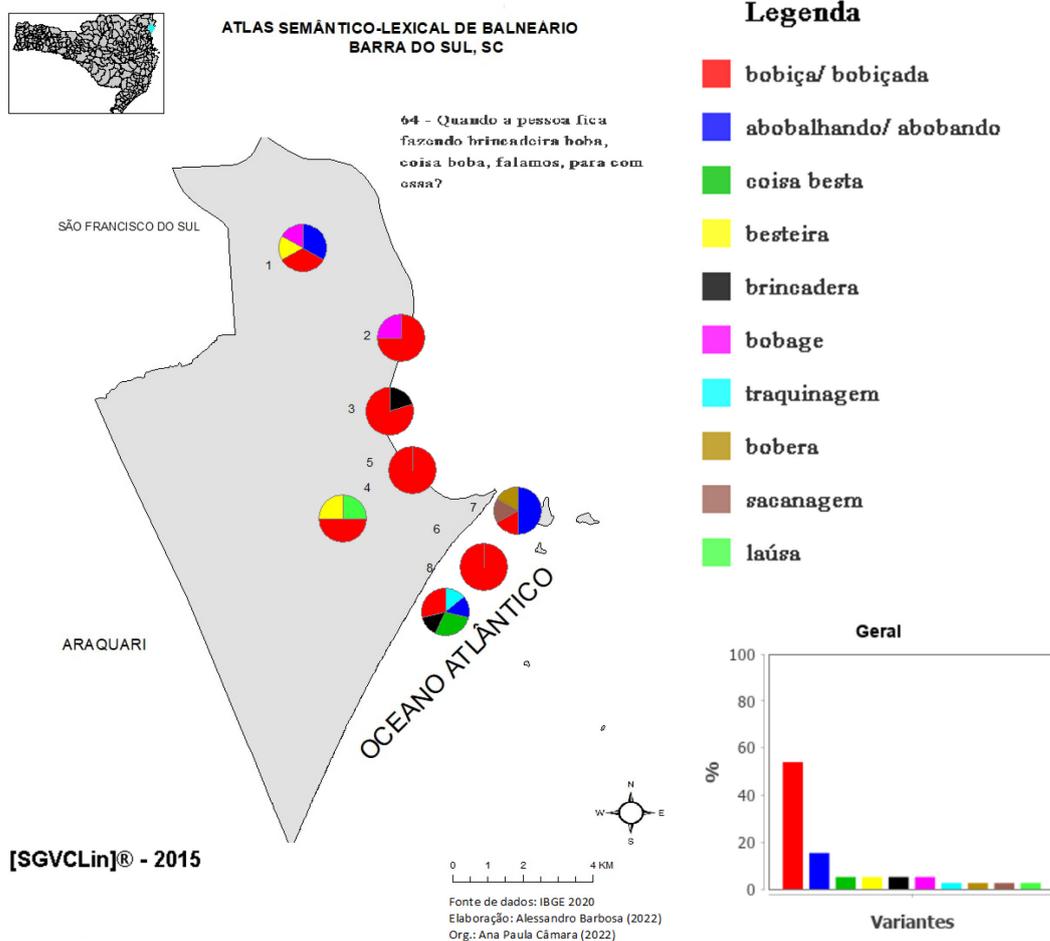


0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 64 – diatópica monodimensional

L064 - denominações para bobiça



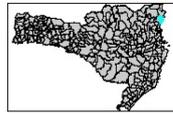
NOTAS

Hapáx legomenon: traquinagem; bobera; sacanagem; laúsa.

⁴¹Bobiça

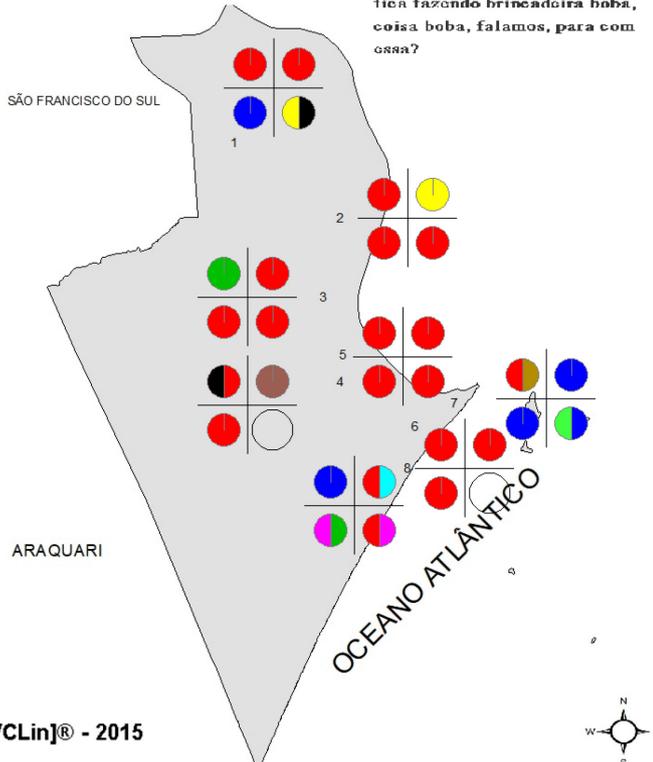
⁴¹ Termo popular, de origem açoriana, criado por analogia, partindo do morfema *bobice*, que surge do ante positivo do português *bobo*, origem duvidosa, segundo o DICIONÁRIO HOUAISS (2020).

L64a - denominações para bobiça



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

64 - QSL 64: Quando a pessoa fica fazendo brincadeira boba, coisa boba, falamos, para com o/raa?



Legenda

- bobiça/ bobiçada
- abobalhando/ abobando
- brincadeira
- bobage
- besteira
- coisa besta
- traquinagem
- sacanagem
- laúsa
- bobera

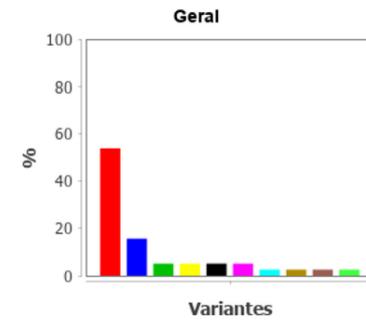
- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

[SGVCLin]® - 2015

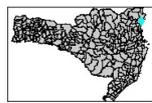
0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)



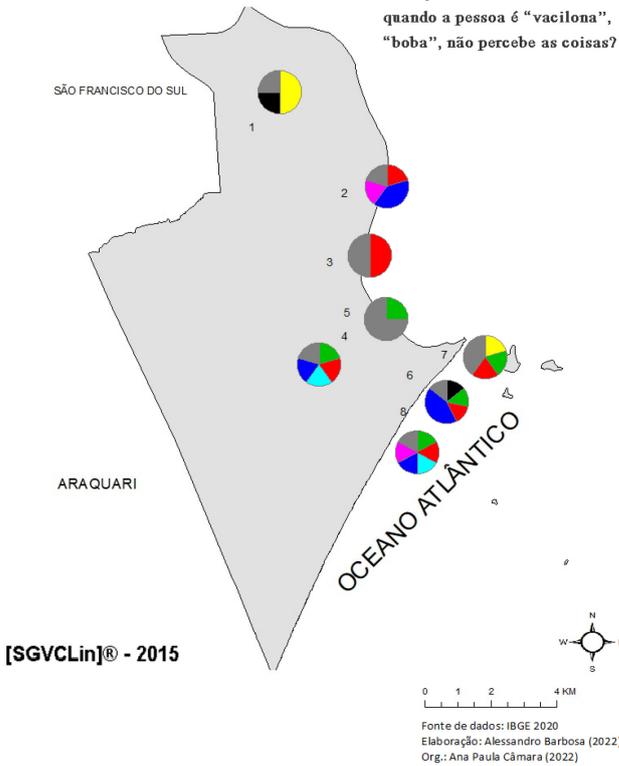
Carta 65 – diatópica monodimensional

L65 - denominações para tanso/tansa



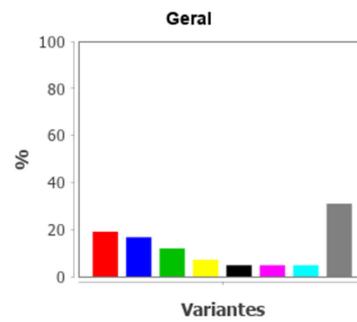
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

65 - QSL 65: Como se diz
quando a pessoa é "vacilona",
"boba", não percebe as coisas?



Legenda

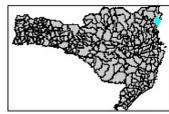
- tansa/ tanso
- tola/ tonga/ tonta
- lerdo/ lesado
- fora da casinha
- desligado
- vacilão
- abobado
- Outros



NOTAS

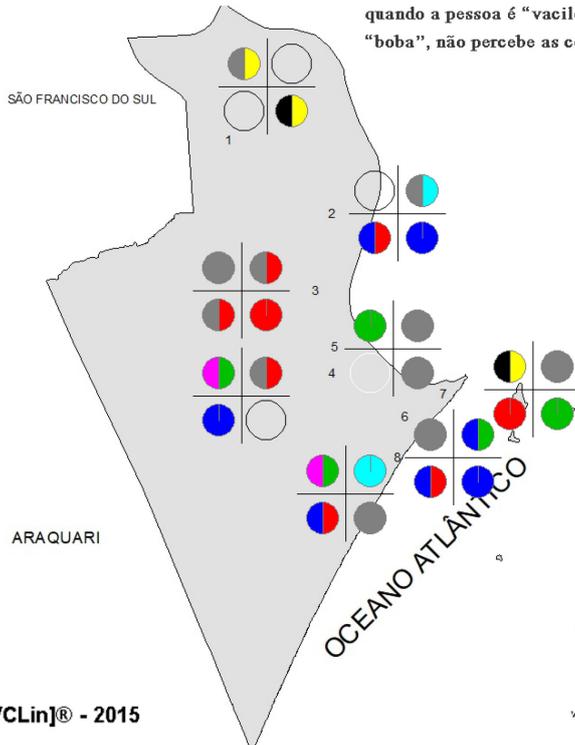
Hapáx legomenon: avoadado; débil; cabeça de vento; sem noção; pisão; cabeçuda; marcão; mané; grande bobo; pandorga; burrão.

L65a - denominações para tanso/tansa



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

65 - QSL 65: Como se diz
quando a pessoa é “vacilona”,
“boba”, não percebe as coisas?



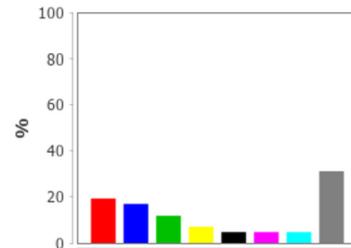
Legenda

- tansa/ tanso
- tola/ tonga/ tonta
- lerdo/ lesado
- fora da casinha
- sem noção
- abobado
- vacilão
- Outros

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

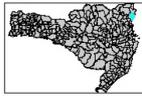
Geral



Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

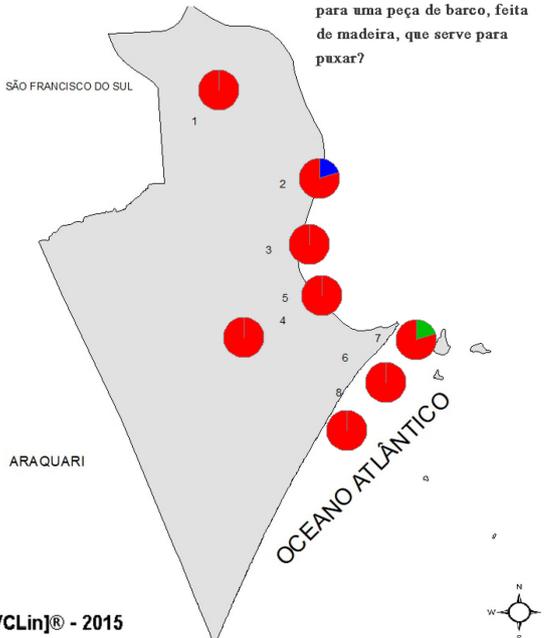
Carta 66 – diatópica monodimensional

L66 - denominações para leme



Atlas Semântico-Lexical de Balneario Barra do Sul, SC

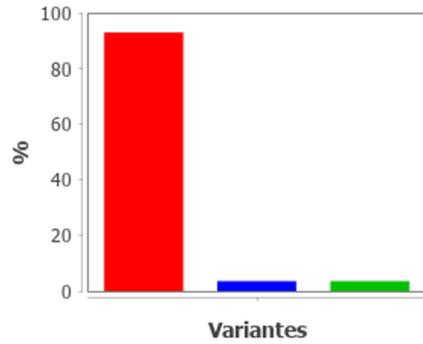
66 - QSL 66: Que nome se dá para uma peça de barco, feita de madeira, que serve para puxar?



Legenda

- cabo de leme/ leme
- malagueta
- meia-lua

Geral

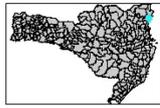


[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

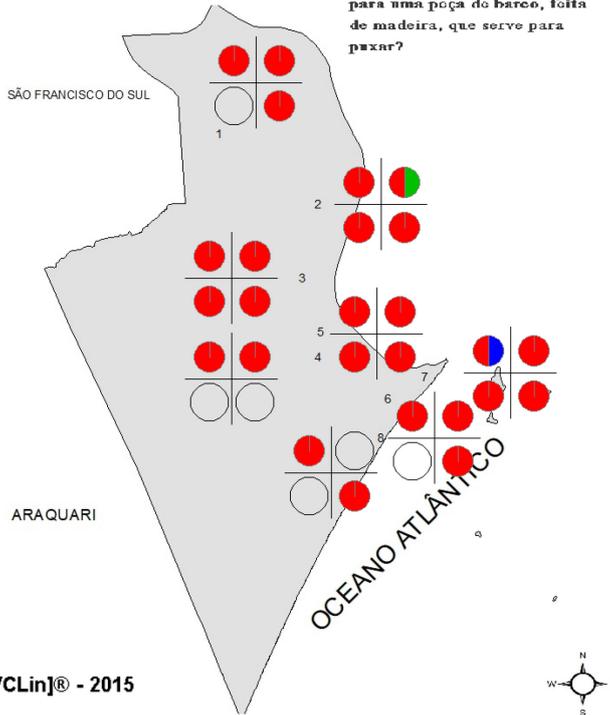
Carta 66 – diatópica pluridimensional

L66a - denominações para leme



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

66 - QSL 66: Que nome se dá para uma peça do barco, feita de madeira, que serve para puxar?



[SGVCLin]® - 2015



0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

■ cabo de leme/ leme

■ meia-lua

■ malagueta

① ②

③ ④

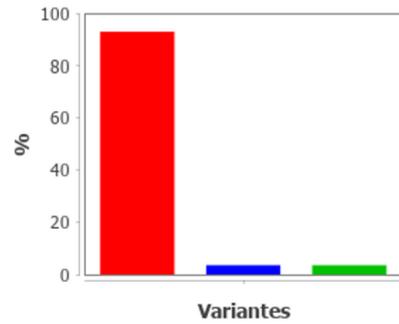
1: masculino - Faixa etária I

2: masculino - Faixa etária II

3: feminino - Faixa etária I

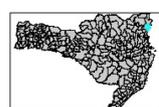
4: feminino - Faixa etária II

Geral



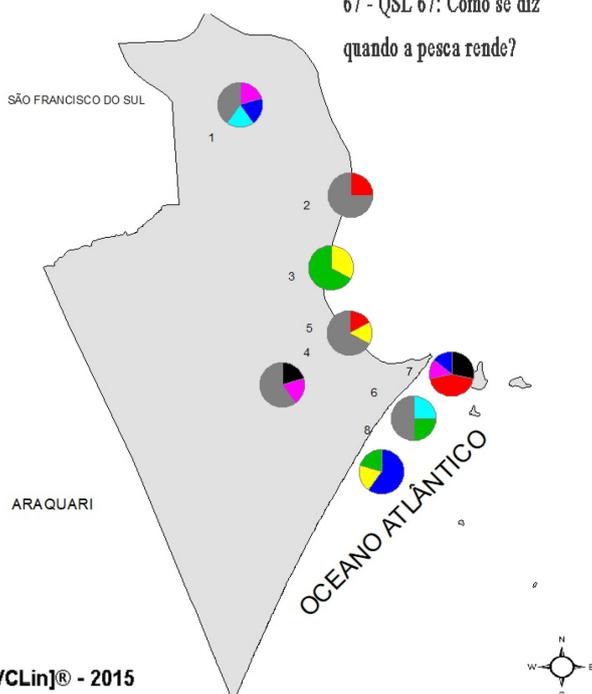
Carta 67 – diatópica monodimensional

L67 - denominações para manta/grande manta



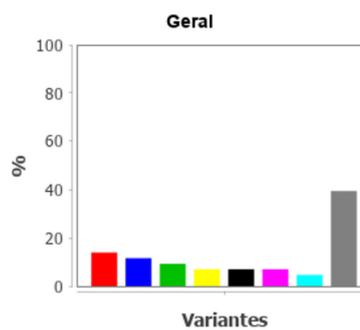
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

67 - QSL 67: Como se diz
quando a pesca rende?



Legenda

- grande leva/ grande manta/ manta
- cardume
- deu bom
- fartura/ fartura de peixe
- tá de bola/ tá grosso
- acertô na veia/ acertô no lança
- fofou/ fofêmo no peixe/ fofô
- Outros



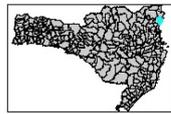
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

NOTAS

Hapáx legomenon: enchemô; lavô a água; encheu o bote; proa de fora; grande leva; pexada; chapemô; se arregô.

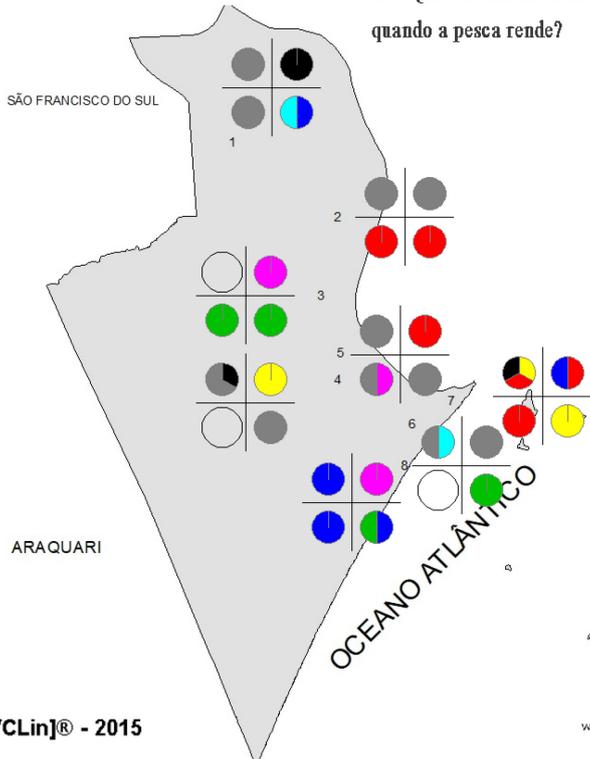
Carta 67 – diatópica pluridimensional

L67a - denominações para manta/grande manta



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

67 - QSL 67: Como se diz
quando a pesca rende?



[SGVCLin]® - 2015

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

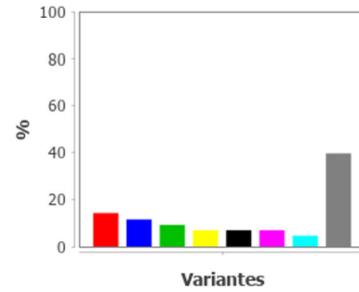
Legenda

- grande leva/ grande manta/ manta
- cardume
- deu bom
- tá de bola/ tá grosso
- acertô na veia/ acertô no lanço
- fartura/ fartura de peixe
- lanço
- Outros

- ① ②
- ③ ④

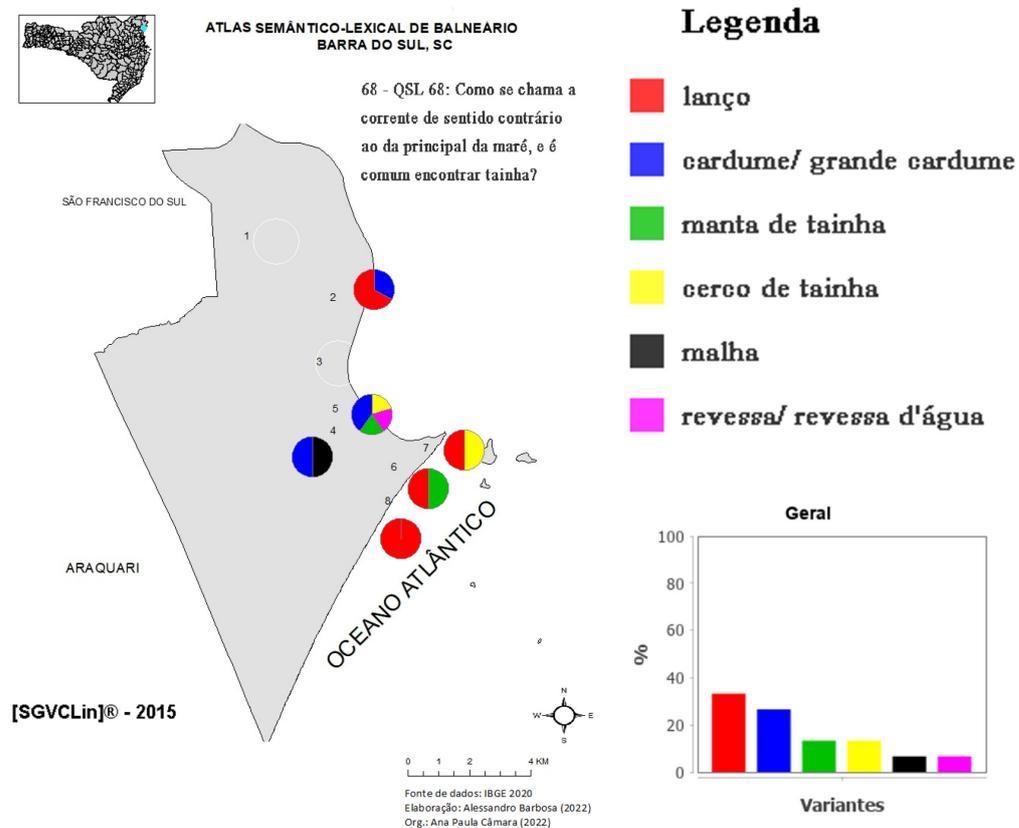
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 68 – diatópica monodimensional

L68 - denominações para revessa

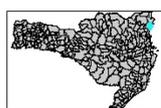


NOTAS

Hapáx legomenon: malha; revessa; revessa d'água.

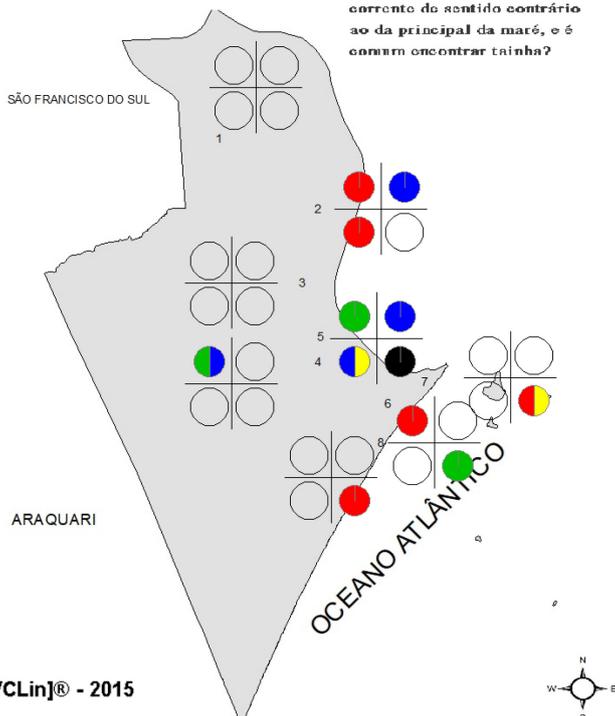
Carta 68 – diatópica pluridimensional

L68a - denominações para revessa



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO BARRA DO SUL, SC

68 - QSL 68: Como se chama a corrente de sentido contrário ao da principal da maré, e é comum encontrar tainha?



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM



Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

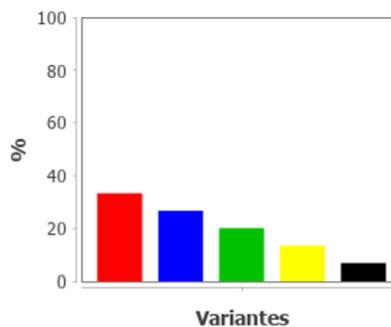
Legenda

- lanço
- cardume/ grande cardume
- malha/ manta de tainha
- cerco de tainha
- revessa/ revessa d'água

- ① ②
- ③ ④

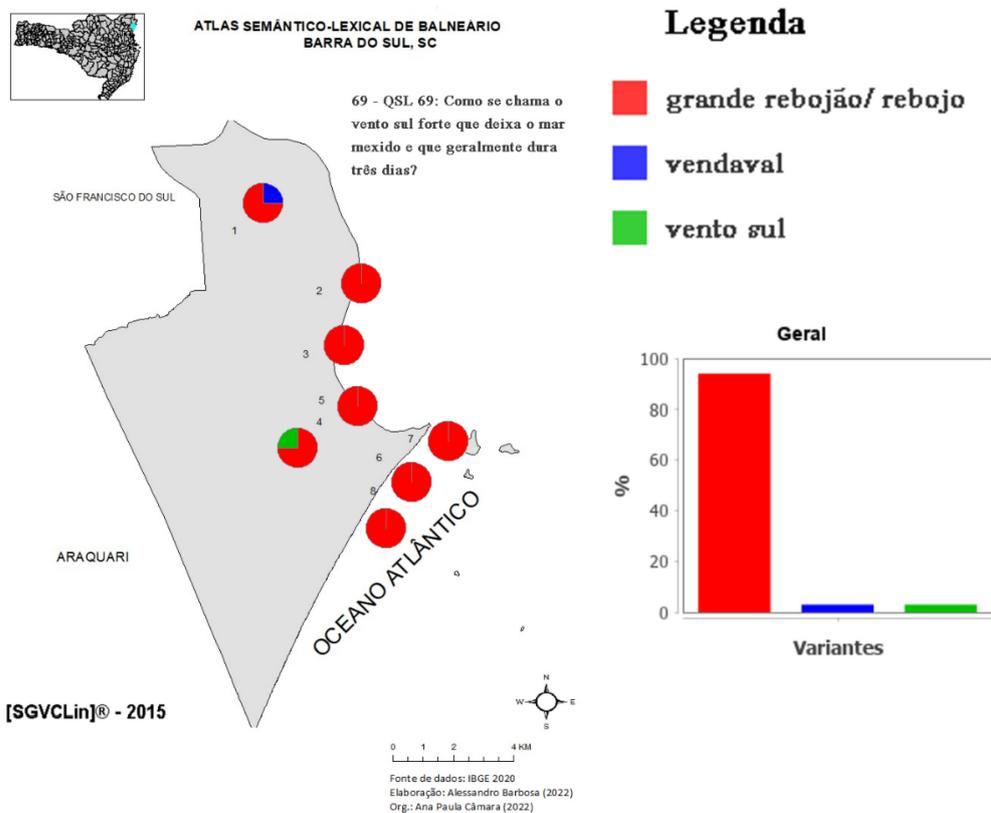
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



Carta 69 – diatópica monodimensional

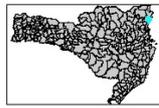
L69 - denominações para rebojo



NOTAS

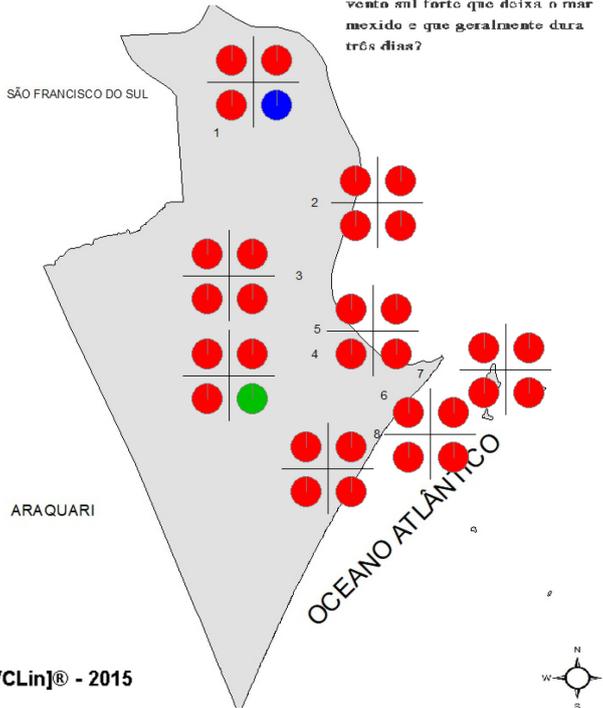
Hapáx legomenon: vendaval; vento sul.

L69a - denominações para rebojo



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

69 - QSL 69: Como se chama o vento sul forte que deixa o mar mexido e que geralmente dura três dias?



Legenda

■ grande rebojão/ rebojo

■ vendaval

■ vento sul

① ②

③ ④

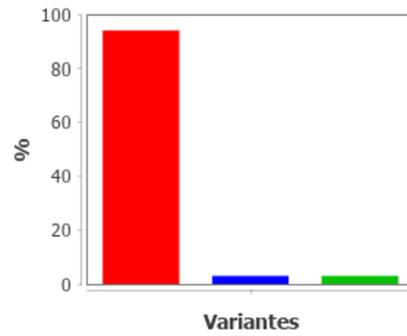
1: masculino - Faixa etária I

2: masculino - Faixa etária II

3: feminino - Faixa etária I

4: feminino - Faixa etária II

Geral



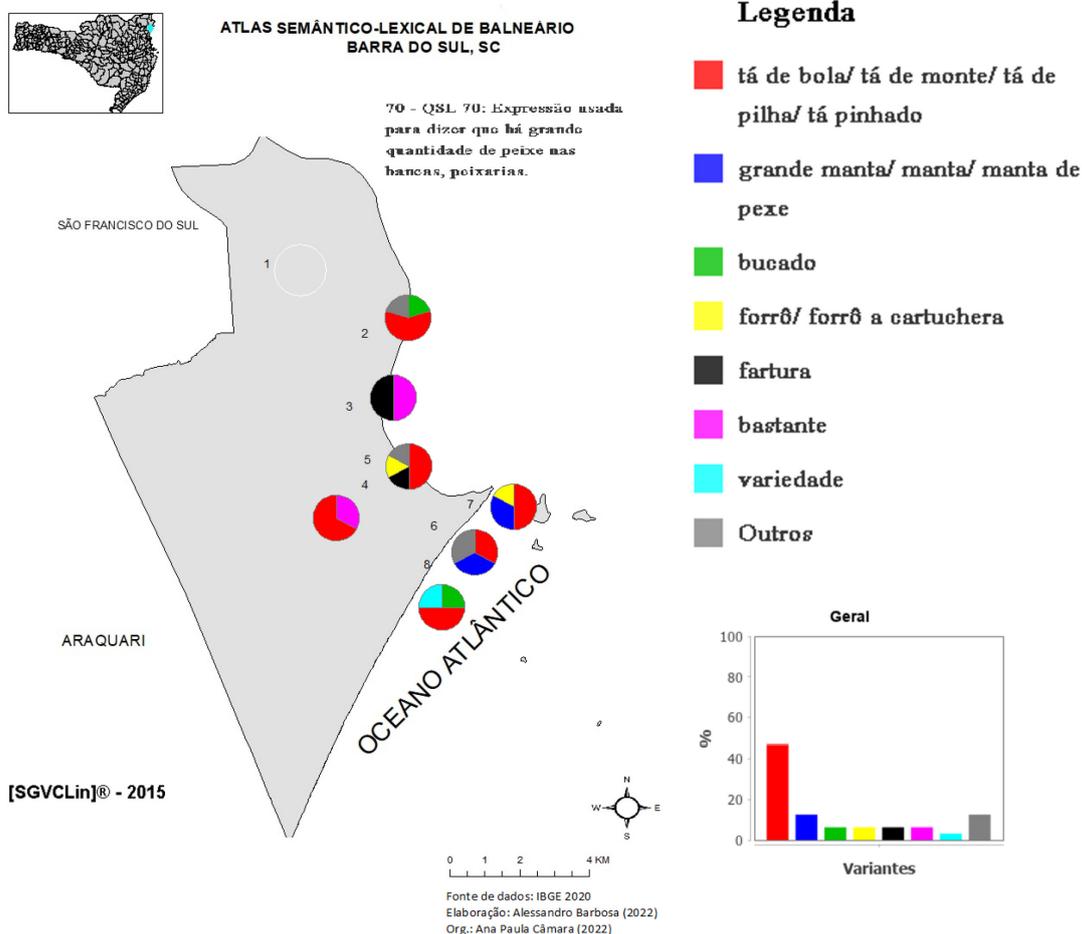
[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 70 – diatópica monodimensional

L70 - denominações para tá de bola



NOTAS

Hapax legomenon: até a tampa; bornado; tá chapado de peixe; malha de peixe.

55 – Masculino – faixa I

INF.- grande malha de peixe, uma manta de peixe aqui. Tem a manta e tem a malha, a malha é menor

CIRC. – tá de bola, né

INQ. – tá de bola?

INF. – isso, tá de bola, é o tá de bola não usa só pra peixe, né.

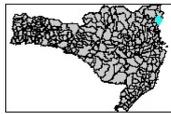
INQ. – Como?

INF. – É, tá de bola de gente (risos) ((interessante)) ou se não tive muita gente, tem quatro gato (risos)

INQ. – (rindo)

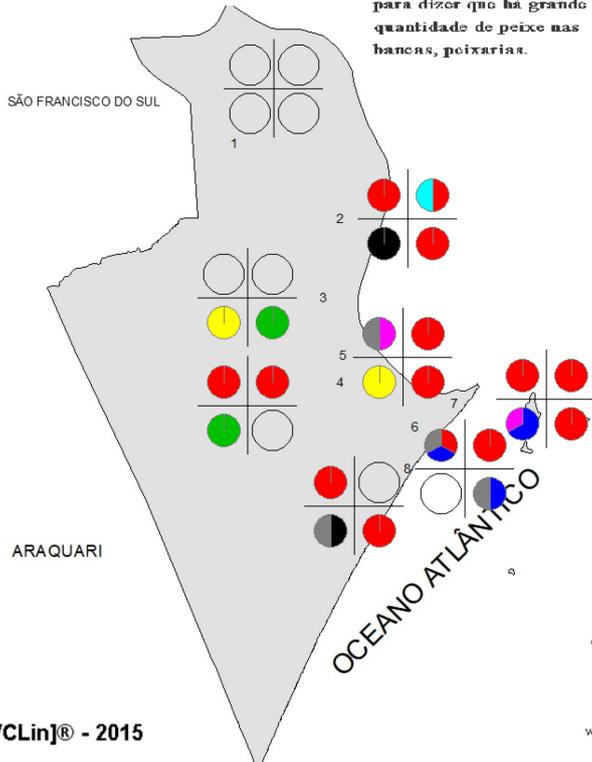
Carta 70 - Diatópica pluridimensional

L70a -denominações para tá de bola



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

70 - QSL 70: Expressão usada para dizer que há grande quantidade de peixe nas bancas, peixarias.



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

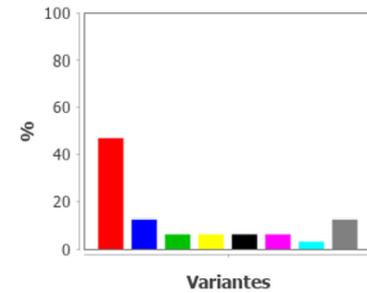
Legenda

- tá de bola/ tá de monte/ tá de pilha/ tá pinhado
- grande manta/ manta/ manta de peixe
- bastante
- fartura
- bucado
- forró/ forró a cartuchera
- até a tampa
- Outros

- ① ②
- ③ ④

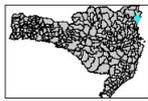
- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral



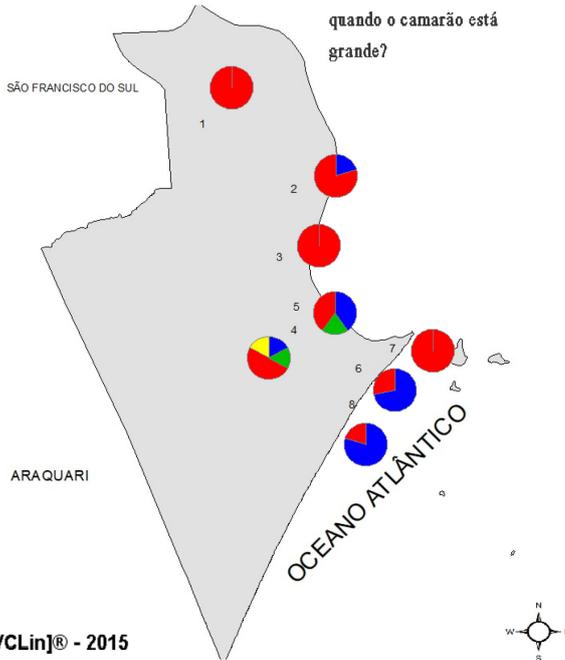
Carta 71 – diatópica monodimensional

L71 - denominações para só de beta



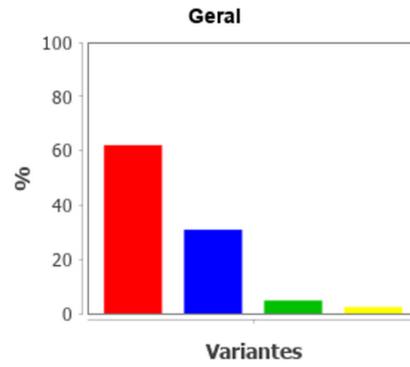
ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

71 - QL 71: Como se diz
quando o camarão está
grande?



Legenda

- grado/ graúdo/ tá grado
- beta/ betorra/ betorrão/ grande
beta/ grandessíssimo beta/ só do
beta
- lefa
- só бага



[SGVCLin]® - 2015

0 1 2 4KM

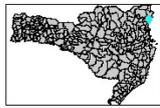
Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

NOTAS

Hapax legomena: só бага

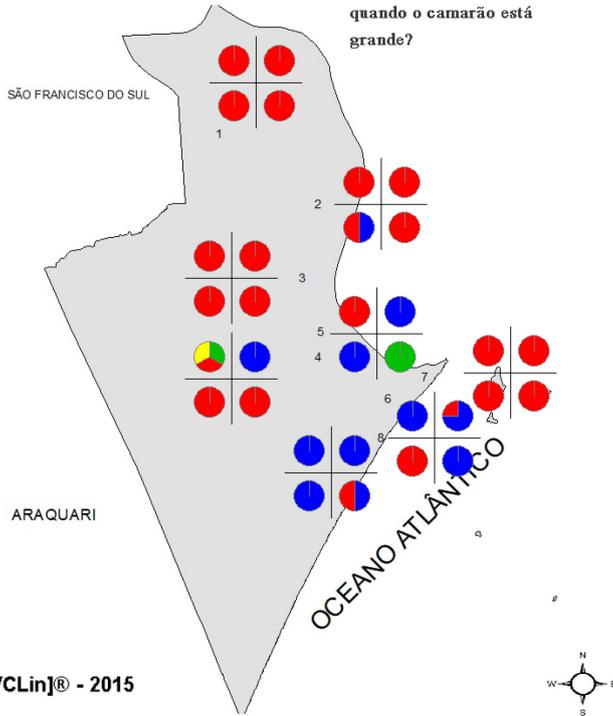
Carta 71 – diatópica pluridimensional

L71a - denominações para só de beta



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

71 - QL 71: Como se diz
quando o camarão está
grande?



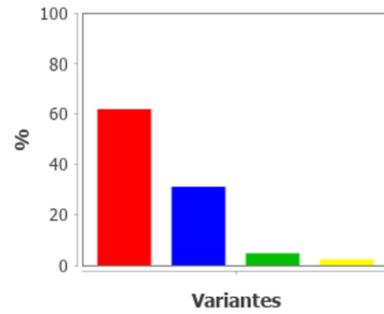
Legenda

- grado/ graúdo/ tá grado
- beta/ betorra/ betorrão/ grande
beta/ grandessíssimo beta/ só do
beta
- lefa
- só бага

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

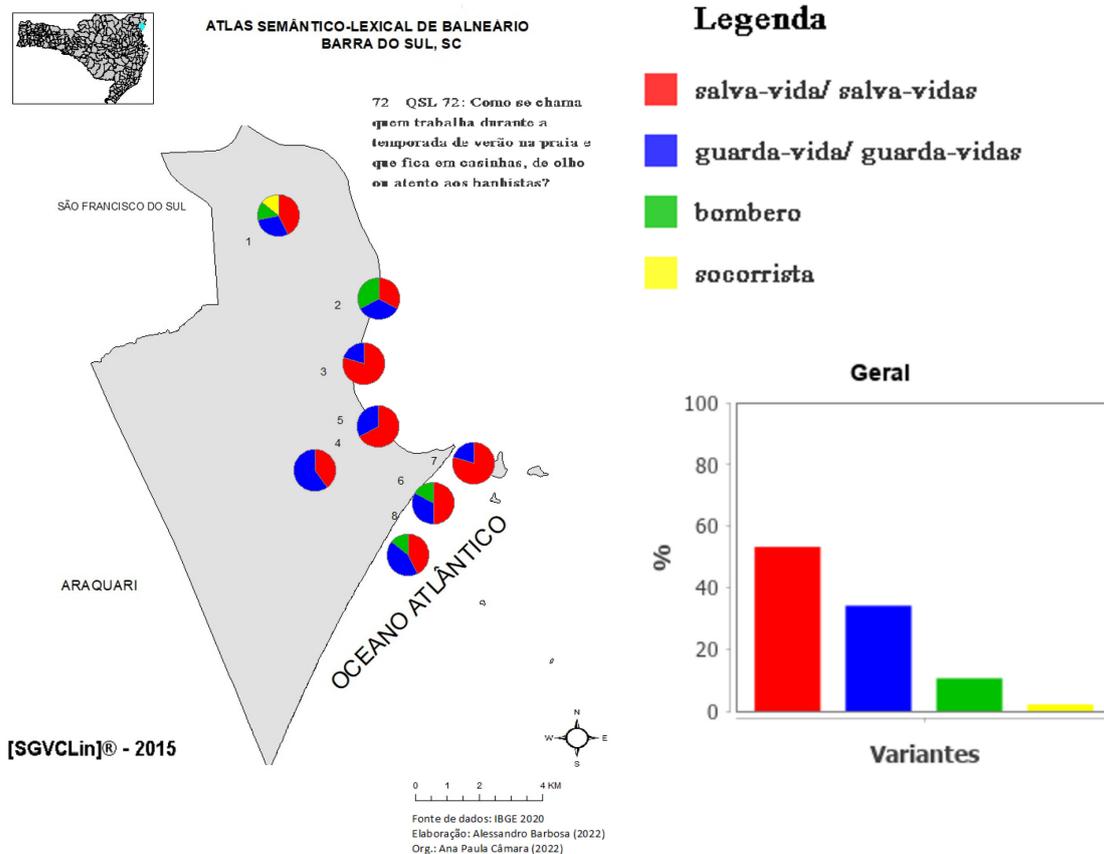
Geral



Fonte de dado: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Carta 72 – diatópica monodimensional

L72 - denominações para salva-vidas

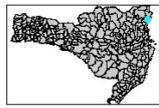


NOTAS

Hapáx legomena: socorrista

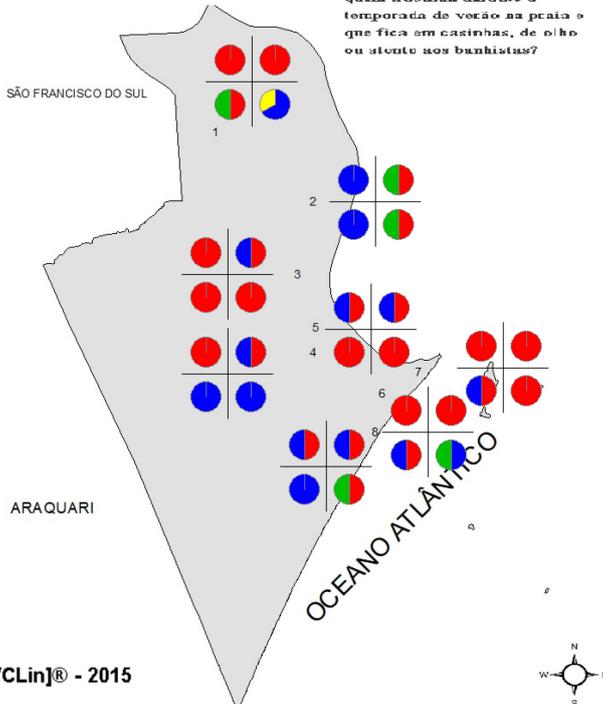
Carta 72 – diatópica pluridimensional

L72a - denominações para salva-vidas



ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE BALNEÁRIO
BARRA DO SUL, SC

72 - QST. 72: Como se chama quem trabalha durante a temporada de verão na praia e que fica em casinhas, de olho ou atento aos banhistas?



[SGVCLin]® - 2015



0 1 2 4 KM

Fonte de dados: IBGE 2020
Elaboração: Alessandro Barbosa (2022)
Org.: Ana Paula Câmara (2022)

Legenda

- salva-vida/ salva-vidas
- guarda-vida/ guarda-vidas
- bombero
- socorrista

- ① ②
- ③ ④

- 1: masculino - Faixa etária I
- 2: masculino - Faixa etária II
- 3: feminino - Faixa etária I
- 4: feminino - Faixa etária II

Geral

